

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO
CAMPUS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS, LETRAS E CIÊNCIAS EXATAS

ANA CLAUDIA CASTIGLIONI

Dicionário enciclopédico de topônimos do estado de Mato Grosso do Sul:
uma proposta de modelo.

São José do Rio Preto

2014

ANA CLAUDIA CASTIGLIONI

**DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DE TOPÔNIMOS DO ESTADO
DE MATO GROSSO DO SUL: UMA PROPOSTA DE MODELO.**

Tese apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos (Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística – Linha de pesquisa: Descrição e Análise do Léxico Especializado).

Orientador: Profa. Dra. Lidia Almeida Barros

São José do Rio Preto – SP

2014

Castiglioni, Ana Claudia.

Dicionário enciclopédico de topônimos do estado de Mato Grosso do Sul : uma proposta de modelo / Ana Claudia Castiglioni. -- São José do Rio Preto, 2014

233 f. : il.

Orientador: Lidia Almeida Barros

Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Linguística aplicada. 2. Análise linguística (Linguística)
3. Toponímia. 4. Mato Grosso do Sul – Hidrônimos. I. Barros, Lidia Almeida. II. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 41

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

ANA CLAUDIA CASTIGLIONI

**DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DE TOPÔNIMOS DO ESTADO
DE MATO GROSSO DO SUL: UMA PROPOSTA DE MODELO.**

COMISSÃO EXAMINADORA

Membros Titulares

Profa. Dra. Lidia Almeida Barros
UNESP – São José do Rio Preto
(Orientadora)

Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo
UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Profa. Dra. Karylleila Andrade Klinger
UFT – Universidade Federal do Tocantins

Profa. Dra. Maria José Bocorny Finatto
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Paula Tavares Pinto
UNESP – São José do Rio Preto

Membros Suplentes

Profa. Dra. Mariângela Araújo
Prof. Dr. Odair Luiz Nadin da Silva

São José do Rio Preto, 28 de julho de 2014

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Lidia Almeida Barros, por todo o apoio, orientações, sugestões e correções.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, pelos conhecimentos transmitidos.

À equipe do Projeto ATEMS, por disponibilizar os dados para a proposta do dicionário enciclopédico toponímico elaborada neste trabalho.

Ao Prof. Dr. Celso Fernando Rocha e à Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra por fazerem parte da comissão examinadora no meu Exame Geral de Qualificação.

Às professoras: Dra. Ana Paula Tribesse Patrício, Dra. Aparecida Negri Isquerdo e Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, pelas sugestões feitas a este trabalho por ocasião do simpósio “O nome próprio em foco: estudos onomásticos – toponímicos” durante congresso ocorrido em Julho de 2013 na cidade de Goiânia.

Aos funcionários da seção de pós-graduação do IBILCE, pela atenção sempre dispensada.

Aos colegas da Universidade Federal do Tocantins, especialmente ao coordenador do Colegiado de Letras, Prof. Dr. José Manoel Sanches da Cruz, pela colaboração durante meu afastamento no período de novembro de 2013 a março de 2014 para conclusão deste trabalho.

Ao amigo Agripino, pelo apoio de sempre, pelas conversas, pela companhia nas longas horas de estudo, à amiga Selma, por ter me acolhido em sua família quando cheguei à cidade de Araguaína – TO e a amiga Glória, pelo companheirismo e amizade nesse período de estudos.

À Dalva, que me recebeu em sua casa durante o período que estive em São José do Rio Preto e às amigas Dona Isolda e Mirlene, Taísa, Daniela e Maria de Fátima.

Ao pequeno Caetano, afilhado amado que enche a minha vida de alegria.

À meus pais, Loreci e José, pelo exemplo de fé, coragem, perseverança e amor; à minha irmã Patrícia e ao meu cunhado Carlos pelo apoio de sempre.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo mais amplo elaborar uma proposta de formato de dicionário enciclopédico toponímico e, para isso, utilizamos como *corpus* o repertório das unidades léxicas que designam o nome dos elementos geográficos referentes à água, ou seja, os hidrônimos. Os hidrônimos que fazem parte de nossa pesquisa se referem aos elementos hidrográficos *arroio, baía, cabeceira, cabo, cachoeira, canal, catarata, corixão, corixo, córrego, foz, lago, lagoa, nascente, represa, riacho, ribeira, ribeirão, rio, riozinho, salto, sanga, vazante, volta*. Esses hidrônimos foram obtidos no banco de dados do projeto Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul – ATEMS. Para alcançar o objetivo principal da nossa pesquisa refletimos sobre o estatuto do mapa como texto fonte de pesquisa toponímica e como nele estão registrados os sintagmas toponímicos; analisamos alguns dicionários toponímicos brasileiros publicados para entender como funcionam e quais os objetivos de obras como essas; organizamos um sistema conceptual dos hidrônimos de Mato Grosso do Sul com base no amparo teórico da Terminologia, considerando as relações hierárquicas e não hierárquicas existentes entre as unidades léxicas que fazem parte de nosso *corpus*; propomos três modelos de microestrutura de verbetes: dois principais, um para verbetes cujas entradas designam conceitos relativos a elementos hidrográficos e a conceitos-chave do conjunto terminológico, outra para a constituição dos verbetes que têm como entradas os sintagmas toponímicos e uma terceira remissiva; organizamos um sistema de remissivas prevendo a presença de sintagmas toponímicos variantes e indicando ao consulente qual verbete deve procurar para encontrar a informação que deseja. Por fim, organizamos uma amostragem de verbetes como demonstrativo do que poderá vir a ser o dicionário. Desenvolvemos essas ações para chegar ao objetivo principal de apresentar uma proposta de modelo de dicionário para sintagmas toponímicos, no que se refere à superestrutura, à macroestrutura e à microestrutura e ao sistema de remissivas. Esperamos que nossa pesquisa possa contribuir com o avanço dos estudos toponímicos, particularmente no estado de Mato Grosso do Sul.

PALAVRAS-CHAVE: Toponímia, Terminologia, Dicionário, Hidrônimos, Sintagmas toponímicos, Termos, Mato Grosso do Sul.

ABSTRACT

This research has broader objective to elaborate a propose of format of toponymic encyclopedic dictionary and for that we use as corpus the repertoire of the lexical units that designate the names of the geographical features related to water, i.e. hydronym. The hydronyms that are part of our research refer to elements hydrographic *stream, bay, marsh, head, cape, waterfall, canal, cataracts, corixão, corixo, stream, estuary, lake, pond, spring, dam, creek, river, stream river, little river, jump, sanga, ebb back*. These hydronyms were obtained at database toponymic of the State of Mato Grosso do Sul project – ATEMS. To achieve the main objective of our research we reflect on the status of the map as text source toponymic research and how in it is recorded the toponymic syntagma; we analyze some Brazilian toponymic dictionaries already published to understand how they work and what the goals of a work like this; we organize a conceptual system of hydronym of Mato Grosso do Sul based on theoretical support of Terminology considering the hierarchical and non-hierarchical relationships between the lexical units that are part of our corpus; we propose three microstructure models of headwords: two main, one for headwords whose entries describe concepts related to hydrographic elements and key concepts of terminology and another set for the establishment of the headword that have as inputs the toponymic syntagmas, and a third remitting; we organize a system of reference foreseeing the presence of the variant toponymic syntagmas and indicating to person who is consulting the dictionary which headword he/she should look for to find the information who wants. Finally, we organize a sampling of entries as demonstration of what it could come to be the dictionary. We develop these actions to reach the main goal of presenting a proposal of model of dictionary to toponymic syntagmas, as regards the superstructure, the macrostructure and microstructure and the remitting system, we hope our research may contribute to advancement of toponymic studies, especially in the state of Mato Grosso do Sul.

KEYWORDS: Toponymy, Terminology, Dictionary, Hydronyms, Toponymic Syntagmas, Terms, Mato Grosso do Sul.

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1 – Taxionomias de natureza física
- Quadro 2 – Taxionomias de natureza antropocultural
- Quadro 3 – Hidrônimos
- Quadro 4 – Ficha toponímico-terminológica I
- Quadro 5 – Ficha toponímico-terminológica I preenchida
- Quadro 6 – Ficha toponímico-terminológica II
- Quadro 7 – Ficha toponímico-terminológica II preenchida
- Quadro 8 – Configuração do sistema conceptual
- Quadro 9 – Níveis 1, 2 e 3 do sistema conceptual
- Quadro 10 – Taxionomias de natureza física
- Quadro 11 – Taxionomia de natureza antropocultural
- Quadro 12 – Número de taxionomias e elementos geográficos do nível 2: águas lânticas
- Quadro 13 – Número de taxionomias e elementos geográficos do nível 2: águas correntes
- Quadro 14 – Número de taxionomias e elementos geográficos do nível 2: águas em queda
- Quadro 15 – Critérios para escolha dos sintagmas toponímicos da amostragem de nosso dicionário

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Procedimento de busca no banco de dados do ATEMS
- Figura 2 – Localização de elementos hidrográficos destacados no mapa
- Figura 3 – Trecho do mapa ilustrando o Córrego Limoeiro ou Jatobá
- Figura 4 – Trecho do mapa ilustrando o Córrego Piquiciri/Piquiri
- Figura 5 – Trecho do mapa ilustrando o Rio Anhanduí/Rio Inhanduí

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. FUNDAMENTOS TEÓRICOS	16
1.1 Toponímia.....	16
1.1.1 A motivação na Toponímia.....	16
1.1.2 A estrutura do sintagma toponímico	19
1.1.3 Classificação taxionômica dos topônimos	23
1.1.4 Modelo Taxionômico de Dick (1992).....	25
1.2 O estudo do Léxico	28
1.2.1 A organização de repertórios léxicos	29
1.2.2 Os tipos de dicionários	32
1.2.4 Dicionários onomásticos	36
1.2.5 A fonte dos dados: o mapa como texto	38
1.2.6 Terminografia como amparo teórico-metodológico para a constituição do sistema conceptual de hidrônimos.....	41
2. METODOLOGIA DA PESQUISA	45
2.1 Análise dos dicionários toponímicos	45
2.2 Delimitação da nomenclatura	46
2.3 Fonte dos dados	47
2.4 Ficha toponímico-terminológica de nossa pesquisa	48
2.5 Organização do sistema conceptual de hidrônimos.....	53
2.6 Revisão das taxionomias.....	53
2.7 Busca e tratamento dos dados de natureza geográfica.....	54
2.8 Busca e tratamento dos dados histórico e contexto	55
2.9 Amostragem de verbetes.....	57
3. ANÁLISE DAS OBRAS TOPONÍMICAS	58
3.1 Toponímia Carioca (Agenor Lopes de Oliveira, 1935)	58
3.2 Dicionário reversivo de Topônimos e gentílicos (Luiz A. P. Victoria, 1954).....	59
3.3 Denominações Indígenas na Toponímia Carioca (J. Romão da Silva, 1966).....	60
3.4 Nomes da terra: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte (Luís Câmara Cascudo, 1968)	62
3.5 O Dicionário Histórico Geográfico de Minas Gerais (Waldemar de Almeida Barbosa, 1971)	65

3.6 Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa (José Pedro Machado, 1984)	69
3.6 Dicionário toponímico, histórico e geográfico do Nordeste (Marlio Fábio Pelosi Falcão, 2005)	73
3.7 Dicionário toponímico de Belo Horizonte: memória de ruas (Leonardo José Magalhães Gomes, 2008)	75
4. NOSSA PROPOSTA DE DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO TOPONÍMICO	78
4.1 Considerações iniciais.....	78
4.2 Por que Dicionário “Enciclopédico” Toponímico?	79
4.3 A superestrutura do nosso Dicionário Enciclopédico Toponímico	82
4.4 O funcionamento do sistema conceptual dos topônimos de nossa pesquisa	83
4.4.1 Natureza dos hidrônimos.....	84
4.4.2 O sistema conceptual.....	84
4.4.3 Critérios de organização do sistema conceptual	172
4.4.4 Níveis 2 e 3 do sistema conceptual	173
4.4.5 Nível de abstração 4 e 5: categorias taxionômicas, topônimos não classificados e taxionomias	175
4.4.6 Nível de abstração 6: os topônimos.....	177
4.4.7 Considerações sobre os dados apresentados no sistema conceptual	179
4.5 Macroestrutura	184
4.5.1 Amostragem de verbetes	185
4.5.2 Critérios para escolha das unidades léxicas que constituem entradas dos verbetes.....	203
4.5.3 Algumas considerações	206
4.6 Microestrutura dos verbetes	207
4.6.1. Microestrutura dos verbetes cuja entrada é um termo que designa elementos geográficos	207
4.6.2. Microestrutura dos verbetes cujas entradas são sintagmas toponímicos.....	210
4.7 O sistema de remissivas	217
4.7.1 Tipos de remissivas de nosso dicionário	217
4.7.2. Microestrutura dos verbetes remissivos	218
CONCLUSÕES	224
REFERÊNCIAS	228
ANEXOS	234

INTRODUÇÃO

A Toponímia é o estudo dos nomes próprios de lugares, ou seja, os topônimos. Além do estudo linguístico de um nome, a pesquisa toponímica estabelece relações entre a cultura e a história do lugar, ou seja, realiza uma pesquisa abrangente em que se analisam aspectos geográficos, históricos, sócioeconômicos e linguísticos que permitam ao estudioso descobrir a origem e a motivação de determinado topônimo. A principal característica da Toponímia constitui-se no seu caráter interdisciplinar, o que possibilita o estudo de determinada realidade social, desvendando sua cultura, seus hábitos e seus interesses. Para Dick (1992), a Toponímia é o estudo dos designativos geográficos em sua bipartição física (rios, córregos, morros) e humana (aldeias, povoados, cidades, fazendas).

Vários estudos têm sido desenvolvidos nas últimas décadas, tanto na perspectiva da toponímia rural, como na da urbana. A metodologia construída por Dick para os projetos Atlas Toponímico do Brasil (ATB) e Atlas Toponímico do estado de São Paulo (ATESP) tem orientado as pesquisas toponímicas no Brasil, tanto no âmbito de trabalhos de cunho acadêmico como de projetos de grupos de pesquisa. Nesse contexto, situa-se o projeto do Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul (ATEMS), em desenvolvimento na UFMS sob coordenação da Profa. Dra. Aparecida Negri Isquierdo. Entre os objetivos do ATEMS está o desenvolvimento de um glossário de topônimos do estado, registrados no banco de dados do projeto.

Como pesquisadora integrante do projeto e considerando o objetivo que buscamos alcançar, um questionamento principal motivou esta nossa pesquisa: qual o modelo de dicionário ideal para dados toponímicos? E, fragmentando essa questão, outras perguntas direcionaram nossa pesquisa: como a metodologia proposta por Dick, que orienta as pesquisas em toponímia no Brasil atualmente, poderia nortear a elaboração de um dicionário? Como elaborar uma superestrutura, entendida por nós como todas as partes da obra termionográfica, desde o prefácio ou outros textos iniciais até as referências e anexos ou textos finais, de dicionário toponímico? Um único modelo de microestrutura seria suficiente para dar conta dos sintagmas toponímicos de uma obra?

Iniciamos essas reflexões durante o período do mestrado quando nos propusemos a organizar um glossário dos topônimos de uma região à leste do estado de Mato Grosso do Sul, tratando, na ocasião, especialmente da microestrutura dos verbetes.

Com o objetivo de ampliar e de dar continuidade a essa pesquisa, ao ingressar no doutorado recorreremos à Terminografia para obter o arcabouço teórico e metodológico que desse sustentação ao desenvolvimento de um dicionário de sintagmas toponímicos.

É procedimento comum nos estudos em Toponímia a escolha de determinada área geográfica para desenvolver a pesquisa sobre os nomes próprios de lugar. Em nosso caso, optamos por trabalhar com os dados de Mato Grosso do Sul por já termos realizado estudos em toponímia no estado.

Mato Grosso do Sul é um estado jovem, que foi desmembrado de Mato Grosso no ano de 1977¹. A descoberta da região teve início por volta de 1520, quando alguns colonizadores partiam do litoral e passavam pela região da serra de Maracaju, pelo rio Miranda e pelo rio Paraguai buscando as minas do Peru. Aleixo Garcia é um dos europeus conhecidos por fazer esse percurso por volta de 1524.

O espanhol Martinez de Irala teria fundado a colônia de Maracaju, em 1538. Este teria sucedido Álvaro Nunes Cabeça de Vaca que subiu o rio Paraguai até a foz do rio Miranda, atravessando boa parte do Pantanal, então conhecido como mar dos Xaraés, para alcançar Assunção. Até o final do século 16, o território pertencente à bacia do rio Paraguai já era todo conhecido.

As primeiras aglomerações urbanas surgiram em 1580, quando João de Guaraí, então governador de Assunção, teria enviado Rui Dias Melgarejo para fundar, às margens do rio Aquidauana, uma povoação denominada Santiago de Xerez e, a partir de 1630, quando os jesuítas passaram a fundar povoações indígenas para catequização nas margens ao norte do rio Miranda, ao sul do rio Apa, ao oeste do rio Paraguai e ao leste da serra de Maracaju. Por volta de 1650, Antônio Raposo Tavares e outros bandeirantes alcançaram essas povoações com o objetivo de caçar e escravizar indígenas.

A povoação do leste do estado ocorreu aproximadamente em 1720 quando o sertanista Antônio Pires de Campos (o Pai Pirá) chegou ao rio Paraná e depois ao rio Pardo pelo rio Tietê, colonizando assim a área pertencente à bacia do rio Paraná. Este bandeirante teria sido contratado pelo governo de Goiás para liderar o enfrentamento

¹ Todas as informações geográficas e históricas sobre o estado de Mato Grosso do Sul dos parágrafos a seguir foram encontradas nas obras de GLESSLER; VASCONCELOS (2005), CAMPESTRINI; GUIMARÃES (2002) e ALMEIDA; SILVA (2011).

aos índios da etnia Caiapó que viviam na região e atrapalhavam o trânsito das caravanas que seguiam pela região em busca de riquezas minerais.

A região Centro-oeste, onde Mato Grosso do Sul está localizado, configura-se como uma área extensa do território brasileiro, conhecida também por suas riquezas naturais, devido especialmente por ser nessa região geográfica brasileira que se encontra a maior planície inundável do planeta: o Pantanal. Como explicitamos, a entrada de seus colonizadores se deu principalmente por meio dos cursos de água. Na fronteira com o estado de São Paulo isso ocorreu a partir do rio Paraná, por meio do rio Iguatemi, rio Amambaí, rio Pardo, rio Verde, rio Sucuriú e rio Aporé, este na divisa com Goiás. Já na região do Pantanal, na fronteira com Paraguai e Bolívia, a entrada se deu por meio do rio Apa, rio Miranda, rio Aquidauana, rio Negro, rio Taquari até alcançar o rio Paraguai. Os demais cursos de água de Mato Grosso do Sul são, direta ou indiretamente, afluentes desses dois principais: rio Paraguai e rio Paraná.

Desse modo, notamos que, de fato, a riqueza hídrica do estado determinou as descobertas do território e sua povoação. Essa riqueza reflete-se na diversidade de tipos de elementos hidrográficos encontrados, peculiares ao estado como *corixo*, *vazante*, *baía* ou mais comuns em outras regiões do país, como *sanga* e *arroio*. Além da diversidade de elementos hidrográficos, a importância das correntes hídricas também pode ser depreendida nos topônimos propriamente ditos, uma vez que há uma forte recorrência de nomes que fazem referência aos diversos tipos de elementos hidrográficos, como ocorre como lagoa Bonita, corixo Corixão, córrego Lagoa Grande entre outros.

Para a proposta de dicionário desta nossa pesquisa utilizamos como *corpus* o repertório das unidades léxicas que denominam elementos geográficos referentes à água, ou seja, os hidrônimos, registrados no banco de dados do projeto ATEMS, dados estes catalogados em mapas do IBGE com escala 1:100.000 e 1.250.000, de todos os municípios do estado². Os hidrônimos configuram-se, conforme Dick (2004, p. 124-125) como “os nomes dos elementos hidrográficos em geral”. Embora na Toponímia “hidrônimo” signifique o nome próprio que denomina um elemento geográfico relativo à água, no âmbito de nossa proposta utilizaremos esse termo em uma acepção genérica que recobre termos que designam elementos hidrográficos tais como, *baía*, *cabeceira*, *cabo*, *cachoeira*, *canal*, *corixão*, *corixo*, *foz*, *lago*, *lagoa*, *nascente*, *represa*, *riacho*,

² Todos os mapas estão no CD no anexo desse trabalho.

ribeira, ribeirão, rio, riozinho, salto, sanga, vazante e volta e também os topônimos propriamente ditos.

Para responder aos questionamentos que motivaram este trabalho, buscamos alcançar os seguintes objetivos específicos: investigar sobre o estatuto do mapa como texto fonte de pesquisa toponímica; analisar alguns dicionários toponímicos brasileiros; organizar um sistema conceptual dos hidrônimos de Mato Grosso do Sul; propor modelos de microestrutura para abrigar os hidrônimos; organizar uma amostragem de verbetes como demonstrativo do dicionário. Desenvolvemos essas ações para chegar ao objetivo principal de elaborar uma proposta de modelo de dicionário para sintagmas toponímicos, no que se refere à superestrutura, à macroestrutura e à microestrutura e ao sistema de remissivas.

Após a introdução, nosso trabalho se estrutura em quatro capítulos: o primeiro reúne os fundamentos teóricos que embasaram a pesquisa, tratando da questão da motivação na Toponímia, da estrutura dos sintagmas toponímicos, da classificação taxionômica dos topônimos, da organização de dicionários e sua tipologia, de como podem ser classificados os dicionários onomásticos. Também nesse capítulo discorreremos sobre o mapa como principal fonte de coleta de dados toponímicos e sobre a contribuição da Terminografia para constituição de um dicionário toponímico.

O segundo capítulo aborda os procedimentos metodológicos realizados para a execução da pesquisa: os dicionários toponímicos que foram analisados, como foi feita a delimitação da nomenclatura, qual a fonte dos dados, a elaboração das fichas utilizadas para a confecção dos verbetes, como se deu a organização do sistema conceptual, quais obras foram utilizadas para a revisão das taxionomias e como fizemos a busca e o tratamento dos dados de natureza geográfica, do histórico e do contexto.

O terceiro capítulo traz a análise que fizemos a alguns dicionários toponímicos brasileiros. No quarto capítulo apresentamos nossa proposta de modelo de dicionário, explicando a razão de o denominarmos de ‘enciclopédico’, o formato da superestrutura, a organização e o sistema conceptual propriamente dito, a macroestrutura, os modelos de microestrutura o sistema de remissivas e a amostragem de verbetes.

Como últimas partes do nosso trabalho, apresentamos nossas conclusões, as referências e o anexo.

1. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

1.1 Toponímia

Segundo Dick (1990, p. 15) a variedade de nuances significativas que compõe um nome de lugar e a diversificação das informações que podem ser retiradas após a análise de um topônimo resultou na dificuldade de situar a ciência Toponímia em um ramo do saber, pois, para muitos poderia estar filiada aos estudos de História, Geografia, Ciências Sociais. Contudo, nenhuma dessas posições tomadas isoladamente poderá dar conta de análises toponímicas em seus mais diversos aspectos, uma vez que, conforme explicitado por Dick (1990, p. 16) “é lícito considerar-se a Toponímia, antes de tudo, como um complexo língua-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente.”, constituindo, desse modo, a Toponímia, como uma ciência interdisciplinar.

Nos capítulos que seguem trataremos dos aspectos principais que envolvem o estudo dos topônimos: motivação, estrutura e classificação taxionômica.

1.1.1 A motivação na Toponímia

O ato de nomear é, pois, influenciado pelas características físicas, reais, objetivas do lugar e da impressão, da imagem que o denominador tem daquele lugar, ou seja, o motivo que o impeliu a referir-se de uma ou de outra forma a um determinado local, atribuindo-lhe um nome. Esse momento de associação entre um signo linguístico de natureza arbitrária e um novo referente é que transforma esse signo em topônimo. Formular uma idéia e escolher elementos denominativos que estejam agregados a um novo referente, nesse caso a um lugar, transforma os signos linguísticos arbitrários em signos motivados, ou seja, em signos toponímicos. A respeito do estudo da motivação dos topônimos Isquerdo (1996, p. 90) pondera que

o signo toponímico se nos apresenta como um dos aspectos do léxico, particularmente complexo, no que se refere a sua motivação designativa. A diversidade de influências culturais na formação étnica da população, como também as especificidades físicas de cada região

tornam dificultosa toda tentativa de explicação das fontes geradoras dos nomes de lugares e de elementos geográficos. (ISQUERDO, 1996, p. 90)

Os topônimos que surgem de forma espontânea são também chamados por Dick (1992), de vocábulos toponímicos básicos. São aqueles que servem para definir um espaço, um ambiente. É a forma de um morro, é o curso do rio, sendo ele acidentado, suave, raso, com corredeiras, com saltos, sem peixes. Segundo a autora, esses nomes são incorporados de forma natural aos usos linguísticos de um grupo:

[...] a aparente indefinição resulta, geralmente, ou de sua própria unicidade na área ou da maior familiaridade com o elemento em si. O chamamento espontâneo torna supérflua naquele momento, qualquer outra referência, só aconselhada para uma melhor identificação, quando preciso for. (DICK, 1996, p. 65)

No caso da toponímia do Brasil, os nomes que surgiram de forma espontânea são em sua maioria de procedência indígena, especialmente os voltados para a nomeação de elementos físicos, ocorrida na época anterior ao descobrimento, “denominações que confirmam a admirável justeza e absoluta precisão do nosso ameríndio ao traduzir no batismo dos elementos, a realidade geográfica” (CARDOSO, 1961, p. 192). Há também a origem sistemática ou oficial da nomeação, atribuída aos descobridores, aos dirigentes ou ao poder de mando, legitimamente constituído ou não (DICK, 1992, p. 49).

A motivação é que permite ao pesquisador a busca da explicação da escolha do nome, a causa denominativa, e no caso do estudo dos topônimos, muitas vezes apenas a etimologia da palavra não é suficiente para explicar sua motivação. O topônimo configura-se como um elemento do léxico que é escolhido para melhor definir a ideia que um indivíduo tem de um espaço. Por essa razão é que os estudos toponímicos buscam em outras ciências subsídios que colaborem na descoberta da história de um nome.

Os fatores extralinguísticos são relevantes durante a análise de um topônimo e, sobretudo, quando se trata da motivação. Nesse particular, Isquierdo (1996, p. 85) ressalta que

um topônimo além de determinar a identidade de um lugar, a análise de sua estrutura pode fornecer elementos para esclarecer muitos aspectos referentes à história política, econômica e sócio-cultural de uma região. Desta forma, o papel do signo toponímico ultrapassa o

nível apenas da identificação, servindo, pois, de referência para o entendimento de aspectos da realidade em que está inserido. (ISQUERDO, 1996, p. 90)

No Brasil os estudos toponímicos se deparam com nomes não apenas de origem portuguesa, como também com designativos provenientes da língua dos outros povos que existiram no País, desde o início da sua história: os indígenas, os africanos, e os europeus. Para Dick (1987, p. 99), “há em cada uma dessas camadas línguotoponomásticas, uma tendência motivadora própria pode ser apontada, característica do elemento humano que as define”.

A população indígena tinha uma tendência motivadora bastante objetiva para nomear os elementos, haja vista o contato direto desses grupos com a natureza, o que lhes facilitava a descrição do elemento geográfico. Cardoso (1961, p. 92-93) traz muitos exemplos que ilustram essa capacidade ameríndia, entre eles, os casos de lago *Jaciuaruá*, espelho da lua, gruta *Capóimutá*, boca da lua, *Uêi-tepê*, serra do Sol. A nomeação feita pelos indígenas, de fato, ocorreu antes da colonização, já que com a chegada dos portugueses ao Brasil os nomes começaram a ser substituídos por palavras lusitanas ou por palavras em tupi que era a língua de prestígio entre os primeiros habitantes do território brasileiro. Os elementos que motivavam a nomeação indígena geralmente estavam relacionados à natureza.

Os portugueses que chegaram ao continente americano tinham como principal objetivo a exploração econômica e a catequização dos povos ditos ‘selvagens’, daí o fator extralinguístico que mais os motivava no ato de nomear o novo espaço era a demonstração de avanço em terras brasileiras. Os elementos físicos ainda não nomeados ou elementos humanos que começaram a surgir recebiam nomes especialmente de santos de devoção católica e de localidades portuguesas em homenagem à terra natal dos colonizadores, como nos exemplos citados por Dick (1992, p.81): rio de *São Francisco*, angra de *Todos os Santos*, cabo de *Santo Agostinho*. O mesmo aconteceu com os demais imigrantes europeus que também nomeavam os seus povoados com nomes de cidades européias, evidenciando o saudosismo da terra natal, como as cidades *Nova Milano*, *Nova Vicença*, *Nova Veneza* (DICK, 1992, p. 101), diferente dos portugueses, que denominavam os lugares fazendo referência a Portugal por uma questão de dominação, de afirmação de posse por meio da língua.

Já topônimos de origem africana, como *Mocambo*, *Cabaça*, *Cacimba*, *Caxambu*, *Marimondo*, buscam inspiração nos vocábulos referentes à cultura espiritual, à

culinária, às danças, aos utensílios utilizados pelos africanos. A quantidade de elementos nomeados que fazem referência a esses povos é pouco expressiva e o processo de nomeação é, em grande parte, feita pelo colonizador (DICK, 1992, p. 148). Pondera, ainda, a mesma toponimista que,

enquanto a denominação indígena, por uma necessidade de identificação do próprio habitat, é preexistente ao branco, que a aceitou, geralmente promovendo, ele também, a criação de novos vocábulos dessa origem, o negro ocupou, no país, um papel secundário em relação ao processo denominativo. (DICK, 1992, p. 153)

A nomeação geralmente é causada por influências externas, pela realidade que cerca o designador, mas nem sempre é assim, pois o denominador pode se afastar dessa tendência. Nesse particular Dick (1999, p. 133) ressalta que

não há um compromisso real do denominador nem uma imposição do processo de nomeação quanto a representar fidedignamente a paisagem; num contexto físico como o brasileiro, dominado pela geomorfologia exuberante, o denominador pode resistir a esse cenário [...] Em seu livre arbítrio, o sujeito pode optar por injunções de diversas ordens afastando-se de qualquer tendência objetiva, presa às condições do meio. (DICK, 1999, p. 133)

É nessa perspectiva que os topônimos se estruturam, assunto que será tratado a seguir.

1.1.2 A estrutura do sintagma toponímico

Em relação à estrutura, “ao designar, o nome próprio de lugar, o topônimo, em sua formalização na nomenclatura onomástica, liga-se ao elemento geográfico que identifica, como ele constituindo um conjunto ou uma relação binômica” (DICK, 1992, p. 10) e, conforme a autora, essa estrutura pode ser seccionada para melhor distinguir seus termos formadores, basicamente: o genérico e o específico. O termo genérico indica o elemento a ser nomeado (rio, serra, córrego, ribeirão) e o termo específico refere-se ao denominativo, o topônimo e, conforme Dick, (1992, p.100) “atuam ambos no sintagma toponímico, ou seja, no conjunto formado pela nomenclatura onomástica e pelo elemento identificado, de forma justaposta (rio das Amazonas) ou aglutinada (*Parauna*, ‘rio Negro’)”.

Dependendo da natureza da língua, quando os termos estão aglutinados, o termo genérico exerce a função de topônimo, como no exemplo citado por Dick, *Parauna*, ‘rio negro’, gerando a necessidade de complementação com um novo elemento, já que o genérico perdeu a sua função própria porque foi integrado ao termo específico como no caso de *Capói-tepê*, ‘serra da Lua’, *Saueriná*, ‘rio do Papagaio’ (CARDOSO, 1961, p. 100). Pode ocorrer o fato de o elemento ser muito importante e único em uma comunidade, então,

o nome do rio não é aproveitado para designar um povoado, uma localidade, uma estrada, permitindo, dessa forma, que os falantes se refiram a ele sendo compreendidos mesmo sem utilizar o termo genérico. Elementos físicos geralmente se definem pelo próprio termo comum, ou seja, o termo genérico do conjunto toponímico incorpora o mesmo sentido do termo específico. Dessa forma ‘rio’ e ‘mar’ geraram topônimos como Paraná e Pará. (DICK, 1992, p. 99).

Essa ocorrência de aglutinação é mais frequente em topônimos de base indígena, mas também pode ocorrer com a nomenclatura portuguesa, apesar de esse fato ser menos recorrente. Esse fenômeno é ilustrado por Dick (1992, p. 12) com o topônimo ‘porto seguro’, citado por Caminha, que hoje nomeia, além da baía, vários elementos humanos no Brasil.

Partindo da afirmação de Dick (1992, p. 10) para quem, quando um sintagma toponímico atua de forma tanto aglutinada quanto justaposta, os termos que o compõem constituem um bloco único em torno dos dois elementos, observamos a partir da análise do corpus formado por hidrônimos de todo o estado de Mato Grosso do Sul, que, quando se trata de um enunciado toponímico, entendemos que há um significado que depende de significantes distintos, porém, compondo um mesmo sintagma. É deste modo que visualizamos os topônimos que nomeiam elementos físicos de nossa pesquisa: eles só produzem sentido e atribuem significado enquanto enunciado toponímico, formado por um termo genérico e um termo específico.

O termo genérico, entendido sempre um termo de uma área de especialidade, no caso de nossos dados, a hidrografia, complementa semanticamente o termo específico, uma vez que, dentro de textos toponímicos, como os mapas e os dicionários, não verificamos ser possível o desmembramento. Não há no contexto do mapa cursos de água identificados somente por um ou outro termo. Os enunciados aparecem completos: “rio da Quitéria”, “córrego do Cupim”, “cabeceira do Mimoso”. Dick (1992, p. 10) chama esta relação entre o termo referente ao elemento geográfico e seu nome de “relação binômica” e “simbiose” formada por uma “entidade geográfica que irá receber

a denominação e o outro, o topônimo, que particularizará a noção espacial, identificando-a e singularizando-a entre outras semelhantes” (DICK, 1992, p. 10). Quando o elemento físico é representativo, como o rio Paraguai, o rio Paraná, o rio Taquari, o rio Sucuriú, pode ocorrer oralmente a referência somente ao topônimo “Paraguai”, “Paraná”, “Taquari”, “Sucuriú”, contudo, há que acontecer em uma situação comunicativa onde os interlocutores especifiquem que trata-se do rio e não do país, do estado, da cidade, dos saltos ou assentamentos cujos nomes receberam a homenagem aos rios.

Embora notemos que especificar qual é o elemento geográfico citando o sintagma toponímico completo é o que oportuniza atribuir-lhe significado especialmente por que assim o nome terá seu referente bem delimitado, a colocação de uma preposição em um sintagma toponímico indica mais evidentemente a tentativa do nomeador expressar aspectos particulares e diferenciadores dos outros elementos nomeados. Estes nomes caracterizam-se por serem mais descritivos e haver a necessidade de manutenção do sintagma completo. Desse modo as preposições promovem a união entre o termo genérico e o termo específico. Nada mais natural, uma vez que, encontramos tanto em dicionários como em gramáticas a definição das preposições justamente com a função de indicar subordinação, pertencimento, procedência.

Podemos observar que os sintagmas toponímicos dessa natureza são formados então por dois (ou mais) elementos lexicais e por um elemento gramatical. Ou seja, duas ou mais palavras que remetem ao mundo exterior configurando uma representação da realidade extralinguística e uma palavra com significação interna, que tem a função de estabelecer relações no contexto restrito do enunciado, já que, conforme Neves (2000, p. 601) “as preposições pertencem à esfera semântica das relações e processos e atuam especificamente na junção dos elementos do discurso, isto é, ocorrem num determinado ponto do texto indicando o modo pelo qual se conectam as porções que se sucedem”.

No mesmo sentido da explicação da autora, encontramos em Borba (2003, p. 286) a afirmação de que as preposições “estabelecem relações semânticas de subordinação sintática entre as palavras, tornando-as dependentes umas das outras”. Bechara (2009, p. 313-314) desenvolve a explicação de que podemos supor a existência da preposição estabelecendo uma relação de pertencimento entre o elemento geográfico e o nome próprio, ainda que esta esteja omitida na nomeação, não sendo inserida junto ao elemento geográfico. Podemos perceber essa ocorrência em sintagmas toponímicos como “Arroio Glória”, “Cabeceira Rio Branco”, “Cabeceira Sucuri”. Desse modo,

visualizamos que a significância dos topônimos depende do seu contexto no enunciado. Um nome próprio isolado do lugar nomeado não apresenta significado completo. Embora acreditemos que essa característica esteja presente em todos os topônimos de elementos físicos, especialmente pelo contexto onde estão inseridos (mapas, por exemplo), isso é observado mais claramente por meio de sintagmas toponímicos preposicionados quando a relação se dá no nível sintático, conforme explicitado acima.

Nesse particular, Dick não analisa a soldadura do elemento geográfico ao nome próprio a partir de preposições, mas admite que em alguns tipos de nomeações isso pode acontecer:

as expressões onomásticas exerceriam referidas funções desde que seus elementos constitutivos evidenciassem a existência de um vínculo entre elas e o seu referente. Em tais circunstâncias o signo linguístico em função toponímica representaria uma projeção aproximativa do real, tornando clara a natureza semântica ou transparência do seu significado. Haveria, por assim dizer, uma relação unívoca entre os termos implicados quando traduzam referências de cor, forma, tamanho, constituição natural. (DICK, 1992, p. 18-19)

Apesar de afirmar que “ao designar, o nome próprio de lugar, em sua formalização na nomenclatura onomástica, liga-se ao elemento geográfico que identifica, com ele constituindo um conjunto” (DICK, 1992, p. 10), para melhor distinguir seus termos formadores, a autora (1992, p. 13 e 14) separa este enunciado toponímico e classifica somente o nome próprio em simples, composto e híbrido. Então, em relação à composição morfológica, o termo específico, ou seja, o topônimo, pode ser simples, composto ou híbrido. Um termo específico simples é formado por um só vocábulo, que pode estar acompanhado ou não de sufixações ou também estar acrescido de terminações, como *lândia*, *pólis*, *burgos* (DICK, 1992, p. 13).

Um elemento específico composto é formado por mais de um elemento, não importando a língua de origem. Os elementos indígenas *mirim* (pequeno) e *guaçu* (grande), por exemplo, colaboram com a formação de topônimos compostos como o nome das cidades *Ituguaçu* (salto grande) e *Itumirim* (salto pequeno). Há também as formações compostas que envolvem os nomes sagrados, não necessariamente da mesma natureza religiosa, formações bastante comuns na toponímia brasileira como os elementos humanos *Santo Antonio das Trepes*, *Santo Antonio do Rio Abaixo*, *São Pedro de Ratos* (DICK, 1992, p. 14).

Já os elementos específicos híbridos que compõem o enunciado toponímico se formam pela colocação de unidades lexicais provenientes de línguas diferentes em um mesmo designativo. Segundo Dick (1992, p. 15), a formação que mais se generalizou no Brasil foi a composta pela seguinte estrutura: indígena + portuguesa ou portuguesa + indígena e ilustram isso os topônimos de elementos humanos, *Lambari do Meio* e *Maraba Paulista*, dentre muitos outros. Ao tratar dos topônimos híbridos, a pesquisadora recupera a teoria canadense para essa modalidade de topônimos, segundo a qual os dois elementos formadores das duas línguas devem ter o mesmo significado. Um nome brasileiro que corresponderia a essas formações defendidas pelos canadenses é o do antigo município paulista de Salto de Itu, que apresenta dois elementos de mesmo significado, ou seja, ‘salto’, ‘cachoeira’ (DICK, 1992, p. 15).

A estrutura do topônimo, particularmente a natureza linguística do termo específico, abordado no plano sincrônico, dá suporte à investigação das causas motivadoras, organizadas em categorias taxionômicas, dentre outras, a formulada por Dick (1992).

1.1.3 Classificação taxionômica dos topônimos

O objeto de estudo da Toponímia são os topônimos, visto sob diferentes perspectivas, como a sua origem, a significação e a transformação de nomes próprios, a categorização. Para tanto, os pesquisadores que se ocupam dos estudos toponímicos, buscando meios para a sistematização dos topônimos, elaboraram modelos teórico que possibilitaram o estudo dos designativos de lugar. Dentre esses estudiosos, destacam-se os trabalhos elaborados por Dauzat, Backheuser, Stewart e Dick.

Dauzat (1947), por exemplo, abordou os estudos toponímicos considerando dois aspectos principais, a questão lógica, que diz respeito ao ato designativo como espontâneo e motivado de forma mais ou menos inconsciente por um grupo nomeador e a questão dos sentidos intrínsecos dos nomes, classificados a partir de aspectos sociais, históricos e geográficos. Backheuser (1952) divide os topônimos a partir de categorias gramaticais (substantivo comum, substantivo abstrato e adjetivos) e, no âmbito do ‘substantivo comum’, o autor classifica os topônimos a partir de critérios geográficos: topônimos relativos a elementos de geografia física e topônimos relativos a elementos de geografia humana. Já George Stewart (1954) apresentou uma classificação que procurava sistematizar os nomes de lugares em nove categorias descritivas baseadas nos

mecanismos de nomeação: *Descriptive names, Incident names, Euphemistic names, Shift names, Mistake names, Possessive names, Commemorative names, Manufactured names, Folk etimologies.*

Neste trabalho será adotada a metodologia proposta por Dick (1992, p. 31-34) porque é a taxionomia que melhor se aplica à realidade da toponímia brasileira. Em seu modelo Dick elabora uma taxionomia que considera o topônimo do ponto de vista sincrônico, deixando a busca dos mecanismos de nomeação e o levantamento histórico para estudos isolados acerca de cada nome.

Para Dick (1980, p. 34), a própria existência dos nomes geográficos, desvinculada de qualquer procedimento diacrônico, é o que dá suporte às taxes sugeridas. A autora ressalta que

a existência desorganizada desses nomes, que constitui a tessitura propriamente dita de um território, deve sofrer, por sua vez, uma ordenação ou catalogação a partir, agora, não do doado, e sim do gerado. Num primeiro momento é, pois, o homem quem preside a escolha do nome, permitindo a averiguação de todos os impulsos que sujeitaram o ato nomeador; num segundo momento, é a denominação que irá condicionar e determinar os rumos dos estudos toponímicos. (DICK, 1980, p. 34)

O modelo de Dick (1992, p. 31-34) se divide em onze taxionomias de natureza física, e dezesseis de natureza antro-po-cultural. A terminologia técnica utilizada pela autora é formada pelo termo que justifica a escolha do elemento denominativo e pelo vocábulo que identifica a ciência específica. Assim, por exemplo, nomes relativos às formas topográficas foram denominados geomorfotopônimos (geomorfo = elemento designativo; topônimo = identificação da ciência específica), como *Montanhas* (AH RN), *Monte Alto* (AH SP), *Morro Azul* (AH³ RS) (DICK, 1992, p. 26 e 31). Ou então nomes relativos a elementos hidrográficos são classificados como hidro + topônimo, como córrego *Açude*, córrego *Água Limpa*. Na sequência serão apresentadas todas as categorias que integram o modelo em destaque.

³ A abreviatura AH se refere a elemento humano (cidades, ruas, fazendas, etc) e AF a elemento físico (rios, morros, etc).

1.1.4 Modelo Taxionômico de Dick (1992)

O modelo taxionômico de Dick (1992) é adotado por grande parte dos pesquisadores em toponímia. No modelo o objetivo é agrupar os nomes próprios a partir de suas motivações. A autora destaca que

a compreensão da existência de um vínculo estrito entre o objeto denominado e o seu denominador é que remeterá a toponímia taxionômica ao estudo das motivações da nomenclatura geográfica. Dessa forma, os fatores ambientais, em sua dicotomia física e antropocultural, conforme a teorização de Sapir (1961), constituem o cenário propício ao jogo dos interesses humanos, em que as percepções sensoriais e as manifestações psíquicas brotam como fontes geradoras dos nomes. (DICK, 1992, p. 25)

Todos esses fatores que determinam a motivação dos nomes são ordenados em categorias, organizadas por meio de uma terminologia técnica formada pela unidade léxica “topônimo” e pelo elemento que contem o campo de estudo específico. Como exemplo, podemos citar a categoria dos zootopônimos, que abarca os nomes que fazem referência a animais. Nos quadros que seguem detalhamos cada uma das taxionomias propostas por Dick (1992).

Quadro 1 – Taxionomias de natureza física

Astrotopônimos: topônimos relativos aos corpos celestes em geral. Ex.: rio da Estrela ⁴ (AF ES).
Cardinotopônimos: topônimos relativos às posições geográficas em geral. Ex.: ribeirão do Meio (AF MS).
Cromotopônimos: topônimos relativos à escala cromática. Ex.: cachoeira Branca (AF MS).

⁴ Com exceção dos exemplos apresentados nas taxes astrotopônimos, geomorfotopônimos, morfotopônimos, corotopônimos, dirrematotopônimos e sociotopônimos que foram extraídos de Dick (1992, p. 31-34), os exemplos recuperam designativos de elementos físicos de Mato Grosso do Sul.

Dimensiotopônimos: topônimos relativos às características dimensionais dos elementos geográficos. Ex.: córrego Fundo (AF MS).
Fitotopônimos: topônimos de índole vegetal. Ex.: ribeirão do Café (AF MS).
Geomorfotopônimos: topônimos relativos às formas topográficas. Ex.: Monte Alto (AH SP).
Hidrotopônimos: topônimos resultantes de elementos hidrográficos em geral. Ex.: córrego Cachoeirinha (AF MS)
Litotopônimos: Topônimos de índole mineral, relativos também à constituição do solo, representada por indivíduos. Ex.: córrego Brejo Comprido (AF MS).
Meteorotopônimos: topônimos relativos aos fenômenos atmosféricos. Ex.: córrego do Raio (AF MS)
Morfotopônimos: topônimos que refletem o sentido de forma geométrica. Ex.: vila lagoa Redonda (AF BA).
Zootopônimos: topônimos de índole animal, representados por indivíduos domésticos. Ex.: córrego Formiga (AF MS).

Fonte: Dick (1992, p. 31-34)

Quadro 2 – Taxionomias de natureza antropocultural

Animotopônimos ou Nootopônimos: topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo todos os produtos do psiquismo humano, cuja matéria prima fundamental, e em seu aspecto mais importante como fato cultural, não pertence à cultura física. Ex.: rio Bonito (AF MS).
Antropotopônimos: topônimos relativos aos nomes próprios individuais. Ex.: córrego Farias (AF MS).
Axiotopônimos: topônimos relativos a títulos e a dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais. Ex.: córrego Rainha (AF MS).

<p>Corotopônimos: topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes. Ex.: Amazonas (AH BA).</p>
<p>Cronotopônimos: topônimos que encerram indicadores cronológicos representados, em toponímia pelos adjetivos novo/nova, velho/velha. Ex.: córrego Velho (AF MS).</p>
<p>Ecotopônimos: topônimos relativos às habitações de um modo geral. Ex.: córrego do Ranchinho (AF MS).</p>
<p>Ergotopônimos: topônimos relativos aos elementos da cultura material. Ex.: córrego Espora (AF MS).</p>
<p>Etnotopônimos: topônimos referentes aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas). Ex.: serra do Caiapó (AF MS).</p>
<p>Dirrematotopônimos: topônimos constituídos por enunciados lingüísticos. Ex.: córrego do Espicha-Couro (AF RS).</p>
<p>Hierotopônimos: topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças. Os Hierotopônimos podem ser divididos em: a) Hagiotopônimos: relativos aos santos e santas do hagiológico romano. Ex.: Santa Rita do Pardo (AH MS). b) Mitotopônimos: relativos às entidades mitológicas. Ex.: córrego Tamandaré (AF MS).</p>
<p>Historiotopônimos; topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes. Ex.: Inconfidentes (AH MG).</p>
<p>Hodotopônimos: topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana. Ex.: córrego Ponte Velha (AF MS).</p>
<p>Numerotopônimos: topônimos relativos aos adjetivos numerais. Ex.: Três Lagoas (AH MS).</p>
<p>Poliotopônimos: topônimos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial. Ex.: córrego da Vila (AH MS).</p>
<p>Sociotopônimos: topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade. Ex.: córrego do Engenho</p>

(AF MG).
Somatotopônimos: topônimos empregados em relação metafórica a partes do corpo humano ou do animal. Ex.: córrego Joelho (AF MS).

Fonte: Dick (1992, p. 31-34)

Optamos por incluir a contribuição de Isquierdo (1996, p. 118), que acrescentou à classe dos animotopônimos do modelo de Dick, duas subcategorias, eufóricos e disfóricos, que, segundo Isquierdo, “têm a função de especificar a natureza do estado anímico”. Dessa forma, os animotopônimos eufóricos referem-se à impressão agradável/otimista do denominador frente ao elemento nomeado - córrego Vista Alegre (AF MS) - e os animotopônimos disfóricos recuperam a impressão desagradável/pessimista sentidas pelo nomeador - córrego Invejoso (AF MS).

No próximo tópico trataremos da evolução dos dicionários, suas tipologias, da principal fonte de dados para a pesquisa toponímica e da Terminografia, teoria que subsidiou a organização da proposta de dicionário enciclopédico toponímico apresentado neste trabalho.

1.2 O estudo do Léxico

O estudo científico do léxico é orientado pela Lexicologia, a ciência que estuda o universo de todas as palavras de uma língua,

[...] palavras vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança, cabendo-lhe entre outras tarefas: examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural; conceituar e delimitar a unidade lexical, bem como elabora modelos teóricos subjacentes às suas diferentes denominações. (ANDRADE, 2001, p. 191)

A Lexicologia ocupa-se do estudo do componente lexical geral, enquanto a Terminologia que, embora estabeleça relação com a Lexicologia privilegia o estudo do componente lexical especializado. Enquanto os estudos da primeira abrangem todo o léxico de uma língua, os vinculados à segunda enfocam os termos especializados de determinadas áreas. A Lexicologia é uma ciência bastante complexa, pois seus

interesses no estudo do léxico são muito abrangentes e integrados. Essa complexidade acontece porque “o léxico está situado em uma intersecção linguística que absorve informações providas de caminhos diversos” (LORENTE, 2004, p. 20), caminhos esses que podem enveredar para o estudo de fenômenos de fonologia, da morfologia, da sintaxe, da semântica e da pragmática, segundo essa mesma autora.

A Terminologia, por sua vez, está voltada para o léxico especializado, ou seja, para as denominações técnicas que permitem ao homem nomear os objetos, os conceitos, no âmbito das diferentes áreas profissionais e especiais. Krieger e Finatto (2004, p. 17) ponderam que “[...] a história de uma ciência se resume na de seus termos específicos. Uma ciência só começa a existir ou consegue se impor na medida em que faz existir e em que impõe seus conceitos, através da sua denominação”. Partindo dessa consideração, podemos perceber a interface entre a Terminologia e a Toponímia, já a metodologia de Dick (1992)⁵, utilizada como parâmetro para as pesquisas toponímicas no Brasil, utiliza uma terminologia técnica para elaborar o seu modelo taxionômico, formado por 27 taxes, cada uma delas “definida por um termo específico, que explicita o sentido semântico dos elementos componentes ou dos grupos assim formados” (DICK, 2004, p. 126). Ressaltando o fato de os termos transmitirem conteúdos próprios de cada área científica, Krieger e Finatto (2004, p. 17) afirmam que

os termos realizam duas funções essenciais: a de representação e a de transmissão do conhecimento especializado. Ao circunscreverem conteúdos específicos, as terminologias auxiliam também a elidir ambigüidades, contribuindo para uma desejada precisão conceitual. (KRIEGER E FINATTO, 2004, p. 17)

No próximo tópico trataremos de aspectos que envolvem a elaboração de dicionários.

1.2.1 A organização de repertórios léxicos

A redação de dicionários, glossários, vocabulários de língua geral é uma prática de grande tradição. Hernández (1989, p. 6), ao tratar da teoria lexicográfica, esclarece que

o caráter utilitário do produto lexicográfico deixou a atividade lexicográfica à margem dos avanços da linguística moderna,

⁵ Conferir no tópico 1.1.4 deste trabalho.

localizando a lexicografia na órbita das tarefas artesanais. A prova disso é que muitos linguistas - alguns deles inovadores tanto na teoria quanto na prática lexicográfica - consideram a lexicografia como uma arte⁶. (HERNÁNDEZ, 1989, p. 6)

Muitos autores concebem o fazer lexicográfico como arte, ao considerarem que sua finalidade prática torna-se obstáculo para admitir que a elaboração de obras dicionarísticas precisem passar pelo conhecimento científico da linguagem, desenvolvendo teoria e metodologias próprias, que surgem pela síntese da lexicografia prática com a linguística teórica. Fernández-Sevilla (1974) defende que se a constituição de dicionários for entendida como arte, requer inspiração, aptidões especiais inatas e sensibilidade artística e sendo assim, não poderia ser ensinada nem aprendida e tampouco ser chamada de ciência. O autor pondera que

a lexicografia é uma técnica científica encarregada de estudar os princípios que que a preparação de repertórios léxicos de todos os tipos devem seguir, não só dicionários mas também vocabulários, inventários, etc. Na elaboração de um dicionários se difundem as ideias e os métodos de investigação linguística em um determinado momento.⁷ (FERNÁNDEZ-SEVILLA, 1974, p. 15)

Partindo desse ponto de vista, para conseguir cumprir o papel de subsidiar a elaboração de dicionários, a Lexicografia e a Terminografia devem estar em contato com as outras ciências da linguagem, já que são disciplinas que se encarregam dos problemas teóricos e práticos da produção de dicionários.

Estas ciências contemplam uma teoria geral, que cuida da investigação crítica acerca dos dicionários, e uma dimensão prática, que orienta a confecção de dicionários propriamente ditos. A produção lexicográfica mais comum é o dicionário geral da língua. Ele é o instrumento para sistematização do léxico, registrando-o na sua maior totalidade possível. O dicionário ideal é aquele que registra a língua em seu uso padrão

⁶ “El carácter utilitario del producto lexicográfico ha hecho que la actividad lexicográfica haya permanecido al margen de los avances que ha llevado a cabo la lingüística moderna, situando a la lexicografía en la órbita de las tareas artesanales. Prueba de ello es que incluso muchos lingüistas – algunos de ellos innovadores tanto de la teoría como de la práctica lexicográficas – consideran la lexicografía como una arte”. (TN).

⁷ “la lexicografía es una técnica científica encaminada a estudiar los principios que deben seguirse en la preparación de repertorios léxicos de todo tipo, no solo diccionarios sino también vocabulários, inventários, etc. Na elaboración de um dicionario se vierten las ideas y métodos de investigación linguística em una época dada” (TN)

e coloquial, porque dessa forma torna-se um objeto de registro da linguagem de uma sociedade. Nesse sentido, Biderman (1982, p. 166) observa que

numa sociedade muito diversificada socialmente como a nossa, estratificada em classes sociais, coexistem variedades diastráticas diversas. Embora o dicionário privilegie a língua escrita, ele deve descrever também os diferentes níveis de linguagem, os registros sociais e, assim, não só identificar o vocabulário e os usos marcados como típicos da linguagem culta e formal, mas também o da linguagem coloquial, apontando os itens lexicais característicos de um uso popular, vulgar, chulo, as gírias e palavras e expressões obscenas. (BIDERMAN, 1982, p. 166)

É nesse contexto que ressaltamos a importância de um dicionário toponímico, obra que registra, além dos nomes próprios de uma região e sua respectiva localização, causas que levaram os designadores a escolherem determinada palavra para nomear uma localidade, contribuindo, dessa forma, para o resgate social, histórico e cultural da região.

A análise de um dicionário, confrontando-se, comparando-se o conteúdo de seus verbetes, analisando-se as suas diferenças, evidencia que os verbetes, de certa forma, constroem uma imagem da sociedade, pois registram o momento histórico em que foram elaborados.

As condições de produção de um dicionário revelam a situação sócio-histórica do momento da construção da obra. Se olharmos um dicionário sob o prisma da análise do discurso, por exemplo, veremos nele um texto com a intenção de produzir sentidos. Isso acontece porque seus mecanismos de elaboração, ou seja, a definição, a exemplificação, as marcações, a etimologia, os comentários enciclopédicos são organizados para produzirem um determinado discurso e “como todo discurso, o dicionário tem uma história, ele constrói e atualiza uma memória, reproduz e desloca sentidos, inscrevendo-se no horizonte dos dizeres historicamente constituídos” (NUNES, 2002, p. 18).

No caso de um dicionário de hidrônimos, como o que propomos nesse trabalho, o que é revelado de antemão, especialmente por meio da elaboração do sistema conceptual a partir da recorrência das motivações toponímicas estruturadas em taxinomias, são os aspectos do meio ambiente que influenciam na vida dos sujeitos que promovem a nomeação dos lugares são expressos no dicionário.

Biderman (2001, p. 131) pondera que “os dicionários constituem uma organização sistemática do léxico, uma espécie de tentativa de descrição do léxico de uma língua”. A autora também ressalta que um dicionário é uma obra comercial, além de cultural, e nele é preciso registrar a língua em uso da sociedade a qual ele será destinado. Organizar um dicionário então é descrever, documentar o léxico de uma língua. Todavia, com a velocidade dos avanços culturais e tecnológicos considera-se algo inatingível o registro da totalidade do léxico.

Segundo Lara (2004, p. 134), o paradigma linguístico predominante costuma desprezar o dicionário por algumas características que ele apresenta:

- a) O dicionário não é uma descrição fiel de uma realidade verbal metódica e estatisticamente estudada em uma determinada população;
- b) o dicionário tem um cunho normativo explícito ou implícito, que modifica totalmente esta realidade;
- c) o dicionário é uma obra de caráter utilitário e mercantil. (LARA, 2004, p. 134)

O mesmo autor argumenta que os autores de dicionários não se preocupavam em reclamar sua prática como uma disciplina linguística, e muito menos em considerar sua obra como um fenômeno verbal digno de teorização. A partir dos anos 70 do século XX é que começou a ser desenvolvida e questionada como uma disciplina da Linguística que embasasse a elaboração de dicionário. Lara (2004, p. 134) ressalta ainda que, apesar da divulgação dessa ciência nos Estados Unidos e na Europa, especialmente por teóricos espanhóis, o dicionário e as ciências que amparam sua constituição ainda não foram situados no lugar que merecem entre as disciplinas da Linguística. Ele acredita que o dicionário é visto apenas como o resultado da aplicação dos métodos, de acordo com certos costumes e com certas restrições editoriais, quando deveria ser considerado em sua realidade, como um produto linguístico, com toda a sua complexidade, e a sua especificidade, ou seja, considerando a quem ele é destinado, em que vocabulário se baseia, como o autor pensa a língua, que aspectos procuram resolver em determinada obra, como foi o procedimento para a sua construção etc.

1.2.2 Os tipos de dicionários

Classificar os dicionários existentes não é uma tarefa fácil. Primeiro porque existem inúmeros tipos e, segundo, porque os dicionários são produtos heterogêneos, suas tipologias muitas vezes se misturam, pois a criação de uma obra lexicográfica ou

terminográfica pode ser influenciada por fatores históricos e culturais, além dos linguísticos. Borba (2003, p. 16), por exemplo, ressalta que um exame, mesmo superficial, em nossos dicionários mais correntes mostra que, em sentido estrito, eles não são nem de língua nem enciclopédicos, ou seja, muitas obras são a combinação de características pertencentes a categorias diferentes de dicionários.

Biderman (1984, p. 11 a 16), apresenta a seguinte tipologia: 1) dicionário padrão da língua ou dicionário de uso da língua; 2) dicionário ideológico; 3) dicionário histórico; 4) dicionário especial; 5) dicionário inverso. O tipo mais comum é o dicionário geral da língua ou o dicionário padrão da língua, do qual seriam exemplos alguns bem conhecidos da língua portuguesa como o Moraes, o Aulete, o Cândido de Figueiredo, o Aurélio, o Houaiss. A autora (2001, p. 132) ressalta que

[...] o ideal de elaborar um dicionário geral da língua é sempre inatingível, já que o léxico cresce em progressão geométrica, hoje sobretudo, em virtude da grande aceleração das mudanças socioculturais e tecnológicas. A rigor nenhum dicionário por mais volumoso que seja, dará conta integral do léxico de uma língua de civilização. (BIDERMAN, 2001, p. 132)

Na verdade, a diferença entre as obras dicionários, glossários e vocabulários é bastante tênue. Geralmente a terminologia é definida com base na extensão da obra. Os glossários e os vocabulários, por exemplo, são definidos pela extensão da nomenclatura - número menor de entradas -, pela dependência de outros textos - aparecem como listas curtas de palavras no final de certas obras. Já os dicionários são obras que pretendem abranger boa parte do léxico de uma língua. Com relação ao número de entradas das obras, enquanto um dicionário padrão da língua tem aproximadamente 50.000 verbetes, um dicionário infantil tem 5.000 e um escolar tem 10.000, em média, segundo Biderman (2001, p. 131 e 132).

Para explicar os tipos de repertórios léxicos, Barros (2004, p. 143) propõe a seguinte classificação: dicionário de língua; dicionário terminológico; glossário (bilíngue ou multilíngue); dicionário enciclopédico; léxico (apêndice de uma obra). Para a autora (2004, p. 145 a 149), alguns elementos contribuem para a caracterização de cada um: o número de línguas, o tipo da unidade lexical tratada, a extensão da nomenclatura, a ordem alfabética ou sistemática, precisões terminológicas. Segundo a pesquisadora, é importante “estabelecer um número reduzido de tipos básicos e, de

acordo com a combinatória de elementos assim, cada obra poderá assumir características particulares” (BARROS, 2004, p. 150).

Ainda dentro das possibilidades de classificação dos repertórios léxicos há o dicionário analógico ou ideológico que organiza as palavras por campos semânticos e não por ordem alfabética. Ao focalizar esse tipo de dicionário, Biderman (1984, p. 11) menciona um dos maiores dicionários dessa categoria, o *Diccionario Ideológico de la Lengua Española*, de Casares (1942), citando a posição do autor acerca da obra:

os dicionários ordenados com este critério têm duas partes: a primeira é a propriamente ideológica, a segunda é a alfabética, ordenada exatamente como um dicionário semasiológico. Na parte ideológica as palavras se estruturam segundo seu enquadramento em colunas básicas que correspondem à divisão do universo em categorias fundamentais. Na parte sinótica se encontra o plano geral da classificação, no caso do *Diccionario Ideológico de la Lengua Española* a divisão do universo lexical foi estabelecida em trinta e oito classes, das quais Deus compõe uma classe e o universo, trinta e sete classes (BIDERMAM, 1984, p. 11)

Dentre os tipos de dicionários situa-se também o dicionário histórico que, segundo Biderman (1984, p. 12) pode ser de duas modalidades, o que se baseia na língua de uma determinada época histórica e o etimológico. O primeiro é muito útil na leitura de obras datadas das épocas históricas a que ele se refere, enquanto o segundo, o etimológico, segundo Biderman (1984, p. 13),

é elaborado a partir da perspectiva da língua contemporânea, ele se ocupa dos estágios anteriores do idioma, remontando à origem das palavras; tenta acompanhar a evolução histórica dos vocábulos, assinalando os diferentes valores semânticos por eles assumidos no decorrer do tempo, indicando *pari passu* as datações de cada um deles. (BIDERMAN, 1984, p. 13)

Já os dicionários do tipo especial tratam de aspectos particulares da língua, como os dicionários de linguística, de gramática, de gíria. Na opinião de Ezquerria (1989), na modalidade dos dicionários especiais, situa-se a enciclopédia que, de acordo com o autor, dá conta de signos não necessariamente linguísticos que englobam tudo aquilo que configura a realidade de uma época ou de uma civilização. Haensch (1982, p. 163) ressalta que é comum elementos dos dicionários de língua se misturarem aos pertencentes às enciclopédias, criando assim o que ele chama de dicionários enciclopédicos:

[...] ocorre com frequência que aparecem mescladas no artigo de uma enciclopédia, indicações enciclopédicas, semasiológicas ou onomasiológicas e outras indicações linguísticas (etimológicas, fonéticas e até estilísticas). Quando se combinam em um dicionário a descrição enciclopédica e a descrição linguística, se pode falar de ‘dicionários enciclopédicos’. (HAENSCH, 1982, p. 163)⁸

Muitos autores já propuseram classificação tipológica a partir de diferentes enfoques específicos de cada obra. *O Tesouro de la lengua castellana o española*, de Sebastian de Covarrubias (1611), por exemplo, foi destacado por Hernández (1989, p. 38) como a obra lexicográfica de maior mérito e alcance na lexicografia espanhola de sua época. Trata-se de uma obra de caráter enciclopédico, que dá conta não apenas do léxico, mas também de frases feitas, de provérbios, de nomes próprios (topônimos e antropônimos), enfim, dos saberes e da cultura de seu tempo.

Hernández (1989, p. 25) discute ainda a tipologia apresentada por outros autores, como Malkiel (1962), que organiza os dicionários levando em conta a *classe*, ou seja, o tamanho do *corpus* de acordo com o número de entradas, o número de línguas e as informações léxicas; a *perspectiva* do dicionário, que leva em conta a limitação do *corpus*, a diacronia/sincronia, a ordenação convencional/semântica/arbitrária e o caráter objetivo ou normativo; a *apresentação* das definições, documentação verbal, ilustrações. O autor (HERNÁNDEZ, 1989, p. 25) também retoma os critérios de Quemada (1968), para a definição da tipologia dos dicionários, nas categorias de monolíngues e plurilíngues. Os monolíngues podem ser dicionários de língua, enciclopédicos, gerais ou especializados, neste último se enquadrando os dicionários de nomes próprios. E os plurilíngues que podem ser homoglossos (de dialetos, de jargões, da língua antiga) e heteroglossos (bilíngues de línguas vivas ou mortas e multilíngues).

A melhor maneira de investigar a tipologia dos dicionários é observar os critérios de sua organização, quais os fatores que motivaram a sua elaboração: linguísticos, históricos ou culturais. Por meio dos dados contidos em um dicionário é que se pode enquadrá-lo em uma ou em outra categoria tipológica, ou classificá-lo como obra mista, quando há interferência de dados de uma ou de outra categoria.

⁸ “Ocurre con frecuencia que aparecen mezcladas en el artículo de una enciclopedia, indicaciones enciclopédicas, semasiológicas u onomasiológicas y otras indicaciones lingüísticas (etimológicas, fonéticas, gramaticales y hasta estilísticas). Cuando se combinan en un diccionario y la descripción enciclopédica e la descripción lingüística, se suele hablar de ‘diccionarios enciclopédicos’” (Tradução Nossa).

Welker (2004, p. 43) propõe uma classificação em três tipos distintos. Para esse autor, a primeira diferenciação deveria ser aquela entre obras de consulta em formato de livro e as computadorizadas; a segunda grande distinção a ser estabelecida seria entre dicionários monolíngues e dicionários bilíngues/multilíngues e a terceira entre dicionários gerais e especiais. Nesse último caso, apenas um tipo de dicionário seria considerado “geral” e todos os outros seriam classificados como especiais. O dicionário geral, nessa concepção, se caracteriza por ser alfabético, sincrônico, da língua contemporânea, arrolando, sobretudo, o léxico da língua comum. Os que não se encaixam na sua totalidade nessas características seriam, para o autor, os especiais, como os históricos, onomasiológico, terminológicos, os onomásticos, etc. O tópico seguinte é dedicado à categoria dos dicionários onomásticos.

1.2.4 Dicionários onomásticos

O fazer dicionarístico, no que se refere à língua geral é muito antigo, mas a organização de dicionários do tipo toponímicos é recente.

Observamos que os dicionários onomásticos são geralmente classificados dentro da categoria de dicionários enciclopédicos. Welker (2004, p. 35 a 54), por exemplo, focaliza algumas tipologias de obras, dentre elas a proposta de Scerba (1940), que defende a tese de que os nomes próprios deveriam aparecer tanto em dicionários como em enciclopédias, apesar de trazerem informações diferentes em uma e em outra obra. Uma classificação que não fornece tipos nitidamente separados é a de Malkiel (1962), já mencionada, que aponta para os dicionários de nomes próprios o critério da abrangência, que também abriga dados enciclopédicos e comentários, além das definições propriamente ditas.

Já Haensch (1982) estabelece duas grandes divisões para definir a tipologia das obras: a primeira é pautada no ponto de vista da linguística teórica e abriga os glossários e vocabulários de obras literárias, Atlas lexicais, dicionários de regionalismos, de pronúncia, de construção, de colocações, de dúvidas, de fraseologismos, de neologismos, dicionários inversos, bilíngues, enciclopédicos e onomasiológicos. A segunda, por sua vez, se sustenta em critérios práticos da obra, como o formato e a extensão, o caráter linguístico ou enciclopédico, o número de línguas e as finalidades específicas da obra. Para o autor, os dicionários onomásticos situam-se dentre esses últimos tipos. Já Martinez de Souza (1995) inclui os dicionários onomásticos no item

critério terminológico, onde também estão os dicionários de abreviaturas e os gramaticais.

Os dicionários onomásticos a que tivemos acesso seguem os mesmos métodos de elaboração dos dicionários gerais, no que se refere à superestrutura, ou seja, à forma de organização do dicionário, desde a apresentação/prefácio/introdução, a lista de abreviaturas, o arranjo das entradas em ordem alfabética, a bibliografia.

Todavia, diferem quanto à microestrutura, o conjunto das informações ordenadas de cada verbete após a entrada. A informação contida na microestrutura que melhor caracteriza os dicionários gerais é a definição, elemento que desempenha um papel fundamental no texto do verbete. Concordamos com Krieger e Finatto (2004, p. 160), quando ressaltam que “a importância da definição é proporcional ao número de dificuldades envolvidas em seu estudo, pois diferentes fatores e condições perpassam sua formulação, constituindo um tema de elevada complexidade”. Welker (2004, p. 118), por sua vez, esclarece que, embora se costume distinguir as definições lexicográfica, enciclopédica e terminológica, não há marcas precisas que permitam a distinção entre um e outro tipo. Já Krieger e Finatto (2004, p. 167) diferenciam esses três tipos de definição da seguinte forma:

[...] definições *lexicográficas* caracterizam-se pela predominância de informações lingüísticas, tratando mais de palavras; definições *enciclopédicas* se ocupam mais de referências e de descrição de coisas; definições *terminológicas* trazem predominantemente conhecimentos formais sobre ‘coisas’ ou fenômenos. (KRIEGER E FINATTO, 2004, p. 167)

Barros (2004, p. 158), por sua vez, explica que a definição é o enunciado que descreve o conteúdo semântico-conceptual de uma unidade lexical ou terminológica em posição de entrada de um verbete.

Consiste em uma paráfrase sinonímica que exprime o conceito designado pela unidade lexical ou terminológica por meio de outras unidades lingüísticas; é um conjunto de informações que são dadas sobre a entrada. (BARROS, 2004, p. 159)

Vale ressaltar que os dicionários onomásticos não incluem na microestrutura a definição, por serem compostos de nomes próprios. Especificamente no caso dos dicionários de topônimos, as entradas configuram-se como signos lingüísticos que normalmente já receberam uma definição num dicionário geral de língua, antes de

passar à categoria de topônimo. Nesse particular, não é demais lembrar que um signo, na qualidade de topônimo, é enriquecido pela funcionalidade de seu emprego, adquirindo uma dimensão maior e sendo marcado, no ato do batismo de um lugar, como um signo essencialmente motivado (DICK, 1992, p. 12), e é o registro da possível motivação de um topônimo uma das informações que mais caracteriza e diferencia a microestrutura de um verbete de um dicionário toponímico da de um dicionário geral da língua.

Logo, o público-alvo de um dicionário toponímico deixa de ser o consulente apenas interessado em descobrir o significado das palavras, e passam a ser os pesquisadores de Linguística, de Etnologia, de Antropologia, de História, de Geografia, dada a interdisciplinaridade que caracteriza a Toponímia, pois, por registrar possíveis causas motivadoras de um nome próprio de lugar, um repertório léxico-toponímico aborda itens como a nomenclatura geográfica oficial do IBGE com seus respectivos nomes próprios, sua localização, a etimologia dos termos com especial atenção aos de origem indígena, a classificação taxionômica, além de informações históricas, enciclopédicas e registros escritos nos quais os sintagmas toponímicos estejam inseridos. Baseando-nos na tipologia proposta do Barros (2004, p. 144) citada anteriormente, nomeamos a nossa proposta de dicionário de “dicionário enciclopédico toponímico”, por este conter dados de natureza extralinguística além de informações relacionadas à língua, como etimologia, informação gramatical e taxionomia.

No próximo tópico abordaremos o mapa, principal fonte de pesquisas toponímicas e que, entendido aqui como texto, determina o formato das entradas da macroestrutura e o amparo teórico da Terminografia para constituição do sistema conceptual da nossa proposta de dicionário enciclopédico toponímico.

1.2.5 A fonte dos dados: o mapa como texto

Aspecto relevante a ser levantado a respeito da opção pelo amparo teórico da Terminografia para a constituição do sistema conceptual de hisdrônimos deste trabalho é em relação ao contexto onde os nomes próprios de lugar ocorrem.

Todos os dados toponímicos tratados neste trabalho foram retirados de mapas oficiais do IBGE, que, por sua vez, podem ser considerados textos especializados, pois, além de apresentar sintagmas toponímicos, também se constitui por recursos linguísticos como os símbolos apresentados na legenda, cujos significados são

determinantes para reconhecimento de sua área de pertencimento, no caso, ao âmbito da comunicação da Geografia.

Este sentido atribuído à fonte do corpus dicionarizado, é que nos faz visualizar os sintagmas toponímicos contextualizados como unidades de uma área específica e, deste modo, estabelecendo um ponto de intersecção com os termos especializados.

Encontramos em Barros (2004, p. 40) a explicação de que “o termo também é uma palavra ou uma unidade lexical” e o que o torna termo é o contexto especializado. Concordamos também com Bevilaqua e Finatto (2006, p. 50), quando as autoras explicam que

de acordo com nossa concepção de Terminologia, de viés comunicativo e textual, a qual dirige e modela a apresentação da informação para o usuário, acreditamos que o estatuto terminológico de uma unidade é dado por sua pertinência a um determinado tipo de texto. Isto é, nenhuma unidade lexical é a priori um termo, mas sim, torna-se um termo à medida que essa condição é ativada em um ambiente textual e discursivo. (BEVILAQUA E FINATTO, 2006, p. 50)

A consideração do mapa como um texto onde o sintagma toponímico ganha sentido é defendida por Dick (1999, p. 128) que explica:

Por de inserirem os topônimos, funcionalmente, em uma carta geográfica, qualquer que seja seu endereçamento, foi que sentimos a necessidade de procurar conceituar esse fundo material como um texto, à semelhança de outros, resultantes dos discursos enunciativos, construindo uma base textual articulada a partir dos sintagmas ou enunciados toponímicos. (DICK, 1999, p. 128)

Desse modo, conforme a autora (1999, p. 130), a Toponímia é um conjunto lexical ordenado, um sistema de significação completo, em que a distribuição das denominações é o resultado de uma reflexão e de uma escolha realizada no eixo paradigmático da linguagem.

É esta formação de nomes que estabelece uma relação entre o denominador e o designativo, o que se encontra revelado no nome são as influências que este sujeito nomeador sofreu em relação à cultura e ao ambiente e projetou no ato da nomeação. Sapir (1969, p. 43 a 62) explica que os aspectos do ambiente em que vive o povo falante influenciam na morfologia, na sintaxe, no sistema fonético de uma língua, mas, segundo o autor, o ponto que mais sofre influência é o léxico. Para o autor não basta o ambiente

físico para fazer surgir um símbolo linguístico, é necessário que haja influência da parte social no ambiente. Ou seja, que exista interesse da comunidade naquele aspecto físico. Sobre o caso do léxico especializado, Sapir (1969, p. 46) explica que “não são propriamente a fauna e os aspectos topográficos da região, em si mesmos, que a língua reflete, mas o interesse da nação nesses traços ambientais”.

Cada um dos sintagmas toponímicos inseridos no texto, no caso, o mapa, indica um referente distinto e a análise do todo que compõe este texto oportuniza depreender as representações simbólicas das paisagens e as possíveis características sociais que envolvem uma região geográfica. Em relação a este aspecto, à semelhança do sintagma toponímico, o termo, segundo Cabré (1999, p. 21)

se relaciona fundamentalmente com outros termos no sentido de conceitos, estabelecendo assim uma rede completa de relações lógicas e ontológicas diversas que pretendem representar o conhecimento interiorizado que temos da realidade. (CABRÉ, 1999, p. 21)

Observamos esta rede de relações nos termos geográficos que compõem os sintagmas toponímicos da hidronímia no estado de Mato Grosso do Sul, objeto de nossa pesquisa. A relevância dos cursos de água para o desenvolvimento da região e a vasta diversidade de componentes naturais é ilustrada, entre outras formas, também pela diversidade de termos que identificam os elementos nas cartas topográficas. Encontramos, além de córregos, rios e ribeirões, mais comuns na geografia nacional, particularidades como os termos corixo, corixão, vazante, arroio e baía.

Só é possível ler as representações simbólicas do mapa porque os sintagmas toponímicos são enunciados que produzem sentidos. A esse respeito, Guimarães (2002, p. 63) explica que “o nome não é um selo para o objeto, mas é de algum modo, a construção de um objeto pelo que o nome designa” e o mapa se faz texto não em relação à coesão e coerência, mas com enunciações distribuídas separadamente que só podem ser compreendidas quando há o entendimento do que significa cada designação, significados estes que são parte da denominação do sintagma toponímico no mapa, que os apresenta como enunciados de um texto. Assim, cada um deles, manifesta a memória do enunciador. Guimarães (2002, p. 67), ao tratar do mapa de uma cidade defende que

Os nomes no mapa, mesmo que apareçam aí como meras etiquetas de espaços urbanos, são, enquanto nomes, o mapa (linguagem) que relaciona esta cidade com sua história, sem a qual ela não é uma

cidade. E estes nomes, inclusive o nome da cidade, são, enquanto sentido (designação), o que produz incessantemente uma identificação dos espaços da cidade e da cidade consigo mesma. E assim constitui estes espaços como espaços de identificação de sujeitos. (GUIMARÃES, 2002, p. 67)

Nesse sentido, Dick (1999, p. 132) defende que, embora para os estudiosos em geral não se deva falar em texto toponímico pela ausência de coordenação entre os vários enunciadores identificadores de lugares,

para o toponimista, em particular, se o enunciado é um produto ou uma resultante da manipulação intelectual do nomeador, valendo por si só, deve ser estudado também em função dos demais, num esquema de articulação linguística. É ela que permitirá alcançar a verdade do nome no conjunto da nomenclatura, sua inscrição num esquema de coordenadas tempo-espaciais, sua contextualização e a sintonia entre o tempo da enunciação e o tempo real da produção do designativo. (DICK, 1999, p. 132)

Interpretando, então os sintagmas toponímicos a partir de sua inserção em mapas, que, por sua vez configuram-se como um texto documental de uma área de especialidade, acreditamos que a Terminografia também oferece amparo para a constituição de um dicionário enciclopédico toponímico, no caso de nossa proposta, ampara a organização do sistema conceptual. No tópico a seguir trataremos da contribuição da Terminografia para a elaboração da nossa proposta de dicionário enciclopédico toponímico.

1.2.6 Terminografia como amparo teórico-metodológico para a constituição do sistema conceptual de hidrônimos

A Terminografia configura-se como uma área de conhecimento que oferece respaldo teórico-metodológico para a elaboração de obras dicionarísticas de áreas de especialidade, refletindo sobre os componentes que devem integrar esse tipo de obra e outros aspectos da elaboração de dicionários especializados. Krieger e Finatto (2004, p. 51) explicam que

esse aporte teórico-metodológico deve orientar o tratamento a ser dado aos elementos constituintes do universo de informações que integram os instrumentos terminográficos, cujas estruturas variam conforme o conteúdo de um glossário, um dicionário monolíngue, bi

ou multilíngue ou ainda um banco de dados de terminologias. (KRIEGER E FINATTO, 2004, p. 51)

Embora os sintagmas toponímicos não constituam o tipo de unidades terminológicas que costumam ser tratados em repertórios terminológicos, optamos neste trabalho pelo subsídio teórico da Terminografia considerando alguns aspectos desses sintagmas que os aproximam e estabelecem alguns pontos de intersecção com os termos especializados.

Há dois aspectos principais que observamos e queremos salientar para justificar o amparo da Terminografia neste trabalho.

O primeiro diz respeito à fonte de dados para as pesquisas em Toponímia, afinal, o mapa configura-se como um texto especializado da área da Geografia e sintagmas toponímicos são integrantes desse texto.

O segundo ponto refere-se à própria estrutura dos sintagmas toponímicos inseridos em mapas: os nomes próprios sempre vinculados aos elementos geográficos, ou seja, vinculados aos termos de uma área de especialidade, a hidrografia. Explicitamos anteriormente que isso é mais claro quando o sintagma toponímico ocorre ligado por uma preposição, mas, ainda sem este conectivo, para que produza sentido, o topônimo precisa de alguma forma estar ligado ao seu referente, no caso dos dados de nossa pesquisa, um termo especializado da área da hidrografia.

Também ressaltamos como característica própria de propostas terminográficas as informações que compõem os textos dos verbetes que se restringem a oferecer dados específicos ao repertório léxico escolhido, ao contrário do que acontece com a Lexicografia, que busca oferecer no verbete o maior número de informações e significações possíveis para uma unidade léxica. Nesse sentido, os verbetes toponímicos também não pretendem ser exaustivos e, sim, oferecer informações relativas aos nomes em relação a seus aspectos motivacionais e enciclopédicos. Este elemento constitutivo encontra suporte nas palavras de Krieger e Finatto (2004, p. 53) quando as autoras manifestam que “como as obras terminográficas privilegiam as informações sobre o conhecimento especializado, e como tal de natureza extralinguística, diz-se que elas se aproximam das enciclopédias”.

Partindo desses pontos de vista, buscamos respaldo teórico na Terminografia, por constatarmos oferecer subsídios produtivos para a constituição do sistema conceptual de hidrônimos de um dicionário enciclopédico toponímico.

A elaboração de um sistema de conceitos é baseada em critérios estabelecidos conforme o domínio a ser organizado. Para Barros (2004, p. 108)

toda característica que serve ao estabelecimento de um sistema de conceitos (mapa conceitual) é chamada característica de classificação. Em um mesmo sistema de conceitos, essas características devem ser do mesmo tipo, entretanto, a natureza e o tipo da característica empregada podem variar segundo a necessidade de organização do sistema em diferentes campos conceituais. (BARROS, 2004, p. 108)

No caso da nossa proposta de sistema conceptual de hidrônimos, a característica que prevalece é a classificação taxionômica dos topônimos, estabelecida conforme a motivação de cada designação: nomes cujos conceitos fazem referência à aspectos de natureza física (rios, fauna, flora, relevo) e de natureza humana (pessoas, cidades, sentimentos, bens materiais). A autora supracitada explica que

A organização das unidades terminológicas que compõem a nomenclatura de um vocabulário em um conjunto estruturado de termos permite a identificação precisa das relações conceptuais estabelecidas entre eles. A análise semântico-conceptual dessas unidades linguísticas permite igualmente a identificação da zona de intersecção semântica existente entre elas e dos traços específicos de cada um. (BARROS, 2004, p. 122)

No sistema conceptual dos hidrônimos que propomos, o ponto de intersecção semântica entre os sintagmas toponímicos é a motivação, o que os aproxima para um mesmo subconjunto delimitado levando em conta a taxionomia.

O sistema conceptual é elaborado considerando as relações hierárquicas e não hierárquicas dos termos. As relações hierárquicas são estruturadas a partir dos conceitos mais genéricos para os mais específicos, já as relações não-hierárquicas mantêm relações de coordenação conceptual (BARROS, 2004, p. 115-118). Situamos a nossa proposta de sistema conceptual como mista, por abarcar esses dois tipos de relações: hierárquica no que se refere a relação entre os hidrônimos e os tipos de elementos e a recorrência das taxionomias e não-hierárquicas na relação entre os próprios sintagmas toponímicos dentro da divisão taxionômica, onde todos estão no mesmo nível semântico.

Outro elemento fornecido pela Terminografia para a elaboração de dicionários é a consideração do contexto como fator determinante para exprimir as características que compõem um termo. O contexto é definido por Barros (2004, p. 109) como o enunciado

onde o termo estudado encontra-se atualizado. Para a constituição do dicionário toponímico aproveitamos o que a autora citada explica como sendo o contexto enciclopédico, essencial para a elaboração de dicionários enciclopédicos e caracterizado como elemento que “veicula dados de natureza extralinguística, referencial, histórica, sem agregar definição” (BARROS, 2004, p. 11). Para nossa proposta de dicionário este é um dado fundamental, uma vez que, tomamos os sintagmas toponímicos a partir de sua inserção em mapas e o contexto onde os elementos ocorrem determina as informações geográficas que compõe a microestrutura.

No próximo capítulo tratamos da metodologia de trabalho para o desenvolvimento desta pesquisa.

2. METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo relatamos todas as etapas que envolveram o desenvolvimento de nossa pesquisa: a análise de obras toponímicas, a delimitação da nomenclatura de nossa pesquisa, a fonte dos dados, a ficha toponímico-terminológica, a organização do sistema conceptual e a busca e tratamento dos dados.

2.1 Análise dos dicionários toponímicos

Este trabalho tem como objetivo principal propor um modelo de dicionário enciclopédico toponímico. Nesse sentido, realizamos como procedimento inicial para o desenvolvimento desta pesquisa um estudo acerca dos dicionários toponímicos que já foram publicados no Brasil. As sete obras foram:

OLIVEIRA, Agenor Lopes de. *Toponímia Carioca*. Rio de Janeiro: Secretaria Geral de educação e Cultura da prefeitura do Distrito Federal, 1935.

VICTORIA, Luiz A. P. *Dicionário Reverso de Topônimos e Gentílicos*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1954.

SILVA, J. Romão da. *Denominações Indígenas na Toponímia Carioca*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Brasileira, 1966.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Nomes da Terra: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: Fundação José Augusto, 1968;

MACHADO, José Pedro. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. Lisboa, Editorial Confluência, 1987.

FALCÃO, Márlío Fábio Pelosi. *Dicionário Toponímico, Histórico e Geográfico do Nordeste*. Fortaleza: Artlaser Editora e Gráfica, 2005.

GOMES, Leonardo José Magalhães. *Memória de Ruas: Dicionário Toponímico de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.

Todas essas obras foram analisadas em relação à superestrutura, à macroestrutura, à microestrutura e ao sistema de remissiva, objetivando, assim, observar as características de cada uma e nelas nos basearmos para a elaboração do nosso modelo de dicionário.

2.2 Delimitação da nomenclatura

Em nossa pesquisa de mestrado trabalhamos com os topônimos do Bolsão Sul-mato-grossense, região localizada no leste de Mato Grosso do Sul, tanto os elementos humanos (cidades, distritos e localidades) quanto os elementos físicos (rios, córregos, serras, morros). Em nossa pesquisa em nível de doutorado decidimos delimitar a nomenclatura estudada aos hidrônimos do estado de Mato Grosso do Sul. Para tanto, recorreremos ao banco de dados do ATEMS para buscar informações referentes a esses hidrônimos, ou seja, elementos geográficos referentes a água, para elaborar a nossa proposta de dicionário.

O banco de dados do projeto ATEMS conta atualmente com 8.808 topônimos e destes, 6.560 caracterizam-se como elementos hidrográficos, que são os a seguir:

Quadro 3 – Hidrônimos

1- Arroio	6- Canal	10- Córrego	15- Represa	20- Riozinho
2- Baía	7- Catarata	11- Foz	16- Riacho	21- Salto
3- Cabeceira	8- Corixo	12- Lago	17- Ribeira	22- Sanga
4- Cabo	9- Corixão	13- Lagoa	18- Ribeirão	23- Vazante
5- Cachoeira		14- Nascente	19- Rio	24- Volta

Fonte: Autorial própria

Delimitamos, assim, o objeto de estudo de nossa pesquisa aos termos que designam conceitos de elementos geográficos ligados à água e aos respectivos topônimos, ou seja, aos nomes próprios que denominam os elementos geográficos que se enquadram em cada uma dessas 24 categorias, ou melhor, 24 termos-chave.

Esclarecemos que muitos nomes próprios se repetem no banco de dados, como ocorre, por exemplo, com o sintagma toponímico Córrego Açude que o ocorre nove vezes e, para nossa pesquisa, apenas um “Córrego Açude” é registrado nove vezes no banco de dados, e a recorrência de nomes e sua produtividade não é o foco deste nosso trabalho, de modo que dos 6560 sintagmas toponímicos, reunimos 3.487 que integram o sistema conceptual. Essa é, assim, a nomenclatura de nossa pesquisa.

2.3 Fonte dos dados

Os dados relativos aos hidrônimos foram obtidos no banco de dados do projeto ATEMS que se encontra disponível para consulta pelos pesquisadores cadastrados no endereço www.bianor.com.br/renato.

O banco do ATEMS foi estruturado com base da ficha lexicográfico-toponímica proposta por Dick (2004), dessa forma, para cada topônimo são abertos os seguintes campos: *atlas*, *estado*, *mesorregião*, *microrregião*, *município*, *topônimo*, *variante*, *elemento geográfico*, *tipo* (físico ou humano), *área* (rural ou urbana), *taxionomia*, *língua de origem*, *etimologia*, *entrada lexical*, *estrutura morfológica*, *histórico*, *informações enciclopédicas*, *contexto*, *fonte*, *referências bibliográficas*, *pesquisador*, *revisor* e *data de coleta*. Conforme a figura a seguir:

Figura 1 – Procedimento de busca no banco de dados ATEMS

Fonte: Banco de dados ATEMS

A página está estruturada de forma que podemos acessar os dados de busca avançada selecionando as categorias de acordo com nosso interesse de pesquisa.

Podemos ver na figura parte dos campos citados acima. Para ilustra aqui copiamos o trecho onde se pode ver a busca pelos elementos hidrográficos do banco de dados.

Como nosso foco são os hidrônimos, buscamos os dados referentes a cada tipo de elemento gerando listas⁹ que posteriormente foram armazenadas em arquivos *Word* para melhor trabalho e análise dos dados. Com base nessas listas elaboramos duas fichas que sustentam as estruturas dos dois verbetes principais que propomos para nosso modelo de dicionário enciclopédico toponímico.

2.4 Ficha toponímico-terminológica de nossa pesquisa

Elaboramos dois modelos fichas toponímico-terminológicas em razão da natureza das unidades lexicais da nossa pesquisa: termos e sintagmas toponímico. A primeira abriga registra linguísticos referentes aos termos que designam os elementos hidrográficos e constitui-se das seguintes informações:

Quadro 4 – Ficha toponímico-terminológica I

Termo: _____
Informação gramatical: _____
Etimologia: _____
Definição: _____
Código no sistema conceptual: _____

Fonte: Autoria própria

O campo *termo* indica o termo que designa o elemento hidrográfico referente à água e são 25 termos, como citado anteriormente: *arroio, baía, cabeceira, cabo, cachoeira, canal, catarata, corixão, corixo, córrego, foz, lago, lagoa, nascente, represa, riacho, ribeira, ribeirão, rio, riozinho, salto, sanga, vazante e volta*.

Os outros campos da ficha trazem informações sobre o termo-entrada: o campo *informação gramatical* informa sobre a categoria gramatical à qual pertence o termo; o campo *etimologia* indica a base etimológica desse termo; o campo *definição* descreve o conceito do termo e o *código no sistema conceptual* indica o símbolo de classificação (número de localização) do termo no sistema conceptual proposto.

⁹ Listas geradas nos dias 19/07/2011 e 20/07/2011

Para elucidar o significado dos 25 hidrônimos, utilizamos como base de consulta para constituição do campo *definição* as seguintes obras:

GUERRA, Antonio Teixeira; GUERRA, Antonio José Teixeira. *Novo dicionário Geológico-Geomorfológico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BRASIL, Ministério do planejamento, orçamento e gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. *Vocabulário Básico de Recursos Naturais e Meio Ambiente*. Rio de Janeiro, 2004.

BRASIL, Ministério do planejamento, orçamento e gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. *Glossário dos Termos Genéricos dos Nomes Geográficos Utilizados no Mapeamento Sistemático do Brasil*. Rio de Janeiro, 2010.

HOUAISS, Antonio. Dicionário Eletrônico Houaiss. Rio de Janeiro: 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Eletrônico Aurélio*. Curitiba: Positivo: 2004.

Para constituição do campo da *informação gramatical* do elemento hidrográfico e sua *etimologia*, consultamos as seguintes obras:

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, Acadêmica, São José e Livros de Portugal, 1955.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

HOUAISS, Antonio. Dicionário Eletrônico Houaiss. Rio de Janeiro: 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Eletrônico Aurélio*. Curitiba: Positivo: 2004.

A título de exemplo, apresentamos a seguir uma ficha toponímico-terminológica preenchida:

Quadro 5 – Ficha toponímico-terminológica I preenchida

Termo: Rio

Informação gramatical: Substantivo masculino

Etimologia: “Do latim *rivus*” (CUNHA, p. 686, 2007).

Definição: “Corrente líquida resultante da concentração do lençol de água num vale; o rio pode ser definido pelo talvegue, pelas vertentes e pelos terraços. Um rio constitui, por conseguinte, a reunião do lençol de água numa calha cujo declive contínuo permite uma hierarquização na rede hidrográfica. Eles possuem várias cabeceiras que dão origem ao seu curso e recebem vários afluentes. São limitados lateralmente pelas margens e pelas vertentes às quais dão a forma, ou melhor, o tipo do vale. Chegam ao

mar, a um lago, desembocado, às vezes, por um longo canal; outras vezes a foz é constituída por uma série de ilhas. No tocante aos elementos que formam os rios devemos considerar; as cabeceiras, o álveo com leito menor e o leito maior, margens, afluentes e subafluentes, confluência, foz e seus diferentes tipos, bacias hidrográficas, talvegue e divisor de águas. Os rios e os vários cursos de água de menor importância muito dependem da região que atravessam, assim o que se chama de rio no sul do Brasil poderá ser na Amazônia um simples igarapé.” (GUERRA; GUERRA, p. 545, 2011).

Código no sistema conceptual: 1.2.13

Fonte: Autoria própria

Esclarecemos que a *definição* do termo não foi redigida por nós. Para preenchimento deste campo consultamos a definição presente nos dicionários citados e a descrevemos *ipsis litteris* na ficha. Como critério para escolher a definição de qual obra que comporia o verbete, estipulamos uma sequência de consulta iniciando pelas três obras especializadas, de modo que o primeiro a ser consultado foi o *Novo dicionário Geológico-Geomorfológico*, caso essa obra não apresente o termo, consultamos o *Vocabulário Básico de Recursos Naturais e Meio Ambiente*, depois o *Glossário dos Termos Genéricos dos Nomes Geográficos Utilizados no Mapeamento Sistemático do Brasil*. Se nenhuma das três especializadas apresentarem o termo, então consultamos as duas obras de língua geral Houaiss (2009) e Ferreira (2004). Como podemos ver no verbete exemplificado acima, a fonte da cada informação vem logo após a etimologia e a definição, sendo indicado entre parênteses o autor, o ano da publicação e a página onde o termo está localizado.

O segundo modelo de ficha registra dados linguísticos e extralinguísticos sobre o sintagma toponímico:

Quadro 6 – Ficha toponímico-terminológica II

Sintagma Toponímico: _____
Taxionomia: _____
Etimologia: _____
Variante: _____
Histórico: _____
Contexto: _____
Dados de natureza geográfica: _____
Código no sistema conceptual: _____

Fonte: Autoria própria

No campo *sintagma toponímico* registramos a unidade léxico-semântica que nomeia o elemento geográfico específico, tal como Arroio Corá, Rio Inhanduí, Baía Criminosa etc.

O campo *taxionomia* indica a classificação taxionômica de Dick, (1992) do topônimo conforme apresentamos no item 1.1.4 do capítulo 1.

O campo *etimologia* é constituído por dados referentes a origem da unidade léxica que se tornou topônimo quando esta for de base indígena.

O campo *variante* indica se o topônimo está registrado de mais de uma forma nos mapas. Explicamos sobre as variantes no item 4.4.3, quando tratamos dos critérios para formação do verbete remissivo remissivo.

O campo *histórico* abarca as informações a respeito da motivação do topônimo, o que o levou a ter esse nome, quando essa informação for possível de ser recuperada.

O campo *contexto* traz trechos de obras regionais onde o topônimo foi citado, tais como obras que abordam a história de Mato Grosso do Sul, a história de criação de seus municípios e a geografia do estado.

O campo *dados de natureza geográfica* apresenta informações sobre o elemento hidrográfico, como o seu percurso, sua extensão, seus afluentes e sua localização, retiradas dos mapas oficiais do IBGE.

O último campo da ficha, *código no sistema conceptual* indica o número do código para localização do sintagma toponímico no sistema conceptual, cuja organização será exposta no item 4.4 deste trabalho.

Apresentamos a seguir uma ficha preenchida para melhor ilustrar os campos que a integram:

Quadro 7 - Ficha toponímico-terminológica II preenchida

<p>Sintagma Toponímico: Rio Inhanduí</p> <p>Taxionomia: Zootopônimo</p> <p>Etimologia: Do tupi, alteração de <i>nhandu-y</i>, rio das emas (TIBIRIÇÁ, 1985, p.19).</p> <p>Variante: Rio Anhanduí. (Mapa do IBGE - 2010 - Campo Grande - Escala 1.100.000).</p> <p>Histórico: _____</p> <p>Contexto: “Nas proximidades da cabeceira do rio Anhanduí, na área do município de Campo Grande, durante os trabalhos de levantamento arqueológico foi localizado um sítio lícito a céu aberto nas proximidades de córrego rabicho, tributário do Anhanduí em seu alto curso” (MARTINS, 2003, p. 47).</p> <p>Dados de natureza geográfica: O ribeirão Inhanduí nasce em Campo Grande, próximo da sede do município e durante seu longo curso estabelece o limite territorial entre Campo Grande de Nova Alvorada do Sul e Sidrolândia; Ribas do Rio Pardo com Nova Andradina e Bataguassu. Sua foz é na margem direita do rio Pardo. Em alguns pontos de seu curso está registrado como rio Anhanduí. (Mapa do IBGE - 2010 - Campo Grande - Escala 1.100.000).</p> <p>Código no sistema conceptual: 1.2.12.2.5.1</p>

Fonte: Autoria própria

As informações que integram os campos *histórico* e *contexto* nem sempre são possíveis de serem recuperadas, de modo que esses dados podem não constar na ficha, como ocorre no exemplo citado.

As fontes de busca estão registradas no final de cada informação, com a indicação do autor, ano da publicação e página onde foi encontrado o dado. No caso dos mapas, a fonte consta logo após os ‘dados de natureza geográfica’ indicando que o mapa é do IBGE, o ano de sua edição, o município cujo mapa contempla e a escala.

2.5 Organização do sistema conceptual de hidrônimos

A opção por elaborar um sistema conceptual dos hidrônimos justifica-se porque esse tipo de organização permite ao consulente do dicionário visualizar a totalidade da nomenclatura da obra de uma forma mais ampla.

Para isso, consideramos cinco níveis de abstração. O primeiro nível é o nível dos hidrônimos, o segundo seleciona os elementos geográficos, ou seja, as *águas*, utilizando a classificação *lênticas, correntes e em queda*. No nível das águas lênticas estão os elementos baía, lago, lagoa e represa. No nível das águas correntes estão os elementos arroio, cabeceira, cabo, canal, corixo, corixão, córrego, foz, nascente, riacho, ribeira, ribeirão, rio, riozinho, sanga, vazante e volta. Já no nível das águas correntes estão os elementos cachoeira e salto. Esses elementos que estão incluídos nos tipos de águas configuram o terceiro nível. Já o quarto nível de abstração é formado pela categoria a que pertence o topônimo, se de natureza física ou natureza humana ou os não classificados. E, dentro de cada uma delas, a indicação da taxionomia (zootopônimos, hidrotopônimos, fitotopônimos) de cada topônimo, formando assim o quinto nível de abstração. O sexto e último nível de abstração do sistema conceptual, por sua vez, é ocupado pelos sintagmas toponímicos.

Durante a organização do quinto nível, buscamos os topônimos nas listas já geradas com base no banco de dados do ATEMS e separamos cada topônimo de acordo com sua taxionomia, distribuídas no sistema conceptual conforme a recorrência, da categoria que ocorre em maior número até a que ocorre em menor.

2.6 Revisão das taxionomias

Com a revisão das taxionomias visamos comprovar a classificação dos topônimos dentro de cada uma conforme o banco de dados do ATEMS e, além disso, buscar classificar aqueles topônimos que não se encontravam inseridos em nenhuma taxionomia.

Revisamos as taxionomias analisando o significado de cada topônimo atribuído pelos dicionários Houaiss (2009) e Ferreira (2004) e para revisar o significado dos topônimos de origem indígena nos baseamos nos dicionários:

SAMPAIO, Theodoro. *O Tupi na geografia nacional*. Salvador: Secção Graphica da Escola de Aprendizes Artificies, 1928.

GUASCH, Antonio. *Diccionario Castellano-Guarani y Guarani-Castellano: sintáctico, fraseológico, ideológico*. Sevilla: Graficas La Gavidia: 1961.

TIBIRIÇA, Luiz Caldas. *Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi: Significado dos nomes geográficos de origem tupi*. São Paulo: Traço Editora, 1985.

SAMPAIO, Mário Arnaud. *Vocabulário guarani-português*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário Histórico das palavras Portuguesas de origem Tupi*. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INL, 1987.

Durante a fase de revisão da taxionomia dos topônimos alteramos 14 classificações que estavam registradas no banco de dados fonte. No capítulo referente ao funcionamento do sistema conceptual citamos quais foram as alteração do banco de dados do ATEMS para nosso sistema conceptual.

2.7 Busca e tratamento dos dados de natureza geográfica

Para a coleta dos *dados de natureza geográfica* que integram a ficha de cada sintagma toponímico, acessamos os mapas digitais do IBGE¹⁰ de todos os municípios do estado de Mato Grosso do Sul, escala de 1.100.000. Para melhor ilustrar esse processo de consulta, destacamos abaixo um trecho onde se pode observar os dados de vários elementos geográficos:

Figura 2 – Localização de elemento hidrográfico destacado no mapa



¹⁰ Disponíveis para downloads no endereço http://downloads.ibge.gov.br/downloads_geociencias.htm. Acesso em junho de 2012.

Utilizamos a ilustração para demonstrar como fizemos a busca de cada elemento geográfico nos mapas.

As informações que podem ser obtidas a respeito do Córrego Rego d'Água, destacado no mapa são dados como, a localização geográfica do elemento físico dentro do município, a extensão do curso de água, a localização de sua foz, se possui algum afluente ao longo de seu curso e se está próximo a algum outro elemento (cidades, morros, serras, sede de município).

A respeito do Córrego Rego d'Água que demosntramos, podemos observar a sua localização próxima ao município de Camapuã e sua nascente no município de Água Clara. A partir dessa imagem é que formulamos o texto que constitui os dados de natureza geográfica nos verbetes. A respeito do Córrego Rego-d'Água que destacamos, podemos depreender que “nasce no município de Água Clarae configura-se como um afluente de curta extensão da margem direita do rio Verde”.

Cada um dos municípios possui o mapa digitalizado em formato PDF, que pode variar conforme a extensão do município. O município de Água Clara cujo trecho é ilustrado acima, por exemplo, possui o maior mapa do estado, chegando a oito páginas. Somente referente à esse município exemplificado são descritos 274 hidrônimos.

Por meio do recurso informático de aproximação, como na figura anterior, é possível visualizar cada elemento no mapa e onde ele está inserido, isto é, se o elemento hidrográfico estabelece a divisa territorial de municípios, se seu curso passa por uma cidade, se possui afluentes.

Embora neste trabalho tenhamos optado por apresentar uma amostragem de verbetes e não a totalidade das unidades léxico-toponímicas, os dados de natureza geográfica que integram as fichas toponímico-terminológica dos sintagmas toponímicos do estado de Mato Grosso do Sul, distribuídos nos 78 mapas oficiais, foram todos coletamos e arquivados.

A seguir explicaremos como fizemos a busca para constituir os campos ‘histórico’ e ‘contexto’

2.8 Busca e tratamento dos dados *histórico* e *contexto*

Os campos *histórico* e *contexto* da ficha toponímico-terminológica abrigam respectivamente, informação sobre a motivação da designação e indica se o topônimo encontra-se citado em alguma obra regional consultada. Explicaremos como fizemos as

buscas aos dois em um mesmo item porque as informações de um podem complementar outro. Ou melhor, ao consultarmos uma obra regional para encontrar a história da nomeação de um elemento hidrográfico, possivelmente serão encontrados trechos em que este topônimo esteja sendo citado, constituindo assim o campo relativo ao contexto.

O *histórico* de um topônimo que nomeia um elemento geográfico é mais difícil de ser elucidado, pois, o motivo que levou a nomeação se perde ao longo dos anos e as razões da escolha do nome são, muitas vezes, reveladas por meio da análise do nome propriamente dito, fato que não ocorre com os nomes relativos à elementos humanos, como as cidades, por exemplo, que comumente tem a história de sua nomeação junto à história de sua instituição como município.

Já o *contexto*, item que busca evidenciar a importância de um determinado elemento por meio de sua citação em obras regionais, é comum, especialmente quando trata-se de um curso de água mais extenso ou mais representativo. Assinalamos aqui que este ‘contexto’ do qual tratamos não é o mesmo ‘contexto’ citado em outros dicionários para se referir aos contextos de uso de uma unidade léxica. Aqui o ‘contexto’ é estabelecido levando em conta os trechos em que o sintagma toponímico foi citado em obras escritas regionais.

Para constituição desses dois itens *histórico* do nome próprio e *contexto* onde este aparece, buscamos em obras regionais citações que o envolvam. Pesquisamos a presença dos hidrônimos nas seguintes obras:

DUTRA, Carlos Alberto dos Santos. O território Ofaié pelos caminhos da história. Campo Grande: FCMS/ Life Editora, 2011.

CAMPESTRINI, Hildebrando. Santana do Parnaíba (de 1700 a 2002). Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2002.

GUIMARÃES, Acyr Vaz. Mato Grosso do Sul: história dos municípios. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 1992.

SOUZA, Lécio G de. História de Corumbá. Corumbá: SE, s/d.

GRESSLER, Lori Alice; VASCONCELOS, Luiza Mello. Mato Grosso do Sul: aspectos históricos e geográficos. Dourados: L. Glessler, 2005.

SILVA, Edima Aranha; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida. Territórios e territorialidades no Mato Grosso do Sul. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

PASSOS, Messias Modesto dos. A raia divisória: São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

ALVES, Gilberto Luiz. Mato Grosso do Sul: o universal e o singular. Campo Grande: Editora Uniderp, 2003; CARLITO, Marcos Paulo.

SPENGLER, Henrique de Melo. Porto Murinho: história e Cultura. Coxim: Editora dos Autores, 2007.

MARINHO, Marcelo; MARTINS, Júlio Alves. Pouso Frio: as mais de 12 vidas de um avião pioneiro no cerrado brasileiro. Campo Grande: UCDB, 2007.

SANTOS, José de Oliveira. Três Caravanas às selvas brasileiras. Jundiá: Literart, s/d; BÁEZ, Renato. Corumbá: Lembranças e tradições. São Paulo: Editora Resenha Tributária, 1980.

TAUNAY, Visconde de. A retirada da Laguna. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.

CAMPESTRINI, Hildebrando; GUIMARÃES, Acyr Vaz. História de Mato Grosso do Sul. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2002.

WEINGARTNER, Alisoletê Ântonia dos Santos. Movimento divisionista em Mato Grosso do Sul (1889 – 1930). Porto Alegre: EST Edições, 2002.

ALMEIDA, Valério de. Campo Grande de Outrora. Campo Grande: Letra Livre, 2003.

FERREIRA NETO, João. Raízes de Coxim. Campo Grande: UFMS, 2004.

MARTINS, Gilson Rodolfo. Arqueologia do Planalto Maracaju-Campo Grande. Brasília: Ministério da Integração Nacional; Campo Grande: UFMS, 2003.

Ressaltamos que o campo histórico, quando trata-se de elementos geográficos é menos comum de ser elucidado enquanto o contexto é mais comum para elementos hidrográficos mais representativos em relação a sua extensão e importância para a região onde se localiza.

No próximo item trataremos da constituição da amostragem de verbetes.

2.9 Amostragem de verbetes

Como última etapa do trabalho, elaboramos uma amostragem de verbetes, que será explicada detalhadamente no item 4.5 deste trabalho.

Com base nas informações inseridas nas fichas e, por tratarmos de grande número de topônimos, optamos para este trabalho, por ilustrar o funcionamento da proposta de dicionário, nosso principal objetivo, com apenas parte da nomenclatura, deixando para futuras pesquisas a construção do dicionário propriamente dito, com todos os hidrônimos que constam no sistema conceptual.

Na sequência, apresentamos uma análise dos dicionários toponímicos publicados no Brasil, considerando a superestrutura, a macroestrutura, a microestrutura e o sistema de remissivas.

3. ANÁLISE DAS OBRAS TOPONÍMICAS

Neste capítulo de análise objetivamos mostrar o funcionamento dos topônimos em dicionários e em obras que se estruturam pela organização de unidades léxicas em ordem alfabética. As análises estão apresentadas considerando a data de publicação, da mais antiga até a mais recente, das seguintes obras: *Toponímia Carioca* (1935), *Dicionário da Terra e da Gente do Brasil* (1939), *Dicionário reversivo de Topônimos e gentílicos* (1954), *Denominações Indígenas na Toponímia Carioca* (1966), *Nomes da terra: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte* (1969), *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa* (1984), *Dicionário histórico-Geográfico de Minas Gerais* (1975), *Dicionário toponímico, histórico e geográfico do Nordeste* (2005) e *Dicionário Toponímico de Belo Horizonte: memória de ruas* (2008). Dentro de cada análise exporemos aspectos da estrutura geral para depois abordar os itens que integram a microestrutura dos verbetes toponímicos.

3.1 *Toponímia Carioca* (Agenor Lopes de Oliveira, 1935)

A obra *Toponímia Carioca* é um dicionário formado por quatro partes: a primeira trata dos topônimos dos elementos geográficos do Rio de Janeiro; a segunda formada por nomenclatura referente à flora; a terceira por termos que designam conceitos de animais e a quarta composta por vocábulos indígenas de modo geral.

Apesar de o título da obra ser *Toponímia Carioca*, a única parte que trata de topônimos é a primeira, que oferece uma nomenclatura organizada por elementos geográficos, ou seja, dividida em morros, serras, picos, baixadas, pontas, praias, enseadas, sacos, restingas, baías, lagoas, rios, canais, cachoeiras e ilhas. Dentro de cada divisão por elemento os topônimos são organizados em ordem alfabética.

A microestrutura dos verbetes da primeira parte, referentes aos topônimos, apresenta a etimologia dos vocábulos indígenas, sua tradução para língua portuguesa, a localização do elemento e a indicação de remissiva V. (ver) outros elementos com mesmo nome ou ainda direcionando o consulente para a segunda, terceira e quarta partes da obra. Exemplificamos com o verbe 'Tubiacanga':

Tubiacanga – Cpt. De **tapyacanga**, “cabeça de tapir”. Situado na Ilha do Gov. – V. Morros e Praias (OLIVEIRA, 1932, p. 46)

Apesar de o autor apresentar a tradução dos vocábulos indígenas, notam-se algumas incongruências, como é o caso do verbete “Viúva”, que está indicado como corruptela de “y-ii-ba”, traduzido como “em haste”, informação que causa certo estranhamento por tratar-se de um vocábulo comum na língua portuguesa. O mesmo ocorre com os vocábulos “Vintém”, “Castelo”, “Gato”, “Paciência” e muitos outros vocábulos de base latina, tratados como de origem indígena no dicionário. Apesar dessa característica, podemos observar que alguns topônimos de base indígena tem sua tradução e etimologia semelhantes a obras de referência, como Sampaio (1928; 1987).

3.2 Dicionário reversivo de Topônimos e gentílicos (Luiz A. P. Victoria, 1954)

O *Dicionário reversivo de Topônimos e gentílicos* foi editado no Rio de Janeiro em 1954 e é configura-se como uma obra organizada em ordem alfabética que abriga topônimos referentes a elementos humanos, como cidade, província, região, bairro, localidade, país.

A obra abriga nomes de elementos geográficos bastante representativos como topônimos referentes a países e até mesmo continentes, “Austrália”, “Africa”, “Venezuela”, ao mesmo tempo em que traz nomes de localidades pouco conhecidas, como “Papari”, “Ouricori”, “Joanópolis”, por esta razão, observamos que possivelmente a nomenclatura não tenha sido delimitada considerando o tipo dos elementos e sua representatividade geográfica e essa característica ocasiona no consulente uma impressão de heterogeneidade, uma vez que, não se pode depreender qual é o objetivo pretendido com uma nomenclatura tão distinta. Podemos visualizar essa discrepância de tipos de elemento nos verbetes que seguem abaixo:

GRAVATÁ (caruá rijo) – localidade brasileira. Adj. gent.: gravataense.

GRÉCIA – País europeu. Adj. gent.: grego, heleno, helênica (Héllade) romaico (grego moderno) (VICTORIA, 1954, p.27)

Nota-se que ocorre uma mescla de elementos, incluídos inclusive entradas para localidades bíblicas, como pode ser conferido abaixo:

GOIÁS (gente semelhante) – estado do Brasil. Adj. gent.: goiano.
 GOMORRA (submersão) – cidade bíblica. Adj. gent.: gomorreu.
 (VICTORIA, 1954, p.27).

Não há indicação da fonte de consulta para as informações que aparecem entre parênteses logo após a entrada e parecem indicar uma tradução, da mesma forma que não foram incluídas na superestrutura referências bibliográficas. Apesar disso, é colocada em nota de rodapé na primeira página da nomenclatura a relevante informação de que todos os significados dos topônimos de origem tupi são baseados em Sampaio.

O aspecto dessa obra que aproveitamos para a constituição da nossa proposta diz respeito à importância da delimitação de dados para configurar a nomenclatura de um dicionário toponímico. Ou seja, constata-se que quando se elabora uma obra que não seja um dicionário geral de língua, este sim que pretende ser exaustivo, a nomenclatura se mostra mais produtiva quando está delimitada em relação ao tipo de elemento geográfico que se pretende tratar, pois, isso também direciona o público alvo.

3.3 Denominações Indígenas na Toponímia Carioca (J. Romão da Silva, 1966)

A obra *Denominações Indígenas na Toponímia Carioca* é organizado em ordem alfabética com sua superestrutura formada por uma *dedicatória*, uma *nota introdutória*, uma *lista de abreviaturas* e outras duas *notas*, uma do autor Afrânio Peixoto e outra de Teodoro Sampaio, os dois falando brevemente sobre a obra. Na *nota introdutória* o autor esclarece que procurou “elucidar à luz da etimologia e da semântica, umas tantas expressões de procedência indígena aplicadas aos logradouros e elementos geográficos locais”(ROMÃO DA SILVA, 1966, p. 9), apesar de esse esclarecimento, nota-se que o foco da obra é a etimologia e a tradução do topônimo para língua portuguesa, uma vez que a nomenclatura é formada por nomes de origem indígena, configurando, assim, a obra como bilíngue.

A microestrutura é formada por campos presentes em todos os verbetes: entrada em letras maiúsculas, tipo de elemento, localização do elemento, etimologia e tradução da entrada para a língua portuguesa. A entrada do verbete é o nome de origem indígena e pode estar nomeando mais de um elemento, como acontece no verbete do topônimo ‘Macaco’, que nomeia uma rua e uma estrada. Destacamos no verbete descrito abaixo que o aspecto da colocação da preposição ‘dos’, que liga o elemento ao nome próprio e formaria o sintagma toponímico “estrada dos Macacos”, e aqui é inserida na

microestrutura não configurando a palavra entrada, desmembrando, dessa forma a nomeação:

MACACO – rua e estrada dos. Loc. Campo Grande (14° Distr., 30ª Circ.).

ETIM. macac – nome comum de todos os símios, tomado da língua dos índios *Galibis* das Guianas. (ROMÃO DA SILVA, 1966, p. 224)

O tipo de elemento é o primeiro item que aparece depois da entrada, na maior parte da nomenclatura são ruas, mas, também há os elementos praça, largo, ilha, travessa, estrada, beco, bairro, planície. No caso do verbete ‘Jacarepaguá’ que descrevemos abaixo, os elementos que recebem esse nome são: região, lagoa e planície:

JACAREPAGUÁ – região compreendida entre o oceano e os maciços da Tijuca e da Pedra Branca.

- lagoa litorânea situada ao norte da restinga de Itapeba que a separa da de Marapendi.

- planície de formação recente com ocorrência de turfa, na qual se desenvolvem atividades agrícolas e pastoris.

ETIM. *jacaré* = *yacaré* (jacaré, crocodilo) (*i*) *paguá* = (*y*) *paguá* (baixa lagoa) – ‘a baixa lagoa dos jacarés’ (ROMÃO DA SILVA, 1966, p. 195)

A localização do elemento é indicada por meio da abreviação ‘Loc.’ em grande parte dos verbetes seguida pelo bairro onde se encontra o elemento e de uma indicação com números e abreviações que, ao que tudo indica, significam ‘distrito’ e ‘circunscrição’. Observamos essa sequência no exemplo do verbete ‘Jacirendi’ abaixo, no qual também destacamos a informação referente à etimologia, que está presente em todos os verbetes e vem sempre com a tradução da unidade léxica para língua portuguesa. A fonte de pesquisa dessa informação não é indicada, apesar do autor esclarecer na nota introdutória que embasa sua obra em autores consagrados dos estudos indigenistas.

JACIRENDI – rua. Loc. Madureira (10° distr., 28° Circ.). Ant. “D”.

ETIM. *jaci* = *yaci* (a lua) *rendi* = *r'hendy* (luzente, reflexo, que tem ou traz brilho) – ‘a luz ou o luzir da lua’; ‘o luar’.

M.q. *iacirandi* e *iacirendi* (q. v.). (ROMÃO DA SILVA, 1966, p. 195)

Esse dado referente à fonte de pesquisa para as informações de origem indígena é imprescindível, sobretudo para unidades léxicas como ‘Aquidabã’, cujo significado e

origem ainda não foram totalmente elucidados. No caso do verbete para este topônimo, o autor apresenta a etimologia e a tradução, embora demonstre dúvida quanto à origem, conforme exemplificamos abaixo:

AQUIDABÃ – rua e travessa. Loc. Méier (9º Distr., 22ª Circ.).
 ETIM. *aquitã* = *aquytã* (liado, anodado; amarra) *ubã* = *uban* (g) (forro, tapagem, anteparo) – ‘a amarra ou liame do fôrro’; ‘o traçado da cerca ou do anteparo’.
 Não nos parece dicção tupi-guarani. (ROMÃO DA SILVA, 1966, p. 180)

Embora o autor utilize *M.q.* (mesmo que) e *q.v.* (queira ver), dando a impressão de esta indicação não ser uma remissiva obrigatória, é natural que o leitor vá em busca de mais informações consultando na obra entradas que figurem estas palavras, mas, muitas unidades léxicas acompanhadas destas abreviações abreviação não formam novas entradas. É o que ocorre no verbete ‘Itaobim’ exemplificado abaixo, quando ‘itaobi’ e ‘taobim’ não formam novos verbetes:

ITAOBIM – rua. Loc. Madureira (10º Distr., 28º Circ.). Idem em Campo Grande (14º Distr., 32º Circ.). Ant. Alice.
 ETIM. *itá* = *ytá* (pedra, metal) *obí* = *obyn* (verde, azul) – ‘a pedra verde ou azul’; ‘a esmeralda’.
 M.q. *itaobi* e *taobim* (q. v.). (ROMÃO DA SILVA, 1966, p. 180)

Apesar da obra não estar voltada para as teorias que amparam a elaboração de obras dicionarísticas, especialmente se analisarmos a questão das remissivas e a ausência da fonte de pesquisa para a elucidação da etimologia e a tradução dos topônimos, suas características, como a organização em ordem alfabética e a presença de itens como etimologia e tradução, o tornam uma obra bastante rica e suficientemente informativa para os consulentes.

3.4 Nomes da terra: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte (Luís Câmara Cascudo, 1968)

A obra *Nomes da terra: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte* não é exclusivamente toponímica, como o próprio título explica. A obra se organiza em três partes: a primeira trata da toponímia do estado, tendo como entradas topônimos que nomeiam tanto elementos físicos como humanos. A segunda parte aborda a origem dos

municípios e um resumo de seu movimento povoador. A terceira parte conta a história de fundação dos cento e cinquenta municípios.

Aqui trataremos somente da primeira parte por ser esta a que trata de topônimos e se aproxima de uma organização dicionarística. Apresenta os dados organizados em ordem alfabética e possui uma microestrutura parcialmente homogênea em todos os verbetes.

As entradas são formadas por topônimos que nomeiam elementos como: povoados, riachos, rios, ribeira, município, serrote, lagoa, lugar, camboa, praia, cordilheira, serra, olho d'água, nomes anteriores etc. Todas em letras maiúsculas e em negrito seguidas de dois pontos. Observamos dois itens que aparecem na quase totalidade dos verbetes é o *tipo do elemento* que consta juntamente com a *localização*, configurando uma microestrutura constante, representado no exemplo abaixo com os itens 'serra' e 'Currais Novos':

IMBURANA: - Serra em Currais Novos. Topônimo popular. É a árvore *Bursera leptophylocos*, Engl. De *imburana*, parecido, semelhante ao imbu, o falso imbu. (CASCUDO, 1968, p. 92)

Notamos que apenas em alguns verbetes não são especificados o tipo de elemento que leva o topônimo que forma a entrada, como é o caso do citado abaixo, no qual não há a indicação de qual elemento é nomeado com topônimo 'Caatinga':

CAATINGA: - Topônimo divulgado pelo Nordeste e usual desde o vale superior do Rio São Francisco, grandes trechos de Minas Gerais e Bahia, até o Piauí, sul do Maranhão e norte de Goiás. Significa região xerófila, de árvores lenhosas, de porte reduzido, perdendo a folha no verão, mas resistentes as precárias condições de umidade. Ausência de grupos vegetais, abundância de plantas espinhosas cactos, bromélias, cipós rijos. De CAA-TINGA, mato branco, ralo, pouco denso, permitindo fácil travessia. O conde de Stradelli explicava 'Caatinga. Mato Branco, mata rala. A mata rala e raquítica que cresce nas terras arenosas e fica como uma mancha clara no meio da mata circundante'. Beaurepain Rohan sugeria provir de CAA-TINGA, mato seco, desfolhado. Mantendo a grafia original e legítima CAATINGA, evita-se a confusão com CATINGA, mau cheiro. Ambos os vocábulos são tupis, mas o indígena prolongava a primeira vogal determinando a imagem oral de CAA, mato, e não de CATI, odor desagradável. A característica da CAATINGA não é o terreno, mas a vegetação. (CASCUDO, 1968, p. 73)

Observamos, no verbete acima, que a unidade léxica ‘caatinga’, bastante comum no nordeste, é descrita em relação à seus aspectos enciclopédicos, em detrimento de sua aplicação como topônimo.

Quando acontece de mais de um elementos ser nomeados com o mesmo topônimo eles figuram uma só entrada, como no verbete ‘Caraibeira’ que nomeia uma lagoa, um serrote e um riacho:

CARAIBEIRA: - Lagoa e serrote em Serra Negra. Riacho em Currais Novos. Lagoa em Caicó. De caraíba, a acepção de forte, superior, resistente, e o sufixo português eira. Madeira de cerne consistente. Alt. Craibeira, denominação de uma localidade em Nova Cruz. O mesmo que Caraúbas. (CASCUDO, 1968, p. 79)

Algumas entradas são formadas pelo elemento geográfico juntamente com o topônimo e não somente pelo topônimo, como na quase totalidade da nomenclatura. Encontramos essa característica nos verbetes ‘Serra do Doutor’ e ‘Serra do Lima’, exemplificado abaixo:

SERRA DO LIMA: - Nos arredores da cidade do Patu, famosa pela capela de Nossa Senhora dos Impossíveis, construída em 1758 pelo coronel Comandante Antônio de Lima Abreu Pereira. Deu nome a Serra do Lima. Já em 1760 a Capela, no alto da Serra do Lima, era lugar de peregrinações. (CASCUDO, 1968, p. 122)

Também em relação às entradas, alguns topônimos citados na microestrutura não formam novos verbetes, em ‘Zumbi’, apresentado abaixo, são citados os topônimos ‘Touros’ e ‘Nísia Floresta’ que, embora suponhamos que sejam localidades ou regiões, não figuram como entradas na nomenclatura.

ZUMBI: - Povoação em Touros e Nísia Floresta. Lagoa em Goianinha. Em 1777 Manoel Gomes Tição possuía o sítio do Zumbi na prais do Punahu. Em Angola diz-se Zambi ou Zumbi. N’Zambi é divindade, potestade, N’ganga, Zambi, Senhor Deus. Por translação aplica-se aos chefes, soberanos, aos Sobas poderosos. O chefe negro do quilombo dos Palmares tinha o título de Zumbi. O Zumbi significa espectro, duende, assombração, vindo de N’Zumbi. Assim, Nzumbi é deus, rei, chefe. Nzumbi é fantasma, visagem, diabinho. Ambos os vocábulos são pronunciados da mesma forma, Zumbi. O Zumbi que os escravos angolanos trouxeram para o Brasil é o espírito atormentador, zombeteiro, inquietante (CASCUDO, 1968, p. 133)

Em relação às remissivas, o autor apresenta um tipo de verbete formado pela indicação ‘Ver’ seguido da indicação entrada do verbete principal. Para exemplificar, demonstramos os verbetes ‘Quandu’ e ‘Quando’.

QUANDU: - Ver CUANDU (CASCUDO, 1986, p. 118).

CUANDU: - Lugar em Currais Novos e Nova Cruz. É o ouriço-cacheiro, porco-espinho, *Coendu villosus*. De quã-adu, ligeiro e rumoroso (L.F.R. Clerot) (CASCUDO, 1986, p. 84)

Nota-se que o topônimo que gera entrada de verbete remissivo é uma variação do nome, acima, podemos depreender que há duas formas de nomeação para o lugar: ‘Quandu’ e ‘Quando’.

Por fim, não podemos deixar de ressaltar que a obra teve a consultoria de Teodoro Sampaio, autor cuja autoridade no campo das línguas indígenas agrega confiabilidade teórica ao trabalho, especialmente por que a nomenclatura é formada em grande parte por topônimos de origem indígena.

3.5 O Dicionário Histórico Geográfico de Minas Gerais (Waldemar de Almeida Barbosa, 1971)

O Dicionário Histórico Geográfico de Minas Gerais, do autor Waldemar de Almeida Barbosa, foi editado em 1971 e possui mais de 3.350 verbetes com entradas formadas por topônimos referentes a elementos humanos: cidades, vilas, povoados e algumas paragens.

A obra é composta inicialmente de uma ‘carta’ escrita por Augusto de Lima Júnior, que, apesar de vir intitulada como ‘carta’ apresenta características de prefácio, pois há recomendação aos leitores sobre a importância da obra e o quanto esta contribui para resgate da toponímia no estado de Minas Gerais. Depois dessa carta, há um item intitulado ‘explicação’, na qual Barbosa relata a dificuldade de elaborar o trabalho em razão das consecutivas mudanças nos nomes e justifica a não inclusão de elementos físicos, como nomes de rios, morros, serras, pela extensão do volume. Em seguida à explicação é apresentado o item com título ‘Toponímia Mineira’, onde são inseridos os topônimos que sofreram alguma mudança ao longo do tempo. O autor explica que as considerações que seguem no capítulo “tem o sentido de um brado de alerta contra o extermínio sistemático de nossa antiga e tradicional toponímia e visam salvar o que ainda resta dela” (BARBOSA, p. 11, 1971). Assim, ele cita uma lista com os nomes

antigos e as denominações atuais, bem como o ano e a lei que provocou a mudança. A última parte da obra é “Fontes Citadas” onde constam os livros, revistas e arquivos de paróquias, museus e particulares.

Após esse item inicia-se a nomenclatura do dicionário, organizada em ordem alfabética.

Observa-se na microestrutura que o tipo do elemento geográfico é item presente em todos os verbetes, distritos e municípios em sua grande maioria. Percebemos uma regularidade na ordem de inserção desses elementos geográficos na microestrutura, aparecendo logo no início do texto da maioria dos verbetes. Como é o caso do verbete a seguir:

MACAIA – Distrito do município de Bom Sucesso. Foi criado pela lei nº 843, de 7 de setembro de 1923, com território desmembrado do distrito de Bom Sucesso. (BARBOSA, 1971, p. 271).

Percebemos no exemplo que logo no início há a indicação do tipo do elemento geográfico ‘distrito’. Esse modelo de definição que se inicia pela indicação do elemento geográfico é recorrente e marca a maior parte dos verbetes. Um verbete que não segue essa regularidade é o referente ao topônimo Major Pôrto, descrito a seguir:

MAJOR PORTO – Na antiga freguesia de Morada Nova, havia um arraial de certa importância, o arraial do Chumbo. Em meados do século passado, os moradores do povoado resolveram construir outro arraial, em local mais aprazível, distante cerca de 20 quilômetros. Construíram inicialmente nova capela, dedicada a Nossa Senhora das Dores, e levantaram o arraial, que ficou sendo chamado Areado; e, abandonada, ficou a capelinha do Chumbo, tendo desaparecido o primitivo arraial (de um relatório do Vigário da Vara de dores do Indaiá, Pe. Elias José de Barros, datado de 21 de abril de 1885, arquivo Eclesiástico de Mariana). O local do antigo povoado passou a ser designado por Capelinha do Chumbo. Aos poucos, porém, com o correr dos anos, foi-se formando novo povoado, muito lentamente; e continuou sendo designado por Capelinha do Chumbo. Esse povoado, já no município de Patos de Minas, foi elevado a distrito, pela lei nº 2.764, de 30 de dezembro de 1962, com a

denominação de Major Pôrto. É distrito de Patos de Minas. (BARBOSA, 1971, p. 271).

A informação sobre o tipo do elemento geográfico no verbete citado, ao contrário da grande maioria dos verbetes, consta como último item da microestrutura. Aproveitamos o exemplo citado para destacar outro aspecto presente na quase totalidade dos verbetes: a indicação da lei que criou o elemento seja este distrito ou município.

Além disso, podemos observar que o autor utiliza grande parte da microestrutura para relatar com detalhes a história da localidade. Em relação a isso, destacamos o verbete referente ao topônimo *Ouro Preto*, que ocupa quatro páginas da obra e é dividido por tópicos que evidenciam a arquitetura da cidade: as igrejas, o palácio do governo, a casa da câmara e cadeia e a casa dos contratos. Em torno desses tópicos o autor relata a história do município e suas principais características geográficas e econômicas. Esse aspecto da obra salienta a importância social do dicionário, uma vez que os dados geográficos e econômicos citados podem ser analisados atualmente pelos consulentes que objetivem alcançar informações da década de publicação da obra.

Também com esse formato de microestrutura, destacando de maneira detalhada a história de formação do município, podemos citar o verbete referente ao topônimo *Congonhas*, no qual o autor inclui um poema de Alfonsus de Guimarães. *Pitangui* é outro topônimo cujo enunciado lexicográfico do verbete é dividido em partes, assim como ocorreu com o verbete de *Ouro Preto*, constituído por quatro tópicos: ‘a criação da vila’, ‘a paróquia’, ‘metrópole de vasta região’ e ‘Pitangui e a guerra do Paraguai’.

O topônimo *Quartel Geral*, que é referente a um município, tem o enunciado lexicográfico de seu verbete apresentado em cinco páginas, devido à quantidade de dados que traz, dentre eles algumas informações a respeito de sua população, como transcrevemos a seguir:

(...) com o correr dos anos, foi-se formando outro povoado, a pouca distância do primitivo quartel. Em 1804, Felipe José Ferreira de Camargos era nomeado guarda-mor substituto do distrito da Capela do Espírito Santo do Indaiá. Sua população em 1813 era constituída assim: livres: 330 brancos, 18 pretos e 184 mulatos; e cativos: 120 pretos e 9 mulatos, num total de 661 moradores. Já em 1817, o distrito do Espírito Santo do Indaiá apresentava 595 moradores, o que vem a significar diminuição. (BARBOSA, 1971, p. 395).

Como podemos perceber, o autor insere informações relevantes para um consulente interessado no contexto político e social da época.

O tratamento dado pelo autor aos topônimos de origem indígena é outro ponto do dicionário que observamos ser regular, já que nesses verbetes é incluída na microestrutura a informação a respeito da etimologia da unidade léxica, como podemos observar a seguir:

SÃO PEDRO DO SUAÇUÍ – Por volta de 1875, começou a formar-se o arraial de São Pedro, no município de Peçanha, que então se chamava Suaçuí. Banhava-o o rio Suaçuí Grande. Segundo Teodoro Sampaio, o termo Suaçuí significa “rio dos veados” (O Tupi na Geografia Nacional) (...). (BARBOSA, 1971, p. 472).

A indicação do significado da unidade léxica em outra língua é seguida da fonte dos dados. Isso ocorre com verbetes de topônimos de origem indígena, como em *Uberaba*:

UBERABA – Qual o significado do termo Uberaba? I. Xavier Fernandes dá o significado de “água brilhante”. E explica: u = água; verava = resplandescente. Já Augusto de Lima Júnior acha que o topônimo “é corruptela de Uberaba é que, na língua dos índios Caiapós, dominantes na região, é nome de uns palmípedes pernaltas de vivo colorido”. Martius dá: “Oberava (Mato Grosso, lagoa) – Oba = folha, gema de palmeira; yroba = amargosa: cor palmae amarum”. Parece-nos, data vênica, que a explicação de Martius é a que mais se aproxima da verdade (...). (BARBOSA, 1971, p. 524)

Nota-se no verbete citado, o rigor do autor em inserir as várias fontes de pesquisa para elucidar o significado da unidade léxica que figura como entrada.

Em relação ao sistema de remissivas, o autor indica com *Ver* os topônimos que formam novas entradas. Os topônimos que formam entradas de verbetes remissivos caracterizam-se por serem nomes com grafia registrada de forma diferente da oficial, como ocorre nas entradas dos verbetes para os topônimos *Anhacanhura*, *Anhanhacanhuva*, *Anhanhonhacanhuva* e *Anhonhecaúva*, todos remissivos ao verbete principal com a entrada *Anhonhecanhuva*.

A maior parte dos verbetes remissos da obra são formados por nomes anteriores das localidades, como nos verbetes a seguir:

ANTA – Ver Pedra do Anta

PEDRA DO ANTA – Município da zona da Mata, criado pela lei no 2.764, de 30 de dezembro de 1962, com território desmembrado do de Teixeira. Contém o único distrito da sede. A capela inicial foi fundada em 1829 e, ao redor da mesma, constituiu-se uma aldeia de índios, confiada à catequese do Pe. Ângelo da Silva Peçanha. Com a Denominação de Anta, na freguesia de Ponte Nova, foi o curato elevado a distrito (...). (BARBOSA, 1971, p. 353).

Como podemos ver, a entrada *Anta*, do verbete remissivo era o nome anterior do município de Pedra do Anta, topônimo este que figura como entrada do verbete principal.

Percebemos, com nossa leitura da obra de Waldemar de Almeida Barbosa, que o autor expõe sempre no enunciado lexicográfico, a história de cada localidade e cita rigorosamente a lei de criação do distrito ou município bem como datas de mudanças de nomes, além de explicar peculiaridades de muitos lugares. Por esse rigor em relação à história, a obra torna-se uma fonte de estudos para os pesquisadores da toponímia urbana de Minas Gerais.

Apesar de tratar-se de um dicionário aplicado aos elementos humanos, ou seja, municípios, distritos e outras localidades, diferente dos dados de nossa proposta de dicionário, que é voltada para elementos físicos, tomamos como principal contribuição dessa obra à nossa pesquisa a regularidade na inserção de dados. No caso da obra, o histórico do topônimo e em nossa pesquisa as informações geográficas sobre o sintagma toponímico.

3.6 Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa (José Pedro Machado, 1984)

O *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado (1984), em termos de superestrutura, apresenta inicialmente um tópico denominado *nota prévia* na qual o autor esclarece sobre as categorias de nomes que integram o dicionário: os nomes próprios, sobrenomes, apelidos, alcunhas, epítetos, cognomes, topônimos, mitônimos, astrônimos, usados nos países de língua portuguesa. Não há divisão específica desses tipos de entradas na macroestrutura, isso ocorre dentro dos verbetes com abreviação de cada categoria de nome. Com relação aos topônimos, foram incluídos na obra os de base portuguesa, os galegos relacionados com os portugueses, os brasileiros e os de outros países de língua portuguesa. Após a *nota prévia* vem uma vasta lista de abreviaturas e de siglas que ocupam oito páginas. Depois dessa lista tem início o dicionário, cuja macroestrutura vem organizada em ordem

alfabética. Como último item da superestrutura do dicionário são apresentadas as referências bibliográficas.

Percebem-se dois tipos de microestruturas, uma principal e outra remissiva. Na principal, logo após a entrada há a presença regular da identificação da categoria do nome próprio. Ex.: “Abaetetuba, (*top*)”. Depois da indicação da categoria, no caso um topônimo representada pela abreviatura *top*, a qual pertence à entrada, aparece o tipo do elemento nomeado e a localização do topônimo, seguido das possíveis variações do nome, da indicação das diferentes obras e documentos escritos nos quais o topônimo foi citado, da etimologia, que é acompanhada por observações do autor a respeito da evolução do nome, como podemos observar no verbete descrito abaixo:

Recife, *top*. No Brasil: Pernambuco. Do s.m. *recife*. *Nasc.* -I, s.v. transcreve vários passos antigos onde já se fala do *recife* em frente da foz dos rios que banham esta cidade. Ainda ocorre popularmente a denominação *Arrecife* (*Nasc.*-II, s.v. *Arrecife*); ver na *Carta* de Pêro Vaz de Caminha (1-V-1500), em *Desc.*, II, p. 596, e *V. Fern.*, p. 34. Antes, havia *Arrecefe*, em 1258 (*Arq. Port.*, XIII, p. 266) (MACHADO, 1984, p. 1247)

Contudo, a sequência e a ocorrência desses itens não é mantida em todos os verbetes. Em alguns, as informações são bem menos detalhadas:

Redentora, *top*. No Brasil: Rio Grande do Sul. Homenagem à princesa Imperial D. Izabel; ver *Redentora* 1 (MACHADO, 1984, p. 1247)

Em relação à indicação do tipo do elemento e de sua localização, na grande maioria dos verbetes são realizadas de forma detalhada, uma vez que, como no exemplo abaixo, o autor explica o nome anterior da rua, a razão do nome, no caso a existência de uma igreja que levava o nome de *Senhor dos navegantes* e, além disso, esclarece a localização da rua apresentando uma referência de onde está situada:

Navegantes, *top*. Rua em Lisboa. Em 1786 era ‘rua do Senhor *dos Navegantes*’, porque nela havia uma ermida desta invocação (ver *G. Brito*, II, p. 31). Está situada nas imediações da praça da Estrela. (MACHADO, 1984, p. 1062)

Já no que se refere à ordem de apresentação dos itens dentro da microestrutura, não há regularidade. Em alguns momentos o item que aparece inicialmente é o tipo do

elemento e sua localização, em outros, a etimologia é o primeiro item, como podemos percebemos observando os exemplos abaixo:

Naragara, *top.* Do lat. *Naraggara*, cidade da Numídia. No *Voc.* (MACHADO, 1984, p. 1059)

Narbona, *top.* Cidade francesa. Do fr. *Narbonne*, este do lat. *Narbona* e *Narbone-* (em gr. *Narbon*), de origem pré-romana. Sec. XIII: “*Narbona a cidade*”, em *St. Maria*, n 365 (MACHADO, 1984, p. 1059)

Alguns topônimos são bem pouco explorados e não chegam a ter a etimologia e o tipo de elemento, como ocorre nos verbete do topônimo ‘Passe do Nível’ e ‘Natal’, descritos abaixo:

Passe do Nível, *top.* Mealhada. Sentido e origem evidentes. (MACHADO, 1984, p. 1139).

Natal, *top.* No Brasil: Rio Grande do Norte. A cidade foi fundada a 25-XIII-1599. (MACHADO, 1984, p. 1060).

Outros verbetes, em contrapartida, são bastante detalhados, exemplo disso é a composição da microestrutura do topônimo ‘Penabuquel’ que envolve a citação de inúmeras obras para explicação da possível origem do nome, alcançando quase a totalidade da página, do qual transcrevemos abaixo apenas uma parte:

Penabuquel, *top.* Lisboa (beco). Este nome tem feito correr alguma tinta. Creio tratar-se de alguma aglutinação de dois elementos, *Pen(a)* e *buquel*: o primeiro não será o lat. *pena (ver *Pena*), porque o local parece não justificar a sua presença; o segundo pode pertencer ao número dos românicos, de influência moçárabica, com o suf. *-el(...)* Tratar-se-á de forma românica disfarçada pela pronúncia moçárabica? Talvez. E, no caso positivo qual? Será bucar ou o ár. Mogar? (MACHADO, 1984, p. 1154)

Em alguns verbetes há o registro de nomes anteriores do elemento que configura a entrada dos verbetes. Esta informação vem acompanhada da indicação da obra onde o topônimo foi citado. É como se constitui o verbete ‘Sergipe’, a seguir:

Sergipe, *top.* Estado brasileiro. Segundo T. *Sampaio* (p. 264), do tupi *ciri-gy-pe*, “no rio dos siris”. Conhecem-se as formas anteriores *Cerigipe* (Frei Vicente do Salvador, *Hist. do Brasil*, p. 326), *Seregipe* (Gabriel Soares, *Tratado*, p. 40), *Sergipe* (Rocha Pita, *Hist. da Amér. Port.*, p. 17) (cit. de *Nasc. – II*, s.v) (MACHADO, 1984, p. 1154)

A informação sobre a motivação toponímica foi encontrada em alguns verbetes, é o caso de ‘Teresina’:

Teresina, *top.* No Brasil: Piauí. A cidade foi fundada por iniciativa do presidente da província, conselheiro Saraiva, donde a lei nº 315 de 20-VII-1852. O nome homenageia a imperatriz D. *Tereza* Cristina Maria (1822-1889) (*Nac.*- II, s.v., e *ad.*, s.v).

Em alguns casos são acrescentadas informações referentes a topônimos e a antropônimos no mesmo verbete, já em outros há a separação, formando duas entradas. Demonstramos essa ocorrência nos verbetes ‘Tolentino’ e ‘Tomar’ a seguir:

Tolentino, *top. e. m.* (*Tel.*, s.v. *Cravidão, Godinho, Marques, Pires*, etc.; D.N. de 30-I-1978, p. 12). Em 1723 vivia Diogo *Tolentino de Almeida* (*Espart.*, III, p. 45). Também aparece como antr. Isolado (D. N. de 11-II-1982, p. 21) e como apel. (*Tel.*). *Tolentino* é comum na Itália, onde S. Nicolau viveu os últimos 30 anos da sua vida, razão de ser conhecido por S. Nicolau *Tolentino*, entre eles o do célebre poeta port. (1740-1811). Do lat. * *Tolentinum* (com os derivados *Tolentimates*, *Tolentinus* e *Tolentinensis*). *Tolletim* em *F. Men.* (I, p. 387): “Mateeu de *Tolletim*”. (MACHADO, 1984, p. 1416)

Tomar, *top.* Cidade do distrito de Santarém. Origem obscura (ver *Nasc. -II*, s. v.). Em 1129 (era de 1167) (no *Arq. Port.*, 13º, p. 265, 1159 (*D.M.P.*, I, p. 345), 1162 (*Leges*, pp. 388 e 389). (MACHADO, 1984, p. 1416)

Tomar, *apel.* (*Tel.*; D.N de 16 IX-1980, p. 17). Ant. alc. de *Tomar*.

No caso de topônimos de origem indígena, é informada a respectiva tradução para o português, como podemos notar no verbete ‘Piabanha’:

Piabanha, *top.* No Brasil. Do s.f. *piabanha*, nome de peixe, este, segundo T. Sampaio (p. 257), do tupi *piá-bai*, ‘o que é manchado’ (MACHADO, 1984, p. 1171).

Apenas alguns verbetes contêm a remissiva a outro verbete para complementação das informações. No verbete descrito abaixo o autor remete ao topônimo que forma a entrada “Abássia”. Constatamos que os verbetes contemplam como itens obrigatórios apenas a localização e a etimologia. A seguir apresentamos o verbete do topônimo Abássia, que bem ilustra a microestrutura da obra em questão:

Abássia, *top.* Abissínia, Etiópia, em dec. III, IV, cap. I: lus., X, 50; Camões, soneto 88, em *Obras*, I, p. 233; canção IX, v. 12, iid., II, p.

289. Ocorre no mapa mundi do it. fra *Mauro* (m. em 1459?) e tal forma está certamente relacionada com o ar. *habxi*. <*abíssimo*> (ver *Abassis*). Trata-se de forma culta. O Épico usa sempre a acentuação *Abássia*, por imposição métrica, ou por ser essa a da palavra. Parece-me por isso, não ser de invocar qualquer influência de *Abexia*, na verdade muito corrente no século XVI, tirando de *Abexim*: ‘E embarcando no Toro foy ate a cidade de Zeila na costa da Abexia’, *Cast.*, I, p. 4; ‘& pois a deixauão fossem à costa da Abexia ao porto da ilha de Macua’, i., V, p. 164. O adj. *Abássico* em Aquilino Ribeiro, *Portugueses das Sete Partidas*, p. 21, ed. De 1969. Creio trata-se de *Abássia* a forma *Abastia* usada na tradução port., de Marco Paulo feita por Valentim Fernandes (III, caps. 43, 44 e 45; ver também Aveiro, 167. (MACHADO, 1985, p. 46)

Podemos observar no exemplo acima que o dicionário analisado possui uma microestrutura bastante carregada de abreviaturas, o que torna a consulta mais complexa e faz com que o usuário volte à lista de abreviaturas a todo momento para buscar o significado para completar sua leitura, que por certo será fragmentada e pouco objetiva.

Alguns aspectos presentes nessa obra servem de suporte para a nossa proposta de dicionário, é o caso do rigor em relação às citações e da regularidade na ocorrência dos itens apresentada na maior parte dos verbetes.

3.6 Dicionário toponímico, histórico e geográfico do Nordeste (Marlio Fábio Pelosi Falcão, 2005)

O *Dicionário toponímico, histórico e geográfico do Nordeste* é uma obra editada em Fortaleza (2005) com superestrutura formada por três poesias que retratam problemas relacionados à escassez de chuvas na região, seguidas por *dedicatória do autor*, *lista de abreviaturas*, *nota do autor*, *considerações preliminares*, nomenclatura do dicionário organizada em ordem alfabética, a divisão territorial dos estados do nordeste em meso e microrregiões geográficas e referências bibliográficas.

A *nota do autor* e as *considerações preliminares* são capítulos onde o autor explica que foram arrolados cerca de 4.000 povoados e aglomerados rurais, 1.300 distritos, 1.792 municípios e nove estados, além de centenas de outros topônimos que constituem designações anteriores dos elementos geográficos. Também são apresentados nesses itens as sub-regiões do Nordeste e seus aspectos físicos, com quadros citando a extensão e o número de habitantes.

As entradas dos verbetes são formadas considerando os diferentes significados ou diferentes referentes nomeados, de modo que se uma unidade léxica tem significados

distintos, formará entradas diferentes, da mesma forma ocorre se nomear elementos diferentes. Para exemplificar citamos os verbetes formados para ‘Acari’.

Acari – Palavra indígena, “peixe de água doce da família dos Lacáridas conhecido como cascudo”.

Acari – Palavra indígena, “espécie de macaco de cara vermelha.”
Ainda: ainda árvore da família Leguminosa.

Acari – Palavra indígena, nome de um peixe de água doce (*Loricaria plecostomus*), o mesmo que CARI (Teodoro Sampaio).

Acari – município situado na MESO 02 (Central Potiguar), MR 012 (Seridó Oriental), criado pela resolução do conselho Provincial em 11.04.1835, desmembrado do município de Caicó. Primitivamente habitado pelos índios cariris, recebeu foros de cidade pela Lei n.119, de 15.08.1898.

Acari – Povoado (aglomerado urbano) do município de Camamu – BA.

Acari – Açude público situado no município de Acari (RN) construído pelo DNOCS entre 1915 e 1917. Componente do sistema Piranhas em barragem de terra barrando o rio Acauã, tem capacidade para armazenar 285.000 m. (FALCÃO, 2005, p. 26-27)

Podemos observar, por meio do exemplo acima, em relação aos verbetes toponímicos, que há a presença constante do tipo do elemento e de sua localização, mas, não há uma regularidade de apresentação dos outros itens, como dados geográficos e enciclopédicos que são inseridos somente em alguns verbetes. Além disso, nos verbetes toponímicos não são inseridas informações linguísticas.

Nota-se na nomenclatura desta obra a presença de unidades léxicas comuns no falar nordestino presentes na toponímia, o que confirma a teoria defendida por Sapir (1969, p. 43) de que o ambiente influencia no léxico e conseqüentemente na toponímia, no caso da região que este dicionário abarca, topônimos formados a partir de aspectos sociais e geográficos, como os constituídos pela unidade léxica ‘aldeia’, bastante comum no falar nordestino para designar pequenos aglomerados rurais, não sendo estes necessariamente formados por população indígena, conceito comum em outras regiões brasileiras. Encontramos inúmeros topônimos com esta formação, “Aldeia Bananal”, “Aldeia Bacurizinho”, “Aldeia Coquinho”, “Aldeia Colônia”, para citar alguns deles. Fenômeno semelhante ocorre com a unidade léxica ‘baixa’ ou ‘baixão’ que se refere aos vales entre regiões com mais altitude e constitui diversos topônimos, entre eles “Baixa Nova”, “Baixa Verde”, “Baixão do Aureliano”, “Baixão do Moacir”. Destacamos esses aspectos observados no dicionário analisado, pois, em Mato Grosso do Sul, área de nossa pesquisa, ocorrem fatos semelhantes com unidades léxicas como “corixo”,

“vazante” e “baía” que tem conceitos peculiares ao estado e acabam por nomear elementos hidrográficos. São encontrados, por exemplo, “Rio Baía”, “Córrego Corixão”, “Córrego do Corixo”.

3.7 Dicionário toponímico de Belo Horizonte: memória de ruas (Leonardo José Magalhães Gomes, 2008)

O *Dicionário Toponímico de Belo Horizonte: memória de ruas* foi editado em Belo Horizonte em 2008 e possui uma nomenclatura organizada e ordem alfabética formada por topônimos referentes às vias públicas de Belo Horizonte, no trecho da cidade limitado pela Avenida do Contorno, por ser o núcleo histórico do município, a partir de onde a avenida se desenvolveu, catalogados em mapas e outras fontes documentais locais, como a planta da cidade elaborada pelo engenheiro Aarão Reis, esta que vem logo na contra capa da obra reproduzida em colorido.

O autor explica que o objetivo do dicionário é esclarecer as transformações por que passou a toponímia dos logradouros públicos do centro histórico de Belo Horizonte, profundamente modificado ao longo dos anos, não só pelo acréscimo de novas vias públicas, como, também, pelas muitas mudanças havidas nos nomes das mais antigas.

A superestrutura do dicionário é formada pela reprodução da *Planta geral da cidade de Minas* (1895) e um documento denominado *Ofício n. 26 de 23 de março de 1895, apresentando ao governo as plantas da cidade*, tanto a planta quanto o fício elaborados por Aarão Reis. Após esses dois documentos há o *prefácio*, a *introdução*, um capítulo intitulado *Belo Horizonte e a ideia da utopia*, outro tópico tratando das transformações pelas quais passaram alguns nomes, a nomenclatura, bibliografia geral, lista de mapas e plantas utilizadas para catalogar os topônimos e um índice remissivo a elementos que tiveram seus nomes alterados.

Nas entradas, apresentadas em ordem alfabética, o topônimo aparece em letras maiúsculas seguido do elemento, separados por uma vírgula: AARÃO REIS, rua; ACRE, rua do; EZEQUIEL DIAS, alameda; SILVA GUIMARÃES, praça.

Após a entrada, o verbete está organizado seguindo regularmente os itens Nome atual, Lei/decreto, nome popular, nome anterior, localização e a motivação toponímica. Para os elementos *rua*, *avenida* e *quarteirão* está incluído o item ‘eventual alteração de curso’ e para o elemento *praça* o item ‘formato’. A microestrutura dos verbetes, em sua

maioria, é extensa, ultrapassando uma página e, além disso, são incluídas algumas fotos do elemento.

Dado a ser ressaltado é que muitos topônimos atualmente possuem nomes distintos daqueles registrados nas fontes utilizadas pelo autor e o item com maior recorrência que diferencia esses nomes é a inserção de preposição. Para exemplificar, citamos alguns: *Rua Goitacazes* atualmente é *Rua dos Goitacazes*; *Rua Guaicurus* atualmente é *Rua dos Guaicurus*; *Rua Manaus* atualmente é *Rua de Manaus*; *Rua Ouro Preto* atualmente é *Rua de Ouro Preto*; *Rua Paraíba* atualmente é *Rua da Paraíba*. Chamou-nos atenção esse dado, pois, em nosso corpus, a presença de preposição configurando as variantes também é muito representativa.

Abaixo citamos um dos verbetes para exemplificar:

GUAICURUS, Rua

Nome atual: Rua dos Guaicurus

Lei/Decreto nº: não tem

Nome popular: não tem

Nome anterior: Não teve

Localização e percurso: está localizada no centro da cidade. Começa na praça Rui Barbosa e termina na rua Curitiba, 207. Em seu trajeto, corta as ruas da Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba.

Eventual alteração de curso: Não teve

Razão da toponímia: o nome é uma homenagem aos Guaicurus, povo indígena localizado no vale do Rio Paraguai. Sua língua pertencia ao tronco tupi. Como todos os outros grupos indígenas, os Guaicurus eram nômades, deslocando-se segundo as enchentes e vazantes do Rio Paraguai. Eram bastante habilidosos, construindo casas de esteira e de bambu. Seus contatos iniciais com os portugueses, ocorridos no século XVIII, foram bastante hostis, embora eles tivessem aprendido a domar e a cavalgar, tornando-se grandes cavaleiros. Tiveram uma participação ativa na Guerra do Paraguai como tropas auxiliares. (GOMES, 2008, p. 151)

O *índice remissivo*, apresentado como penúltimo item da superestrutura, é esclarecedor. O índice é formado por todos os topônimos anteriores e nomes populares citados na microestrutura, assim, o consulente que conheça somente os nomes populares facilmente pode localizar o verbete, devidamente indicado com número de página. Abaixo apresentamos três verbetes remissivos que integram o índice:

CANAL, Avenida do. Ver Andradas, Avenida dos. – p. 67

CRUZEIRO, Praça do. Ver Milton Santos, Praça. – p. 191

DEZESSETE DE DEZEMBRO, Avenida. Ver Contorno, Avenida do. – p. 107 (GOMES, 2008, p. 299)

O dicionário abriga uma nomenclatura de 169 nomes e, embora com este número não tão extenso de entradas, a obra tem a microestrutura bastante completa, especialmente em relação à motivação e história do nome. Essas informações se mostram mais comuns em topônimos relativos a elementos humanos, como é o caso da nomenclatura do dicionário. Nas obras que figuram topônimos de elementos físicos, há uma tendência a nomes mais descritivos, quando se sobressaem unidades léxicas que se referem a natureza física.

Buscamos com esta análise dos dicionários que abordam de algum modo a toponímia, entender as principais características desse tipo de obra. Concluimos que mesmo os mais atuais tendem a sanar curiosidades sobre os topônimos e traduzi-los para o português quando são de origem indígena. Entendemos que a desconsideração quantos às questões teóricas e metodológicas da Toponímia ocorre por que várias obras analisadas foram editadas anteriormente a consolidação desta ciência como disciplina dos estudos linguísticos.

No capítulo a seguir apresentamos nossa proposta dicionário enciclopédico toponímico.

4. NOSSA PROPOSTA DE DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO TOPONÍMICO

4.1 Considerações iniciais

A proposta para um dicionário enciclopédico toponímico que apresentamos nos itens a seguir deste trabalho é composta, em aspectos gerais, pelo sistema conceptual, por uma amostragem de verbetes onde aplicamos os tipos de microestruturas que propomos e demonstramos o funcionamento da macroestrutura e do sistema de remissivas.

Em nossa busca por dicionários toponímicos e durante as análises dos que encontramos, depreendemos que todos seguem uma estrutura semelhante, com lista de abreviaturas, prefácio, entradas organizadas em ordem alfabética e referências. Notamos também que a maioria não separa unidades léxicas que nomeiam elementos físicos das que nomeiam elementos humanos. Apenas uma das obras analisadas aborda especificamente um tipo de unidade léxica, no caso, os nomes de algumas ruas da cidade de Belo Horizonte. As demais abordam de forma semelhante tanto nomes de elementos físicos como rios, lagos, cachoeiras, morros, serras etc, como nomes de elementos humanos como regiões, cidades, vilas, bairros etc. Não há nenhum que aborde especificamente as unidades léxicas que denominam os elementos físicos relacionados à água.

Com base em nossa experiência como pesquisadora do projeto ATEMS, observamos, analisando os dados desse banco de dados, que a grande maioria dos topônimos catalogados referem-se a elementos hidrográficos. Partindo dessa constatação, o principal objetivo do nosso trabalho é organizar dicionário enciclopédico toponímico tendo como objeto de estudo um recorte dos dados que hoje estão disponíveis no bando de dados do projeto ATEMS: os hidrônimos do estado de Mato Grosso do Sul.

O público-alvo que nossa proposta de dicionário toponímico pretende alcançar são consulentes que estejam interessados em informações sobre os hidrônimos do estado de Mato Grosso do Sul, como estudantes e professores da região e também pesquisadores de Linguística, de Etnologia, de Antropologia, de História, de Geografia, dada a interdisciplinaridade que caracteriza a Toponímia, pois, por registrar possíveis causas motivadoras de um nome próprio de lugar, nosso repertório léxico-toponímico

aborda itens como a nomenclatura geográfica oficial do IBGE com seus respectivos nomes próprios, sua localização, a etimologia dos nomes de origem indígena, a classificação taxionômica, a estrutura morfológica dos topônimos, além de informações históricas, enciclopédicas e registros escritos nos quais os topônimos estejam inseridos.

Nossa proposta também busca atender ao projeto ATEMS, que tem como um de seus objetivos a confecção do dicionário de topônimos do estado.

Dessa forma, em nossa pesquisa analisamos os topônimos de modo a entender como seria a funcionalidade de uma obra cuja estrutura oferecesse uma visão do conjunto de um tipo de unidade léxica, os hidrônimos, com o objetivo de constituir uma proposta que possa ser aplicada, com os devidos ajustes, a dados toponímicos de outra natureza, além da hidrográfica.

O que trazemos de diferente do encontrado em outras obras e que podemos destacar como nossa principal contribuição nessa pesquisa é a organização do recorte de dados escolhido para a pesquisa em um sistema conceptual. Organização esta que é baseada nos princípios teóricos da Terminologia e que evidencia as categorias taxionômicas propostas por Dick (2004), que tem servido de suporte metodológico para as pesquisas toponímicas atuais.

No sistema conceptual tratamos de 3.487 sintagmas toponímicos e 25 unidades terminológicas e a amostragem de verbetes é composta de 159 entradas. Nos itens a seguir vamos detalhar cada uma das partes propostas no nosso dicionário enciclopédico toponímico.

4.2 Por que Dicionário “Enciclopédico” Toponímico?

Esclarecemos inicialmente que a decisão por intitular a nossa proposta como dicionário **enciclopédico** toponímico” foi tomada considerando que, a microestrutura veicula dados enciclopédicos, como informações geográficas e históricas, como veremos de modo mais detalhado no tópico 4.4 Microestrutura dos verbetes.

Para esta escolha encontramos respaldo nas palavras de Haensch (1982, p. 130) para quem

As enciclopédias registram, por um lado, palavras com função designativa, e, por outra, nomes próprios. Às vezes é realmente quase impossível estabelecer uma acentuada separação entre dicionários de

língua e dicionários de coisas, pois o lexicógrafo precisa também, se desconsiderarmos as unidades léxicas funcionais ou relacionais, de informações sobre as coisas, sobre a matéria, para elaborar dicionários de língua. Em outros casos, os dicionários linguísticos dão definições enciclopédicas onde se espera uma definição linguística. Em outras palavras, um dicionário enciclopédico abarca também um dicionário linguístico. Existe uma forma mista ou híbrida: o chamado dicionário enciclopédico.¹¹ (HAENSCH, 1982, p. 130).

Além dessa, é certo que há diversas outras explicações e posições sobre o que se configura como dicionário e como enciclopédia, especialmente com reflexões partindo da definição. Haiman (1980) explica que, se as descrições dos significados das unidades léxicas encontradas nos dicionários utilizam somente conceitos semânticos e não descrições do mundo extralinguístico, poucas informações são acrescentadas na prática. Hernández (1989, p. 20) pondera que “tradicionalmente se admite que a missão do dicionário é a de definir palavras e a da enciclopédia descrever objetos”¹², mas questiona: “não será essa distinção mais teórica do que prática?”¹³.

Também encontramos em Bosque (1982, p.12) a defesa de que informações de origem enciclopédica são quase inevitáveis para a completude de uma obra dicionarística. Para o autor, “o lexicógrafo não pode deixar de incorporar aos dicionários as definições enciclopédicas, pois isto só resulta em benefício para o usuário”¹⁴.

Assim, acreditamos que nossa proposta não poderia ser chamada somente de “dicionário”, uma vez que apresenta informações de tipo geográfica e histórica, contudo, limitaríamos sua abrangência se a nomeássemos apenas como enciclopédia, já que o que justifica a organização do sistema conceptual são justamente os traços

¹¹ “Las enciclopedias registran, por una parte, palabras con función designativa y, por otra, nombres propios. A veces, hasta resulta casi imposible establecer una separación tajante entre los diccionarios de la lengua y los diccionarios de cosas, puesto que el lexicografo también necesita, si prescindimos de las unidades léxicas funcionales o relacionales, información sobre las cosas, sobre la materia, para poder redactar diccionarios de la lengua. Em otros casos, os diccionarios linguísticos dan definiciones enciclopédicas, ali donde se espera más bien una definición linguística. Em otras palabras, um dicionário enciclopédico encierra em si también um dicionário linguístico. Existe uma forma mixta o híbrida: el llamado ‘diccionario enciclopédico.’ (Tradução nossa)

¹² “tradicionalmente se admite que la misión del dicionário es la de definir palabras y de la enciclopédia describir objetos”(Tradução nossa)

¹³ “no será esta distinción más teórica que práctica?”. (Tradução nossa)

¹⁴ “el lexicografo no puede deixar de incorporar a los diccionarios las definiciones enciclopédicas puesto que ello solo redunde em beneficio del usuario” (Tradução nossa)

semânticos relacionados às características hidrográficas dos elementos geográficos e a taxionomia toponímica de cada um. Além disso, na composição da microestrutura dos verbetes de nosso dicionário há os itens *informação gramatical e etimologia* que se configuram como dados linguísticos.

Nossa proposta pode ser classificada como parcialmente onomasiológica, pois, como explica Haensch (1982, p. 165), “a ideia fundamental do agrupamento onomasiológico é o de levar em conta as associações que existem entre os conteúdos, tanto do ponto de vista da língua como das coisas”¹⁵. E, em nossa proposta, no sistema conceptual apresentamos os dados tanto por função semântica, organizado por taxionomias, quanto em ordem alfabética dentro de cada subdivisão. Optamos por esta forma de apresentação por notarmos que, para o tipo de dado ao qual pretendemos aplicá-lo, no caso, os topônimos, mostra-se o mais adequado.

É possível também nomearmos a nossa proposta de dicionário de ‘analógica’, considerando a definição apresentada por Biderman (1982, p. 11), segundo a qual “um dicionário analógico organiza os conceitos em campos semânticos, ao invés de ordenar as palavras em ordem alfabética como os dicionários comuns”. A autora (1982, p. 12) explica que

no universo em expansão em que hoje vivem os homens, estaria ocorrendo uma convergência dos sistemas classificatórios, expressos por denominações lexicais. E, mais ainda, na aldeia global dos meios de comunicação em que está vivendo o homem contemporâneo, intensifica-se a tendência à universalização de conceitos, sobretudo no domínio técnico-científico. (BIDERMAN 1982, p. 12).

Há carência de tratamento de topônimos em forma de dicionários, contudo entendemos que isso se deva provavelmente ao fato de a Toponímia, abordada como disciplina da Linguística, ser um ciência recente em relação à outras disciplinas linguística já mais consolidadas. Nesse sentido, consideramos que nossa proposta de dicionário enciclopédico toponímico venha a dar um a contribuição nesse campo.

¹⁵ “la idea fundamental de la agrupación onomasiológica es la de tener en cuenta las asociaciones que existen entre contenidos, tanto desde punto de vista de la lengua como desde el de las cosas.”. (Tradução nossa)

4.3 A superestrutura do nosso Dicionário Enciclopédico Toponímico

A superestrutura é entendida por nós como a forma de organização do dicionário, desde a apresentação/prefácio/introdução, a lista de abreviaturas, o arranjo das entradas em ordem alfabética, a bibliografia e outros elementos.

Como a maioria dos dicionários, nosso dicionário enciclopédico toponímico deverá conter as seguintes partes iniciais: prefácio, apresentação da obra (conteúdo e funcionamento), lista de abreviaturas, lista de verbetes e referências bibliográficas.

Além desses elementos comuns, consideramos que uma inovação da nossa proposta de dicionário é a organização das unidades léxicas que constituem as entradas dos verbetes de nossa obra em um sistema conceptual.

Essa organização será exposta em detalhes no item 4.4 Microestrutura dos verbetes, porém de forma geral, acreditamos que a sua apresentação na superestrutura como um elemento anterior à própria macroestrutura permita ao consulente ter uma visão global das unidades lexicais e terminológicas tratadas em nosso dicionário e das relações semânticas-conceptuais que elas mantêm entre si.

Essa proposta se baseia na contribuição que buscamos na Terminologia como explicaremos mais adiante.

A macroestrutura de nosso dicionário se configura como a lista de verbetes que têm como entradas dois tipos de unidades lexicais: 1) termos que designam conceitos relativos a elementos hidrográficos tais como, rios, lagos, baías; 2) unidades léxicas que se caracterizam como nomes próprios que denominam os elementos geográficos relativos à água, tais como, *Rio Aporé*, *Cachoeira do Sucuriú* e outros. A esse tipo de unidade léxica chamamos de *sintagma toponímico* ou *topônimo*.

Também como parte de nossa proposta de dicionário consideramos que, após a lista de verbetes, deva constar os mapas oficiais do IBGE que se configuram como a fonte de busca dos dados de natureza geográfica. De acordo com nossa proposta, devem integrar a superestrutura do dicionário os mapas dos 78 municípios do estado de Mato Grosso do Sul¹⁶. Como critério de apresentação dos mapas, esses se seguirão de acordo com a ordem alfabética dos municípios, que se encontram nos anexos desta tese.

A inserção desses mapas permite ao consulente a visualização dos elementos geográficos em cada município. Dentre esses elementos, o consulente poderá verificar os afluentes, a foz, a região à qual pertence o elemento geográfico, se este percorre

¹⁶ Em data posterior a coleta dos nossos dados foi instituído o município de Paraíso das Águas.

alguma sede de município ou localidade, se nomeia alguma delas, se corta alguma estrada ou rodovia, se estabelece o limite territorial entre estados ou municípios, se possui cachoeiras ao longo de seu curso e se há lagos em seu entorno, se percorre algum morro.

Como última parte da superestrutura de nossa obra, seguem as referências da bibliografia utilizada para a busca dos dados expostos nos verbetes de nosso dicionário.

Algumas partes da superestrutura da nossa obra merecem análise e descrição mais aprofundada: são elas o sistema conceptual e a macroestrutura que passaremos a apresentar.

4.4 O funcionamento do sistema conceptual dos topônimos de nossa pesquisa

Para a constituição desta proposta de dicionário de topônimos optamos por organizar as unidades terminológicas que designam elementos hidrográficos e os topônimos em um sistema conceptual.

Para esta opção, partimos do ponto de vista de Barros (2004, p. 112), para quem “o sistema de conceitos determina os limites do domínio sobre o qual se dá a pesquisa e é determinado pelo *corpus* e pela visão do pesquisador em relação ao domínio estudado”. Segundo a autora, os conceitos se relacionam e podem ser organizados em uma estrutura sistematizada.

Essa organização de termos em um sistema estruturado de conceitos é parte integrante do arcabouço teórico e metodológico da Terminologia. De fato, no campo dos estudos lexicais e da elaboração de obras dicionarísticas, a Terminologia adota a organização do sistema conceptual como um modo de evidenciar as relações conceptuais que as unidades terminológicas do domínio estudado mantêm entre si. Desse modo, o consulente da obra pode observar a organização geral do domínio e as particularidades das relações semântico-conceptuais dos termos.

A contribuição da Terminologia para o estudo das unidades léxicas utilizadas em domínios mais restritos (especializados) é grande e consideramos essa metodologia de trabalho e postura teórica como capazes de dar uma contribuição à elaboração de dicionários toponímicos.

Por isso, buscamos na Terminologia a proposta de organizar os hidrônimos de nossa pesquisa em um sistema conceptual.

Desse modo, consideramos que o sistema conceptual dos hidrônimos estudados em nossa investigação científica e apresentados no início de nossa proposta de dicionário enciclopédico toponímico seja uma inovação para o campo da Toponímia, uma vez que essa área do conhecimento não tem por hábito ou procedimento metodológico sistemático a elaboração do sistema conceptual de seus topônimos.

O sistema conceptual, sendo a expressão das relações léxico-semânticas e semântico-conceptuais dos termos de um domínio, reflete as características epistemológicas desse domínio. Logo, ele deve representar uma organização possível das unidades léxicas ou terminológicas da área. Assim sendo, o sistema conceptual dos hidrônimos de nossa pesquisa é uma das representações possíveis do domínio estudado. É a expressão de nossa visão do domínio.

A organização que apresentaremos a seguir deve ser vista como uma contribuição nossa aos estudos toponímicos e é a visão que adotamos em nosso trabalho.

4.4.1 Natureza dos hidrônimos

Um dos primeiros passos importantes no trabalho terminológico consiste em proceder a um estudo do perfil léxico-semântico e semântico-conceptual das unidades terminológicas do domínio que se analisa.

Aplicando esse procedimento a estudos dos hidrônimos de nossa pesquisa, observamos a ocorrência de, fundamentalmente, dois tipos de unidades léxicas, a saber: 1) termos que designam elementos hidrográficos (tais como *arroyo*, *salto*, *represa* e outros). 2) Nomes próprios que denominam os elementos geográficos relativos à água, ou seja, os topônimos propriamente ditos.

Compreender a diferença linguística e conceptual dessas duas categorias léxico-semânticas é fundamental para a organização do sistema conceptual dos hidrônimos pesquisados, porque, embora mantenham estreita relação semântico-conceptual, situam-se em níveis de abstração diferentes. Na sequência, apresentaremos o sistema conceptual dos hidrônimos estudados em nossa investigação científica e, após ele, exporemos os critérios adotados para seu estabelecimento e descreveremos em detalhes sua estruturação.

4.4.2 O sistema conceptual

Apresentamos, a seguir, o sistema conceptual dos hidrônimos em sua totalidade.

1. Hidrônimos

1.1 Águas Lênticas

- 1.1.1 Baía
- 1.1.2 Lago
- 1.1.3 Lagoa
- 1.1.4 Represa

1.2 Águas Correntes

- 1.2.1 Arroio
- 1.2.2 Cabeceira
- 1.2.3 Cabo
- 1.2.4 Canal
- 1.2.5 Corixo
- 1.2.6 Corixão
- 1.2.7 Córrego
- 1.2.8 Foz
- 1.2.9 Nascente
- 1.2.10 Riacho
- 1.2.11 Ribeira
- 1.2.12 Ribeirão
- 1.2.13 Rio
- 1.2.14 Riozinho
- 1.2.15 Sanga
- 1.2.16 Vazante
- 1.2.17 Volta

1.3 Águas em queda

- 1.3.1 Cachoeira
- 1.3.2 Catarata
- 1.3.3 Salto

1.1 Águas Lênticas

1.1.1 Baía

1.1.1.1 Taxionomias de natureza física

1.1.1.1.1 Zootopônimos

- 1.1.1.1.1.1. Baía da Marreca

- 1.1.1.1.1.2. Baía do Cordeiro
- 1.1.1.1.1.3. Baía do Periquito
- 1.1.1.1.1.4. Baía dos Touros
- 1.1.1.1.1.5. Baía Piranha

1.1.1.1.2 Fitotopônimos

- 1.1.1.1.2.1 Baía das Amoreiras
- 1.1.1.1.2.2 Baía do Mamão
- 1.1.1.1.2.3 Baía Figueira

1.1.1.1.3 Geomorfotopônimo

- 1.1.1.1.3.1 Baía da Barra
- 1.1.1.1.3.2 Baía do Morro Comprido

1.1.1.1.4 Cromotopônimo

- 1.1.1.2.4.1 Baía Vermelha

1.1.1.1.5 Dimensiotopônimo

- 1.1.1.1.5.1 Baía Grande

1.1.1.1.6 Litotopônimo

- 1.1.1.1.6.1 Baía Salina

1.1.1.2 Taxionomias de natureza humana

1.1.1.2.1 Antropotopônimos

- 1.1.1.2.1.1 Baía Conceição
- 1.1.1.2.1.2 Baía Pedro Batista

1.1.1.2.2 Animotopônimo Disfórico

- 1.1.1.2.2.1 Baía Criminosa

1.1.1.2.3 Ecotopônimo

- 1.1.1.2.3.1 Baía do Castelo

1.1.1.2.4 Hagiopônimo

- 1.1.1.2.4.1 Baía de Santana

1.1.1.3 Não Classificado

1.1.1.2.5.1. Baía Aquidabã

1.1.2. Lago

1.1.2.1 Taxionomias de natureza física

1.1.2.1.1. Cromotopônimo

1.1.2.1.1 Lago Azul

1.1.2.2.1 Fitotopônimo

1.1.2.2.1 Lago do Mato

1.1.2.2 Taxionomias de natureza antropo cultural

1.1.2. Não Classificado

1.1.3.3.1. Lago do Conselho

1.1.3. Lagoa

1.1.3.1 Taxionomias de natureza física

1.1.3.1.1 Hidrotopônimos

- 1.1.3.1.1.1 Lagoa Água Quente
- 1.1.3.1.1.2 Lagoa Água Santa
- 1.1.3.1.1.3 Lagoa Água Santa I
- 1.1.3.1.1.4 Lagoa Água Santa II
- 1.1.3.1.1.5 Lagoa Baía
- 1.1.3.1.1.6 Lagoa Baía do Miranda
- 1.1.3.1.1.7 Lagoa Cachoeirinha
- 1.1.3.1.1.8 Lagoa da Laguna
- 1.1.3.1.1.9 Lagoa do Rego
- 1.1.3.1.1.10 Lagoa do Rio Negrinho
- 1.1.3.1.1.11 Lagoa Gaíba
- 1.1.3.1.1.12 Lagoa Lagoão
- 1.1.3.1.1.13 Lagoa Seca
- 1.1.3.1.1.14 Lagoa Uberaba

1.1.3.1.2 Fitotopônimos

- 1.1.3.1.2.1 Lagoa Bambu
- 1.1.3.1.2.2 Lagoa Caaporã
- 1.1.3.1.2.3 Lagoa da Peroba
- 1.1.3.1.2.4 Lagoa do Aguapé

- 1.1.3.1.2.5 Lagoa do Arroz
- 1.1.3.1.2.6 Lagoa do Babaçu
- 1.1.3.1.2.7 Lagoa Indaiá Grande
- 1.1.3.1.2.8 Lagoa Mangabal
- 1.1.3.1.2.9 Lagoa Paratudal
- 1.1.3.1.2.10 Lagoa Pirizal

1.1.3.1.3 Zootopônimos

- 1.1.3.1.3.1 Lagoa Areré/Irerê/Arerê/Araré
- 1.1.3.1.3.2 Lagoa da Onça
- 1.1.3.1.3.3 Lagoa das Garças
- 1.1.3.1.3.4 Lagoa do Azulão
- 1.1.3.1.3.5 Lagoa do Cervo
- 1.1.3.1.3.6 Lagoa do Jacaré
- 1.1.3.1.3.7 Lagoa dos Touros
- 1.1.3.1.3.8 Lagoa Paraguai
- 1.1.3.1.3.9 Lagoa Perdizes

1.1.3.1.4 Geomorfotopônimos

- 1.1.3.1.4.1 Lagoa de Ilha Solteira
- 1.1.3.1.4.2 Lagoa do Cerro
- 1.1.3.1.4.3 Lagoa Prainha do Dê
- 1.1.3.1.4.4 Lagoa Praia do Rio Paraná

1.1.3.1.5 Cromotopônimos

- 1.1.3.1.5.1 Lagoa da Ferrugem
- 1.1.3.1.5.2 Lagoa Negra

1.1.3.1.6 Litotopônimos

- 1.1.3.1.6.1 Lagoa da Pedra
- 1.1.3.1.6.2 Lagoa de Ouro

1.1.3.1.7 Dimensiotopônimo

- 1.1.3.1.7.1 Lagoa Grande

1.1.3.2 Taxionomias de natureza física

1.1.3.2.1 Antropotopônimos

- 1.1.3.2.1.1 Lagoa do Joanino
- 1.1.3.2.1.2 Lagoa do Valério
- 1.1.3.2.1.3 Lagoa dos Teixeiras
- 1.1.3.2.1.4 Lagoa do Tomé
- 1.1.3.2.1.5 Lagoa Fernandes Braga
- 1.1.3.2.1.6 Lagoa Leverger

1.1.3.2.2 Animotopônimos Eufóricos

- 1.1.3.2.2.1 Lagoa Bamba
- 1.1.3.2.2.2 Lagoa Bonita/Touro
- 1.1.3.2.2.3 Lagoa Formosa
- 1.1.3.2.2.4 Lagoa Linda
- 1.1.3.2.2.5 Lagoa Rica

1.1.3.2.3 Etnotopônimos

- 1.1.3.2.3.1 Lagoa do Português
- 1.1.3.2.3.2 Lagoa Paraguaia
- 1.1.3.2.3.3 Lagoa dos Bugres

1.1.3.2.4 Hagiotopônimos

- 1.1.3.2.4.1 Lagoa São Francisco
- 1.1.3.2.4.2 Lagoa São Manuel
- 1.1.3.2.4.3 Lagoa Santo Antônio

1.1.3.2.5 Animotopônimos Disfóricos

- 1.1.3.2.5.1 Lagoa Assombrada
- 1.1.3.2.5.2 Lagoa Feia

1.1.3.2.5 Ergotopônimos

- 1.1.3.2.5.1 Lagoa Corona
- 1.1.3.2.5.2 Lagoa do Colarinho

1.1.3.2.6 Numerotopônimos

- 1.1.3.2.6.1 Lagoa Segunda
- 1.1.3.2.6.2 Lagoa Quarenta e Um

1.1.3.2.7 Sociotopônimos

- 1.1.3.2.7.1 Lagoa do Retirinho
- 1.1.3.2.7.2 Lagoa do Mágico

1.1.3.2.8 Axiotopônimo

- 1.1.3.2.8.1 Lagoa Presidente Vargas

1.1.3.2.9 Cronotopônimo

- 1.1.3.2.9.1 Lagoa Velha

1.1.3.2.10 Historiotopônimo

1.1.3.2.10.1 Lagoa da República

1.1.3.2.11 Hodotopônimo

1.1.3.2.11.1 Lagoa da Pontinha

1.1.3.2.12 Somatopônimo

1.1.3.2.12.1 Lagoa Garganta do Tigre

1.1.3. 3 Não Classificados

1.1.3.2.13.1 Lagoa Mandioré

1.1.3.2.13.2 Lagoa do Conselho

1.1.3.2.13.3 Lagoa do Jacadigo

1.1.4. Represa

1.1.4.1 Taxionomia de natureza física

1.1.4.1.1 Hidrotopônimo

1.1.4.1.1.1 Represa Jupιά

1.2 Águas Correntes

1.2.1 Arroio

1.2.1.1 Taxionomia de natureza física

1.2.1.1.1 Zootopônimos

1.2.1.1.1.1 Arroio Jaguapiru

1.2.1.1.1.2 Arroio Jaú

1.2.1.1.1.3 Arroio Mutuns

1.2.1.1.1.4 Arroio Sucuri

1.2.1.1.2 Fitotopônimos

1.2.1.1.2.1 Arroio Curupaí

1.2.1.1.2.2 Arroio Guavirá

1.2.1.1.3 Dimensiotopônimos

1.2.1.1.3.1 Arroio Guaçu

1.2.1.1.4 Litotopônimos

1.2.1.1.4.1 Arroio do Ouro

1.2.1.1.5 Hidrotopônimos

1.2.1.1.5.1 Arroio Correguinho

1.2.1.2 Taxionomia de natureza antropo cultural

1.2.1.2.1 Antrotopônimos

1.2.1.2.1.1 Arroio Conceição

1.2.1.2.1.2 Arroio Glória

1.2.1.2.1.3 Arroio Gonçalves

1.2.1.2.1.4 Arroio Nilo

1.2.1.2.1.5 Arroio Ruiz

1.2.1.2.2 Hagiopônimos

1.2.1.2.2.1 Arroio Santo Antônio

1.2.1.2.2.2 Arroio Santa Maria

1.2.1.2.2.3 Arroio Santa Rita

1.2.1.2.3 Ergotopônimos

1.2.1.2.3.1 Arroio Corá

1.2.2. Cabeceira

1.2.2.1 Taxionomia de natureza física

1.2.2.1.1 Fitotopônimos

1.2.2.1.1.1 Cabeceira Arrozal

1.2.2.1.1.2 Cabeceira Bocaiúva

1.2.2.1.1.3 Cabeceira Buriti

1.2.2.1.1.4 Cabeceira Buritizal

1.2.2.1.1.5 Cabeceira Buritizinho

1.2.2.1.1.6 Cabeceira Candiúba

1.2.2.1.1.7 Cabeceira Capão Alto

1.2.2.1.1.8 Cabeceira Capão da Anta

1.2.2.1.1.9 Cabeceira Capão Escuro

1.2.2.1.1.10 Cabeceira Capão Leão

1.2.2.1.1.11 Cabeceira Cerrado Feio

1.2.2.1.1.12 Cabeceira Coqueiro

1.2.2.1.1.13 Cabeceira Curupáí

1.2.2.1.1.14 Cabeceira da Batata

1.2.2.1.1.15 Cabeceira da Croa

1.2.2.1.1.16 Cabeceira da Lixa

1.2.2.1.1.17	Cabeceira da Manga
1.2.2.1.1.18	Cabeceira da Peroba
1.2.2.1.1.19	Cabeceira da Pindaiva
1.2.2.1.1.20	Cabeceira da Ximbuíva
1.2.2.1.1.21	Cabeceira do Angico
1.2.2.1.1.22	Cabeceira do Bálamo
1.2.2.1.1.23	Cabeceira do Buriti
1.2.2.1.1.24	Cabeceira do Capão
1.2.2.1.1.25	Cabeceira do Capim
1.2.2.1.1.26	Cabeceira do Cedro
1.2.2.1.1.27	Cabeceira do Cipó
1.2.2.1.1.28	Cabeceira do Coqueiro
1.2.2.1.1.29	Cabeceira do Laranjaí
1.2.2.1.1.30	Cabeceira do Laranjal
1.2.2.1.1.31	Cabeceira do Limeira
1.2.2.1.1.32	Cabeceira do Limo
1.2.2.1.1.33	Cabeceira do Mangaí
1.2.2.1.1.34	Cabeceira do Taquaral
1.2.2.1.1.35	Cabeceira dos Capões
1.2.2.1.1.36	Cabeceira Guaiavira Suja
1.2.2.1.1.37	Cabeceira Guariroba
1.2.2.1.1.38	Cabeceira Guaviraí
1.2.2.1.1.39	Cabeceira Imbirá
1.2.2.1.1.40	Cabeceira Ipebum
1.2.2.1.1.41	Cabeceira Jatobá
1.2.2.1.1.42	Cabeceira Laranjeira
1.2.2.1.1.43	Cabeceira Laranjeiras
1.2.2.1.1.44	Cabeceira Mata Velha
1.2.2.1.1.45	Cabeceira Matinha
1.2.2.1.1.46	Cabeceira Palmar
1.2.2.1.1.47	Cabeceira Pastinho
1.2.2.1.1.48	Cabeceira Pindaíba
1.2.2.1.1.49	Cabeceira Pindaíva
1.2.2.1.1.50	Cabeceira Piqui
1.2.2.1.1.51	Cabeceira Piqui/Pequi
1.2.2.1.1.52	Cabeceira Pirizal
1.2.2.1.1.53	Cabeceira Piúva
1.2.2.1.1.54	Cabeceira Sapé
1.2.2.1.1.55	Cabeceira Taquaral
1.2.2.1.1.56	Cabeceira Taquaruçu
1.2.2.1.1.57	Cabeceira Tatarém

1.2.2.1.2 Zootopônimos

1.2.2.1.2.1	Cabeceira Aruranha
1.2.2.1.2.2	Cabeceira Burrinho
1.2.2.1.2.3	Cabeceira Catingueiro
1.2.2.1.2.4	Cabeceira Cervinho
1.2.2.1.2.5	Cabeceira Cervo
1.2.2.1.2.6	Cabeceira Cupim

- 1.2.2.1.2.7 Cabeceira da Abelha
- 1.2.2.1.2.8 Cabeceira da Anta
- 1.2.2.1.2.9 Cabeceira da Cobra
- 1.2.2.1.2.10 Cabeceira da Égua
- 1.2.2.1.2.11 Cabeceira da Ema
- 1.2.2.1.2.12 Cabeceira da Lontra
- 1.2.2.1.2.13 Cabeceira da Onça
- 1.2.2.1.2.14 Cabeceira da Parda
- 1.2.2.1.2.15 Cabeceira da Vaca
- 1.2.2.1.2.16 Cabeceira da Vaca Preta
- 1.2.2.1.2.17 Cabeceira das Éguas
- 1.2.2.1.2.18 Cabeceira do Bagual
- 1.2.2.1.2.19 Cabeceira do Borevi
- 1.2.2.1.2.20 Cabeceira do Capado
- 1.2.2.1.2.21 Cabeceira Capirari
- 1.2.2.1.2.22 Cabeceira do Cavalo
- 1.2.2.1.2.23 Cabeceira do Cervinho
- 1.2.2.1.2.24 Cabeceira do Cervo Novo
- 1.2.2.1.2.25 Cabeceira do Galheiro
- 1.2.2.1.2.26 Cabeceira do Guatapar
- 1.2.2.1.2.27 Cabeceira do Jacaré
- 1.2.2.1.2.28 Cabeceira do Jaguar
- 1.2.2.1.2.29 Cabeceira do Leo
- 1.2.2.1.2.30 Cabeceira do Papagaio
- 1.2.2.1.2.31 Cabeceira do Tatu
- 1.2.2.1.2.32 Cabeceira dos Dourados
- 1.2.2.1.2.33 Cabeceira dos Porcos
- 1.2.2.1.2.34 Cabeceira Formiga
- 1.2.2.1.2.35 Cabeceira Galheiro
- 1.2.2.1.2.36 Cabeceira Garrote
- 1.2.2.1.2.37 Cabeceira Jacutinga
- 1.2.2.1.2.38 Cabeceira Jaguatirica
- 1.2.2.1.2.39 Cabeceira Jiboia
- 1.2.2.1.2.40 Cabeceira Marimbondo
- 1.2.2.1.2.41 Cabeceira Mutuca
- 1.2.2.1.2.42 Cabeceira Mutum
- 1.2.2.1.2.43 Cabeceira Onça
- 1.2.2.1.2.44 Cabeceira Oncinha
- 1.2.2.1.2.45 Cabeceira Paraguai
- 1.2.2.1.2.46 Cabeceira Queixada
- 1.2.2.1.2.47 Cabeceira Siriema
- 1.2.2.1.2.48 Cabeceira Sucuri
- 1.2.2.1.2.49 Cabeceira Vaca Mansa
- 1.2.2.1.2.50 Cabeceira Vaca Morta

1.2.2.1.3 Hidrotopônimos

- 1.2.2.1.3.1 Cabeceira gua Bonita
- 1.2.2.1.3.2 Cabeceira gua Doce
- 1.2.2.1.3.3 Cabeceira gua Limpa

- 1.2.2.1.3.4 Cabeceira Água Turva
- 1.2.2.1.3.5 Cabeceira Cachoeira Branca
- 1.2.2.1.3.6 Cabeceira Cachoeirinha
- 1.2.2.1.3.7 Cabeceira Corredeira
- 1.2.2.1.3.8 Cabeceira da Aguada
- 1.2.2.1.3.9 Cabeceira da Cachoeira
- 1.2.2.1.3.10 Cabeceira da Lagoa
- 1.2.2.1.3.11 Cabeceira da Pulador
- 1.2.2.1.3.12 Cabeceira das Poças
- 1.2.2.1.3.13 Cabeceira do Açude
- 1.2.2.1.3.14 Cabeceira do Aguão
- 1.2.2.1.3.15 Cabeceira do Bracinho
- 1.2.2.1.3.16 Cabeceira do Córrego Salobrinha
- 1.2.2.1.3.17 Cabeceira do Esparrame
- 1.2.2.1.3.18 Cabeceira do Iguatemi
- 1.2.2.1.3.19 Cabeceira do Lagoão
- 1.2.2.1.3.20 Cabeceira do Olho d'Água
- 1.2.2.1.3.21 Cabeceira do Poção
- 1.2.2.1.3.22 Cabeceira do Poção/Poço
- 1.2.2.1.3.23 Cabeceira do Rego d'água
- 1.2.2.1.3.24 Cabeceira do Rio Amambaí
- 1.2.2.1.3.25 Cabeceira do Rio Apa
- 1.2.2.1.3.26 Cabeceira do Rio Bonito
- 1.2.2.1.3.27 Cabeceira do Rio Maracaí
- 1.2.2.1.3.28 Cabeceira do Roncador
- 1.2.2.1.3.29 Cabeceira do Saltador
- 1.2.2.1.3.30 Cabeceira do Turvo
- 1.2.2.1.3.31 Cabeceira dos Olhos d'Água
- 1.2.2.1.3.32 Cabeceira Fria
- 1.2.2.1.3.33 Cabeceira Ipuí-pucu
- 1.2.2.1.3.34 Cabeceira Ipyta
- 1.2.2.1.3.35 Cabeceira Lagoa Seca
- 1.2.2.1.3.36 Cabeceira Lagoão
- 1.2.2.1.3.37 Cabeceira Limpa
- 1.2.2.1.3.38 Cabeceira Olho d'Água
- 1.2.2.1.3.39 Cabeceira Olhos d'Água
- 1.2.2.1.3.40 Cabeceira Poção
- 1.2.2.1.3.41 Cabeceira Pulador
- 1.2.2.1.3.42 Cabeceira Rego D'água
- 1.2.2.1.3.43 Cabeceira Rio Branco
- 1.2.2.1.3.44 Cabeceira Seca
- 1.2.2.1.3.45 Cabeceira Suja

1.2.2.1.4 Geomorfotopônimos

- 1.2.2.1.4.1 Cabeceira Baixadão
- 1.2.2.1.4.2 Cabeceira Barranco Vermelho
- 1.2.2.1.4.3 Cabeceira Boqueirão
- 1.2.2.1.4.4 Cabeceira Campina
- 1.2.2.1.4.5 Cabeceira Cerrito

- 1.2.2.1.4.6 Cabeceira da Campina
- 1.2.2.1.4.7 Cabeceira da Grota
- 1.2.2.1.4.8 Cabeceira da Varginha
- 1.2.2.1.4.9 Cabeceira Desbarrancada
- 1.2.2.1.4.10 Cabeceira Desbarrancado
- 1.2.2.1.4.11 Cabeceira do Barranco Vermelho
- 1.2.2.1.4.12 Cabeceira do Boqueirão
- 1.2.2.1.4.13 Cabeceira do Brejão
- 1.2.2.1.4.14 Cabeceira do Cerro Velho
- 1.2.2.1.4.15 Cabeceira do Pântano
- 1.2.2.1.4.16 Cabeceira Morrinho
- 1.2.2.1.4.17 Cabeceira Prainha

1.2.2.1.5 Litotopônimos

- 1.2.2.1.5.1 Cabeceira Areia
- 1.2.2.1.5.2 Cabeceira da Areia
- 1.2.2.1.5.3 Cabeceira Atoladeira
- 1.2.2.1.5.4 Cabeceira Atolador
- 1.2.2.1.5.5 Cabeceira da Atoladeira
- 1.2.2.1.5.6 Cabeceira do Barreiro
- 1.2.2.1.5.7 Cabeceira do Barrerinho
- 1.2.2.1.5.8 Cabeceira do Brejão
- 1.2.2.1.5.9 Cabeceira Ita
- 1.2.2.1.5.10 Cabeceira Lajeado
- 1.2.2.1.5.11 Cabeceira Lajeado
- 1.2.2.1.5.12 Cabeceira do Lodo
- 1.2.2.1.5.13 Cabeceira da Pedra
- 1.2.2.1.5.14 Cabeceira Prata
- 1.2.2.1.5.15 Cabeceira da Terra Amarela
- 1.2.2.1.5.16 Cabeceira Tujuri

1.2.2.1.6 Dimensiotopônimos

- 1.2.2.1.6.1 Cabeceira Alta
- 1.2.2.1.6.2 Cabeceira Comprida
- 1.2.2.1.6.3 Cabeceira Funda
- 1.2.2.1.6.4 Cabeceira Grande
- 1.2.2.1.6.5 Cabeceira Guaçu

1.2.2.1.7 Cromotopônimos

- 1.2.2.1.7.1 Cabeceira Anil
- 1.2.2.1.7.2 Cabeceira Branca
- 1.2.2.1.7.3 Cabeceira do Verde

1.2.2.1.8 Cardinotopônimos

- 1.2.2.1.8.1 Cabeceira do Meio

1.2.2.1.8.2 Cabeceira da Divisa

1.2.2.1.9 Astrotopônimo

1.2.2.1.9.1 Cabeceira do Sol

1.2.2.1.10 Morfotopônimo

1.2.2.1.10.1 Cabeceira do Eixo

1.2.2.2 Taxionomia de natureza antropo cultural

1.2.2.2.1 Antrotopônimos

- 1.2.2.2.1.1 Cabeceira Angelito
- 1.2.2.2.1.2 Cabeceira Anita
- 1.2.2.2.1.3 Cabeceira Antônio Pael
- 1.2.2.2.1.4 Cabeceira Bertolino
- 1.2.2.2.1.5 Cabeceira Chico Preto
- 1.2.2.2.1.6 Cabeceira Conchita-Cuê
- 1.2.2.2.1.7 Cabeceira da Lima
- 1.2.2.2.1.8 Cabeceira do Adalberto
- 1.2.2.2.1.9 Cabeceira do Emilio
- 1.2.2.2.1.10 Cabeceira do Flosino
- 1.2.2.2.1.11 Cabeceira do Manoel José
- 1.2.2.2.1.12 Cabeceira do Marco
- 1.2.2.2.1.13 Cabeceira do Miguel
- 1.2.2.2.1.14 Cabeceira do Romão
- 1.2.2.2.1.15 Cabeceira do Tônico
- 1.2.2.2.1.16 Cabeceira do Zé Antônio
- 1.2.2.2.1.17 Cabeceira Dona Nilsa
- 1.2.2.2.1.18 Cabeceira Elefonsa
- 1.2.2.2.1.19 Cabeceira Emílio
- 1.2.2.2.1.20 Cabeceira Gavino-Cuê
- 1.2.2.2.1.21 Cabeceira Inês
- 1.2.2.2.1.22 Cabeceira Jurema
- 1.2.2.2.1.23 Cabeceira Lúcio-Cuê
- 1.2.2.2.1.24 Cabeceira Madalena
- 1.2.2.2.1.25 Cabeceira Marco-Cuê
- 1.2.2.2.1.26 Cabeceira Miranda
- 1.2.2.2.1.27 Cabeceira Nestor Cuê
- 1.2.2.2.1.28 Cabeceira Panchita
- 1.2.2.2.1.29 Cabeceira Ponciano-Cuê
- 1.2.2.2.1.30 Cabeceira Sabina
- 1.2.2.2.1.31 Cabeceira Silva Jardim
- 1.2.2.2.1.32 Cabeceira Zé Velho

1.2.2.2.2 Sociotopônimos

- 1.2.2.2.2.1 Cabeceira Campeira

- 1.2.2.2.2 Cabeceira Curralão
- 1.2.2.2.3 Cabeceira da Fazenda Velha
- 1.2.2.2.4 Cabeceira da Lavoura
- 1.2.2.2.5 Cabeceira da Ronda
- 1.2.2.2.6 Cabeceira da Serraria
- 1.2.2.2.7 Cabeceira da Trela
- 1.2.2.2.8 Cabeceira do Acampamento
- 1.2.2.2.9 Cabeceira do Caçador
- 1.2.2.2.10 Cabeceira do Recreio
- 1.2.2.2.11 Cabeceira Olaria
- 1.2.2.2.12 Cabeceira Potreirinho
- 1.2.2.2.13 Cabeceira Retirinho
- 1.2.2.2.14 Cabeceira Retiro Seco
- 1.2.2.2.15 Cabeceira Roça
- 1.2.2.2.16 Cabeceira Rodeio
- 1.2.2.2.17 Cabeceira Rondinha

1.2.2.2.3 Ergotopônimos

- 1.2.2.2.3.1 Cabeceira Arame
- 1.2.2.2.3.2 Cabeceira Baeta
- 1.2.2.2.3.3 Cabeceira Balança
- 1.2.2.2.3.4 Cabeceira Balanço
- 1.2.2.2.3.5 Cabeceira Cambota
- 1.2.2.2.3.6 Cabeceira da Caçamba
- 1.2.2.2.3.7 Cabeceira da Caneca
- 1.2.2.2.3.8 Cabeceira da Espingarda
- 1.2.2.2.3.9 Cabeceira do Carrinho
- 1.2.2.2.3.10 Cabeceira do Casaco
- 1.2.2.2.3.11 Cabeceira do Cocho
- 1.2.2.2.3.12 Cabeceira do Fogo
- 1.2.2.2.3.13 Cabeceira do Serrote
- 1.2.2.2.3.14 Cabeceira Quebra-Queixo
- 1.2.2.2.3.15 Cabeceira Tara
- 1.2.2.2.3.16 Cabeceira Tereré

1.2.2.2.4 Hagiopônimos

- 1.2.2.2.4.1 Cabeceira de Santa Rosa
- 1.2.2.2.4.2 Cabeceira de São Lourenço
- 1.2.2.2.4.3 Cabeceira de São Tomás
- 1.2.2.2.4.4 Cabeceira Santa Amália
- 1.2.2.2.4.5 Cabeceira Santa Clara
- 1.2.2.2.4.6 Cabeceira Santa Inês
- 1.2.2.2.4.7 Cabeceira Santa Rosa
- 1.2.2.2.4.8 Cabeceira Santo Antônio
- 1.2.2.2.4.9 Cabeceira São Carlos
- 1.2.2.2.4.10 Cabeceira São Francisco
- 1.2.2.2.4.11 Cabeceira São João
- 1.2.2.2.4.12 Cabeceira São Lucas

- 1.2.2.2.4.13 Cabeceira São Luís
- 1.2.2.2.4.14 Cabeceira São Miguel
- 1.2.2.2.4.15 Cabeceira São Vicente

1.2.2.2.5 Animotopônimos Eufóricos

- 1.2.2.2.5.1 Cabeceira Alegre
- 1.2.2.2.5.2 Cabeceira Aurora
- 1.2.2.2.5.3 Cabeceira Boa Sorte
- 1.2.2.2.5.4 Cabeceira Boa Vida
- 1.2.2.2.5.5 Cabeceira Boa Vista
- 1.2.2.2.5.6 Cabeceira Bom Jardim
- 1.2.2.2.5.7 Cabeceira Bonita
- 1.2.2.2.5.8 Cabeceira Conquista
- 1.2.2.2.5.9 Cabeceira Descanso
- 1.2.2.2.5.10 Cabeceira do Bom Jeito
- 1.2.2.2.5.11 Cabeceira do Formoso
- 1.2.2.2.5.12 Cabeceira Fortuna
- 1.2.2.2.5.13 Cabeceira Mimosinho
- 1.2.2.2.5.14 Cabeceira Paraíso

1.2.2.2.6 Ecotopônimos

- 1.2.2.2.6.1 Cabeceira da Casa
- 1.2.2.2.6.2 Cabeceira da Tapera
- 1.2.2.2.6.3 Cabeceira do Pousinho
- 1.2.2.2.6.4 Cabeceira do Ranchinho
- 1.2.2.2.6.5 Cabeceira Rancho Lima
- 1.2.2.2.6.6 Cabeceira Tapera

1.2.2.2.7 Etnotopônimos

- 1.2.2.2.7.1 Cabeceira Caraíba
- 1.2.2.2.7.2 Cabeceira Carajá/Caraiá
- 1.2.2.2.7.3 Cabeceira do Bugre
- 1.2.2.2.7.4 Cabeceira do Cambaí
- 1.2.2.2.7.5 Cabeceira Gurizão
- 1.2.2.2.7.6 Cabeceira Oriental Cuê

1.2.2.2.8 Numerotopônimos

- 1.2.2.2.8.1 Cabeceira das Três Pontes
- 1.2.2.2.8.2 Cabeceira do Onze
- 1.2.2.2.8.3 Cabeceira Dois Galhos
- 1.2.2.2.8.4 Cabeceira Três Capões
- 1.2.2.2.8.5 Cabeceira Três Lagoas

1.2.2.2.9 Somatopônimos

- 1.2.2.2.9.1 Cabeceira do Nioaque

1.2.2.2.9.2 Cabeceira Pezinho

1.2.2.2.9.3 Cabeceira Turuno

1.2.2.2.10 Animotopônimo Disfórico

1.2.2.2.10.1 Cabeceira do Engano

1.2.2.2.10.2 Cabeceira do Pampeiro

1.2.2.2.11 Axiotopônimos

1.2.2.2.11.1 Cabeceira Capitão

1.2.2.2.11.2 Cabeceira Tenente

1.2.2.2.12 Dirrematotopônimo

1.2.2.2.12.1 Cabeceira Carro Quebrado

1.2.2.2.12.2 Cabeceira Vi Gente

1.2.2.2.13 Poliotopônimo

1.2.2.2.13.1 Cabeceira da Aldeia

1.2.2.2.13.2 Cabeceira Vila

1.2.2.3 Não Classificados

1.2.2.3.1 Cabeceira da Aldeia

1.2.2.3.2 Cabeceira da Corrida

1.2.2.3.3 Cabeceira do Coxo

1.2.2.3.4 Cabeceira Favirá

1.2.2.3.5 Cabeceira Roderrum

1.2.2.3.6 Cabeceira Surtira

1.2.2.3.7 Cabeceira Vanguarda

1.2.2.3.8 Cabeceira Varantingue

1.2.3 Cabo

1.2.3.1 Taxionomias de natureza física

1.2.3.1.1 Hidrotopônimo

1.2.3.1.1.1 Cabo do Escondedouro

1.2.3.2 Taxionomias de natureza antropo cultural

1.2.3.2.1 Sociotopônimo

1.2.3.2.1.1 Cabo do Retiro

1.2.4 Canal

1.2.4.1 Taxionomias de natureza física

1.2.4.1.1 Fitotopônimo

1.2.4.1.1.1 Canal de Araçatuba

1.2.4.1.2 Hidrotopônimo

1.2.4.1.2.1 Canal Iputã/Puitã

1.2.3 Não Classificado

1.2.3.1 Canal do Tamengo

1.2.5 Corixo

1.2.5.1 Taxionomias de natureza física

1.2.5.1.1 Zootopônimo

- 1.2.5.1.1.1 Corixo Capivara
- 1.2.5.1.1.2 Corixo do Pacu
- 1.2.5.1.1.3 Corixo do Veado Gordo
- 1.2.5.1.1.4 Corixo dos Cavalos
- 1.2.5.1.1.5 Corixo dos Porcos
- 1.2.5.1.1.6 Corixo dos Touros
- 1.2.5.1.1.7 Corixo Jacaré
- 1.2.5.1.1.8 Corixo Jaguatirica
- 1.2.5.1.1.9 Corixo Piranha
- 1.2.5.1.1.10 Corixo Sabiá
- 1.2.5.1.1.11 Corixo Tungo

1.2.5.1.2 Fitotopônimo

- 1.2.5.1.2.1 Corixo do Cerrado
- 1.2.5.1.2.2 Corixo Piúva
- 1.2.5.1.2.3 Corixo Tunal

1.2.5.1.3 Cromotopônimo

- 1.2.5.1.3.1 Corixo Vermelho
- 1.2.5.1.3.2 Corixo Negrilho

1.2.5.1.4 Hidrotopônimo

- 1.2.5.1.4.1 Corixo Água Limpa
- 1.2.5.1.4.2 Corixo Corixão

1.2.5.1.5 Cardinotopônimo

1.2.5.1.5.1 Corixo do Meio

1.2.5.1.6 Dimensiotopônimo

1.2.5.1.6.1 Corixo Fundo

1.2.5.2 Taxionomias de natureza antropo cultural**1.2.5.2.1 Antropotopônimo**

1.2.5.2.1.1 Corixo Carem

1.2.5.2.1.2 Corixo João Leme

1.2.5.2.1.3 Corixo Lorita

1.2.5.2.1.4 Corixo Maria Coelho

1.2.5.2.2 Ergotopônimo

1.2.5.2.2.1 Corixo da Canoa

1.2.5.2.2.2 Corixo do Revólver

1.2.5.2.3 Hagiopônimo

1.2.5.2.3.1 Corixo São Domingos

1.2.5.2.3.2 Corixo São Sebastião

1.2.5.2.4 Animotopônimo Eufórico

1.2.5.2.4.1 Corixo Formoso

1.2.5.2.5 Dirrematotopônimo

1.2.5.2.5.1 Corixo Mata Cachorro

1.2.5.2.6 Hodotopônimo

1.2.5.2.6.1 Corixo da Estiva

1.2.5.2.7 Numerotopônimo

1.2.5.2.7.1 Corixo Trinta e Nove

1.2.5.2.8 Somatotopônimo

1.2.5.2.8.1 Corixo do Rabicho

1.2.6 Corixão

1.2.6.1 Taxionomias de natureza antropo cultural

1.2.6.1.1 Hagiopônimo

1.2.6.1.1.1 Corixão Santa Rita

1.2.7 Córrego

1.2.7.2.2 Taxionomias de natureza física

1.2.7.2.2.1 Fitopônimo

- 1.2.7.1.1.1 Córrego Abóbora
- 1.2.7.1.1.2 Córrego Aboboreira
- 1.2.7.1.1.3 Córrego Açai
- 1.2.7.1.1.4 Córrego Açucena
- 1.2.7.1.1.5 Córrego Acurizal
- 1.2.7.1.1.6 Córrego Aguapeí
- 1.2.7.1.1.7 Córrego Alecrim
- 1.2.7.1.1.8 Córrego Algodal
- 1.2.7.1.1.9 Córrego Alho
- 1.2.7.1.1.10 Córrego Ananás
- 1.2.7.1.1.11 Córrego Angelim
- 1.2.7.1.1.12 Córrego Angical
- 1.2.7.1.1.13 Córrego Angico
- 1.2.7.1.1.14 Córrego Argitá/Argite
- 1.2.7.1.1.15 Córrego Aroeira
- 1.2.7.1.1.16 Córrego Arroz/do Arroz
- 1.2.7.1.1.17 Córrego Arroz Doce
- 1.2.7.1.1.18 Córrego Arrozal
- 1.2.7.1.1.19 Córrego Árvore Grande
- 1.2.7.1.1.20 Córrego Assucena
- 1.2.7.1.1.21 Córrego Babaçu
- 1.2.7.1.1.22 Córrego Bacuri
- 1.2.7.1.1.23 Córrego Baguaçu
- 1.2.7.1.1.24 Córrego Baguaçu/Babaçu
- 1.2.7.1.1.25 Córrego Baguaçuzinho
- 1.2.7.1.1.26 Córrego Bálamo
- 1.2.7.1.1.27 Córrego Bambus/dos Bambus
- 1.2.7.1.1.28 Córrego Bananal
- 1.2.7.1.1.29 Córrego Bananalzinho
- 1.2.7.1.1.30 Córrego Barbatimão
- 1.2.7.1.1.31 Córrego Baru
- 1.2.7.1.1.32 Córrego Bataguaçu/Bataguassu
- 1.2.7.1.1.33 Córrego Bocajá
- 1.2.7.1.1.34 Córrego Braúna
- 1.2.7.1.1.35 Córrego Buriti
- 1.2.7.1.1.36 Córrego Buriti/do Buriti
- 1.2.7.1.1.37 Córrego Buriti de Baixo

1.2.7.1.1.38	Córrego Buriti de Cima
1.2.7.1.1.39	Córrego Buriti do Cervo
1.2.7.1.1.40	Córrego Buriti Preto
1.2.7.1.1.41	Córrego Buriti Vermelho
1.2.7.1.1.42	Córrego Buritzal
1.2.7.1.1.43	Córrego Buritzinho
1.2.7.1.1.44	Córrego Caarapó
1.2.7.1.1.45	Córrego Caarapozinho
1.2.7.1.1.46	Córrego Cabaça
1.2.7.1.1.47	Córrego Caeté
1.2.7.1.1.48	Córrego Café
1.2.7.1.1.49	Córrego Cafelândia
1.2.7.1.1.50	Córrego Cafezal
1.2.7.1.1.51	Córrego Cafezinho
1.2.7.1.1.52	Córrego Cambaúba
1.2.7.1.1.53	Córrego Cambaúba/Cambaúba/Cambaíba
1.2.7.1.1.54	Córrego Cambauvinha
1.2.7.1.1.55	Córrego Campanha
1.2.7.1.1.56	Córrego Campestre
1.2.7.1.1.57	Córrego Cana Verde
1.2.7.1.1.58	Córrego Canavial
1.2.7.1.1.59	Córrego Candiuba
1.2.7.1.1.60	Córrego Canduíba
1.2.7.1.1.61	Córrego Canela Preta
1.2.7.1.1.62	Córrego Capão
1.2.7.1.1.63	Córrego Capão Alto
1.2.7.1.1.64	Córrego Capão Bonito
1.2.7.1.1.65	Córrego Capão Limpo
1.2.7.1.1.66	Córrego Capão Redondo
1.2.7.1.1.67	Córrego Capão Seco
1.2.7.1.1.68	Córrego Capão Verde
1.2.7.1.1.69	Córrego Capim
1.2.7.1.1.70	Córrego Capim Branco
1.2.7.1.1.71	Córrego Capim Scardine
1.2.7.1.1.72	Córrego Capim-branco
1.2.7.1.1.73	Córrego Capi-Y
1.2.7.1.1.74	Córrego Capoeira/da Capoeira
1.2.7.1.1.75	Córrego Caraguatá
1.2.7.1.1.76	Córrego Carambola
1.2.7.1.1.77	Córrego Carandá
1.2.7.1.1.78	Córrego Carandalzinho
1.2.7.1.1.79	Córrego Carrapicho
1.2.7.1.1.80	Córrego Castanha
1.2.7.1.1.81	Córrego Catingueira
1.2.7.1.1.82	Córrego Caverá
1.2.7.1.1.83	Córrego Caviúna
1.2.7.1.1.84	Córrego Cedro
1.2.7.1.1.85	Córrego Cedro/do Cedro
1.2.7.1.1.86	Córrego Cereja
1.2.7.1.1.87	Córrego Cerradão/Serradão

- 1.2.7.1.1.88 Córrego Cerrado Feio
- 1.2.7.1.1.89 Córrego Cipó
- 1.2.7.1.1.90 Córrego Congonha
- 1.2.7.1.1.91 Córrego Coqueirinho
- 1.2.7.1.1.92 Córrego Coqueiro/do Coqueiro
- 1.2.7.1.1.93 Córrego Cravo
- 1.2.7.1.1.94 Córrego Curubaí
- 1.2.7.1.1.95 Córrego Curuhaí
- 1.2.7.1.1.96 Córrego Curupaí
- 1.2.7.1.1.97 Córrego Curupaízinho
- 1.2.7.1.1.98 Córrego Curupιά
- 1.2.7.1.1.99 Córrego da Aroeira
- 1.2.7.1.1.100 Córrego da rvore Grande
- 1.2.7.1.1.101 Córrego da Bananeira/da gua Doce
- 1.2.7.1.1.102 Córrego da Cabaça
- 1.2.7.1.1.103 Córrego da Cana
- 1.2.7.1.1.104 Córrego da Cana-Brava
- 1.2.7.1.1.105 Córrego da Erva
- 1.2.7.1.1.106 Córrego da Figueira
- 1.2.7.1.1.107 Córrego da Goiaba
- 1.2.7.1.1.108 Córrego da Grama
- 1.2.7.1.1.109 Córrego da Guariroba
- 1.2.7.1.1.110 Córrego da Imbaúba
- 1.2.7.1.1.111 Córrego da Laranjeira
- 1.2.7.1.1.112 Córrego da Limeira
- 1.2.7.1.1.113 Córrego da Lixa
- 1.2.7.1.1.114 Córrego da Lobeira
- 1.2.7.1.1.115 Córrego da Macaba
- 1.2.7.1.1.116 Córrego da Manga
- 1.2.7.1.1.117 Córrego da Manga/das Trs Barras
- 1.2.7.1.1.118 Córrego da Mangaba/Mangava
- 1.2.7.1.1.119 Córrego da Mata
- 1.2.7.1.1.120 Córrego da Mata Assombrada
- 1.2.7.1.1.121 Córrego da Mateira
- 1.2.7.1.1.122 Córrego da Matinha
- 1.2.7.1.1.123 Córrego da Melancia
- 1.2.7.1.1.124 Córrego da Mumbeca/ Mombeca, Mombaca, Membeca,
Mumbaca
- 1.2.7.1.1.125 Córrego da Mumbequinha
- 1.2.7.1.1.126 Córrego da Paia
- 1.2.7.1.1.127 Córrego da Palha
- 1.2.7.1.1.128 Córrego da Pimenta
- 1.2.7.1.1.129 Córrego da Pindaíba
- 1.2.7.1.1.130 Córrego da Pindava
- 1.2.7.1.1.131 Córrego da Pita
- 1.2.7.1.1.132 Córrego da Piva
- 1.2.7.1.1.133 Córrego da Quina
- 1.2.7.1.1.134 Córrego da Taboca
- 1.2.7.1.1.135 Córrego da Taboquinha
- 1.2.7.1.1.136 Córrego da Taquara

- 1.2.7.1.1.137 Córrego das Cabaças
- 1.2.7.1.1.138 Córrego das Canas
- 1.2.7.1.1.139 Córrego das Flores
- 1.2.7.1.1.140 Córrego das Laranjeiras
- 1.2.7.1.1.141 Córrego das Macaúbas
- 1.2.7.1.1.142 Córrego das Paineiras
- 1.2.7.1.1.143 Córrego das Tabocas
- 1.2.7.1.1.144 Córrego do Acorizal
- 1.2.7.1.1.145 Córrego do Aiacos/Aiacá/Aiaça
- 1.2.7.1.1.146 Córrego do Angico
- 1.2.7.1.1.147 Córrego do Arroz
- 1.2.7.1.1.148 Córrego do Bálsamo
- 1.2.7.1.1.149 Córrego do Bambu
- 1.2.7.1.1.150 Córrego do Bananal
- 1.2.7.1.1.151 Córrego do Buriti
- 1.2.7.1.1.152 Córrego do Buritizal
- 1.2.7.1.1.153 Córrego do Café
- 1.2.7.1.1.154 Córrego do Cafezal
- 1.2.7.1.1.155 Córrego do Cana
- 1.2.7.1.1.156 Córrego do Capão
- 1.2.7.1.1.157 Córrego do Capão Alto
- 1.2.7.1.1.158 Córrego do Capão Limpo
- 1.2.7.1.1.159 Córrego do Capim
- 1.2.7.1.1.160 Córrego do Cedro
- 1.2.7.1.1.161 Córrego do Cerrado
- 1.2.7.1.1.162 Córrego do Cipó
- 1.2.7.1.1.163 Córrego do Faia
- 1.2.7.1.1.164 Córrego do Feijão
- 1.2.7.1.1.165 Córrego do Indaiá
- 1.2.7.1.1.166 Córrego do Inhame
- 1.2.7.1.1.167 Córrego do Limão
- 1.2.7.1.1.168 Córrego do Mangue
- 1.2.7.1.1.169 Córrego do Matinho
- 1.2.7.1.1.170 Córrego do Mato
- 1.2.7.1.1.171 Córrego do Mucujê
- 1.2.7.1.1.172 Córrego do Palmital
- 1.2.7.1.1.173 Córrego do Palmito
- 1.2.7.1.1.174 Córrego do Pasto Fechado
- 1.2.7.1.1.175 Córrego do Pinhal
- 1.2.7.1.1.176 Córrego do Repolho
- 1.2.7.1.1.177 Córrego do Sapé
- 1.2.7.1.1.178 Córrego do Taboco
- 1.2.7.1.1.179 Córrego dos Tocos
- 1.2.7.1.1.180 Córrego Embarés
- 1.2.7.1.1.181 Córrego Embira
- 1.2.7.1.1.182 Córrego Erva
- 1.2.7.1.1.183 Córrego Espinídio
- 1.2.7.1.1.184 Córrego Espinilhio
- 1.2.7.1.1.185 Córrego Espinilho
- 1.2.7.1.1.186 Córrego Estipa

- 1.2.7.1.1.187 Córrego Estolho
- 1.2.7.1.1.188 Córrego Faia
- 1.2.7.1.1.189 Córrego Figueira
- 1.2.7.1.1.190 Córrego Flor
- 1.2.7.1.1.191 Córrego Flor de Maio
- 1.2.7.1.1.192 Córrego Frutal
- 1.2.7.1.1.193 Córrego Galho Quebrado
- 1.2.7.1.1.194 Córrego Gameleira
- 1.2.7.1.1.195 Córrego Garaguatá
- 1.2.7.1.1.196 Córrego Genipapinho
- 1.2.7.1.1.197 Córrego Genipapo
- 1.2.7.1.1.198 Córrego Geriva
- 1.2.7.1.1.199 Córrego Goiaba
- 1.2.7.1.1.200 Córrego Goiabal
- 1.2.7.1.1.201 Córrego Gordura
- 1.2.7.1.1.202 Córrego Gravata
- 1.2.7.1.1.203 Córrego Graveto
- 1.2.7.1.1.204 Córrego Guabiroba
- 1.2.7.1.1.205 Córrego Guacuri
- 1.2.7.1.1.206 Córrego Guaimbé
- 1.2.7.1.1.207 Córrego Guaivira
- 1.2.7.1.1.208 Córrego Guajuvira
- 1.2.7.1.1.209 Córrego Guajuvirá/Guaivira
- 1.2.7.1.1.210 Córrego Guanandi
- 1.2.7.1.1.211 Córrego Guanandyzinho
- 1.2.7.1.1.212 Córrego Guapeí
- 1.2.7.1.1.213 Córrego Guararema
- 1.2.7.1.1.214 Córrego Guariroba
- 1.2.7.1.1.215 Córrego Guarirova
- 1.2.7.1.1.216 Córrego Guarvira/Guaivira/Guavira
- 1.2.7.1.1.217 Córrego Guavirá
- 1.2.7.1.1.218 Córrego Guaviral
- 1.2.7.1.1.219 Córrego Gurupaí
- 1.2.7.1.1.220 Córrego Hervalzinho
- 1.2.7.1.1.221 Córrego Iari
- 1.2.7.1.1.222 Córrego Ibirá Peteim
- 1.2.7.1.1.223 Córrego Iguirá Moriti
- 1.2.7.1.1.224 Córrego Imbaúba
- 1.2.7.1.1.225 Córrego Imbiruçu
- 1.2.7.1.1.226 Córrego Imbirussu/Imbiruçu
- 1.2.7.1.1.227 Córrego Imbissu
- 1.2.7.1.1.228 Córrego Indaiá
- 1.2.7.1.1.229 Córrego Indaiaba
- 1.2.7.1.1.230 Córrego Indaiazinho
- 1.2.7.1.1.231 Córrego Ingá
- 1.2.7.1.1.232 Córrego Ingar/Ingá
- 1.2.7.1.1.233 Córrego Invaum
- 1.2.7.1.1.234 Córrego Ipehum
- 1.2.7.1.1.235 Córrego Iva Um
- 1.2.7.1.1.236 Córrego Ivaé

- 1.2.7.1.1.237 Córrego Ivaé – Mi
- 1.2.7.1.1.238 Córrego Jaboticaba
- 1.2.7.1.1.239 Córrego Jaboticabal
- 1.2.7.1.1.240 Córrego Jaboticaba
- 1.2.7.1.1.241 Córrego Japecanga
- 1.2.7.1.1.242 Córrego Jaraguá
- 1.2.7.1.1.243 Córrego Jataí
- 1.2.7.1.1.244 Córrego Jatobá
- 1.2.7.1.1.245 Córrego Jatobazinho
- 1.2.7.1.1.246 Córrego Jenipapo
- 1.2.7.1.1.247 Córrego Jeribá/Jeriva
- 1.2.7.1.1.248 Córrego Juari
- 1.2.7.1.1.249 Córrego Juqueri
- 1.2.7.1.1.250 Córrego Laranja
- 1.2.7.1.1.251 Córrego Laranja Azeda
- 1.2.7.1.1.252 Córrego Laranja Doce
- 1.2.7.1.1.253 Córrego Laranja Lima
- 1.2.7.1.1.254 Córrego Laranjaí
- 1.2.7.1.1.255 Córrego Laranjal
- 1.2.7.1.1.256 Córrego Laranjal/Laranjeira
- 1.2.7.1.1.257 Córrego Laranjeira
- 1.2.7.1.1.258 Córrego Laranjeiras
- 1.2.7.1.1.259 Córrego Limão
- 1.2.7.1.1.260 Córrego Limeira
- 1.2.7.1.1.261 Córrego Limeiro
- 1.2.7.1.1.262 Córrego Limoeiro
- 1.2.7.1.1.263 Córrego Lixa
- 1.2.7.1.1.264 Córrego Macaúba
- 1.2.7.1.1.265 Córrego Macaúba/Macaúva/Macaíba
- 1.2.7.1.1.266 Córrego Madeira
- 1.2.7.1.1.267 Córrego Mandarina
- 1.2.7.1.1.268 Córrego Mandioquinha
- 1.2.7.1.1.269 Córrego Manga
- 1.2.7.1.1.270 Córrego Mangaba
- 1.2.7.1.1.271 Córrego Mangabal
- 1.2.7.1.1.272 Córrego Mangabeira
- 1.2.7.1.1.273 Córrego Mangaval
- 1.2.7.1.1.274 Córrego Manguçú
- 1.2.7.1.1.275 Córrego Mangue
- 1.2.7.1.1.276 Córrego Mangueira/da Mangueira
- 1.2.7.1.1.277 Córrego Mangues/do Mangues
- 1.2.7.1.1.278 Córrego Maracujá/Morocujá/Murucujá/do Maracujá
- 1.2.7.1.1.279 Córrego Margarida
- 1.2.7.1.1.280 Córrego Matão/do Matão
- 1.2.7.1.1.281 Córrego Mateira
- 1.2.7.1.1.282 Córrego Mateirinha/Lavador
- 1.2.7.1.1.283 Córrego Matinha
- 1.2.7.1.1.284 Córrego Mato
- 1.2.7.1.1.285 Córrego Mato/do Mato
- 1.2.7.1.1.286 Córrego Mato Comprido

- 1.2.7.1.1.287 Córrego Mato Verde
- 1.2.7.1.1.288 Córrego Melancia
- 1.2.7.1.1.289 Córrego Membeca
- 1.2.7.1.1.290 Córrego Milho Torrado
- 1.2.7.1.1.291 Córrego Mimosa
- 1.2.7.1.1.292 Córrego Mimoso
- 1.2.7.1.1.293 Córrego Moita
- 1.2.7.1.1.294 Córrego Mucujê
- 1.2.7.1.1.295 Córrego Mucujezinho
- 1.2.7.1.1.296 Córrego Mumbequinha
- 1.2.7.1.1.297 Córrego Nhuatim
- 1.2.7.1.1.298 Córrego Nhu-Verá
- 1.2.7.1.1.299 Córrego Orozinho
- 1.2.7.1.1.300 Córrego Pacova
- 1.2.7.1.1.301 Córrego Pacuri/Pacari
- 1.2.7.1.1.302 Córrego Paineira
- 1.2.7.1.1.303 Córrego Palhada
- 1.2.7.1.1.304 Córrego Palma
- 1.2.7.1.1.305 Córrego Palmeira
- 1.2.7.1.1.306 Córrego Palmital
- 1.2.7.1.1.307 Córrego Palmito
- 1.2.7.1.1.308 Córrego Palmito/do Palmito
- 1.2.7.1.1.309 Córrego Pasto Ruim
- 1.2.7.1.1.310 Córrego Pau-Terra
- 1.2.7.1.1.311 Córrego Pequii
- 1.2.7.1.1.312 Córrego Peroba
- 1.2.7.1.1.313 Córrego Perobão/Peroba
- 1.2.7.1.1.314 Córrego Pimenta
- 1.2.7.1.1.315 Córrego Pimenteira
- 1.2.7.1.1.316 Córrego Pindaíba
- 1.2.7.1.1.317 Córrego Pindaibinha
- 1.2.7.1.1.318 Córrego Pindaivão
- 1.2.7.1.1.319 Córrego Pindaivinha
- 1.2.7.1.1.320 Córrego Pindó
- 1.2.7.1.1.321 Córrego Pindocare/Pindogarê
- 1.2.7.1.1.322 Córrego Pinheiro
- 1.2.7.1.1.323 Córrego Pinho
- 1.2.7.1.1.324 Córrego Pinhões
- 1.2.7.1.1.325 Córrego Pipoca
- 1.2.7.1.1.326 Córrego Piqui
- 1.2.7.1.1.327 Córrego Piripucu- açu
- 1.2.7.1.1.328 Córrego Pirizal
- 1.2.7.1.1.329 Córrego Pitangueira
- 1.2.7.1.1.330 Córrego Pitanguinha
- 1.2.7.1.1.331 Córrego Quebracho
- 1.2.7.1.1.332 Córrego Quiçaça
- 1.2.7.1.1.333 Córrego Raiz
- 1.2.7.1.1.334 Córrego Ramada
- 1.2.7.1.1.335 Córrego Ristinga/Restinga
- 1.2.7.1.1.336 Córrego Romado

- 1.2.7.1.1.337 Córrego Sabina
- 1.2.7.1.1.338 Córrego Salsa
- 1.2.7.1.1.339 Córrego Samambaia
- 1.2.7.1.1.340 Córrego Sapé/do Sapé
- 1.2.7.1.1.341 Córrego Seriguela
- 1.2.7.1.1.342 Córrego Seriguelo
- 1.2.7.1.1.343 Córrego Sucupira
- 1.2.7.1.1.344 Córrego Tabaco
- 1.2.7.1.1.345 Córrego Taboca
- 1.2.7.1.1.346 Córrego Tabocas
- 1.2.7.1.1.347 Córrego Taboquinha
- 1.2.7.1.1.348 Córrego Tacuapi
- 1.2.7.1.1.349 Córrego Tacuapiri
- 1.2.7.1.1.350 Córrego Tacuarizinho/Taquari
- 1.2.7.1.1.351 Córrego Tamburi/Tambory
- 1.2.7.1.1.352 Córrego Tânico/Tãnica
- 1.2.7.1.1.353 Córrego Taquaperi
- 1.2.7.1.1.354 Córrego Taquara
- 1.2.7.1.1.355 Córrego Taquaraçu
- 1.2.7.1.1.356 Córrego Taquaral
- 1.2.7.1.1.357 Córrego Taquaralzinho
- 1.2.7.1.1.358 Córrego Taquari
- 1.2.7.1.1.359 Córrego Taquaribe
- 1.2.7.1.1.360 Córrego Taquari-mirim
- 1.2.7.1.1.361 Córrego Taquarucu
- 1.2.7.1.1.362 Córrego Taquarussu
- 1.2.7.1.1.363 Córrego Taquarussu/Taquaruçu
- 1.2.7.1.1.364 Córrego Tarumã
- 1.2.7.1.1.365 Córrego Taruman/Tarumã
- 1.2.7.1.1.366 Córrego Tataré
- 1.2.7.1.1.367 Córrego Timbaúva/Timbaúba
- 1.2.7.1.1.368 Córrego Toco Seco
- 1.2.7.1.1.369 Córrego Tuna
- 1.2.7.1.1.370 Córrego Turumã/Tarumã
- 1.2.7.1.1.371 Córrego Umbaúba
- 1.2.7.1.1.372 Córrego Urucuiano
- 1.2.7.1.1.373 Córrego Urucum
- 1.2.7.1.1.374 Córrego Urumbeba
- 1.2.7.1.1.375 Córrego Urumbela
- 1.2.7.1.1.376 Córrego Urumbeva
- 1.2.7.1.1.377 Córrego Vareta
- 1.2.7.1.1.378 Córrego Violeta
- 1.2.7.1.1.379 Córrego Xexim/Xaxim

1.2.7.1.2 Zootopônimos

- 1.2.7.1.2.1 Córrego Acuti
- 1.2.7.1.2.2 Córrego Aguará
- 1.2.7.1.2.3 Córrego Aiaiaí Cuê
- 1.2.7.1.2.4 Córrego Ajuricaba

1.2.7.1.2.5	Córrego Anhanduí
1.2.7.1.2.6	Córrego Anhuma
1.2.7.1.2.7	Córrego Anhumas
1.2.7.1.2.8	Córrego Anta
1.2.7.1.2.9	Córrego Anta Parida
1.2.7.1.2.10	Córrego Antinha
1.2.7.1.2.11	Córrego Araguainha
1.2.7.1.2.12	Córrego Aranha
1.2.7.1.2.13	Córrego Arapongas
1.2.7.1.2.14	Córrego Arapuá
1.2.7.1.2.15	Córrego Arapuã
1.2.7.1.2.16	Córrego Arara
1.2.7.1.2.17	Córrego Araras
1.2.7.1.2.18	Córrego Ariranha
1.2.7.1.2.19	Córrego Aves
1.2.7.1.2.20	Córrego Azulão
1.2.7.1.2.21	Córrego Bagre
1.2.7.1.2.22	Córrego Baguá
1.2.7.1.2.23	Córrego Baguari
1.2.7.1.2.24	Córrego Barigui
1.2.7.1.2.25	Córrego Beija Flor
1.2.7.1.2.26	Córrego Bezerra
1.2.7.1.2.27	Córrego Boi Jaguá
1.2.7.1.2.28	Córrego Boi Preto
1.2.7.1.2.29	Córrego Boi Taguá
1.2.7.1.2.30	Córrego Boi-corá
1.2.7.1.2.31	Córrego Boi-Jaga/Mboi Jaquá
1.2.7.1.2.32	Córrego Boivevê
1.2.7.1.2.33	Córrego Borá
1.2.7.1.2.34	Córrego Borevi
1.2.7.1.2.35	Córrego Borrachudo
1.2.7.1.2.36	Córrego Borreirinha
1.2.7.1.2.37	Córrego Boyaguá
1.2.7.1.2.38	Córrego Burrinho
1.2.7.1.2.39	Córrego Burro Amarrado
1.2.7.1.2.40	Córrego Caba Cuê
1.2.7.1.2.41	Córrego Cabeçuda
1.2.7.1.2.42	Córrego Cabichuí
1.2.7.1.2.43	Córrego Cabrita
1.2.7.1.2.44	Córrego Cabritinha
1.2.7.1.2.45	Córrego Cabrito
1.2.7.1.2.46	Córrego Cachorrinho
1.2.7.1.2.47	Córrego Cachorro
1.2.7.1.2.48	Córrego Cai-cuê
1.2.7.1.2.49	Córrego Canastrão
1.2.7.1.2.50	Córrego Cancã
1.2.7.1.2.51	Córrego Cangalinhos
1.2.7.1.2.52	Córrego Caninana
1.2.7.1.2.53	Córrego Capado
1.2.7.1.2.54	Córrego Capivara

1.2.7.1.2.55	Córrego Caracará
1.2.7.1.2.56	Córrego Caracol
1.2.7.1.2.57	Córrego Caracolzinho
1.2.7.1.2.58	Córrego Caracu
1.2.7.1.2.59	Córrego Carneiro
1.2.7.1.2.60	Córrego Carpa
1.2.7.1.2.61	Córrego Carrapato
1.2.7.1.2.62	Córrego Carrapatos
1.2.7.1.2.63	Córrego Cascavel
1.2.7.1.2.64	Córrego Cascavel/da Cascavel
1.2.7.1.2.65	Córrego Cateto/Caititu
1.2.7.1.2.66	Córrego Catingueiro
1.2.7.1.2.67	Córrego Cavalo
1.2.7.1.2.68	Córrego Cervinho
1.2.7.1.2.69	Córrego Cervo
1.2.7.1.2.70	Córrego Cervo Novo
1.2.7.1.2.71	Córrego Ciá
1.2.7.1.2.72	Córrego Cobra
1.2.7.1.2.73	Córrego Coelho
1.2.7.1.2.74	Córrego Coró
1.2.7.1.2.75	Córrego Coruja
1.2.7.1.2.76	Córrego Corujinha
1.2.7.1.2.77	Córrego Corvo
1.2.7.1.2.78	Córrego Cotia
1.2.7.1.2.79	Córrego Coxim Branco
1.2.7.1.2.80	Córrego Cumundá
1.2.7.1.2.81	Córrego Cupim
1.2.7.1.2.82	Córrego Curé
1.2.7.1.2.83	Córrego Curica/Curicá
1.2.7.1.2.84	Córrego Curicaca
1.2.7.1.2.85	Córrego D'Antas
1.2.7.1.2.86	Córrego da Abelha
1.2.7.1.2.87	Córrego da Anta
1.2.7.1.2.88	Córrego da Antinha
1.2.7.1.2.89	Córrego da Arara
1.2.7.1.2.90	Córrego da Cabra
1.2.7.1.2.91	Córrego da Carne
1.2.7.1.2.92	Córrego da Cobra
1.2.7.1.2.93	Córrego da Coruja
1.2.7.1.2.94	Córrego da Curicaca
1.2.7.1.2.95	Córrego da Égua
1.2.7.1.2.96	Córrego da Ema
1.2.7.1.2.97	Córrego da Formiga
1.2.7.1.2.98	Córrego da Guampuda
1.2.7.1.2.99	Córrego da Inhaúma/ Inhume, Anhuma, Anhima
1.2.7.1.2.100	Córrego da Lagarta
1.2.7.1.2.101	Córrego da Lontra
1.2.7.1.2.102	Córrego da Lula
1.2.7.1.2.103	Córrego da Mula
1.2.7.1.2.104	Córrego da Mutuca/Motuca

- 1.2.7.1.2.105 Córrego da Onça
- 1.2.7.1.2.106 Córrego da Oncinha
- 1.2.7.1.2.107 Córrego da Ouricaca
- 1.2.7.1.2.108 Córrego da Ouricana
- 1.2.7.1.2.109 Córrego da Perdiz
- 1.2.7.1.2.110 Córrego da Queixadinha
- 1.2.7.1.2.111 Córrego da Rela
- 1.2.7.1.2.112 Córrego da Serva
- 1.2.7.1.2.113 Córrego da Sucuri
- 1.2.7.1.2.114 Córrego da Vaca Branca
- 1.2.7.1.2.115 Córrego da Vaca Parida
- 1.2.7.1.2.116 Córrego da Veada
- 1.2.7.1.2.117 Córrego da Viuvinha
- 1.2.7.1.2.118 Córrego das Antas
- 1.2.7.1.2.119 Córrego das Araras
- 1.2.7.1.2.120 Córrego das Éguas
- 1.2.7.1.2.121 Córrego das Perdizes
- 1.2.7.1.2.122 Córrego das Vacas
- 1.2.7.1.2.123 Córrego do Arapuá/Irapuã
- 1.2.7.1.2.124 Córrego do Areré
- 1.2.7.1.2.125 Córrego do Bagre
- 1.2.7.1.2.126 Córrego do Banguá
- 1.2.7.1.2.127 Córrego do Bezerro
- 1.2.7.1.2.128 Córrego do Boi
- 1.2.7.1.2.129 Córrego do Bugio
- 1.2.7.1.2.130 Córrego do Burrinho
- 1.2.7.1.2.131 Córrego do Burro
- 1.2.7.1.2.132 Córrego do Cágado
- 1.2.7.1.2.133 Córrego do Cancã
- 1.2.7.1.2.134 Córrego do Carneiro
- 1.2.7.1.2.135 Córrego do Carrapato
- 1.2.7.1.2.136 Córrego do Cateto
- 1.2.7.1.2.137 Córrego do Cavalo
- 1.2.7.1.2.138 Córrego do Cervinho
- 1.2.7.1.2.139 Córrego do Cervo
- 1.2.7.1.2.140 Córrego do Corvo
- 1.2.7.1.2.141 Córrego do Cupim
- 1.2.7.1.2.142 Córrego do Ema
- 1.2.7.1.2.143 Córrego do Garrote
- 1.2.7.1.2.144 Córrego do Gato
- 1.2.7.1.2.145 Córrego do Jacaré
- 1.2.7.1.2.146 Córrego do Jacaré Grande
- 1.2.7.1.2.147 Córrego do Lobinho
- 1.2.7.1.2.148 Córrego do Lobo
- 1.2.7.1.2.149 Córrego do Macaco
- 1.2.7.1.2.150 Córrego do Mosquito
- 1.2.7.1.2.151 Córrego do Mutum/Motum
- 1.2.7.1.2.152 Córrego do Mutunzinho/Motunzinho
- 1.2.7.1.2.153 Córrego do Papagaio
- 1.2.7.1.2.154 Córrego do Peixe frito

- 1.2.7.1.2.155 Córrego do Pica Pau
- 1.2.7.1.2.156 Córrego do Pombal
- 1.2.7.1.2.157 Córrego do Pombo
- 1.2.7.1.2.158 Córrego do Queixada
- 1.2.7.1.2.159 Córrego do Rato
- 1.2.7.1.2.160 Córrego do Sapo
- 1.2.7.1.2.161 Córrego do Sucuri
- 1.2.7.1.2.162 Córrego do Tamanduá/Tamandoá
- 1.2.7.1.2.163 Córrego do Tatu
- 1.2.7.1.2.164 Córrego do Touro
- 1.2.7.1.2.165 Córrego do Veado
- 1.2.7.1.2.166 Córrego dos Bois
- 1.2.7.1.2.167 Córrego dos Cupins
- 1.2.7.1.2.168 Córrego dos Dourados
- 1.2.7.1.2.169 Córrego dos Macacos
- 1.2.7.1.2.170 Córrego dos Mutuns/Motuns
- 1.2.7.1.2.171 Córrego dos Patos
- 1.2.7.1.2.172 Córrego dos Porcos
- 1.2.7.1.2.173 Córrego dos Potros
- 1.2.7.1.2.174 Córrego dos Tatus
- 1.2.7.1.2.175 Córrego Douradilho
- 1.2.7.1.2.176 Córrego Douradinho
- 1.2.7.1.2.177 Córrego Dourado
- 1.2.7.1.2.178 Córrego Dourados
- 1.2.7.1.2.179 Córrego Formiga
- 1.2.7.1.2.180 Córrego Formiguinha
- 1.2.7.1.2.181 Córrego Gaivota
- 1.2.7.1.2.182 Córrego Galheirinho
- 1.2.7.1.2.183 Córrego Galheiro
- 1.2.7.1.2.184 Córrego Garrote
- 1.2.7.1.2.185 Córrego Gateado
- 1.2.7.1.2.186 Córrego Gavião
- 1.2.7.1.2.187 Córrego Gibóia
- 1.2.7.1.2.188 Córrego Guacho
- 1.2.7.1.2.189 Córrego Guará
- 1.2.7.1.2.190 Córrego Guaraí
- 1.2.7.1.2.191 Córrego Guariaba
- 1.2.7.1.2.192 Córrego Guariba
- 1.2.7.1.2.193 Córrego Guaribu/Guariba
- 1.2.7.1.2.194 Córrego Guassuri
- 1.2.7.1.2.195 Córrego Guatapará
- 1.2.7.1.2.196 Córrego Guaxupé
- 1.2.7.1.2.197 Córrego Guiriri
- 1.2.7.1.2.198 Córrego Gujuvirá
- 1.2.7.1.2.199 Córrego Humaitá
- 1.2.7.1.2.200 Córrego Iguirá Morotim
- 1.2.7.1.2.201 Córrego Inhambucum
- 1.2.7.1.2.202 Córrego Inhaúma
- 1.2.7.1.2.203 Córrego Irara
- 1.2.7.1.2.204 Córrego Jaburu

- 1.2.7.1.2.205 Córrego Jabuti
- 1.2.7.1.2.206 Córrego Jacaré
- 1.2.7.1.2.207 Córrego Jacareí
- 1.2.7.1.2.208 Córrego Jacareipa
- 1.2.7.1.2.209 Córrego Jacarezinho
- 1.2.7.1.2.210 Córrego Jacu
- 1.2.7.1.2.211 Córrego Jacu Barreiro
- 1.2.7.1.2.212 Córrego Jaguapeí
- 1.2.7.1.2.213 Córrego Jaguarão
- 1.2.7.1.2.214 Córrego Jaguaretê
- 1.2.7.1.2.215 Córrego Jaguari
- 1.2.7.1.2.216 Córrego Jaguarizinho
- 1.2.7.1.2.217 Córrego Jararaca
- 1.2.7.1.2.218 Córrego Jataí
- 1.2.7.1.2.219 Córrego Jateí
- 1.2.7.1.2.220 Córrego Jaú
- 1.2.7.1.2.221 Córrego Jauru
- 1.2.7.1.2.222 Córrego Jibóia
- 1.2.7.1.2.223 Córrego Juruve
- 1.2.7.1.2.224 Córrego Lagartixa
- 1.2.7.1.2.225 Córrego Lambari
- 1.2.7.1.2.226 Córrego Larva
- 1.2.7.1.2.227 Córrego Leão
- 1.2.7.1.2.228 Córrego Lechusa
- 1.2.7.1.2.229 Córrego Lixiguana
- 1.2.7.1.2.230 Córrego Lobinho
- 1.2.7.1.2.231 Córrego Lobo
- 1.2.7.1.2.232 Córrego Lobo/do Lobo
- 1.2.7.1.2.233 Córrego Louro
- 1.2.7.1.2.234 Córrego M. Borevi
- 1.2.7.1.2.235 Córrego Macaco
- 1.2.7.1.2.236 Córrego Macaco Pequeno
- 1.2.7.1.2.237 Córrego Macaquinho
- 1.2.7.1.2.238 Córrego Macuco
- 1.2.7.1.2.239 Córrego Mandaguaí
- 1.2.7.1.2.240 Córrego Marimbondó
- 1.2.7.1.2.241 Córrego Maruinha/Maruim
- 1.2.7.1.2.242 Córrego Matuzinho/Matuim
- 1.2.7.1.2.243 Córrego Mboi-Jaquá
- 1.2.7.1.2.244 Córrego MBorevi
- 1.2.7.1.2.245 Córrego Mborevi-Iguá
- 1.2.7.1.2.246 Córrego Mborevi-Y-Guá
- 1.2.7.1.2.247 Córrego Mocoim
- 1.2.7.1.2.248 Córrego Mombuca
- 1.2.7.1.2.249 Córrego Mombuca/Mombuca
- 1.2.7.1.2.250 Córrego Mombuquinha/Mombuquinha
- 1.2.7.1.2.251 Córrego Morcego
- 1.2.7.1.2.252 Córrego Morumbi
- 1.2.7.1.2.253 Córrego Morumbzinho/Morumbi
- 1.2.7.1.2.254 Córrego Mosquiteiro

- 1.2.7.1.2.255 Córrego Mosquitinho
- 1.2.7.1.2.256 Córrego Mosquito
- 1.2.7.1.2.257 Córrego Mucuím/Micuim
- 1.2.7.1.2.258 Córrego Mutuca/ Motuca/ da Mutuca
- 1.2.7.1.2.259 Córrego Mutuca
- 1.2.7.1.2.260 Córrego Mutum
- 1.2.7.1.2.261 Córrego Mutuns
- 1.2.7.1.2.262 Córrego Mutuns/Motuns
- 1.2.7.1.2.263 Córrego Mutuquinha
- 1.2.7.1.2.264 Córrego Onça/ da Onça
- 1.2.7.1.2.265 Córrego Oncinha
- 1.2.7.1.2.266 Córrego Panambi
- 1.2.7.1.2.267 Córrego Papagaio
- 1.2.7.1.2.268 Córrego Pariri
- 1.2.7.1.2.269 Córrego Passarinho
- 1.2.7.1.2.270 Córrego Pavãozinho
- 1.2.7.1.2.271 Córrego Peixes
- 1.2.7.1.2.272 Córrego Perdigão
- 1.2.7.1.2.273 Córrego Perdiz
- 1.2.7.1.2.274 Córrego Perdizes
- 1.2.7.1.2.275 Córrego Perdizinha
- 1.2.7.1.2.276 Córrego Periquitos
- 1.2.7.1.2.277 Córrego Piau
- 1.2.7.1.2.278 Córrego Picacanjuba/Piracanjuba
- 1.2.7.1.2.279 Córrego Pinhé
- 1.2.7.1.2.280 Córrego Pintada
- 1.2.7.1.2.281 Córrego Pintado
- 1.2.7.1.2.282 Córrego Pinto
- 1.2.7.1.2.283 Córrego Pirainha
- 1.2.7.1.2.284 Córrego Pirajuí
- 1.2.7.1.2.285 Córrego Pirajuí-Guaçu
- 1.2.7.1.2.286 Córrego Piranema
- 1.2.7.1.2.287 Córrego Pirapitanga
- 1.2.7.1.2.288 Córrego Pirapó
- 1.2.7.1.2.289 Córrego Piraputanga
- 1.2.7.1.2.290 Córrego Pombal
- 1.2.7.1.2.291 Córrego Pombinho
- 1.2.7.1.2.292 Córrego Pombo
- 1.2.7.1.2.293 Córrego Quati
- 1.2.7.1.2.294 Córrego Queixada
- 1.2.7.1.2.295 Córrego Queixada/da Queixada
- 1.2.7.1.2.296 Córrego Queixada de Cima
- 1.2.7.1.2.297 Córrego Queixadinha/da Queixadinha
- 1.2.7.1.2.298 Córrego Queixado
- 1.2.7.1.2.299 Córrego Quiri-quiri
- 1.2.7.1.2.300 Córrego Rodovalho
- 1.2.7.1.2.301 Córrego Saijú
- 1.2.7.1.2.302 Córrego Sanharão/Sanharó
- 1.2.7.1.2.303 Córrego Sapo
- 1.2.7.1.2.304 Córrego Sardinha

- 1.2.7.1.2.305 Córrego Saruê
- 1.2.7.1.2.306 Córrego Seriema
- 1.2.7.1.2.307 Córrego Sucuri
- 1.2.7.1.2.308 Córrego Sucuriú
- 1.2.7.1.2.309 Córrego Sucurizinho
- 1.2.7.1.2.310 Córrego Tamanduá
- 1.2.7.1.2.311 Córrego Tamanduá/Tamandoá
- 1.2.7.1.2.312 Córrego Tamanduazinho
- 1.2.7.1.2.313 Córrego Tapoti/Tapiti
- 1.2.7.1.2.314 Córrego Tatuí
- 1.2.7.1.2.315 Córrego Taturace
- 1.2.7.1.2.316 Córrego Taturacem
- 1.2.7.1.2.317 Córrego Taturi
- 1.2.7.1.2.318 Córrego Teju-Cuê
- 1.2.7.1.2.319 Córrego Tejuí
- 1.2.7.1.2.320 Córrego Tinguara/Tingará
- 1.2.7.1.2.321 Córrego Tinguará
- 1.2.7.1.2.322 Córrego Toro/Touro
- 1.2.7.1.2.323 Córrego Touro
- 1.2.7.1.2.324 Córrego Touro Mouro
- 1.2.7.1.2.325 Córrego Touro Passo
- 1.2.7.1.2.326 Córrego Traíra
- 1.2.7.1.2.327 Córrego Tujuciri
- 1.2.7.1.2.328 Córrego Urubu
- 1.2.7.1.2.329 Córrego Urutau
- 1.2.7.1.2.330 Córrego Urutu
- 1.2.7.1.2.331 Córrego Vaca Morta
- 1.2.7.1.2.332 Córrego Vaca Parida
- 1.2.7.1.2.333 Córrego Vaquilha
- 1.2.7.1.2.334 Córrego Vespa

1.2.7.1.3 Hidrotopônimos

- 1.2.7.1.3.1 Córrego Acambeí
- 1.2.7.1.3.2 Córrego Açude
- 1.2.7.1.3.3 Córrego Açude da Água Branca
- 1.2.7.1.3.4 Córrego Água Amarela
- 1.2.7.1.3.5 Córrego Água Azul
- 1.2.7.1.3.6 Córrego Água Boa
- 1.2.7.1.3.7 Córrego Água Bonita
- 1.2.7.1.3.8 Córrego Água Branca
- 1.2.7.1.3.9 Córrego Água Clara
- 1.2.7.1.3.10 Córrego Água da Lagoa
- 1.2.7.1.3.11 Córrego Água da Tapera
- 1.2.7.1.3.12 Córrego Água do Burro
- 1.2.7.1.3.13 Córrego Água do Mateiro
- 1.2.7.1.3.14 Córrego Água do Peixinho
- 1.2.7.1.3.15 Córrego Água do Seno
- 1.2.7.1.3.16 Córrego Água Doce

1.2.7.1.3.17	Córrego Água Emendada
1.2.7.1.3.18	Córrego Água Enterrada
1.2.7.1.3.19	Córrego Água Fria
1.2.7.1.3.20	Córrego Água Limpa/da Água Limpa
1.2.7.1.3.21	Córrego Água Parada
1.2.7.1.3.22	Córrego Água Preta
1.2.7.1.3.23	Córrego Água Quente
1.2.7.1.3.24	Córrego Água Ruim
1.2.7.1.3.25	Córrego Água Santa
1.2.7.1.3.26	Córrego Água Suja
1.2.7.1.3.27	Córrego Água Sumida
1.2.7.1.3.28	Córrego Água Tirada
1.2.7.1.3.29	Córrego Água Turva
1.2.7.1.3.30	Córrego Água Verde
1.2.7.1.3.31	Córrego Água Vermelha
1.2.7.1.3.32	Córrego Aguada
1.2.7.1.3.33	Córrego Aguinha
1.2.7.1.3.34	Córrego Anhembi
1.2.7.1.3.35	Córrego Apa
1.2.7.1.3.36	Córrego Arroião
1.2.7.1.3.37	Córrego Baía
1.2.7.1.3.38	Córrego Baía Branca
1.2.7.1.3.39	Córrego Baixador
1.2.7.1.3.40	Córrego Banhado Grande
1.2.7.1.3.41	Córrego Bica
1.2.7.1.3.42	Córrego Bracinho
1.2.7.1.3.43	Córrego Brilhante
1.2.7.1.3.44	Córrego Brotas
1.2.7.1.3.45	Córrego Bueirinho/Buerinho
1.2.7.1.3.46	Córrego Caarapã
1.2.7.1.3.47	Córrego Cabeceira
1.2.7.1.3.48	Córrego Cabeceira/da Cabeceira
1.2.7.1.3.49	Córrego Cabeceira Água Limpa
1.2.7.1.3.50	Córrego Cabeceira Alta
1.2.7.1.3.51	Córrego Cabeceira Bonita
1.2.7.1.3.52	Córrego Cabeceira Carla
1.2.7.1.3.53	Córrego Cabeceira Comprida
1.2.7.1.3.54	Córrego Cabeceira Curta
1.2.7.1.3.55	Córrego Cabeceira d'Água
1.2.7.1.3.56	Córrego Cabeceira da Anta
1.2.7.1.3.57	Córrego Cabeceira da Areia
1.2.7.1.3.58	Córrego Cabeceira da Chácara
1.2.7.1.3.59	Córrego Cabeceira da Coruja
1.2.7.1.3.60	Córrego Cabeceira da Égua
1.2.7.1.3.61	Córrego Cabeceira da Estiva
1.2.7.1.3.62	Córrego Cabeceira da Estrada
1.2.7.1.3.63	Córrego Cabeceira da Fazenda Velha do Rio Verde
1.2.7.1.3.64	Córrego Cabeceira da Ferrugem
1.2.7.1.3.65	Córrego Cabeceira da Joaninha
1.2.7.1.3.66	Córrego Cabeceira da Lagoa

1.2.7.1.3.67	Córrego Cabeceira da Mata
1.2.7.1.3.68	Córrego Cabeceira da Onça
1.2.7.1.3.69	Córrego Cabeceira da Pintada
1.2.7.1.3.70	Córrego Cabeceira da Porca
1.2.7.1.3.71	Córrego Cabeceira da Tapera
1.2.7.1.3.72	Córrego Cabeceira do Açude
1.2.7.1.3.73	Córrego Cabeceira do Arame
1.2.7.1.3.74	Córrego Cabeceira do Arroz
1.2.7.1.3.75	Córrego Cabeceira do Caçador
1.2.7.1.3.76	Córrego Cabeceira do Capão
1.2.7.1.3.77	Córrego Cabeceira do Cemitério
1.2.7.1.3.78	Córrego Cabeceira do Chico
1.2.7.1.3.79	Córrego Cabeceira do Coxo
1.2.7.1.3.80	Córrego Cabeceira do Curralão
1.2.7.1.3.81	Córrego Cabeceira do Divino
1.2.7.1.3.82	Córrego Cabeceira do Eloi
1.2.7.1.3.83	Córrego Cabeceira do Engenho
1.2.7.1.3.84	Córrego Cabeceira do Enterro
1.2.7.1.3.85	Córrego Cabeceira do Indaiá
1.2.7.1.3.86	Córrego Cabeceira do João Teodoro
1.2.7.1.3.87	Córrego Cabeceira do Marco
1.2.7.1.3.88	Córrego Cabeceira do Padre
1.2.7.1.3.89	Córrego Cabeceira do Pangaré
1.2.7.1.3.90	Córrego Cabeceira do Pindaíba
1.2.7.1.3.91	Córrego Cabeceira do Pitoco
1.2.7.1.3.92	Córrego Cabeceira do Potreiro
1.2.7.1.3.93	Córrego Cabeceira do Queixada
1.2.7.1.3.94	Córrego Cabeceira do Redondo
1.2.7.1.3.95	Córrego Cabeceira do Rego
1.2.7.1.3.96	Córrego Cabeceira do Retiro
1.2.7.1.3.97	Córrego Cabeceira do Ronda
1.2.7.1.3.98	Córrego Cabeceira do Tanque
1.2.7.1.3.99	Córrego Cabeceira dos Porcos
1.2.7.1.3.100	Córrego Cabeceira Furada
1.2.7.1.3.101	Córrego Cabeceira Grande
1.2.7.1.3.102	Córrego Cabeceira Grande do Buriti
1.2.7.1.3.103	Córrego Cabeceira Larga
1.2.7.1.3.104	Córrego Cabeceira Limpa
1.2.7.1.3.105	Córrego Cabeceira Redonda
1.2.7.1.3.106	Córrego Cabeceira Seca
1.2.7.1.3.107	Córrego Cabeceira Suja/da Cabeceira Suja
1.2.7.1.3.108	Córrego Cabeceirinha
1.2.7.1.3.109	Córrego Cachoeira
1.2.7.1.3.110	Córrego Cachoeira Alta
1.2.7.1.3.111	Córrego Cachoeira Branca
1.2.7.1.3.112	Córrego Cachoeirão
1.2.7.1.3.113	Córrego Cachoeiras
1.2.7.1.3.114	Córrego Cachoeirinha
1.2.7.1.3.115	Córrego Cacimba
1.2.7.1.3.116	Córrego Cambona

- 1.2.7.1.3.117 Córrego Cascata
- 1.2.7.1.3.118 Córrego Coletor
- 1.2.7.1.3.119 Córrego Corentino
- 1.2.7.1.3.120 Córrego Corguinho
- 1.2.7.1.3.121 Córrego Corixão
- 1.2.7.1.3.122 Córrego Corredeira
- 1.2.7.1.3.123 Córrego Corredor
- 1.2.7.1.3.124 Córrego Corregozinho
- 1.2.7.1.3.125 Córrego Corrente
- 1.2.7.1.3.126 Córrego Correntes
- 1.2.7.1.3.127 Córrego Correntino
- 1.2.7.1.3.128 Córrego Cortado
- 1.2.7.1.3.129 Córrego Cristalino
- 1.2.7.1.3.130 Córrego da Cabeceira Comprida
- 1.2.7.1.3.131 Córrego da Água Enterrada
- 1.2.7.1.3.132 Córrego da Aguada
- 1.2.7.1.3.133 Córrego da Bica
- 1.2.7.1.3.134 Córrego da Cabeceira da Novilha
- 1.2.7.1.3.135 Córrego da Cabeceira da Samambaia
- 1.2.7.1.3.136 Córrego da Cabeceira das Vacas
- 1.2.7.1.3.137 Córrego da Cabeceira do Basto
- 1.2.7.1.3.138 Córrego da Cabeceira do Croado
- 1.2.7.1.3.139 Córrego da Cabeceira do Nino
- 1.2.7.1.3.140 Córrego da Cabeceira dos Cardosos
- 1.2.7.1.3.141 Córrego da Cabeceira Larga
- 1.2.7.1.3.142 Córrego da Cabeceira Limpa
- 1.2.7.1.3.143 Córrego da Cabeceira Suja
- 1.2.7.1.3.144 Córrego da Cachoeira
- 1.2.7.1.3.145 Córrego da Cachoerinha
- 1.2.7.1.3.146 Córrego da Cacimba
- 1.2.7.1.3.147 Córrego da Lagoa
- 1.2.7.1.3.148 Córrego da Lagoinha
- 1.2.7.1.3.149 Córrego da Porproca
- 1.2.7.1.3.150 Córrego da Represa
- 1.2.7.1.3.151 Córrego da Revolta
- 1.2.7.1.3.152 Córrego da Saltinho
- 1.2.7.1.3.153 Córrego da Vertente
- 1.2.7.1.3.154 Córrego da Vertente Comprida
- 1.2.7.1.3.155 Córrego das Cachoeiras
- 1.2.7.1.3.156 Córrego das Poças
- 1.2.7.1.3.157 Córrego do Açude
- 1.2.7.1.3.158 Córrego do Açude do Brejão
- 1.2.7.1.3.159 Córrego do Alagado
- 1.2.7.1.3.160 Córrego do Braço Sujo
- 1.2.7.1.3.161 Córrego do Cachoeirão
- 1.2.7.1.3.162 Córrego do Carandá
- 1.2.7.1.3.163 Córrego do Corixo/Corixa
- 1.2.7.1.3.164 Córrego do Correntino
- 1.2.7.1.3.165 Córrego do Esparramado/Esparramo
- 1.2.7.1.3.166 Córrego do Estouro

- 1.2.7.1.3.167 Córrego do Lagoão
- 1.2.7.1.3.168 Córrego do Paraúna/Paraúna
- 1.2.7.1.3.169 Córrego do Poção
- 1.2.7.1.3.170 Córrego do Poço
- 1.2.7.1.3.171 Córrego do Pulador
- 1.2.7.1.3.172 Córrego do Rego
- 1.2.7.1.3.173 Córrego do Saltador
- 1.2.7.1.3.174 Córrego do Salto
- 1.2.7.1.3.175 Córrego do Tanque
- 1.2.7.1.3.176 Córrego do Tombador
- 1.2.7.1.3.177 Córrego do Vau
- 1.2.7.1.3.178 Córrego dos Poções
- 1.2.7.1.3.179 Córrego Encravado
- 1.2.7.1.3.180 Córrego Escondido
- 1.2.7.1.3.181 Córrego Esparramão
- 1.2.7.1.3.182 Córrego Esparramo
- 1.2.7.1.3.183 Córrego Espraiado
- 1.2.7.1.3.184 Córrego Estouro
- 1.2.7.1.3.185 Córrego Força
- 1.2.7.1.3.186 Córrego Fumaça
- 1.2.7.1.3.187 Córrego Furadinho
- 1.2.7.1.3.188 Córrego Gritador
- 1.2.7.1.3.189 Córrego Guai
- 1.2.7.1.3.190 Córrego Guai-Cuê
- 1.2.7.1.3.191 Córrego Icaraí
- 1.2.7.1.3.192 Córrego Iguaçu
- 1.2.7.1.3.193 Córrego Iguapeí
- 1.2.7.1.3.194 Córrego Ipané
- 1.2.7.1.3.195 Córrego Ipoí
- 1.2.7.1.3.196 Córrego Ipuí-pucu
- 1.2.7.1.3.197 Córrego Ipuitã/Ipoatã
- 1.2.7.1.3.198 Córrego Itororó
- 1.2.7.1.3.199 Córrego Lagão
- 1.2.7.1.3.200 Córrego Lago Azul
- 1.2.7.1.3.201 Córrego Lagoa
- 1.2.7.1.3.202 Córrego Lagoa/da Lagoa
- 1.2.7.1.3.203 Córrego Lagoa Bonita
- 1.2.7.1.3.204 Córrego Lagoa Bonita/da Lagoa Bonita
- 1.2.7.1.3.205 Córrego Lagoa Comprida
- 1.2.7.1.3.206 Córrego Lagoa Corona
- 1.2.7.1.3.207 Córrego Lagoa da Aldeia
- 1.2.7.1.3.208 Córrego Lagoa do Guapé
- 1.2.7.1.3.209 Córrego Lagoa do Rego
- 1.2.7.1.3.210 Córrego Lagoa Feia
- 1.2.7.1.3.211 Córrego Lagoa Grande
- 1.2.7.1.3.212 Córrego Lagoão
- 1.2.7.1.3.213 Córrego Lagoas
- 1.2.7.1.3.214 Córrego Lagoinha
- 1.2.7.1.3.215 Córrego Lagonita
- 1.2.7.1.3.216 Córrego Laguna

- 1.2.7.1.3.217 Córrego Laguna Ita
- 1.2.7.1.3.218 Córrego Lagunita/Laguna
- 1.2.7.1.3.219 Córrego Laranjaí
- 1.2.7.1.3.220 Córrego Limpo
- 1.2.7.1.3.221 Córrego Liso
- 1.2.7.1.3.222 Córrego Manso
- 1.2.7.1.3.223 Córrego Morredor
- 1.2.7.1.3.224 Córrego Nascente
- 1.2.7.1.3.225 Córrego Olho d'Água
- 1.2.7.1.3.226 Córrego Paraçu
- 1.2.7.1.3.227 Córrego Parado
- 1.2.7.1.3.228 Córrego Parauna/Parauana
- 1.2.7.1.3.229 Córrego Pindaí
- 1.2.7.1.3.230 Córrego Pingo de Água
- 1.2.7.1.3.231 Córrego Piquiri
- 1.2.7.1.3.232 Córrego Piraí
- 1.2.7.1.3.233 Córrego Pirajuí
- 1.2.7.1.3.234 Córrego Poção
- 1.2.7.1.3.235 Córrego Pocinho
- 1.2.7.1.3.236 Córrego Poço
- 1.2.7.1.3.237 Córrego Poço d'água
- 1.2.7.1.3.238 Córrego Poço da Anta
- 1.2.7.1.3.239 Córrego Poções
- 1.2.7.1.3.240 Córrego Pontal
- 1.2.7.1.3.241 Córrego Ponteí
- 1.2.7.1.3.242 Córrego Possinha
- 1.2.7.1.3.243 Córrego Poxoréu
- 1.2.7.1.3.244 Córrego Pulador
- 1.2.7.1.3.245 Córrego Puladorzinho
- 1.2.7.1.3.246 Córrego Ralador
- 1.2.7.1.3.247 Córrego Rasgado
- 1.2.7.1.3.248 Córrego Raso
- 1.2.7.1.3.249 Córrego Rego
- 1.2.7.1.3.250 Córrego Rego/do Rego
- 1.2.7.1.3.251 Córrego Rego d'água
- 1.2.7.1.3.252 Córrego Relador
- 1.2.7.1.3.253 Córrego Remanso
- 1.2.7.1.3.254 Córrego Represa
- 1.2.7.1.3.255 Córrego Ressaca
- 1.2.7.1.3.256 Córrego Ribeirão
- 1.2.7.1.3.257 Córrego Ribeirão Bonito
- 1.2.7.1.3.258 Córrego Ribeirão Grande
- 1.2.7.1.3.259 Córrego Ribeirão Vermelho
- 1.2.7.1.3.260 Córrego Ribeirãozinho
- 1.2.7.1.3.261 Córrego Ribeirinho
- 1.2.7.1.3.262 Córrego Rio Branco
- 1.2.7.1.3.263 Córrego Rioeí
- 1.2.7.1.3.264 Córrego Roncador
- 1.2.7.1.3.265 Córrego Salgado/Salteado
- 1.2.7.1.3.266 Córrego Salobra

- 1.2.7.1.3.267 Córrego Salobrinha
- 1.2.7.1.3.268 Córrego Saltador
- 1.2.7.1.3.269 Córrego Saltador/do Saltador
- 1.2.7.1.3.270 Córrego Saltadouro
- 1.2.7.1.3.271 Córrego Saltinho
- 1.2.7.1.3.272 Córrego Saltinho Furado
- 1.2.7.1.3.273 Córrego Saltinho Verde
- 1.2.7.1.3.274 Córrego Salto
- 1.2.7.1.3.275 Córrego Sanga Bonita
- 1.2.7.1.3.276 Córrego Sanga Funda
- 1.2.7.1.3.277 Córrego Sanga Puitã
- 1.2.7.1.3.278 Córrego Seco
- 1.2.7.1.3.279 Córrego Sujo
- 1.2.7.1.3.280 Córrego Sumidouro
- 1.2.7.1.3.281 Córrego Tanque
- 1.2.7.1.3.282 Córrego Tombador
- 1.2.7.1.3.283 Córrego Travesso
- 1.2.7.1.3.284 Córrego Uerê
- 1.2.7.1.3.285 Córrego Vauzinho
- 1.2.7.1.3.286 Córrego Vertente
- 1.2.7.1.3.287 Córrego Vertente Clara
- 1.2.7.1.3.288 Córrego Vertente Comprida
- 1.2.7.1.3.289 Córrego Vertente Fresca
- 1.2.7.1.3.290 Córrego Vertente Grande
- 1.2.7.1.3.291 Córrego Vertente Limpa
- 1.2.7.1.3.292 Córrego Vertente Triste
- 1.2.7.1.3.293 Córrego Vertentinha

1.2.7.1.3 Geomorfotopônimos

- 1.2.7.1.4.1 Córrego Abismo
- 1.2.7.1.4.2 Córrego Alcantilado
- 1.2.7.1.4.3 Córrego Aterrado
- 1.2.7.1.4.4 Córrego Baixa Funda
- 1.2.7.1.4.5 Córrego Baixada Funda
- 1.2.7.1.4.6 Córrego Baixadão
- 1.2.7.1.4.7 Córrego Baixado
- 1.2.7.1.4.8 Córrego Baixão
- 1.2.7.1.4.9 Córrego Barra da Boa Vista
- 1.2.7.1.4.10 Córrego Barra Mansa
- 1.2.7.1.4.11 Córrego Barranco Vermelho
- 1.2.7.1.4.12 Córrego Barrinha
- 1.2.7.1.4.13 Córrego Barrinha/Barra
- 1.2.7.1.4.14 Córrego Barroca
- 1.2.7.1.4.15 Córrego Barrocão
- 1.2.7.1.4.16 Córrego Boqueirão
- 1.2.7.1.4.17 Córrego Brejão
- 1.2.7.1.4.18 Córrego Brejão dos Cocais
- 1.2.7.1.4.19 Córrego Brejinho
- 1.2.7.1.4.20 Córrego Brejo

1.2.7.1.4.21	Córrego Brejo Alegre
1.2.7.1.4.22	Córrego Brejo Colorido
1.2.7.1.4.23	Córrego Brejo Comprido
1.2.7.1.4.24	Córrego Brejo Largo
1.2.7.1.4.25	Córrego Buracão
1.2.7.1.4.26	Córrego Buraco Velho
1.2.7.1.4.27	Córrego Cabeludo
1.2.7.1.4.28	Córrego Camaquã
1.2.7.1.4.29	Córrego Campina
1.2.7.1.4.30	Córrego Campinas
1.2.7.1.4.31	Córrego Campininha
1.2.7.1.4.32	Córrego Campo
1.2.7.1.4.33	Córrego Campo/do Campo
1.2.7.1.4.34	Córrego Campo Alegre
1.2.7.1.4.35	Córrego Campo da Pita
1.2.7.1.4.36	Córrego Campo Flor
1.2.7.1.4.37	Córrego Campo Formoso
1.2.7.1.4.38	Córrego Campo Limpo
1.2.7.1.4.39	Córrego Campo Novo
1.2.7.1.4.40	Córrego Campo Verde
1.2.7.1.4.41	Córrego Canhadão
1.2.7.1.4.42	Córrego Cerrinho
1.2.7.1.4.43	Córrego Cerrito
1.2.7.1.4.44	Córrego Cerrito/Cerro
1.2.7.1.4.45	Córrego Cerro
1.2.7.1.4.46	Córrego Cerro Alegre
1.2.7.1.4.47	Córrego Cerro Branco
1.2.7.1.4.48	Córrego Cerro Perón
1.2.7.1.4.49	Córrego Chapada
1.2.7.1.4.50	Córrego Chapadinha
1.2.7.1.4.51	Córrego Colina/da Colina
1.2.7.1.4.52	Córrego da Barra
1.2.7.1.4.53	Córrego da Barranca
1.2.7.1.4.54	Córrego da Bocaina/Bocaina
1.2.7.1.4.55	Córrego da Campina
1.2.7.1.4.56	Córrego da Chapada
1.2.7.1.4.57	Córrego da Cova
1.2.7.1.4.58	Córrego da Furna
1.2.7.1.4.59	Córrego da Furna do Barreiro
1.2.7.1.4.60	Córrego da Furna Seca
1.2.7.1.4.61	Córrego da Furnas
1.2.7.1.4.62	Córrego da Grota
1.2.7.1.4.63	Córrego da Serra
1.2.7.1.4.64	Córrego da Serrinha
1.2.7.1.4.65	Córrego Desbarrancado
1.2.7.1.4.66	Córrego Desbarrancados
1.2.7.1.4.67	Córrego do Brejo Curto
1.2.7.1.4.68	Córrego do Campo
1.2.7.1.4.69	Córrego do Campo/do Porto
1.2.7.1.4.70	Córrego do Campo Alto

1.2.7.1.4.71	Córrego do Campo da Pita
1.2.7.1.4.72	Córrego do Campo Limpo
1.2.7.1.4.73	Córrego do Cavado
1.2.7.1.4.74	Córrego do Desbarrancado
1.2.7.1.4.75	Córrego do Grotão
1.2.7.1.4.76	Córrego do Jardim
1.2.7.1.4.77	Córrego do Morrinho
1.2.7.1.4.78	Córrego do Morrinhos
1.2.7.1.4.79	Córrego do Morro
1.2.7.1.4.80	Córrego do Pântano
1.2.7.1.4.81	Córrego do Paredão
1.2.7.1.4.82	Córrego do Pontal
1.2.7.1.4.83	Córrego do Vale do Pires
1.2.7.1.4.84	Córrego dos Campos
1.2.7.1.4.85	Córrego Esbarrancado
1.2.7.1.4.86	Córrego Espigão
1.2.7.1.4.87	Córrego Espraiadinho
1.2.7.1.4.88	Córrego Furna
1.2.7.1.4.89	Córrego Furna da Beira Alta
1.2.7.1.4.90	Córrego Furna do Café
1.2.7.1.4.91	Córrego Furna do Monjolo
1.2.7.1.4.92	Córrego Furnão
1.2.7.1.4.93	Córrego Furnas
1.2.7.1.4.94	Córrego Furninha
1.2.7.1.4.95	Córrego Galeria
1.2.7.1.4.96	Córrego Grotão
1.2.7.1.4.97	Córrego Grotão Queiroz
1.2.7.1.4.98	Córrego Ilha
1.2.7.1.4.99	Córrego Jardim
1.2.7.1.4.100	Córrego Monte Alegre
1.2.7.1.4.101	Córrego Monte Alvão
1.2.7.1.4.102	Córrego Monte Azul
1.2.7.1.4.103	Córrego Monte Belo
1.2.7.1.4.104	Córrego Morraria
1.2.7.1.4.105	Córrego Morrinho
1.2.7.1.4.106	Córrego Morrinhos
1.2.7.1.4.107	Córrego Morro
1.2.7.1.4.108	Córrego Morro Alegre
1.2.7.1.4.109	Córrego Morro Alto
1.2.7.1.4.110	Córrego Morro Grande
1.2.7.1.4.111	Córrego Nhu-Guaçu
1.2.7.1.4.112	Córrego Nhum-Verá
1.2.7.1.4.113	Córrego Nhupéi
1.2.7.1.4.114	Córrego Nhupoí
1.2.7.1.4.115	Córrego Pampa
1.2.7.1.4.116	Córrego Pântano
1.2.7.1.4.117	Córrego Paredão
1.2.7.1.4.118	Córrego Pirambeira
1.2.7.1.4.119	Córrego Ponta de Pedra
1.2.7.1.4.120	Córrego Ponta Porã

- 1.2.7.1.4.121 Córrego Pontal
- 1.2.7.1.4.122 Córrego Pontal do Retiro
- 1.2.7.1.4.123 Córrego Pontalzinho
- 1.2.7.1.4.124 Córrego Prainha
- 1.2.7.1.4.125 Córrego Rasgão
- 1.2.7.1.4.126 Córrego Rincão das Lagoas
- 1.2.7.1.4.127 Córrego Serradinho
- 1.2.7.1.4.128 Córrego Serrano
- 1.2.7.1.4.129 Córrego Serrinha
- 1.2.7.1.4.130 Córrego Serrinho
- 1.2.7.1.4.131 Córrego Sertãozinho
- 1.2.7.1.4.132 Córrego Taimbé/Itaimbé
- 1.2.7.1.4.133 Córrego Vale
- 1.2.7.1.4.134 Córrego Vale do Pires
- 1.2.7.1.4.135 Córrego Valinho
- 1.2.7.1.4.136 Córrego Valinhos
- 1.2.7.1.4.137 Córrego Vargem Seca
- 1.2.7.1.4.138 Córrego Varginha
- 1.2.7.1.4.139 Córrego Varjão
- 1.2.7.1.4.140 Córrego Varjão Comprido
- 1.2.7.1.4.141 Córrego Varjãozinho

1.2.7.2.1 Litotopônimos

- 1.2.7.1.5.1 Córrego Areado
- 1.2.7.1.5.2 Córrego Areão
- 1.2.7.1.5.3 Córrego Areia
- 1.2.7.1.5.4 Córrego Areia Branca
- 1.2.7.1.5.5 Córrego Areião
- 1.2.7.1.5.6 Córrego Areias
- 1.2.7.1.5.7 Córrego Atoladeira
- 1.2.7.1.5.8 Córrego Atolador
- 1.2.7.1.5.9 Córrego Atoleiro
- 1.2.7.1.5.10 Córrego Barreirão
- 1.2.7.1.5.11 Córrego Barreirão/do Barreirão
- 1.2.7.1.5.12 Córrego Barreirinho
- 1.2.7.1.5.13 Córrego Barreirito
- 1.2.7.1.5.14 Córrego Barreiro
- 1.2.7.1.5.15 Córrego Barreiro/do Barreiro
- 1.2.7.1.5.16 Córrego Barreiro de Cima
- 1.2.7.1.5.17 Córrego Barreiro do Mato
- 1.2.7.1.5.18 Córrego Barreiro Puitã
- 1.2.7.1.5.19 Córrego Barreiro Seco
- 1.2.7.1.5.20 Córrego Barreiro Vermelho
- 1.2.7.1.5.21 Córrego Barreiros
- 1.2.7.1.5.22 Córrego Barrinho
- 1.2.7.1.5.23 Córrego Barro Branco
- 1.2.7.1.5.24 Córrego Barro Branco/do Barro Branco
- 1.2.7.1.5.25 Córrego Barro Preto
- 1.2.7.1.5.26 Córrego Barro Vermelho/do Barro Vermelho

1.2.7.1.5.27	Córrego Barroca
1.2.7.1.5.28	Córrego Barros
1.2.7.1.5.29	Córrego Barroso
1.2.7.1.5.30	Córrego Bodoquena
1.2.7.1.5.31	Córrego Cascalho
1.2.7.1.5.32	Córrego D'Areia
1.2.7.1.5.33	Córrego da Areia
1.2.7.1.5.34	Córrego da Areira
1.2.7.1.5.35	Córrego da Barroca
1.2.7.1.5.36	Córrego da Breia
1.2.7.1.5.37	Córrego da Mota
1.2.7.1.5.38	Córrego da Pedra
1.2.7.1.5.39	Córrego da Pedreira
1.2.7.1.5.40	Córrego da Prata
1.2.7.1.5.41	Córrego das Areias
1.2.7.1.5.42	Córrego das Pedras
1.2.7.1.5.43	Córrego do Atolador
1.2.7.1.5.44	Córrego do Atoleiro
1.2.7.1.5.45	Córrego do Barreirão
1.2.7.1.5.46	Córrego do Barreirinho
1.2.7.1.5.47	Córrego do Barreirinho de Cima
1.2.7.1.5.48	Córrego do Barreiro
1.2.7.1.5.49	Córrego do Barro
1.2.7.1.5.50	Córrego do Barro Preto
1.2.7.1.5.51	Córrego do Lageado
1.2.7.1.5.52	Córrego do Lajeado
1.2.7.1.5.53	Córrego do Lajeado
1.2.7.1.5.54	Córrego do Manguinho
1.2.7.1.5.55	Córrego do Ouro
1.2.7.1.5.56	Córrego do Pedregulho
1.2.7.1.5.57	Córrego do Piçarrão
1.2.7.1.5.58	Córrego do Rebolo
1.2.7.1.5.59	Córrego do Sal
1.2.7.1.5.60	Córrego Ibicuí
1.2.7.1.5.61	Córrego Itá
1.2.7.1.5.62	Córrego Itaceriri
1.2.7.1.5.63	Córrego Itacuru
1.2.7.1.5.64	Córrego Itaipá
1.2.7.1.5.65	Córrego Itaipu
1.2.7.1.5.66	Córrego Itajaí
1.2.7.1.5.67	Córrego Itambé
1.2.7.1.5.68	Córrego Ita-Porã
1.2.7.1.5.69	Córrego Itaqueraí
1.2.7.1.5.70	Córrego Itaquí
1.2.7.1.5.71	Córrego Itaquiraí
1.2.7.1.5.72	Córrego Itaquiri
1.2.7.1.5.73	Córrego Itari
1.2.7.1.5.74	Córrego Itatim
1.2.7.1.5.75	Córrego Itaverá
1.2.7.1.5.76	Córrego Lageado

1.2.7.1.5.77	Córrego Lageadinho/Lajeadinho
1.2.7.1.5.78	Córrego Lageado/do Lageado
1.2.7.1.5.79	Córrego Lageado/Lajeado
1.2.7.1.5.80	Córrego Lajeado
1.2.7.1.5.81	Córrego Lajeadinho
1.2.7.1.5.82	Córrego Lajeado
1.2.7.1.5.83	Córrego Lajeado/Lajeado das Pedras
1.2.7.1.5.84	Córrego Lajeado dos Tigres
1.2.7.1.5.85	Córrego Lajedo
1.2.7.1.5.86	Córrego Lajeira
1.2.7.1.5.87	Córrego Ouro Branco
1.2.7.1.5.88	Córrego Ouro Fino
1.2.7.1.5.89	Córrego Ouro Verde
1.2.7.1.5.90	Córrego Pederneira
1.2.7.1.5.91	Córrego Pedra
1.2.7.1.5.92	Córrego Pedra Azul
1.2.7.1.5.93	Córrego Pedra Bonita
1.2.7.1.5.94	Córrego Pedra Branca
1.2.7.1.5.95	Córrego Pedra Dura
1.2.7.1.5.96	Córrego Pedregulho
1.2.7.1.5.97	Córrego Pedreira
1.2.7.1.5.98	Córrego Pedrinha
1.2.7.1.5.99	Córrego Platina
1.2.7.1.5.100	Córrego Poeira
1.2.7.1.5.101	Córrego Prata
1.2.7.1.5.102	Córrego Pratinha
1.2.7.1.5.103	Córrego Rochedinho
1.2.7.1.5.104	Córrego Rochedo/do Rochedo
1.2.7.1.5.105	Córrego Sal
1.2.7.1.5.106	Córrego Tacuru
1.2.7.1.5.107	Córrego Tacuru Tendi
1.2.7.1.5.108	Córrego Taparique
1.2.7.1.5.109	Córrego Tapeva/Itapeva
1.2.7.1.5.110	Córrego Tati
1.2.7.1.5.111	Córrego Tauá
1.2.7.1.5.112	Córrego Terra queimada
1.2.7.1.5.113	Córrego Tuju
1.2.7.1.5.114	Córrego Tuju Puitã
1.2.7.1.5.115	Córrego Tujuri

1.2.7.1.6.1 Dimensiotopônimos

1.2.7.1.6.1	Córrego Alto Alegre
1.2.7.1.6.2	Córrego Apa-Mí
1.2.7.1.6.3	Córrego Banda Alta
1.2.7.1.6.4	Córrego Comprida
1.2.7.1.6.5	Córrego Comprido
1.2.7.1.6.6	Córrego da Comprida/da Passagem
1.2.7.1.6.7	Córrego do Alto

- 1.2.7.1.6.8 Córrego do Alto da Serra
- 1.2.7.1.6.9 Córrego do Comprido
- 1.2.7.1.6.10 Córrego do Fundão
- 1.2.7.1.6.11 Córrego do Fundo
- 1.2.7.1.6.12 Córrego do Guaçu
- 1.2.7.1.6.13 Córrego do Quilômetro
- 1.2.7.1.6.14 Córrego Estreito
- 1.2.7.1.6.15 Córrego Fundão
- 1.2.7.1.6.16 Córrego Fundãozinho
- 1.2.7.1.6.17 Córrego Fundo
- 1.2.7.1.6.18 Córrego Fundo do Mutuca
- 1.2.7.1.6.19 Córrego Gigante
- 1.2.7.1.6.20 Córrego Grande
- 1.2.7.1.6.21 Córrego Guaçu
- 1.2.7.1.6.22 Córrego Guaçu-Grande
- 1.2.7.1.6.23 Córrego Guaçuri
- 1.2.7.1.6.24 Córrego Guassu
- 1.2.7.1.6.25 Córrego Largo
- 1.2.7.1.6.26 Córrego Mirim
- 1.2.7.1.6.27 Córrego Pequeno
- 1.2.7.1.6.28 Córrego Porção

1.2.7.2.12 Cromotopônimos

- 1.2.7.2.12.1 Córrego Amarelo
- 1.2.7.2.12.2 Córrego Anil
- 1.2.7.2.12.3 Córrego Azul/Conchê
- 1.2.7.2.12.4 Córrego Blanco
- 1.2.7.2.12.5 Córrego Branco
- 1.2.7.2.12.6 Córrego Claro
- 1.2.7.2.12.7 Córrego da Ferrugem
- 1.2.7.2.12.8 Córrego do Anil
- 1.2.7.2.12.9 Córrego do Morotim
- 1.2.7.2.12.10 Córrego Ferrugem
- 1.2.7.2.12.11 Córrego Morati
- 1.2.7.2.12.12 Córrego Morotim
- 1.2.7.2.12.13 Córrego Negra
- 1.2.7.2.12.14 Córrego Negro
- 1.2.7.2.12.15 Córrego Prateado
- 1.2.7.2.12.16 Córrego Preto
- 1.2.7.2.12.17 Córrego Ruivo
- 1.2.7.2.12.18 Córrego Verde
- 1.2.7.2.12.19 Córrego Vermelho

1.2.7.1.6.1 Cardinotopônimos

- 1.2.7.1.7.1 Córrego Aboá
- 1.2.7.1.7.2 Córrego Canto Velho
- 1.2.7.1.7.3 Córrego Centro
- 1.2.7.1.7.4 Córrego da Divisa/Divisa

- 1.2.7.1.7.5 Córrego de Baixo
- 1.2.7.1.7.6 Córrego de Cima
- 1.2.7.1.7.7 Córrego Divisa
- 1.2.7.1.7.8 Córrego Divisa Velha
- 1.2.7.1.7.9 Córrego do Meio
- 1.2.7.1.7.10 Córrego Entre Rios
- 1.2.7.1.7.11 Córrego Meio

1.2.7.1.9 Astrotopônimos

- 1.2.7.1.9.1 Córrego Estrela
- 1.2.7.1.9.2 Córrego Estrelada
- 1.2.7.1.9.3 Córrego Estrelinha
- 1.2.7.1.9.4 Córrego Estrelita

1.2.7.1.10 Meteorotopônimos

- 1.2.7.1.10.1 Córrego do Raio
- 1.2.7.1.10.2 Córrego do Vento

1.2.7.1.11 Morfotopônimo

- 1.2.7.1.11.1 Córrego Arrodela/Arrodeio/Rodeio

1.2.7.2 Taxionomias de natureza antrop cultural

1.2.7.2.1 Antropotopônimos

- 1.2.7.2.1.1 Córrego Alice
- 1.2.7.2.1.2 Córrego Ana Cândida
- 1.2.7.2.1.3 Córrego Anastácio
- 1.2.7.2.1.4 Córrego Andrade
- 1.2.7.2.1.5 Córrego Angelito
- 1.2.7.2.1.6 Córrego Anias
- 1.2.7.2.1.7 Córrego Anibal
- 1.2.7.2.1.8 Córrego Anselmo-Cuê
- 1.2.7.2.1.9 Córrego Antoli
- 1.2.7.2.1.10 Córrego Antônio João
- 1.2.7.2.1.11 Córrego Antônio Pael
- 1.2.7.2.1.12 Córrego Aparecida
- 1.2.7.2.1.13 Córrego Aquina
- 1.2.7.2.1.14 Córrego Araci
- 1.2.7.2.1.15 Córrego Arantes
- 1.2.7.2.1.16 Córrego Ariguela
- 1.2.7.2.1.17 Córrego Arlindo
- 1.2.7.2.1.18 Córrego Ataliga-Cuê
- 1.2.7.2.1.19 Córrego Barbosa
- 1.2.7.2.1.20 Córrego Belchior
- 1.2.7.2.1.21 Córrego Belisário

1.2.7.2.1.22	Córrego Beltrão
1.2.7.2.1.23	Córrego Benedito
1.2.7.2.1.24	Córrego Benjamim
1.2.7.2.1.25	Córrego Bertolino
1.2.7.2.1.26	Córrego Betinho
1.2.7.2.1.27	Córrego Betione
1.2.7.2.1.28	Córrego Bevenuto/Benevenuto
1.2.7.2.1.29	Córrego Bianca
1.2.7.2.1.30	Córrego Blanco-Cuê
1.2.7.2.1.31	Córrego Bonifácio
1.2.7.2.1.32	Córrego Brandão
1.2.7.2.1.33	Córrego Candinha-Cuê
1.2.7.2.1.34	Córrego Chica
1.2.7.2.1.35	Córrego Chica Boa
1.2.7.2.1.36	Córrego Chicão
1.2.7.2.1.37	Córrego Chiquilim Cuê
1.2.7.2.1.38	Córrego Chiquinho
1.2.7.2.1.39	Córrego Cole-Cuê
1.2.7.2.1.40	Córrego Conceição
1.2.7.2.1.41	Córrego Conchita
1.2.7.2.1.42	Córrego Conrado
1.2.7.2.1.43	Córrego Constança
1.2.7.2.1.44	Córrego Constantino
1.2.7.2.1.45	Córrego Consuelo
1.2.7.2.1.46	Córrego Costa
1.2.7.2.1.47	Córrego Costa Rica
1.2.7.2.1.48	Córrego Cristiano Cuê
1.2.7.2.1.49	Córrego da Amélia
1.2.7.2.1.50	Córrego da Dolores
1.2.7.2.1.51	Córrego da Generosa
1.2.7.2.1.52	Córrego da Glória
1.2.7.2.1.53	Córrego da Gripa
1.2.7.2.1.54	Córrego da Maria Cândida
1.2.7.2.1.55	Córrego da Mariana
1.2.7.2.1.56	Córrego da Nutinha
1.2.7.2.1.57	Córrego da Penha
1.2.7.2.1.58	Córrego da Policarpo
1.2.7.2.1.59	Córrego da Rita
1.2.7.2.1.60	Córrego da Vitalina
1.2.7.2.1.61	Córrego Deolindo
1.2.7.2.1.62	Córrego Dezidério
1.2.7.2.1.63	Córrego Dinarte Cuê
1.2.7.2.1.64	Córrego Diogo – Cuê
1.2.7.2.1.65	Córrego do Alcino
1.2.7.2.1.66	Córrego do André
1.2.7.2.1.67	Córrego do Barbosa
1.2.7.2.1.68	Córrego do Basílio
1.2.7.2.1.69	Córrego do Bento
1.2.7.2.1.70	Córrego do Bonifácio
1.2.7.2.1.71	Córrego do Braz

1.2.7.2.1.72	Córrego do Caetano
1.2.7.2.1.73	Córrego do Casimiro
1.2.7.2.1.74	Córrego do Cecílio
1.2.7.2.1.75	Córrego do Chico Vera
1.2.7.2.1.76	Córrego do Conrado
1.2.7.2.1.77	Córrego do Delfino
1.2.7.2.1.78	Córrego do Dimaz
1.2.7.2.1.79	Córrego do Elias
1.2.7.2.1.80	Córrego do Eugênio
1.2.7.2.1.81	Córrego do Fabianinho
1.2.7.2.1.82	Córrego do Fabiano/Fabriano
1.2.7.2.1.83	Córrego do Felipe
1.2.7.2.1.84	Córrego do Ferreira
1.2.7.2.1.85	Córrego do Ferreirinha
1.2.7.2.1.86	Córrego do Freitas
1.2.7.2.1.87	Córrego do Garcia
1.2.7.2.1.88	Córrego do Germano
1.2.7.2.1.89	Córrego do Gonzaga
1.2.7.2.1.90	Córrego do Gregório
1.2.7.2.1.91	Córrego do Gurgel
1.2.7.2.1.92	Córrego do Horácio
1.2.7.2.1.93	Córrego do Isidoro
1.2.7.2.1.94	Córrego do Jerônimo
1.2.7.2.1.95	Córrego do Jesuinho
1.2.7.2.1.96	Córrego do Lázaro
1.2.7.2.1.97	Córrego do Lima
1.2.7.2.1.98	Córrego do Lino
1.2.7.2.1.99	Córrego do Lotério
1.2.7.2.1.100	Córrego do Lula
1.2.7.2.1.101	Córrego do Neto
1.2.7.2.1.102	Córrego do Rafael
1.2.7.2.1.103	Córrego do Roco
1.2.7.2.1.104	Córrego do Rodrigues
1.2.7.2.1.105	Córrego do Romão
1.2.7.2.1.106	Córrego do Rubico
1.2.7.2.1.107	Córrego do Sampaio
1.2.7.2.1.108	Córrego do Victor
1.2.7.2.1.109	Córrego do Zezão
1.2.7.2.1.110	Córrego Dominginho
1.2.7.2.1.111	Córrego Dona Ana
1.2.7.2.1.112	Córrego Dona Antônia
1.2.7.2.1.113	Córrego Dora
1.2.7.2.1.114	Córrego Dorotéia
1.2.7.2.1.115	Córrego dos Arantes
1.2.7.2.1.116	Córrego dos Carvalhos
1.2.7.2.1.117	Córrego dos Ferreiras
1.2.7.2.1.118	Córrego dos Libérios
1.2.7.2.1.119	Córrego dos Raposos
1.2.7.2.1.120	Córrego dos Rodrigues
1.2.7.2.1.121	Córrego Eloim

- 1.2.7.2.1.122 Córrego Estelita
- 1.2.7.2.1.123 Córrego Eulália
- 1.2.7.2.1.124 Córrego Evandra
- 1.2.7.2.1.125 Córrego Evaristo
- 1.2.7.2.1.126 Córrego Farias
- 1.2.7.2.1.127 Córrego Felipe
- 1.2.7.2.1.128 Córrego Felisberto
- 1.2.7.2.1.129 Córrego Félix
- 1.2.7.2.1.130 Córrego Fernando
- 1.2.7.2.1.131 Córrego Ferreira
- 1.2.7.2.1.132 Córrego Filomena
- 1.2.7.2.1.133 Córrego Flávio
- 1.2.7.2.1.134 Córrego Galeano
- 1.2.7.2.1.135 Córrego Galiano
- 1.2.7.2.1.136 Córrego Gioval
- 1.2.7.2.1.137 Córrego Glória
- 1.2.7.2.1.138 Córrego Gonçalves
- 1.2.7.2.1.139 Córrego Graça
- 1.2.7.2.1.140 Córrego Gregório
- 1.2.7.2.1.141 Córrego Hilário
- 1.2.7.2.1.142 Córrego Horácio
- 1.2.7.2.1.143 Córrego Inocência
- 1.2.7.2.1.144 Córrego Iracema
- 1.2.7.2.1.145 Córrego Irene
- 1.2.7.2.1.146 Córrego Isaías
- 1.2.7.2.1.147 Córrego Jacinto
- 1.2.7.2.1.148 Córrego Janara
- 1.2.7.2.1.149 Córrego João Alves
- 1.2.7.2.1.150 Córrego João Candido
- 1.2.7.2.1.151 Córrego João Cândido
- 1.2.7.2.1.152 Córrego João Cuê
- 1.2.7.2.1.153 Córrego João Dias
- 1.2.7.2.1.154 Córrego João dos Bichos
- 1.2.7.2.1.155 Córrego João Grandão
- 1.2.7.2.1.156 Córrego João Lacerda
- 1.2.7.2.1.157 Córrego João Mariano
- 1.2.7.2.1.158 Córrego João Rocha
- 1.2.7.2.1.159 Córrego João Vicente
- 1.2.7.2.1.160 Córrego Joaquim Sudário
- 1.2.7.2.1.161 Córrego Jordão
- 1.2.7.2.1.162 Córrego José
- 1.2.7.2.1.163 Córrego José Eulália
- 1.2.7.2.1.164 Córrego José Inácio
- 1.2.7.2.1.165 Córrego José Juca
- 1.2.7.2.1.166 Córrego José Luiz
- 1.2.7.2.1.167 Córrego José Maria
- 1.2.7.2.1.168 Córrego José Maria
- 1.2.7.2.1.169 Córrego José Pedro
- 1.2.7.2.1.170 Córrego Josezinho
- 1.2.7.2.1.171 Córrego Juca Barão

- 1.2.7.2.1.172 Córrego Juju
- 1.2.7.2.1.173 Córrego Júlia, da
- 1.2.7.2.1.174 Córrego Jurema
- 1.2.7.2.1.175 Córrego Juvenal
- 1.2.7.2.1.176 Córrego Juvêncio
- 1.2.7.2.1.177 Córrego Ladesina-Cuê
- 1.2.7.2.1.178 Córrego Ledesma/Ledesina-Cuê
- 1.2.7.2.1.179 Córrego Leite Cuê
- 1.2.7.2.1.180 Córrego Leiva-Cuê
- 1.2.7.2.1.181 Córrego Leoni Cuê
- 1.2.7.2.1.182 Córrego Leonor
- 1.2.7.2.1.183 Córrego Libório
- 1.2.7.2.1.184 Córrego Lima
- 1.2.7.2.1.185 Córrego Lopes
- 1.2.7.2.1.186 Córrego Lucas
- 1.2.7.2.1.187 Córrego Luciano Ortiz
- 1.2.7.2.1.188 Córrego Ludovico
- 1.2.7.2.1.189 Córrego Luzia
- 1.2.7.2.1.190 Córrego Machado/do Machado
- 1.2.7.2.1.191 Córrego Machado Coelho
- 1.2.7.2.1.192 Córrego Maia
- 1.2.7.2.1.193 Córrego Manecão
- 1.2.7.2.1.194 Córrego Manoel Antônio
- 1.2.7.2.1.195 Córrego Manoel Bento
- 1.2.7.2.1.196 Córrego Manoel Grande
- 1.2.7.2.1.197 Córrego Manoel Machado/do Manoel Machado
- 1.2.7.2.1.198 Córrego Manuel Abrão
- 1.2.7.2.1.199 Córrego Manuela
- 1.2.7.2.1.200 Córrego Marcela
- 1.2.7.2.1.201 Córrego Marcelina
- 1.2.7.2.1.202 Córrego Marcelina Cuê
- 1.2.7.2.1.203 Córrego Marcelino
- 1.2.7.2.1.204 Córrego Marcílio, do
- 1.2.7.2.1.205 Córrego Marcolina-Cuê
- 1.2.7.2.1.206 Córrego Maria
- 1.2.7.2.1.207 Córrego Maria das Dores
- 1.2.7.2.1.208 Córrego Maria do Carmo
- 1.2.7.2.1.209 Córrego Mariana
- 1.2.7.2.1.210 Córrego Mecias/Messias
- 1.2.7.2.1.211 Córrego Mercedes
- 1.2.7.2.1.212 Córrego Miguel
- 1.2.7.2.1.213 Córrego Miguel Paes
- 1.2.7.2.1.214 Córrego Miló
- 1.2.7.2.1.215 Córrego Miranda
- 1.2.7.2.1.216 Córrego Miriam
- 1.2.7.2.1.217 Córrego Moisés
- 1.2.7.2.1.218 Córrego Mourão
- 1.2.7.2.1.219 Córrego N. Brai
- 1.2.7.2.1.220 Córrego Naor
- 1.2.7.2.1.221 Córrego Nhonho

- 1.2.7.2.1.222 Córrego Nogueira
- 1.2.7.2.1.223 Córrego Norato
- 1.2.7.2.1.224 Córrego Nunes
- 1.2.7.2.1.225 Córrego Olivo-Cuê
- 1.2.7.2.1.226 Córrego Orácio
- 1.2.7.2.1.227 Córrego Orlando
- 1.2.7.2.1.228 Córrego Orozimbo
- 1.2.7.2.1.229 Córrego Paloma
- 1.2.7.2.1.230 Córrego Panchinho
- 1.2.7.2.1.231 Córrego Panchita
- 1.2.7.2.1.232 Córrego Pereira
- 1.2.7.2.1.233 Córrego Pereirinha
- 1.2.7.2.1.234 Córrego Pitas Bebedouro
- 1.2.7.2.1.235 Córrego Quintino
- 1.2.7.2.1.236 Córrego Quitê
- 1.2.7.2.1.237 Córrego Raimundo
- 1.2.7.2.1.238 Córrego Ramalho/do Ramalho
- 1.2.7.2.1.239 Córrego Rauoni
- 1.2.7.2.1.240 Córrego Régis Cuê
- 1.2.7.2.1.241 Córrego Resende
- 1.2.7.2.1.242 Córrego Roberto
- 1.2.7.2.1.243 Córrego Romildo
- 1.2.7.2.1.244 Córrego Rondon
- 1.2.7.2.1.245 Córrego Roque
- 1.2.7.2.1.246 Córrego Rufina-Cuê
- 1.2.7.2.1.247 Córrego Salvador
- 1.2.7.2.1.248 Córrego Sara
- 1.2.7.2.1.249 Córrego Scardine
- 1.2.7.2.1.250 Córrego Selvino
- 1.2.7.2.1.251 Córrego Soarinho
- 1.2.7.2.1.252 Córrego Solana
- 1.2.7.2.1.253 Córrego Solidonho
- 1.2.7.2.1.254 Córrego Soran
- 1.2.7.2.1.255 Córrego Souza Cuê
- 1.2.7.2.1.256 Córrego Tabiano
- 1.2.7.2.1.257 Córrego Toledo/do Toledo
- 1.2.7.2.1.258 Córrego Tônico
- 1.2.7.2.1.259 Córrego Valente-Cuê
- 1.2.7.2.1.260 Córrego Valeriano
- 1.2.7.2.1.261 Córrego Virgínia
- 1.2.7.2.1.262 Córrego Virrato/Viriato
- 1.2.7.2.1.263 Córrego Vitalinho/Vitalino
- 1.2.7.2.1.264 Córrego Vito-i-Cuê
- 1.2.7.2.1.265 Córrego Vitoriano
- 1.2.7.2.1.266 Córrego Vitória
- 1.2.7.2.1.267 Córrego Zé Bento
- 1.2.7.2.1.268 Córrego Zeca
- 1.2.7.2.1.269 Córrego Zeferino
- 1.2.7.2.1.270 Córrego Zezinho
- 1.2.7.2.1.271 Córrego Zoila - Cuê

1.2.7.2.2 Ergotopônimos

- 1.2.7.2.2.1 Córrego Abril
- 1.2.7.2.2.2 Córrego Aceiro
- 1.2.7.2.2.3 Córrego Alavanca
- 1.2.7.2.2.4 Córrego Alçapão
- 1.2.7.2.2.5 Córrego Arame
- 1.2.7.2.2.6 Córrego Axôxo
- 1.2.7.2.2.7 Córrego Baeta
- 1.2.7.2.2.8 Córrego Bagagem
- 1.2.7.2.2.9 Córrego Baieta
- 1.2.7.2.2.10 Córrego Balão
- 1.2.7.2.2.11 Córrego Bandeira
- 1.2.7.2.2.12 Córrego Barracá
- 1.2.7.2.2.13 Córrego Barretina
- 1.2.7.2.2.14 Córrego Baú
- 1.2.7.2.2.15 Córrego Bauzinho
- 1.2.7.2.2.16 Córrego Bebedouro
- 1.2.7.2.2.17 Córrego Bebedouro/do Bebedouro
- 1.2.7.2.2.18 Córrego Bocó
- 1.2.7.2.2.19 Córrego Bolacha
- 1.2.7.2.2.20 Córrego Botija
- 1.2.7.2.2.21 Córrego Brinquinho
- 1.2.7.2.2.22 Córrego Caácaíquê
- 1.2.7.2.2.23 Córrego Cabo de Foice
- 1.2.7.2.2.24 Córrego Caçapa Grande
- 1.2.7.2.2.25 Córrego Caçapa-Mi
- 1.2.7.2.2.26 Córrego Cadeado
- 1.2.7.2.2.27 Córrego Caldeirão
- 1.2.7.2.2.28 Córrego Caldeirão do Inferno
- 1.2.7.2.2.29 Córrego Camisa
- 1.2.7.2.2.30 Córrego Campana
- 1.2.7.2.2.31 Córrego Campanário
- 1.2.7.2.2.32 Córrego Caneca
- 1.2.7.2.2.33 Córrego Cangalha
- 1.2.7.2.2.34 Córrego Cangalhinha
- 1.2.7.2.2.35 Córrego Canivete
- 1.2.7.2.2.36 Córrego Carroça
- 1.2.7.2.2.37 Córrego Carta
- 1.2.7.2.2.38 Córrego Cartucho
- 1.2.7.2.2.39 Córrego Carumbezinho
- 1.2.7.2.2.40 Córrego Caú
- 1.2.7.2.2.41 Córrego Cavaco
- 1.2.7.2.2.42 Córrego Ceroula
- 1.2.7.2.2.43 Córrego Chapéu - Cuê
- 1.2.7.2.2.44 Córrego Chinelo
- 1.2.7.2.2.45 Córrego Chiqueiro
- 1.2.7.2.2.46 Córrego Chocolate
- 1.2.7.2.2.47 Córrego Cigarrilho-Cuê

1.2.7.2.2.48	Córrego Cincerro
1.2.7.2.2.49	Córrego Cocadinha
1.2.7.2.2.50	Córrego Corá
1.2.7.2.2.51	Córrego Cruzeiro
1.2.7.2.2.52	Córrego Cuia Murcha
1.2.7.2.2.53	Córrego Curralinho
1.2.7.2.2.54	Córrego Curuju
1.2.7.2.2.55	Córrego da Bica
1.2.7.2.2.56	Córrego da Bota
1.2.7.2.2.57	Córrego da Cadeira
1.2.7.2.2.58	Córrego da Calça
1.2.7.2.2.59	Córrego da Cangalha
1.2.7.2.2.60	Córrego da Cerca
1.2.7.2.2.61	Córrego da Ceroula
1.2.7.2.2.62	Córrego da Chaleira
1.2.7.2.2.63	Córrego da Coadá
1.2.7.2.2.64	Córrego da Coroa
1.2.7.2.2.65	Córrego da Flecha
1.2.7.2.2.66	Córrego da Geléia
1.2.7.2.2.67	Córrego da Infusa
1.2.7.2.2.68	Córrego da Lata
1.2.7.2.2.69	Córrego da Mala
1.2.7.2.2.70	Córrego da Moeda
1.2.7.2.2.71	Córrego da Paçoca
1.2.7.2.2.72	Córrego da Polaina
1.2.7.2.2.73	Córrego da Pólvora
1.2.7.2.2.74	Córrego da Porvinha
1.2.7.2.2.75	Córrego da Sanfona
1.2.7.2.2.76	Córrego da Véstia
1.2.7.2.2.77	Córrego da Viga
1.2.7.2.2.78	Córrego das Canoas
1.2.7.2.2.79	Córrego das Gamelas
1.2.7.2.2.80	Córrego das Torres
1.2.7.2.2.81	Córrego das Torrinhas
1.2.7.2.2.82	Córrego de Barraca
1.2.7.2.2.83	Córrego do Alçapão
1.2.7.2.2.84	Córrego do Almoço
1.2.7.2.2.85	Córrego do Arame
1.2.7.2.2.86	Córrego Bata
1.2.7.2.2.87	Córrego do Baú
1.2.7.2.2.88	Córrego do Bebedouro
1.2.7.2.2.89	Córrego do Bocó
1.2.7.2.2.90	Córrego do Cachimbo
1.2.7.2.2.91	Córrego do Cadeado
1.2.7.2.2.92	Córrego do Caxambu
1.2.7.2.2.93	Córrego do Chiqueiro
1.2.7.2.2.94	Córrego do Cocho
1.2.7.2.2.95	Córrego do Esgoto
1.2.7.2.2.96	Córrego do Espeto
1.2.7.2.2.97	Córrego do Esteio

- 1.2.7.2.2.98 Córrego do Esteio Lavrado
- 1.2.7.2.2.99 Córrego do Fogão
- 1.2.7.2.2.100 Córrego do Freio
- 1.2.7.2.2.101 Córrego do Jacá
- 1.2.7.2.2.102 Córrego do Mel
- 1.2.7.2.2.103 Córrego do Monjolinho
- 1.2.7.2.2.104 Córrego do Monjolo
- 1.2.7.2.2.105 Córrego do Óleo
- 1.2.7.2.2.106 Córrego do Paiol
- 1.2.7.2.2.107 Córrego do Polvarim/Polvorim/Pólvora
- 1.2.7.2.2.108 Córrego do Portal
- 1.2.7.2.2.109 Córrego do Rapé
- 1.2.7.2.2.110 Córrego do Sabão
- 1.2.7.2.2.111 Córrego do Sapato
- 1.2.7.2.2.112 Córrego do Serrote
- 1.2.7.2.2.113 Córrego do Tapume
- 1.2.7.2.2.114 Córrego do Violino
- 1.2.7.2.2.115 Córrego dos Cochos/dos Coxos
- 1.2.7.2.2.116 Córrego Espora
- 1.2.7.2.2.117 Córrego Estaca
- 1.2.7.2.2.118 Córrego Esteinho
- 1.2.7.2.2.119 Córrego Esteio
- 1.2.7.2.2.120 Córrego Esteio Grande
- 1.2.7.2.2.121 Córrego Estribo
- 1.2.7.2.2.122 Córrego Facão
- 1.2.7.2.2.123 Córrego Ferrolho
- 1.2.7.2.2.124 Córrego Funil
- 1.2.7.2.2.125 Córrego Fuzil
- 1.2.7.2.2.126 Córrego Gabinete
- 1.2.7.2.2.127 Córrego Garapa
- 1.2.7.2.2.128 Córrego Garrafão
- 1.2.7.2.2.129 Córrego Garrucha
- 1.2.7.2.2.130 Córrego Gávea
- 1.2.7.2.2.131 Córrego Iari
- 1.2.7.2.2.132 Córrego Jacuba
- 1.2.7.2.2.133 Córrego Laleira/Lareira
- 1.2.7.2.2.134 Córrego Lanceta
- 1.2.7.2.2.135 Córrego Lanchas
- 1.2.7.2.2.136 Córrego Lata
- 1.2.7.2.2.137 Córrego Laurel
- 1.2.7.2.2.138 Córrego Licor
- 1.2.7.2.2.139 Córrego M Baracá
- 1.2.7.2.2.140 Córrego Machado
- 1.2.7.2.2.141 Córrego Manequim
- 1.2.7.2.2.142 Córrego Manteiga/da Manteiga
- 1.2.7.2.2.143 Córrego Maracaju
- 1.2.7.2.2.144 Córrego Marmelada
- 1.2.7.2.2.145 Córrego Matiri
- 1.2.7.2.2.146 Córrego Matula
- 1.2.7.2.2.147 Córrego MBaraca

- 1.2.7.2.2.148 Córrego Moeda
- 1.2.7.2.2.149 Córrego Monjolinho
- 1.2.7.2.2.150 Córrego Monjolo/do Monjolo
- 1.2.7.2.2.151 Córrego Moquém/Muquém
- 1.2.7.2.2.152 Córrego Mucunja/Mucunzá
- 1.2.7.2.2.153 Córrego Muquém/Moquém
- 1.2.7.2.2.154 Córrego Nata
- 1.2.7.2.2.155 Córrego Natinha
- 1.2.7.2.2.156 Córrego Navaião
- 1.2.7.2.2.157 Córrego Navalha
- 1.2.7.2.2.158 Córrego Ninho Forrado
- 1.2.7.2.2.159 Córrego Paçoca
- 1.2.7.2.2.160 Córrego Pandeiro
- 1.2.7.2.2.161 Córrego Parafuso
- 1.2.7.2.2.162 Córrego Pé-de-moleque
- 1.2.7.2.2.163 Córrego Pelego
- 1.2.7.2.2.164 Córrego Penacho
- 1.2.7.2.2.165 Córrego Pilão
- 1.2.7.2.2.166 Córrego Portão
- 1.2.7.2.2.167 Córrego Porteira
- 1.2.7.2.2.168 Córrego Porteira,da
- 1.2.7.2.2.169 Córrego Porteirinha
- 1.2.7.2.2.170 Córrego Portinha
- 1.2.7.2.2.171 Córrego Pranchões
- 1.2.7.2.2.172 Córrego Preguinho
- 1.2.7.2.2.173 Córrego Rapadura
- 1.2.7.2.2.174 Córrego Rapé
- 1.2.7.2.2.175 Córrego Rela
- 1.2.7.2.2.176 Córrego Requeijão
- 1.2.7.2.2.177 Córrego Sabão
- 1.2.7.2.2.178 Córrego Saleiro
- 1.2.7.2.2.179 Córrego Salgadeira
- 1.2.7.2.2.180 Córrego Sanfona/da Sanfona
- 1.2.7.2.2.181 Córrego Sari
- 1.2.7.2.2.182 Córrego Seringa
- 1.2.7.2.2.183 Córrego Serrote
- 1.2.7.2.2.184 Córrego Serrotinho
- 1.2.7.2.2.185 Córrego Sombreiro
- 1.2.7.2.2.186 Córrego Sombrero
- 1.2.7.2.2.187 Córrego Suíte-cuê
- 1.2.7.2.2.188 Córrego Tapume
- 1.2.7.2.2.189 Córrego Tata-Cuá
- 1.2.7.2.2.190 Córrego Tereré
- 1.2.7.2.2.191 Córrego Tesoura
- 1.2.7.2.2.192 Córrego Tesouro
- 1.2.7.2.2.193 Córrego Tijela/Tigela
- 1.2.7.2.2.194 Córrego Trelinha
- 1.2.7.2.2.195 Córrego Vassourão
- 1.2.7.2.2.196 Córrego Vigas
- 1.2.7.2.2.197 Córrego Vintém

1.2.7.2.3 Sociotopônimos

- 1.2.7.2.3.1 Córrego Acampamento
- 1.2.7.2.3.2 Córrego Baile
- 1.2.7.2.3.3 Córrego Boiadeira
- 1.2.7.2.3.4 Córrego Boiadeiro
- 1.2.7.2.3.5 Córrego Brechó
- 1.2.7.2.3.6 Córrego Campeira
- 1.2.7.2.3.7 Córrego Campeiro
- 1.2.7.2.3.8 Córrego Carapina
- 1.2.7.2.3.9 Córrego Catireiro
- 1.2.7.2.3.10 Córrego Cemitério
- 1.2.7.2.3.11 Córrego Charqueada
- 1.2.7.2.3.12 Córrego Correio
- 1.2.7.2.3.13 Córrego Corro Parron
- 1.2.7.2.3.14 Córrego Corticeiro
- 1.2.7.2.3.15 Córrego Curral
- 1.2.7.2.3.16 Córrego Curral de vara
- 1.2.7.2.3.17 Córrego Curral do Arame
- 1.2.7.2.3.18 Córrego Curralinho
- 1.2.7.2.3.19 Córrego da Boiadeira
- 1.2.7.2.3.20 Córrego da Fábrica
- 1.2.7.2.3.21 Córrego da Fazenda
- 1.2.7.2.3.22 Córrego da Fazenda Bandida
- 1.2.7.2.3.23 Córrego da Fazenda Velha
- 1.2.7.2.3.24 Córrego da Fazendinha
- 1.2.7.2.3.25 Córrego da Federação
- 1.2.7.2.3.26 Córrego da Invernada
- 1.2.7.2.3.27 Córrego da Matança
- 1.2.7.2.3.28 Córrego da Notícia
- 1.2.7.2.3.29 Córrego da Olaria
- 1.2.7.2.3.30 Córrego da Porto
- 1.2.7.2.3.31 Córrego da Rendeira
- 1.2.7.2.3.32 Córrego da Reserva
- 1.2.7.2.3.33 Córrego da Roça
- 1.2.7.2.3.34 Córrego da Ronda
- 1.2.7.2.3.35 Córrego da Sede
- 1.2.7.2.3.36 Córrego da Serraria
- 1.2.7.2.3.37 Córrego da Usina
- 1.2.7.2.3.38 Córrego do Abrigo
- 1.2.7.2.3.39 Córrego do Acampamento
- 1.2.7.2.3.40 Córrego do Buzungueiro
- 1.2.7.2.3.41 Córrego do Campeiro
- 1.2.7.2.3.42 Córrego do Criara
- 1.2.7.2.3.43 Córrego do Curral
- 1.2.7.2.3.44 Córrego do Curtume
- 1.2.7.2.3.45 Córrego do Desembarque
- 1.2.7.2.3.46 Córrego do Despacho

1.2.7.2.3.47	Córrego do Encontro
1.2.7.2.3.48	Córrego do Engenho
1.2.7.2.3.49	Córrego do Engenho Velho
1.2.7.2.3.50	Córrego do Garimpinho
1.2.7.2.3.51	Córrego do Garimpo
1.2.7.2.3.52	Córrego do Lavrador
1.2.7.2.3.53	Córrego do Mateiro
1.2.7.2.3.54	Córrego do Potreirinho
1.2.7.2.3.55	Córrego do Potreiro
1.2.7.2.3.56	Córrego do Quilombo
1.2.7.2.3.57	Córrego do Retirinho
1.2.7.2.3.58	Córrego do Retiro
1.2.7.2.3.59	Córrego do Retiro Velho
1.2.7.2.3.60	Córrego do Rincão
1.2.7.2.3.61	Córrego do Rodeio
1.2.7.2.3.62	Córrego do Sítio
1.2.7.2.3.63	Córrego do Telheiro
1.2.7.2.3.64	Córrego Domingueira
1.2.7.2.3.65	Córrego Engenho
1.2.7.2.3.66	Córrego Engenho Velho
1.2.7.2.3.67	Córrego Estância
1.2.7.2.3.68	Córrego Fazenda
1.2.7.2.3.69	Córrego Fazendinha/da Fazendinha
1.2.7.2.3.70	Córrego Forrobodó
1.2.7.2.3.71	Córrego Garimpeiro
1.2.7.2.3.72	Córrego Garimpinho
1.2.7.2.3.73	Córrego Garimpo
1.2.7.2.3.74	Córrego Garimpos
1.2.7.2.3.75	Córrego Guardinha
1.2.7.2.3.76	Córrego Inferninho
1.2.7.2.3.77	Córrego Invernada
1.2.7.2.3.78	Córrego Invernada Redonda
1.2.7.2.3.79	Córrego Invernadinha
1.2.7.2.3.80	Córrego Laborão
1.2.7.2.3.81	Córrego Lanceiro
1.2.7.2.3.82	Córrego Lavrada
1.2.7.2.3.83	Córrego Matadeira
1.2.7.2.3.84	Córrego Matança
1.2.7.2.3.85	Córrego Mosqueteiro
1.2.7.2.3.86	Córrego Olaria
1.2.7.2.3.87	Córrego Peleja
1.2.7.2.3.88	Córrego Porteiro
1.2.7.2.3.89	Córrego Portilho
1.2.7.2.3.90	Córrego Potreirinho
1.2.7.2.3.91	Córrego Potreirito
1.2.7.2.3.92	Córrego Potreiro
1.2.7.2.3.93	Córrego Promombó
1.2.7.2.3.94	Córrego Queimada
1.2.7.2.3.95	Córrego Quilombinho
1.2.7.2.3.96	Córrego Quilombo

- 1.2.7.2.3.97 Córrego Ranchinho
- 1.2.7.2.3.98 Córrego Recreio
- 1.2.7.2.3.99 Córrego Refúgio
- 1.2.7.2.3.100 Córrego Reinado
- 1.2.7.2.3.101 Córrego Reserva
- 1.2.7.2.3.102 Córrego Retirinho
- 1.2.7.2.3.103 Córrego Retirinho/do Retirinho
- 1.2.7.2.3.104 Córrego Retiro
- 1.2.7.2.3.105 Córrego Retiro da Comprida
- 1.2.7.2.3.106 Córrego Retiro Seco
- 1.2.7.2.3.107 Córrego Retiro Velho
- 1.2.7.2.3.108 Córrego Rincão
- 1.2.7.2.3.109 Córrego Rincão Bonito
- 1.2.7.2.3.110 Córrego Rodeio
- 1.2.7.2.3.111 Córrego Rodelo
- 1.2.7.2.3.112 Córrego Ronda
- 1.2.7.2.3.113 Córrego Rondinha
- 1.2.7.2.3.114 Córrego Sagarana
- 1.2.7.2.3.115 Córrego Salgador
- 1.2.7.2.3.116 Córrego Serraria
- 1.2.7.2.3.117 Córrego Trapiche – Cuê
- 1.2.7.2.3.118 Córrego Vacaria
- 1.2.7.2.3.119 Córrego Varanda
- 1.2.7.2.3.120 Córrego Voluntário

1.2.7.2.4 Hagiotopônimos

- 1.2.7.2.4.1 Córrego S. Clara
- 1.2.7.2.4.2 Córrego Santa Adelaide
- 1.2.7.2.4.3 Córrego Santa Angela
- 1.2.7.2.4.4 Córrego Santa Anselma
- 1.2.7.2.4.5 Córrego Santa Bárbara
- 1.2.7.2.4.6 Córrego Santa Catarina
- 1.2.7.2.4.7 Córrego Santa Clara
- 1.2.7.2.4.8 Córrego Santa Cruz
- 1.2.7.2.4.9 Córrego Santa Elvira
- 1.2.7.2.4.10 Córrego Santa Eufrázia
- 1.2.7.2.4.11 Córrego Santa Gertrudes
- 1.2.7.2.4.12 Córrego Santa Helena
- 1.2.7.2.4.13 Córrego Santa Ilídia
- 1.2.7.2.4.14 Córrego Santa Inês
- 1.2.7.2.4.15 Córrego Santa Leocádia
- 1.2.7.2.4.16 Córrego Santa Luzia
- 1.2.7.2.4.17 Córrego Santa Maria
- 1.2.7.2.4.18 Córrego Santa Marta
- 1.2.7.2.4.19 Córrego Santa Nilda
- 1.2.7.2.4.20 Córrego Santa Olinda
- 1.2.7.2.4.21 Córrego da Santa Pedra
- 1.2.7.2.4.22 Córrego Santa Rita
- 1.2.7.2.4.23 Córrego Santa Rosa

1.2.7.2.4.24	Córrego Santa Rosinha
1.2.7.2.4.25	Córrego Santa Sofia
1.2.7.2.4.26	Córrego Santa Teresa
1.2.7.2.4.27	Córrego Santa Tereza
1.2.7.2.4.28	Córrego Santa Terezinha
1.2.7.2.4.29	Córrego Santa Vitória
1.2.7.2.4.30	Córrego Santana
1.2.7.2.4.31	Córrego Santo
1.2.7.2.4.32	Córrego Santo Amaro
1.2.7.2.4.33	Córrego Santo Antoninho
1.2.7.2.4.34	Córrego Santo Antonio
1.2.7.2.4.35	Córrego Santo Antônio
1.2.7.2.4.36	Córrego Santo Isidoro
1.2.7.2.4.37	Córrego São Benedito
1.2.7.2.4.38	Córrego São Bento
1.2.7.2.4.39	Córrego São Bernardo
1.2.7.2.4.40	Córrego São Carlos
1.2.7.2.4.41	Córrego São Claro
1.2.7.2.4.42	Córrego São Cristóvão
1.2.7.2.4.43	Córrego São Dimaz
1.2.7.2.4.44	Córrego São Dionísio
1.2.7.2.4.45	Córrego São Domingos
1.2.7.2.4.46	Córrego São Domingos 1º
1.2.7.2.4.47	Córrego São Elídio
1.2.7.2.4.48	Córrego São Felício
1.2.7.2.4.49	Córrego São Félix
1.2.7.2.4.50	Córrego São Firmino
1.2.7.2.4.51	Córrego São Francisco
1.2.7.2.4.52	Córrego São Geraldo
1.2.7.2.4.53	Córrego São Gonçalo
1.2.7.2.4.54	Córrego São Guilherme
1.2.7.2.4.55	Córrego São Jerônimo
1.2.7.2.4.56	Córrego São João
1.2.7.2.4.57	Córrego São João 1
1.2.7.2.4.58	Córrego São João 1º
1.2.7.2.4.59	Córrego São João 2
1.2.7.2.4.60	Córrego São José
1.2.7.2.4.61	Córrego São Lorenço
1.2.7.2.4.62	Córrego São Lourenço
1.2.7.2.4.63	Córrego São Lucas
1.2.7.2.4.64	Córrego São Luis
1.2.7.2.4.65	Córrego São Luís
1.2.7.2.4.66	Córrego São Luiz/São Luíz
1.2.7.2.4.67	Córrego São Luizinho
1.2.7.2.4.68	Córrego São Manoel
1.2.7.2.4.69	Córrego São Marcos
1.2.7.2.4.70	Córrego São Miguel
1.2.7.2.4.71	Córrego São Ofílio
1.2.7.2.4.72	Córrego São Paulo
1.2.7.2.4.73	Córrego São Pedro

- 1.2.7.2.4.74 Córrego São Rafael
- 1.2.7.2.4.75 Córrego São Romão
- 1.2.7.2.4.76 Córrego São Roque
- 1.2.7.2.4.77 Córrego São Sebastião
- 1.2.7.2.4.78 Córrego São Tomas
- 1.2.7.2.4.79 Córrego São Tomé
- 1.2.7.2.4.80 Córrego São Vicente

1.2.7.2.4 Animotopônimos Eufóricos

- 1.2.7.2.5.1 Córrego Alegre
- 1.2.7.2.5.2 Córrego Alegrete
- 1.2.7.2.5.3 Córrego Alegria
- 1.2.7.2.5.4 Córrego Amor
- 1.2.7.2.5.5 Córrego Amoroso
- 1.2.7.2.5.6 Córrego Aurora
- 1.2.7.2.5.7 Córrego Bela Idéia
- 1.2.7.2.5.8 Córrego Bela Vista
- 1.2.7.2.5.9 Córrego Beleza
- 1.2.7.2.5.10 Córrego Belo Horizonte
- 1.2.7.2.5.11 Córrego Boa Esperança
- 1.2.7.2.5.12 Córrego Boa Fortuna
- 1.2.7.2.5.13 Córrego Boa Sentença
- 1.2.7.2.5.14 Córrego Boa Sorte
- 1.2.7.2.5.15 Córrego Boa União
- 1.2.7.2.5.16 Córrego Boa Vista
- 1.2.7.2.5.17 Córrego Bom Jardim
- 1.2.7.2.5.18 Córrego Bom Jeito
- 1.2.7.2.5.19 Córrego Bom Retiro
- 1.2.7.2.5.20 Córrego Bom Tempo/do Bom Tempo
- 1.2.7.2.5.21 Córrego Bonita
- 1.2.7.2.5.22 Córrego Bonzinho
- 1.2.7.2.5.23 Córrego Bonito
- 1.2.7.2.5.24 Córrego Bonsucesso
- 1.2.7.2.5.25 Córrego Brioso
- 1.2.7.2.5.26 Córrego Conquista
- 1.2.7.2.5.27 Córrego Consolo
- 1.2.7.2.5.28 Córrego Corincho
- 1.2.7.2.5.29 Córrego Cura
- 1.2.7.2.5.30 Córrego da Alegria
- 1.2.7.2.5.31 Córrego da Boa Sorte
- 1.2.7.2.5.32 Córrego da Enfeitada
- 1.2.7.2.5.33 Córrego da Esperança Velha
- 1.2.7.2.5.34 Córrego da Fatura
- 1.2.7.2.5.35 Córrego da Furtuna
- 1.2.7.2.5.36 Córrego da Memória
- 1.2.7.2.5.37 Córrego da Posse
- 1.2.7.2.5.38 Córrego da Salvadeira
- 1.2.7.2.5.39 Córrego da Vista Alegre
- 1.2.7.2.5.40 Córrego do Alegre

- 1.2.7.2.5.41 Córrego do Segredo
- 1.2.7.2.5.42 Córrego Esperança
- 1.2.7.2.5.43 Córrego Faceiro
- 1.2.7.2.5.44 Córrego Fama
- 1.2.7.2.5.45 Córrego Formosinho
- 1.2.7.2.5.46 Córrego Formoso
- 1.2.7.2.5.47 Córrego Fortuna/Furtuna
- 1.2.7.2.5.48 Córrego Horizonte
- 1.2.7.2.5.49 Córrego Liberal
- 1.2.7.2.5.50 Córrego Lindo
- 1.2.7.2.5.51 Córrego Memória
- 1.2.7.2.5.52 Córrego Mimosinho
- 1.2.7.2.5.53 Córrego Mimosinho
- 1.2.7.2.5.54 Córrego Mundo Novo
- 1.2.7.2.5.55 Córrego Novidade
- 1.2.7.2.5.56 Córrego Paciência
- 1.2.7.2.5.57 Córrego Paixão
- 1.2.7.2.5.58 Córrego Palhaço
- 1.2.7.2.5.59 Córrego Paraíso
- 1.2.7.2.5.60 Córrego Passatempo
- 1.2.7.2.5.61 Córrego Popular
- 1.2.7.2.5.62 Córrego Progresso
- 1.2.7.2.5.63 Córrego Prosa
- 1.2.7.2.5.64 Córrego Proteção
- 1.2.7.2.5.65 Córrego Rico
- 1.2.7.2.5.66 Córrego Salvação
- 1.2.7.2.5.67 Córrego Segredo
- 1.2.7.2.5.68 Córrego Socorro
- 1.2.7.2.5.69 Córrego Sossego
- 1.2.7.2.5.70 Córrego Triunfo
- 1.2.7.2.5.71 Córrego Vista
- 1.2.7.2.5.72 Córrego Vista Alegre
- 1.2.7.2.5.73 Córrego Vitória

1.2.7.2.6 Hodotopônimos

- 1.2.7.2.6.1 Córrego Atalho
- 1.2.7.2.6.2 Córrego da Estiva
- 1.2.7.2.6.3 Córrego da Estrada
- 1.2.7.2.6.4 Córrego da Picada
- 1.2.7.2.6.5 Córrego da Ponte
- 1.2.7.2.6.6 Córrego da Ponte Alta
- 1.2.7.2.6.7 Córrego da Ponte Nova
- 1.2.7.2.6.8 Córrego da Pontesinha
- 1.2.7.2.6.9 Córrego da Pontinha
- 1.2.7.2.6.10 Córrego do Atalho
- 1.2.7.2.6.11 Córrego do Carreiro
- 1.2.7.2.6.12 Córrego do Picadão
- 1.2.7.2.6.13 Córrego Esgoto da Lagoa
- 1.2.7.2.6.14 Córrego Estiva

- 1.2.7.2.6.15 Córrego Estiva/da Estiva
- 1.2.7.2.6.16 Córrego Estivado
- 1.2.7.2.6.17 Córrego Estivo
- 1.2.7.2.6.18 Córrego Estrada
- 1.2.7.2.6.19 Córrego Ligação
- 1.2.7.2.6.20 Córrego Passagem Boa
- 1.2.7.2.6.21 Córrego Passagem Funda
- 1.2.7.2.6.22 Córrego Passagem Nova
- 1.2.7.2.6.23 Córrego Passinho
- 1.2.7.2.6.24 Córrego Passo de Auto
- 1.2.7.2.6.25 Córrego Passo Feio
- 1.2.7.2.6.26 Córrego Passo Fundo
- 1.2.7.2.6.27 Córrego Picada
- 1.2.7.2.6.28 Córrego Ponte
- 1.2.7.2.6.29 Córrego Ponte Alta
- 1.2.7.2.6.30 Córrego Ponte da Serra
- 1.2.7.2.6.31 Córrego Ponte de Pedra
- 1.2.7.2.6.32 Córrego Ponte do Lobo
- 1.2.7.2.6.33 Córrego Ponte Funda
- 1.2.7.2.6.34 Córrego Ponte Ipê
- 1.2.7.2.6.35 Córrego Ponte Ivatê
- 1.2.7.2.6.36 Córrego Ponte Nova
- 1.2.7.2.6.37 Córrego Ponte Velha
- 1.2.7.2.6.38 Córrego Ponte Velha/da Ponte Velha
- 1.2.7.2.6.39 Córrego Ponte Vermelha
- 1.2.7.2.6.40 Córrego Ponte-Pê
- 1.2.7.2.6.41 Córrego Pontesinha/da Pontesinha
- 1.2.7.2.6.42 Córrego Pontezinha
- 1.2.7.2.6.43 Córrego Pontinha
- 1.2.7.2.6.44 Córrego Tapei
- 1.2.7.2.6.45 Córrego Tapeí
- 1.2.7.2.6.46 Córrego Travessia
- 1.2.7.2.6.47 Córrego Vereda Comprida
- 1.2.7.2.6.48 Córrego Virador

1.2.7.2.7 Animotopônimo Disfóricos

- 1.2.7.2.7.1 Córrego Arrependido
- 1.2.7.2.7.2 Córrego Arrepiado
- 1.2.7.2.7.3 Córrego Bronquinha
- 1.2.7.2.7.4 Córrego Batalha
- 1.2.7.2.7.5 Córrego Catingudo
- 1.2.7.2.7.6 Córrego Charéu
- 1.2.7.2.7.7 Córrego Choradeira
- 1.2.7.2.7.8 Córrego Confusão
- 1.2.7.2.7.9 Córrego Criminoso
- 1.2.7.2.7.10 Córrego da Malícia
- 1.2.7.2.7.11 Córrego da Posse
- 1.2.7.2.7.12 Córrego Destino-Cuê
- 1.2.7.2.7.13 Córrego do Degredo

- 1.2.7.2.7.14 Córrego do Desprezo
- 1.2.7.2.7.15 Córrego do Engano
- 1.2.7.2.7.16 Córrego do Inferno
- 1.2.7.2.7.17 Córrego do Isolado
- 1.2.7.2.7.18 Córrego Emboscadinha
- 1.2.7.2.7.19 Córrego Encrenca
- 1.2.7.2.7.20 Córrego Enferrujado
- 1.2.7.2.7.21 Córrego Engano/do Engano
- 1.2.7.2.7.22 Córrego Espreitado
- 1.2.7.2.7.23 Córrego Fedida
- 1.2.7.2.7.24 Córrego Feia
- 1.2.7.2.7.25 Córrego Feio
- 1.2.7.2.7.26 Córrego Gerorê
- 1.2.7.2.7.27 Córrego Inferno
- 1.2.7.2.7.28 Córrego Infurnado
- 1.2.7.2.7.29 Córrego Louco
- 1.2.7.2.7.30 Córrego Machorra
- 1.2.7.2.7.31 Córrego Mambira
- 1.2.7.2.7.32 Córrego Mentira
- 1.2.7.2.7.33 Córrego Morteiro
- 1.2.7.2.7.34 Córrego Oculto
- 1.2.7.2.7.35 Córrego Pachola
- 1.2.7.2.7.36 Córrego Pecado
- 1.2.7.2.7.37 Córrego Peralta
- 1.2.7.2.7.38 Córrego Pouco Caso
- 1.2.7.2.7.39 Córrego Saudade
- 1.2.7.2.7.40 Córrego Solidão
- 1.2.7.2.7.41 Córrego Susto
- 1.2.7.2.7.42 Córrego Tirania
- 1.2.7.2.7.43 Córrego Tranqueira
- 1.2.7.2.7.44 Córrego Triste
- 1.2.7.2.7.45 Córrego Velhacaria
- 1.2.7.2.7.46 Córrego Viúva

1.2.7.2.8 Etnotopônimos

- 1.2.7.2.8.1 Córrego Abai
- 1.2.7.2.8.2 Córrego Alemão-Cuê
- 1.2.7.2.8.3 Córrego Bugre
- 1.2.7.2.8.4 Córrego Cambai
- 1.2.7.2.8.5 Córrego Cambaí
- 1.2.7.2.8.6 Córrego Cambaretã
- 1.2.7.2.8.7 Córrego Carajá
- 1.2.7.2.8.8 Córrego Carajá Cuê
- 1.2.7.2.8.9 Córrego Carioca
- 1.2.7.2.8.10 Córrego Catalão
- 1.2.7.2.8.11 Córrego Chavante
- 1.2.7.2.8.12 Córrego China Branca
- 1.2.7.2.8.13 Córrego Criolinho
- 1.2.7.2.8.14 Córrego Cuete/ Cueretu, Cueté, Cuéte, Cuieté

- 1.2.7.2.8.15 Córrego da Bugra
- 1.2.7.2.8.16 Córrego da Mocinha
- 1.2.7.2.8.17 Córrego da Velha
- 1.2.7.2.8.18 Córrego das Moças
- 1.2.7.2.8.19 Córrego do Bugre
- 1.2.7.2.8.20 Córrego do Crioulo
- 1.2.7.2.8.21 Córrego do Gaúcho
- 1.2.7.2.8.22 Córrego do Moço
- 1.2.7.2.8.23 Córrego do Paulista
- 1.2.7.2.8.24 Córrego do Ruivo
- 1.2.7.2.8.25 Córrego do Varão
- 1.2.7.2.8.26 Córrego dos Baianos
- 1.2.7.2.8.27 Córrego dos Bugres
- 1.2.7.2.8.28 Córrego dos Índios
- 1.2.7.2.8.29 Córrego dos Paulistas
- 1.2.7.2.8.30 Córrego Goiano
- 1.2.7.2.8.31 Córrego Guaicuru
- 1.2.7.2.8.32 Córrego Guarani
- 1.2.7.2.8.33 Córrego Matuta
- 1.2.7.2.8.34 Córrego Mineiro
- 1.2.7.2.8.35 Córrego Moço
- 1.2.7.2.8.36 Córrego Morena
- 1.2.7.2.8.37 Córrego Paina
- 1.2.7.2.8.38 Córrego Ruivinho
- 1.2.7.2.8.39 Córrego Tapuí
- 1.2.7.2.8.40 Córrego Uruê
- 1.2.7.2.8.41 Córrego Xavante

1.2.7.2.9 Numerotopônimos

- 1.2.7.2.10.1 Córrego dos 30 Alqueires
- 1.2.7.2.10.2 Córrego do Dez
- 1.2.7.2.10.3 Córrego Dezoito Pulos
- 1.2.7.2.10.4 Córrego dos Dois Córregos
- 1.2.7.2.10.5 Córrego Dois Córregos
- 1.2.7.2.10.6 Córrego Dois Corregozinhos
- 1.2.7.2.10.7 Córrego Dois de Junho
- 1.2.7.2.10.8 Córrego Dois Galhos
- 1.2.7.2.10.9 Córrego Dois Irmãos
- 1.2.7.2.10.10 Córrego Dois Morros
- 1.2.7.2.10.11 Córrego Duas Pontes/das Duas Pontes
- 1.2.7.2.10.12 Córrego Hum
- 1.2.7.2.10.13 Córrego Primeiro
- 1.2.7.2.10.14 Córrego Quarenta
- 1.2.7.2.10.15 Córrego Quarto
- 1.2.7.2.10.16 Córrego Quinto
- 1.2.7.2.10.17 Córrego Segundo
- 1.2.7.2.10.18 Córrego Sete Voltas
- 1.2.7.2.10.19 Córrego do Sete

- 1.2.7.2.10.20 Córrego Sexto
- 1.2.7.2.10.21 Córrego Três Barras
- 1.2.7.2.10.22 Córrego Três Barros
- 1.2.7.2.10.23 Córrego Três Bugres
- 1.2.7.2.10.24 Córrego dos Três Buritís/dos Três Boritís
- 1.2.7.2.10.25 Córrego Três Capões
- 1.2.7.2.10.26 Córrego Três Cerros
- 1.2.7.2.10.27 Córrego Três de Maio
- 1.2.7.2.10.28 Córrego Três Lagoas
- 1.2.7.2.10.29 Córrego Treze
- 1.2.7.2.10.30 Córrego do Trinta
- 1.2.7.2.10.31 Córrego Trintão
- 1.2.7.2.10.32 Córrego do Um
- 1.2.7.2.10.33 Córrego Vinte e Cinco

1.2.7.2.10 Ecotopônimos

- 1.2.7.2.10.1 Córrego Agachi
- 1.2.7.2.10.2 Córrego Barraca/da Barraca
- 1.2.7.2.10.3 Córrego Barracão
- 1.2.7.2.10.4 Córrego Casa Nova
- 1.2.7.2.10.5 Córrego Casa Verde
- 1.2.7.2.10.6 Córrego da Casa
- 1.2.7.2.10.7 Córrego da Tapera
- 1.2.7.2.10.8 Córrego do Pouso
- 1.2.7.2.10.9 Córrego do Ranchinho
- 1.2.7.2.10.10 Córrego do Rancho
- 1.2.7.2.10.11 Córrego do Rancho Velho
- 1.2.7.2.10.12 Córrego Morada
- 1.2.7.2.10.13 Córrego Pousinho
- 1.2.7.2.10.14 Córrego Pouso
- 1.2.7.2.10.15 Córrego Pouso Alegre
- 1.2.7.2.10.16 Córrego Pouso Alto
- 1.2.7.2.10.17 Córrego Pouso Cedó
- 1.2.7.2.10.18 Córrego Pouso Frio
- 1.2.7.2.10.19 Córrego Pouso Triste
- 1.2.7.2.10.20 Córrego Ranchinho
- 1.2.7.2.10.21 Córrego Rancho
- 1.2.7.2.10.22 Córrego Sobradinho
- 1.2.7.2.10.23 Córrego Tapera
- 1.2.7.2.10.24 Córrego Tapera
- 1.2.7.2.10.25 Córrego Tapera do Eraque
- 1.2.7.2.10.26 Córrego Tapera Queimada
- 1.2.7.2.10.27 Córrego Tapera Velha
- 1.2.7.2.10.28 Córrego Taperão
- 1.2.7.2.10.29 Córrego Taperas
- 1.2.7.2.10.30 Córrego Taperinha

1.2.7.2.11 Dirrematotopônimos

- 1.2.7.2.11.1 Córrego Acaba Roupa
- 1.2.7.2.11.2 Córrego Amarra Cabelo
- 1.2.7.2.11.3 Córrego Bom-que-dói
- 1.2.7.2.11.4 Córrego Briga dos Bois
- 1.2.7.2.11.5 Córrego Cambarecê
- 1.2.7.2.11.6 Córrego Canta Galo
- 1.2.7.2.11.7 Córrego Carne Podre
- 1.2.7.2.11.8 Córrego Come Onça
- 1.2.7.2.11.9 Córrego da Queimada no Campo Grande
- 1.2.7.2.11.10 Córrego do Espicha-Couro
- 1.2.7.2.11.11 Córrego do Fogo-Curto
- 1.2.7.2.11.12 Córrego do Quenta-Sol/Quenta Sol
- 1.2.7.2.11.13 Córrego Espicha-Couro/Espicha Couro
- 1.2.7.2.11.14 Córrego Falha dos Padres
- 1.2.7.2.11.15 Córrego Grita Lobo
- 1.2.7.2.11.16 Córrego Marca Quarto
- 1.2.7.2.11.17 Córrego Mata Sede
- 1.2.7.2.11.18 Córrego Mata-gado
- 1.2.7.2.11.19 Córrego Mata-Mata
- 1.2.7.2.11.20 Córrego Nunca Te Vi
- 1.2.7.2.11.21 Córrego Passa Cinco
- 1.2.7.2.11.22 Córrego Passa Dois
- 1.2.7.2.11.23 Córrego Passa-Cinco
- 1.2.7.2.11.24 Córrego Quebra-Canga
- 1.2.7.2.11.25 Córrego Quebra-Chaveia
- 1.2.7.2.11.26 Córrego Quebra-Dedo
- 1.2.7.2.11.27 Córrego Queima Boca
- 1.2.7.2.11.28 Córrego Tira-cisma
- 1.2.7.2.11.29 Córrego Tira-Prosa

1.2.7.2.13 Hierotopônimos

- 1.2.7.2.13.1 Córrego Anjo da Guarda/do Anjo da Guarda
- 1.2.7.2.13.2 Córrego Bom Jesus
- 1.2.7.2.13.3 Córrego Bonfim
- 1.2.7.2.13.4 Córrego Catequeses Velhos
- 1.2.7.2.13.5 Córrego Cruz
- 1.2.7.2.13.6 Córrego Cruz
- 1.2.7.2.13.7 Córrego Cruz Alta
- 1.2.7.2.13.8 Córrego Curuaçu-Ambá
- 1.2.7.2.13.9 Córrego Curussu-Ambá
- 1.2.7.2.13.10 Córrego da Cruz
- 1.2.7.2.13.11 Córrego do Bonfim
- 1.2.7.2.13.12 Córrego do Divino
- 1.2.7.2.13.13 Córrego Iandejara
- 1.2.7.2.13.14 Córrego Natal
- 1.2.7.2.13.15 Córrego Rosário
- 1.2.7.2.13.16 Córrego Semana Santa
- 1.2.7.2.13.17 Córrego Senhora Mãe

1.2.7.2.14 Corotopônimos

- 1.2.7.2.14.1 Córrego América
- 1.2.7.2.14.2 Córrego Bolívia
- 1.2.7.2.14.3 Córrego Botafogo
- 1.2.7.2.14.4 Córrego Canaã
- 1.2.7.2.14.5 Córrego Canadá
- 1.2.7.2.14.6 Córrego da Fortaleza
- 1.2.7.2.14.7 Córrego Europa
- 1.2.7.2.14.8 Córrego Flórida
- 1.2.7.2.14.9 Córrego Fortaleza
- 1.2.7.2.14.10 Córrego Fortaleza
- 1.2.7.2.14.11 Córrego Israel
- 1.2.7.2.14.12 Córrego México
- 1.2.7.2.14.13 Córrego Pelotas
- 1.2.7.2.14.14 Córrego Pernambuco
- 1.2.7.2.14.15 Córrego Peru
- 1.2.7.2.14.16 Córrego Pirinópolis

1.2.7.2.15 Somatotopônimos

- 1.2.7.2.15.1 Córrego Cabeça de Boi
- 1.2.7.2.15.2 Córrego Calcanhar
- 1.2.7.2.15.3 Córrego Careca
- 1.2.7.2.15.4 Córrego Caveira
- 1.2.7.2.15.5 Córrego Chifre de Veado
- 1.2.7.2.15.6 Córrego Garganta de Tigre
- 1.2.7.2.15.7 Córrego Guizo
- 1.2.7.2.15.8 Córrego Joelho
- 1.2.7.2.15.9 Córrego Rabicho
- 1.2.7.2.15.10 Córrego Rabo de Onça

1.2.7.2.18 Cronotopônimos

- 1.2.7.2.20.1 Córrego Ano Novo
- 1.2.7.2.20.2 Córrego da Velha
- 1.2.7.2.20.3 Córrego do Varão
- 1.2.7.2.20.4 Córrego do Velho Merêncio/do Velho Merêncio
- 1.2.7.2.20.5 Córrego dos Cuês
- 1.2.7.2.20.6 Córrego Nova Esperança
- 1.2.7.2.20.7 Córrego Velha Carinha
- 1.2.7.2.20.8 Córrego Velho

1.2.7.2.17 Historiotopônimos

- 1.2.7.2.16.1 Córrego 4 de maio

- 1.2.7.2.16.2 Córrego Bandeira
- 1.2.7.2.16.3 Córrego Bandeirantes
- 1.2.7.2.16.4 Córrego Independência
- 1.2.7.2.16.5 Córrego Jaqueria
- 1.2.7.2.16.6 Córrego Primeiro de Junho
- 1.2.7.2.16.7 Córrego Sete de Setembro
- 1.2.7.2.16.8 Córrego Vera Cruz

1.2.7.2.19 Axiotopônimos

- 1.2.7.2.19.1 Córrego Almirante
- 1.2.7.2.19.2 Córrego Cadete
- 1.2.7.2.19.3 Córrego Coronel Armado
- 1.2.7.2.19.4 Córrego do Tenente
- 1.2.7.2.19.5 Córrego Dr. Thomás
- 1.2.7.2.19.6 Córrego Marquês
- 1.2.7.2.19.7 Córrego Rainha

1.2.7.2.19 Poliotopônimos

- 1.2.7.2.19.1 Córrego Aldeia
- 1.2.7.2.19.2 Córrego da Aldeia
- 1.2.7.2.19.3 Córrego Cidade
- 1.2.7.2.19.4 Córrego Colônia Velha
- 1.2.7.2.19.5 Córrego Pindorama
- 1.2.7.2.19.6 Córrego Quilombo
- 1.2.7.2.19.7 Córrego da Vila

1.2.7.2.19 Mitotopônimos

- 1.2.7.2.19.1 Córrego Bopeí
- 1.2.7.2.19.2 Córrego Pai Cuê
- 1.2.7.2.19.3 Córrego Pai-Colá
- 1.2.7.2.19.4 Córrego Pombeiro
- 1.2.7.2.19.5 Córrego Tamandaré

Não Classificados

- 1.2.7.3.1 Córrego Acôco
- 1.2.7.3.2 Córrego Aldeira
- 1.2.7.3.3 Córrego Ançaipa/Ançaipá
- 1.2.7.3.4 Córrego Aparade
- 1.2.7.3.5 Córrego Aquidaban
- 1.2.7.3.6 Córrego Aramburá
- 1.2.7.3.7 Córrego Aramburu
- 1.2.7.3.8 Córrego Aramburú
- 1.2.7.3.9 Córrego Arcião
- 1.2.7.3.10 Córrego Areba
- 1.2.7.3.11 Córrego Avato Villo
- 1.2.7.3.12 Córrego Bilhagua
- 1.2.7.3.13 Córrego Brasim

1.2.7.3.14	Córrego Buricá
1.2.7.3.15	Córrego Caculé
1.2.7.3.16	Córrego Cambaria
1.2.7.3.17	Córrego Cambú
1.2.7.3.18	Córrego Cangueri
1.2.7.3.19	Córrego Carapan
1.2.7.3.20	Córrego Carapé
1.2.7.3.21	Córrego Cavadonga
1.2.7.3.22	Córrego Chamadeira
1.2.7.3.23	Córrego Chatelodo
1.2.7.3.24	Córrego Chorro
1.2.7.3.25	Córrego Composto
1.2.7.3.26	Córrego Coxo
1.2.7.3.27	Córrego Culcho
1.2.7.3.28	Córrego Culicho
1.2.7.3.29	Córrego Curuju
1.2.7.3.30	Córrego da Base
1.2.7.3.31	Córrego da Decoadá
1.2.7.3.32	Córrego da Virela
1.2.7.3.33	Córrego Daicuai
1.2.7.3.34	Córrego Dalcuri
1.2.7.3.35	Córrego do Coxo
1.2.7.3.36	Córrego do Culicho
1.2.7.3.37	Córrego do Manco
1.2.7.3.38	Córrego do Morgado
1.2.7.3.39	Córrego do Pastorinho/do Pastinho
1.2.7.3.40	Córrego do Tu Til
1.2.7.3.41	Córrego Dominguenta
1.2.7.3.42	Córrego Dominguenta
1.2.7.3.43	Córrego Dumovo
1.2.7.3.44	Córrego Encravar/Encravacar
1.2.7.3.45	Córrego Eovas/Covas
1.2.7.3.46	Córrego Espajem
1.2.7.3.47	Córrego Esteia
1.2.7.3.48	Córrego Eucuterio
1.2.7.3.49	Córrego da Fala
1.2.7.3.50	Córrego Gandelão
1.2.7.3.51	Córrego Geverê/Gerorê
1.2.7.3.52	Córrego Guapapã
1.2.7.3.53	Córrego Guçuvirá
1.2.7.3.54	Córrego Guisãõ
1.2.7.3.55	Córrego Guju Mirim
1.2.7.3.56	Córrego Ibiru
1.2.7.3.57	Córrego Imboraca
1.2.7.3.58	Córrego Ipejbu
1.2.7.3.59	Córrego Ipona
1.2.7.3.60	Córrego Iranchim
1.2.7.3.61	Córrego Iranxim
1.2.7.3.62	Córrego Iretan
1.2.7.3.63	Córrego Iretan

1.2.7.3.64	Córrego Isso
1.2.7.3.65	Córrego Jacadigo
1.2.7.3.66	Córrego Jacaipá
1.2.7.3.67	Córrego Jaceri
1.2.7.3.68	Córrego Jacori
1.2.7.3.69	Córrego Jameda
1.2.7.3.70	Córrego Janção
1.2.7.3.71	Córrego Jaraguaiá
1.2.7.3.72	Córrego Jatebu
1.2.7.3.73	Córrego Jejum
1.2.7.3.74	Córrego Jhoverá
1.2.7.3.75	Córrego Juherê
1.2.7.3.76	Córrego Jupé
1.2.7.3.77	Córrego Jurutaré
1.2.7.3.78	Córrego Lalima
1.2.7.3.79	Córrego Lau-de-Já
1.2.7.3.80	Córrego Liberino
1.2.7.3.81	Córrego Livé
1.2.7.3.82	Córrego Loma Puitá
1.2.7.3.83	Córrego Luceiro
1.2.7.3.84	Córrego Maitoré
1.2.7.3.85	Córrego Mandei
1.2.7.3.86	Córrego Manteninha
1.2.7.3.87	Córrego Mascado
1.2.7.3.88	Córrego Mastigo
1.2.7.3.89	Córrego Matuca
1.2.7.3.90	Córrego Mestrinho
1.2.7.3.91	Córrego Minerva
1.2.7.3.92	Córrego Mococa
1.2.7.3.93	Córrego Moron
1.2.7.3.94	Córrego Morrate
1.2.7.3.95	Córrego Nhaquiráí
1.2.7.3.96	Córrego Nundaí
1.2.7.3.97	Córrego Origuela
1.2.7.3.98	Córrego Panduí
1.2.7.3.99	Córrego Panterrum
1.2.7.3.100	Córrego Paterrum
1.2.7.3.101	Córrego Pe-I-Pocu
1.2.7.3.102	Córrego Perta
1.2.7.3.103	Córrego Pio poçu
1.2.7.3.104	Córrego Piquiceri
1.2.7.3.105	Córrego Piquiciri
1.2.7.3.106	Córrego Prosségio
1.2.7.3.107	Córrego Provenil
1.2.7.3.108	Córrego Pucovu
1.2.7.3.109	Córrego Quebrado
1.2.7.3.110	Córrego Quekada
1.2.7.3.111	Córrego Quiterói
1.2.7.3.112	Córrego Rainão
1.2.7.3.113	Córrego Raviaí

1.2.7.3.114	Córrego Remâneo
1.2.7.3.115	Córrego Sacaron
1.2.7.3.116	Córrego Sapalio
1.2.7.3.117	Córrego Saú
1.2.7.3.118	Córrego Saverá
1.2.7.3.119	Córrego Seputã
1.2.7.3.120	Córrego Tagi
1.2.7.3.121	Córrego Taiamain
1.2.7.3.122	Córrego Tobiano
1.2.7.3.123	Córrego Toluciri
1.2.7.3.124	Córrego Viúda
1.2.7.3.125	Córrego Zadorado

1.2.8. Foz

1.2.8.1 Taxionomia de natureza física

1.2.8.1.1 Hidrotopônimos

- 1.2.8.1.1.1 Foz do Rio Grande
- 1.2.8.1.1.2 Foz do Rio Paranaíba
- 1.2.8.1.1.3 Foz Lagoa Limpa

1.2.9. Nascente

1.2.9.1 Taxionomia de natureza física

1.2.9.1.1 Hidrotopônimo

- 1.2.9.1.1.1 Nascente Água Santa

1.2.9.1.2 Zootopônimo

- 1.2.9.1.2.1 Nascente dos Macacos

1.2.10. Riacho

1.2.10.1 Taxionomias de natureza física

1.2.10.1.1 Hidrotopônimo

1.2.10.1.1.1 Riacho Tanque

1.2.10.1.2 Fitotopônimo

1.2.10.1.2.1 Riacho Taquaruçu

1.2.10.2 Taxionomia de natureza física

1.2.10.2.1 Hagiopônimo

1.2.10.2.1.1 Riacho Santa Gertrudes

1.2.11. Ribeira

1.2.11.1 Taxionomia de natureza física

1.2.11.1.1 Fitotopônimo

1.2.11.1.1.1 Ribeira Taquarussu

1.2.12. Ribeirão

1.2.12.1 Taxionomia de natureza física

1.2.12.1.1 Zootopônimo

- 1.2.12.1.1.1 Ribeirão Araras
- 1.2.12.1.1.2 Ribeirão Cabeçuda
- 1.2.12.1.1.3 Ribeirão Caracol
- 1.2.12.1.1.4 Ribeirão Cascavel
- 1.2.12.1.1.5 Ribeirão Cateto/Caititu
- 1.2.12.1.1.6 Ribeirão Cervo
- 1.2.12.1.1.7 Ribeirão da Lontra
- 1.2.12.1.1.8 Ribeirão da Mutuca
- 1.2.12.1.1.9 Ribeirão da Piaba
- 1.2.12.1.1.10 Ribeirão do Cancã
- 1.2.12.1.1.11 Ribeirão do Cervo
- 1.2.12.1.1.12 Ribeirão do Galheiro
- 1.2.12.1.1.13 Ribeirão do Mutuca
- 1.2.12.1.1.14 Ribeirão do Mutum/do Motum
- 1.2.12.1.1.15 Ribeirão do Periquito
- 1.2.12.1.1.16 Ribeirão dos Araras

- 1.2.12.1.1.17 Ribeirão dos Bois
- 1.2.12.1.1.18 Ribeirão dos Galheiros
- 1.2.12.1.1.19 Ribeirão dos Porcos
- 1.2.12.1.1.20 Ribeirão Douradilho
- 1.2.12.1.1.21 Ribeirão Dourado
- 1.2.12.1.1.22 Ribeirão Galheiro
- 1.2.12.1.1.23 Ribeirão Galheiros/dos Galheiros
- 1.2.12.1.1.24 Ribeirão Jauru
- 1.2.12.1.1.25 Ribeirão Jauruzinho
- 1.2.12.1.1.26 Ribeirão Lontrinha
- 1.2.12.1.1.27 Ribeirão Marimbondo
- 1.2.12.1.1.28 Ribeirão Matrinchã/Matrinxã
- 1.2.12.1.1.29 Ribeirão Mosquito
- 1.2.12.1.1.30 Ribeirão Papagaio
- 1.2.12.1.1.31 Ribeirão Patos/dos Patos
- 1.2.12.1.1.32 Ribeirão Pinhé
- 1.2.12.1.1.33 Ribeirão Piracanjuba
- 1.2.12.1.1.34 Ribeirão Piraputanga
- 1.2.12.1.1.35 Ribeirão Piravevê
- 1.2.12.1.1.36 Ribeirão Quati
- 1.2.12.1.1.37 Ribeirão Tamanduá
- 1.2.12.1.1.38 Ribeirão Tinguará
- 1.2.12.1.1.39 Ribeirão Urutau

1.2.12.1.2 Fitotopônimos

- 1.2.12.1.2.1 Ribeirão Bananal
- 1.2.12.1.2.2 Ribeirão Capim Branco
- 1.2.12.1.2.3 Ribeirão Coqueiro
- 1.2.12.1.2.4 Ribeirão da Embaúba/Embaúva
- 1.2.12.1.2.5 Ribeirão da Figueira
- 1.2.12.1.2.6 Ribeirão do Café
- 1.2.12.1.2.7 Ribeirão do Cedro
- 1.2.12.1.2.8 Ribeirão do Pinheiro
- 1.2.12.1.2.9 Ribeirão Figueirão
- 1.2.12.1.2.10 Ribeirão Geriva/Geribá
- 1.2.12.1.2.11 Ribeirão Guapé
- 1.2.12.1.2.12 Ribeirão Imbaúba
- 1.2.12.1.2.13 Ribeirão Indaiá
- 1.2.12.1.2.14 Ribeirão Indaiá Grande
- 1.2.12.1.2.15 Ribeirão Indaiazinho
- 1.2.12.1.2.16 Ribeirão Jataí
- 1.2.12.1.2.17 Ribeirão Jatobá
- 1.2.12.1.2.18 Ribeirão Jatobazinho
- 1.2.12.1.2.19 Ribeirão Laranjaí
- 1.2.12.1.2.20 Ribeirão Laranjaizinho/Laranjalzinho
- 1.2.12.1.2.21 Ribeirão Laranjal
- 1.2.12.1.2.22 Ribeirão Mandioca
- 1.2.12.1.2.23 Ribeirão Mateira

- 1.2.12.1.2.24 Ribeirão Mimoso
- 1.2.12.1.2.25 Ribeirão Palmito
- 1.2.12.1.2.26 Ribeirão Pau – Terra
- 1.2.12.1.2.27 Ribeirão Pirizal
- 1.2.12.1.2.28 Ribeirão Quebracho
- 1.2.12.1.2.29 Ribeirão Taquaraçu
- 1.2.12.1.2.30 Ribeirão Taquarizinho
- 1.2.12.1.2.31 Ribeirão Taquaruçu
- 1.2.12.1.2.32 Ribeirão Veludinho
- 1.2.12.1.2.33 Ribeirão Veludo/do Veludo

1.2.12.1.3 Hidrotopônimos

- 1.2.12.1.3.1 Ribeirão Água Bonita
- 1.2.12.1.3.2 Ribeirão Água Limpa
- 1.2.12.1.3.3 Ribeirão Cachoeira
- 1.2.12.1.3.4 Ribeirão Cachoeira Preta
- 1.2.12.1.3.5 Ribeirão Cachoeirinha
- 1.2.12.1.3.6 Ribeirão da Água Fria
- 1.2.12.1.3.7 Ribeirão da Água Limpa
- 1.2.12.1.3.8 Ribeirão da Cachoeira
- 1.2.12.1.3.9 Ribeirão da Lagoa
- 1.2.12.1.3.10 Ribeirão do Braço
- 1.2.12.1.3.11 Ribeirão do Córrego do Cateto
- 1.2.12.1.3.12 Ribeirão do Salto
- 1.2.12.1.3.13 Ribeirão Fumaça
- 1.2.12.1.3.14 Ribeirão Lagoa Amarela
- 1.2.12.1.3.15 Ribeirão Lagoa Rica
- 1.2.12.1.3.16 Ribeirão Lagoas
- 1.2.12.1.3.17 Ribeirão Limpo
- 1.2.12.1.3.18 Ribeirão Manso
- 1.2.12.1.3.19 Ribeirão Ribeirão
- 1.2.12.1.3.20 Ribeirão Ribeirãozinho
- 1.2.12.1.3.21 Ribeirão Rio Branco
- 1.2.12.1.3.22 Ribeirão Salgado
- 1.2.12.1.3.23 Ribeirão Salobra

1.2.12.1.4 Geomorfotopônimos

- 1.2.12.1.4.1 Ribeirão Barra Bonita
- 1.2.12.1.4.2 Ribeirão Camapuã
- 1.2.12.1.4.3 Ribeirão Campo Alegre
- 1.2.12.1.4.4 Ribeirão Campo Triste
- 1.2.12.1.4.5 Ribeirão da Barra
- 1.2.12.1.4.6 Ribeirão da Cava
- 1.2.12.1.4.7 Ribeirão Furna
- 1.2.12.1.4.8 Ribeirão Furna do Mutum
- 1.2.12.1.4.9 Ribeirão Monte Belo

- 1.2.12.1.4.10 Ribeirão Morro Vermelho
- 1.2.12.1.4.11 Ribeirão Pântano
- 1.2.12.1.4.12 Ribeirão Pelado
- 1.2.12.1.4.13 Ribeirão Sertãozinho
- 1.2.12.1.4.14 Ribeirão Varjão Largo

1.2.12.1.5 Litotopônimos

- 1.2.12.1.5.1 Ribeirão Areia
- 1.2.12.1.5.2 Ribeirão Barreirão
- 1.2.12.1.5.3 Ribeirão Barreirinho
- 1.2.12.1.5.4 Ribeirão Barreiro/do Barreiro
- 1.2.12.1.5.5 Ribeirão Barreiro do Ariranha
- 1.2.12.1.5.6 Ribeirão Brejão
- 1.2.12.1.5.7 Ribeirão da Lage/da Laje
- 1.2.12.1.5.8 Ribeirão das Pedras
- 1.2.12.1.5.9 Ribeirão do Barreiro
- 1.2.12.1.5.10 Ribeirão do Lajeado/do Lageado
- 1.2.12.1.5.11 Ribeirão do Prata
- 1.2.12.1.5.12 Ribeirão Pedra Branca
- 1.2.12.1.5.13 Ribeirão Sal Amargo

1.2.12.1.6 Dimensiotopônimos

- 1.2.12.1.6.1 Ribeirão do Fundo
- 1.2.12.1.6.2 Ribeirão Fundo
- 1.2.12.1.6.3 Ribeirão Grande
- 1.2.12.1.6.4 Ribeirão Mirim

1.2.12.1.7 Cardinotopônimos

- 1.2.12.1.7.1 Ribeirão de Baixo
- 1.2.12.1.7.2 Ribeirão da Divisa
- 1.2.12.1.7.3 Ribeirão do Meio

1.2.12.1.8 Cromotopônimos

- 1.2.12.1.8.1 Ribeirão Claro
- 1.2.12.1.8.2 Ribeirão Preto
- 1.2.12.1.8.3 Ribeirão Vermelho

1.2.12.1.9 Morfotopônimo

- 1.2.12.1.9.1 Ribeirão da Volta Grande

1.2.12.2 Taxionomias de natureza antropo cultural

1.2.12.2.1 Animotopônimos Eufóricos

- 1.2.12.2.1.1 Ribeirão Alegria
- 1.2.12.2.1.2 Ribeirão Boa Esperança
- 1.2.12.2.1.3 Ribeirão da Boa Vista
- 1.2.12.2.1.4 Ribeirão Boa Vista
- 1.2.12.2.1.5 Ribeirão Bom Sucesso
- 1.2.12.2.1.6 Ribeirão do Bonito
- 1.2.12.2.1.7 Ribeirão Bonito
- 1.2.12.2.1.8 Ribeirão Bonsucesso
- 1.2.12.2.1.9 Ribeirão Brioso
- 1.2.12.2.1.10 Ribeirão Esperança
- 1.2.12.2.1.11 Ribeirão Formoso
- 1.2.12.2.1.12 Ribeirão Futuro
- 1.2.12.2.1.13 Ribeirão Vitória/Vitória

1.2.12.2.2 Antropotopônimos

- 1.2.12.2.2.1 Ribeirão do Beltrão
- 1.2.12.2.2.2 Ribeirão do César
- 1.2.12.2.2.3 Ribeirão da Constança
- 1.2.12.2.2.4 Ribeirão Diogo
- 1.2.12.2.2.5 Ribeirão Ferreira
- 1.2.12.2.2.6 Ribeirão Junqueira Marcos
- 1.2.12.2.2.7 Ribeirão Junqueira
- 1.2.12.2.2.8 Ribeirão Libório
- 1.2.12.2.2.9 Ribeirão Pedro Gomes
- 1.2.12.2.2.10 Ribeirão Quitéria/da Quitéria
- 1.2.12.2.2.11 Ribeirão da Ritinha
- 1.2.12.2.2.12 Ribeirão Vitória

1.2.12.2.3 Ergotopônimos

- 1.2.12.2.3.1 Ribeirão Baús
- 1.2.12.2.3.2 Ribeirão Bebedouro
- 1.2.12.2.3.3 Ribeirão da Botas
- 1.2.12.2.3.4 Ribeirão das Botas
- 1.2.12.2.3.5 Ribeirão Caldeirão
- 1.2.12.2.3.6 Ribeirão Cangalha
- 1.2.12.2.3.7 Ribeirão Coalhinho
- 1.2.12.2.3.8 Ribeirão Machado
- 1.2.12.2.3.9 Ribeirão da Moeda
- 1.2.12.2.3.10 Ribeirão Serrote

1.2.12.2.4 Hagiotopônimos

- 1.2.12.2.5.1 Ribeirão Santa Rita
- 1.2.12.2.5.2 Ribeirão Santa Rosa
- 1.2.12.2.5.3 Ribeirão Santo Antônio
- 1.2.12.2.5.4 Ribeirão São Domingos
- 1.2.12.2.5.5 Ribeirão São Félix
- 1.2.12.2.5.6 Ribeirão São João
- 1.2.12.2.5.7 Ribeirão São Luís
- 1.2.12.2.5.8 Ribeirão São Mateus
- 1.2.12.2.5.9 Ribeirão São Pedro
- 1.2.12.2.5.10 Ribeirão São Sebastião

1.2.12.2.5 Hodotopônimos

- 1.2.12.2.5.1 Ribeirão Estiva/da Estiva
- 1.2.12.2.5.2 Ribeirão Ponte de Pedra
- 1.2.12.2.5.3 Ribeirão Ponte Preta
- 1.2.12.2.5.4 Ribeirão Pontinha do Coxo
- 1.2.12.2.5.5 Ribeirão da Pontinha
- 1.2.12.2.5.6 Ribeirão do Pontinha
- 1.2.12.2.5.7 Ribeirão Pontinhas
- 1.2.12.2.5.8 Ribeirão Varadouro

1.2.12.2.6 Sociotopônimos

- 1.2.12.1.9.1 Ribeirão Baile
- 1.2.12.1.9.2 Ribeirão Campeiro/do Campeiro
- 1.2.12.1.9.3 Ribeirão do Garimpeiro
- 1.2.12.1.9.4 Ribeirão Invernada
- 1.2.12.1.9.5 Ribeirão Retiro Velho

1.2.12.2.7 Animotopônimos Disfóricos

- 1.2.12.2.7.1 Ribeirão Combate
- 1.2.12.2.7.2 Ribeirão do Engano
- 1.2.12.2.7.3 Ribeirão Engano
- 1.2.12.2.7.4 Ribeirão Invejoso

1.2.12.2.8 Numerotopônimos

- 1.2.12.2.8.1 Ribeirão dos Dois Córregos
- 1.2.12.2.8.2 Ribeirão Dois Córregos
- 1.2.12.2.8.3 Ribeirão Três Barras/ das Três Barras

1.2.12.2.9 Corotopônimo

1.2.12.2.9.1 Ribeirão Fortaleza

1.2.12.2.11 Etnotopônimo

1.2.12.2.11.1 Ribeirão Xavantes

1.2.12.2.12 Hierotopônimo

1.2.12.2.12.1 Ribeirão das Cruzes

1.2.12.3 Não Classificados

1.2.12.3.1 Ribeirão do Atar
 1.2.12.3.2 Ribeirão Mantena
 1.2.12.3.3 Ribeirão Quiterói
 1.2.12.3.4 Ribeirão Quiteroizinho

1.2.13 Rio

1.2.13.1 Taxionomias de natureza física

1.2.13.1.1 Fitotopônimos

1.2.13.1.2.1 Rio Abobral
 1.2.13.1.2.2 Rio Amambai
 1.2.13.1.2.3 Rio Árvore Grande
 1.2.13.1.2.4 Rio Bacuri
 1.2.13.1.2.5 Rio Bananal
 1.2.13.1.2.6 Rio Caarapó
 1.2.13.1.2.7 Rio Curupaí
 1.2.13.1.2.8 Rio Curutuba
 1.2.13.1.2.9 Rio Figueirão
 1.2.13.1.2.10 Rio Guaembeperi
 1.2.13.1.2.11 Rio Guambeperi
 1.2.13.1.2.12 Rio Gurupaí
 1.2.13.1.2.13 Rio Indaiá
 1.2.13.1.2.14 Rio Indaiá Grande
 1.2.13.1.2.15 Rio Ingazal
 1.2.13.1.2.16 Rio Laranjaí
 1.2.13.1.2.17 Rio Mimoso
 1.2.13.1.2.18 Rio Morangas
 1.2.13.1.2.19 Rio Peroba
 1.2.13.1.2.20 Rio Piripucu
 1.2.13.1.2.21 Rio Puitã
 1.2.13.1.2.22 Rio Ramalhete
 1.2.13.1.2.23 Rio Samambaia
 1.2.13.1.2.24 Rio Tabaco

- 1.2.13.1.2.25 Rio Taboco
- 1.2.13.1.2.26 Rio Taquara
- 1.2.13.1.2.27 Rio Taquari/Taquary
- 1.2.13.1.2.28 Rio Taquari-mirim
- 1.2.13.1.2.29 Rio Taquarizinho
- 1.2.13.1.2.30 Rio Taquarussu/Taquaruçu
- 1.2.13.1.2.31 Rio Tarumã

1.2.13.1.2 Zootopônimos

- 1.2.13.1.2.1 Rio Anhanduí/Inhanduí
- 1.2.13.1.2.2 Rio Anhanduizinho
- 1.2.13.1.2.3 Rio Ariranha
- 1.2.13.1.2.4 Rio Bacuri
- 1.2.13.1.2.5 Rio dos Bois
- 1.2.13.1.2.6 Rio dos Cabritos
- 1.2.13.1.2.7 Rio Canindé
- 1.2.13.1.2.8 Rio Canindezinho
- 1.2.13.1.2.9 Rio Caracará
- 1.2.13.1.2.10 Rio Caracol
- 1.2.13.1.2.11 Rio Coxim
- 1.2.13.1.2.12 Rio do Peixe
- 1.2.13.1.2.13 Rio Douradilho
- 1.2.13.1.2.14 Rio Dourados
- 1.2.13.1.2.15 Rio Guabiru
- 1.2.13.1.2.16 Rio Guará
- 1.2.13.1.2.17 Rio Guaraí
- 1.2.13.1.2.18 Rio Guirai
- 1.2.13.1.2.19 Rio Inhanduizinho
- 1.2.13.1.2.20 Rio Jaguari
- 1.2.13.1.2.21 Rio Jauru
- 1.2.13.1.2.22 Rio Paraguai
- 1.2.13.1.2.23 Rio dos Peixes
- 1.2.13.1.2.24 Rio dos Periquitos
- 1.2.13.1.2.25 Rio Pinhé
- 1.2.13.1.2.26 Rio Pirajuí
- 1.2.13.1.2.27 Rio Piripucu
- 1.2.13.1.2.28 Rio Pombo/do Pombo/Santa Bárbara
- 1.2.13.1.2.29 Rio Quati
- 1.2.13.1.2.30 Rio Sucuriú
- 1.2.13.1.2.31 Rio Vacaria

1.2.13.1.3 Hidrotopônimos

- 1.2.13.1.3.1 Rio Apa
- 1.2.13.1.3.2 Rio Apa-mi
- 1.2.13.1.3.3 Rio Aporé/do Peixe
- 1.2.13.1.3.4 Rio Baía
- 1.2.13.1.3.5 Rio Bracinho
- 1.2.13.1.3.6 Rio Brilhante

- 1.2.13.1.3.7 Rio Cachoeirão
- 1.2.13.1.3.8 Rio Corrente
- 1.2.13.1.3.9 Rio Correntes
- 1.2.13.1.3.10 Rio Escondido
- 1.2.13.1.3.11 Rio Iguatemi
- 1.2.13.1.3.12 Rio Maracaí
- 1.2.13.1.3.13 Rio Paraná
- 1.2.13.1.3.14 Rio Paranaíba
- 1.2.13.1.3.15 Rio Perdido
- 1.2.13.1.3.16 Rio Piquiri/Itiquira
- 1.2.13.1.3.17 Rio Pirajuí
- 1.2.13.1.3.18 Rio Piratinim
- 1.2.13.1.3.19 Rio Roncador
- 1.2.13.1.3.20 Rio Salobra

1.2.13.1.4 Litotopônimos

- 1.2.13.1.4.1 Rio Areião
- 1.2.13.1.4.2 Rio dos Barreiros
- 1.2.13.1.4.3 Rio das Pedras
- 1.2.13.1.4.4 Rio da Prata
- 1.2.13.1.4.5 Rio Lajeado
- 1.2.13.1.4.6 Rio Itá
- 1.2.13.1.4.7 Rio Ivinhema

1.2.13.2.2 Cromotopônimos

- 1.2.13.2.4.1 Rio Branco
- 1.2.13.2.4.2 Rio Negro
- 1.2.13.2.4.3 Rio Negrinho
- 1.2.13.2.4.4 Rio Pardo
- 1.2.13.2.4.5 Rio Verde
- 1.2.13.2.4.6 Rio Vermelho

1.2.13.1.5 Geomorfotopônimos

- 1.2.13.1.5.1 Rio Buracão
- 1.2.13.1.5.2 Rio Desbarrancado
- 1.2.13.1.5.3 Rio Pântano

1.2.13.1.6 Astrotopônimo

- 1.2.13.1.7.1 Rio Estrela

1.2.13.1.8 Cardinotopônimo

- 1.2.13.1.8.1 Rio do Meio

1.2.13.1.9 Dimensiotopônimo

1.2.13.1.9.1 Rio Grande

1.2.13.2 Taxionomias de natureza antropo cultural

1.2.13.2.1 Hagiopotônimos

- 1.2.13.2.1.1 Rio Santa Maria
- 1.2.13.2.1.2 Rio Santa Otilia
- 1.2.13.2.1.3 Rio Santa Virgem
- 1.2.13.2.1.4 Rio Santa Virgínia
- 1.2.13.2.1.5 Rio Santana
- 1.2.13.2.1.6 Rio Santo Anastácio
- 1.2.13.2.1.7 Rio Santo Antônio
- 1.2.13.2.1.8 Rio São Bento
- 1.2.13.2.1.9 Rio São Cristóvão
- 1.2.13.2.1.10 Rio São Domingos
- 1.2.13.2.1.11 Rio São Francisco
- 1.2.13.2.1.12 Rio São Gabriel
- 1.2.13.2.1.13 Rio São João
- 1.2.13.2.1.14 Rio São José
- 1.2.13.2.1.15 Rio São Lourenço
- 1.2.13.2.1.16 Rio São Mateus
- 1.2.13.2.1.17 Rio São Miguel
- 1.2.13.2.1.18 Rio São Pedro

1.2.13.2.3 Ergotopônimos

- 1.2.13.2.3.1 Rio Carumbé
- 1.2.13.2.3.2 Rio Moquém
- 1.2.13.2.3.3 Rio Ramalhete
- 1.2.13.2.3.4 Rio Rapadura
- 1.2.13.2.3.5 Rio Serrote
- 1.2.13.2.3.6 Rio Tabaco
- 1.2.13.2.3.7 Rio Tereré

1.2.13.2.3 Antropotopônimos

- 1.2.13.2.3.1 Rio Betiono/Betione
- 1.2.13.2.3.2 Rio Félix Coelho/Félix-Cuê
- 1.2.13.2.3.3 Rio Marcelino
- 1.2.13.2.3.4 Rio Miranda
- 1.2.13.2.3.5 Rio da Quitéria/Quitéria

1.2.13.2.4 Animotopônimos Disfóricos

- 1.2.13.2.4.1 Rio Emboscada
- 1.2.13.2.4.2 Rio Feio
- 1.2.13.2.4.3 Rio Criminoso
- 1.2.13.2.4.4 Rio Perdido

1.2.13.2.4.5 Rio Velhacaria

1.2.13.2.5 Animotopônimos Eufóricos

1.2.13.2.5.1 Rio Bonito
 1.2.13.2.5.2 Rio Formoso
 1.2.13.2.5.3 Rio Paraíso
 1.2.13.2.5.4 Rio Pipocu/Pipoco

1.2.13.2.6 Cronotopônimos

1.2.13.2.6.1 Rio Novo
 1.2.13.2.6.2 Rio das Velhas
 1.2.13.2.6.3 Rio dos Velhos
 1.2.13.2.6.4 Rio Velho

1.2.13.2.7 Numerotopônimos

1.2.13.2.7.1 Rio Dois Irmãos
 1.2.13.2.7.2 Rio Dois Irmãos do Buriti
 1.2.13.2.7.3 Rio Três barras

1.2.13.2.8 Hodotopônimo

1.2.13.2.8.1 Rio Varadouro

1.2.13.2.9 Sociotopônimo

1.2.13.2.9.1 Rio Vacaria

1.2.13.2.10 Somatotopônimo

1.2.13.2.10.1 Rio Nioaque

1.2.13.3 Não Classificados

1.2.13.3.1 Rio Amongipa
 1.2.13.3.2 Rio Aquidabã
 1.2.13.3.3 Rio Aquidauana
 1.2.13.3.5 Rio Chapena
 1.2.13.3.6 Rio Chapena
 1.2.13.3.7 Rio Jogui
 1.2.13.3.8 Rio Nabileque
 1.2.13.3.9 Rio Quiteral

1.2.14 Riozinho

1.2.14.1 Taxionomia de natureza física**1.2.14.1.1 Fitotopônimo**

1.2.14.1.1.1 Riozinho do Uval

1.2.15 Sanga**1.2.15.1 Taxionomia de natureza física****1.2.15.1.1 Cromotopônimo**

1.2.15.1.1.1 Sanga Preta

1.2.15.1.2 Dimensiotopônimo

1.2.15.1.2.1 Sanga Funda

1.2.15.1.3 Geomorfotopônimo

1.2.15.1.3.1 Sanga Barranca/Barranco

1.2.14.2 Taxionomias de natureza antropo cultural**1.2.15.2.1 Animotopônimo Eufórico**

1.2.15.2.1.1 Sanga Bonita

1.2.16 Vazante**1.2.16.1 Taxionomia de natureza física****1.2.16.1.1 Fitotopônimos**

1.2.16.1.1.1 Vazante Aguassuzinho

1.2.16.1.1.2 Vazante do Arroz

1.2.16.1.1.3 Vazante Arrozal

1.2.16.1.1.4 Vazante Caeté

1.2.16.1.1.5 Vazante Cambará

1.2.16.1.1.6 Vazante Caraguatá

1.2.16.1.1.7 Vazante Ingá

1.2.16.1.1.8 Vazante Landin/Landi

1.2.16.1.1.9 Vazante Landzinho

1.2.16.1.1.10 Vazante Mangabal

1.2.16.1.1.11 Vazante Mata do Café

- 1.2.16.1.1.12 Vazante Pirizal
- 1.2.16.1.1.13 Vazante Taquaral
- 1.2.16.1.1.14 Vazante Tarumã
- 1.2.16.1.1.15 Vazante do Uval

1.2.16.1.2 Zootopônimos

- 1.2.16.1.3.1 Vazante Arara
- 1.2.16.1.3.2 Vazante do Baio
- 1.2.16.1.3.3 Vazante do Bugio
- 1.2.16.1.3.4 Vazante do Caetetu Magro
- 1.2.16.1.3.5 Vazante Capivara
- 1.2.16.1.3.6 Vazante Capivari
- 1.2.16.1.3.7 Vazante da Garça
- 1.2.16.1.3.8 Vazante Jacaré
- 1.2.16.1.3.9 Vazante do Papagaio
- 1.2.16.1.3.10 Vazante do Pato
- 1.2.16.1.3.11 Vazante da Marreca
- 1.2.16.1.3.12 Vazante Pato
- 1.2.16.1.3.13 Vazante do Periquito
- 1.2.16.1.3.14 Vazante Periquito
- 1.2.16.1.3.15 Vazante Piauí

1.2.16.1.3 Hidrotopônimos

- 1.2.16.1.2.1 Vazante de Água
- 1.2.16.1.2.2 Vazante Aguaçú
- 1.2.16.1.2.3 Vazante Baía Branca
- 1.2.16.1.2.4 Vazante Bracinho
- 1.2.16.1.2.5 Vazante do Corixão
- 1.2.16.1.2.6 Vazante Corixão
- 1.2.16.1.2.7 Vazante Corixinha
- 1.2.16.1.2.8 Vazante do Corixinho
- 1.2.16.1.2.9 Vazante Ressaca
- 1.2.16.1.2.10 Vazante Riozinho 1
- 1.2.16.1.2.11 Vazante Riozinho 2
- 1.2.16.1.2.12 Vazante Riozinho 3
- 1.2.16.1.2.13 Vazante Riozinho
- 1.2.16.1.2.14 Vazante Vazantina

1.2.16.1.4 Litotopônimo

- 1.2.16.1.4.1 Vazante da Pedra
- 1.2.16.1.4.2 Vazante do Brejão

1.2.16.1.5 Geomorfotopônimo

- 1.2.16.1.5.1 Vazante Bocaina

1.2.16.1.6 Dimensiotopônimo

1.2.16.1.6.1 Vazante Grande

1.2.16.1.7 Cardinotopônimo

1.2.16.1.7.1 Vazante da Divisa

1.2.16.1.8 Morfotopônimo

1.2.17.1.8.1 Vazante Forquilha

1.2.16.2 Taxionomia de natureza antropo cultural

1.2.16.2.1 Ergotopônimos

1.2.16.2.1.1 Vazante do Almoço

1.2.16.2.1.2 Vazante do Bocó

1.2.16.2.1.3 Vazante do Funil

1.2.16.2.1.4 Vazante Panela

1.2.16.2.1.5 Vazante Pranchada

1.2.16.2.1.6 Vazante Precata

1.2.16.2.1.7 Vazante Tendal

1.2.16.2.2 Hagiotopônimos

1.2.16.8.1 Vazante Santa Clara

1.2.16.8.2 Vazante Santa Maria

1.2.16.8.3 Vazante Santana

1.2.16.8.4 Vazante São Bento

1.2.16.8.5 Vazante São Francisco

1.2.7.2.14 Antropotopônimos

1.2.16.2.2.1 Vazante do Estevão

1.2.16.2.2.2 Vazante da Margarida

1.2.16.2.2.3 Vazante Figueiró

1.2.16.2.2.4 Vazante do Lara

1.2.16.2.4 Animotopônimos Eufóricos

1.2.16.2.4.1 Vazante Alegria

1.2.16.2.4.2 Vazante Aurora

1.2.16.2.4.3 Vazante Formosa

1.2.16.2.5 Numerotopônimos

1.2.16.2.5.1 Vazante Dois Buritis

1.2.16.2.5.2 Vazante Dois Capões

1.2.16.2.5.3 Vazante Cinquenta

1.2.16.2.6 Animotopônimos Disfóricos

1.2.16.2.6.1 Vazante Apertado

1.2.16.2.6.2 Vazante Feioso

1.2.16.2.7 Ecotopônimos

1.2.16.2.7.1 Vazante Castelo

1.2.16.2.7.2 Vazante Ranchinho

1.2.16.2.8 Etnotopônimo

1.2.16.2.8.1 Vazante Guaxi

1.2.16.2.9 Dirrematotopônimo

1.2.16.2.9.1 Vazante Lambe Olho

1.2.16.2.10 Sociotopônimo

1.2.16.2.10.1 Vazante Viveirinho

1.2.16.2.11 Não Classificado

1.2.16.2.11.1 Vazante Manduná

1.2.16.2.11.2 Vazante Pandovi

1.2.17 Volta

1.2.17.1 Taxionomia de natureza física

1.2.17.1.1 Dimensiotopônimo

1.2.17.1.1.1 Volta do Mirim

1.2.17.1.2 Fitotopônimo

1.2.17.1.2.1 Volta do Jatobá

1.2.17.1.3 Zootopônimo

1.2.17.1.3.1 Volta da Patativa

1.2.17.2 Taxionomia de natureza física

1.2.17.2.1 Antropotopônimo

1.2.17.2.1.1 Volta dos Barros

1.2.17.2.2 Hagiotopônimo

1.2.17.2.2.1 Volta de Santana

1.3 Águas em Queda

1.3.1. Cachoeira

1.3.1.1 Taxionomias de natureza física

1.3.1.1.1 Hidrotopônimos

- 1.3.1.1.1.1 Cachoeira Água Bonita
- 1.3.1.1.1.2 Cachoeira do Córrego Lageado
- 1.3.1.1.1.3 Cachoeira do Córrego Pontal
- 1.3.1.1.1.4 Cachoeira do Rio Indaiá

1.3.1.1.2 Fitotopônimos

- 1.3.1.1.2.1 Cachoeira da Árvore Grande
- 1.3.1.1.2.2 Cachoeira das Palmeiras

1.3.1.1.3 Litotopônimos

- 1.3.1.1.3.1 Cachoeira da Lage/Laje
- 1.3.1.1.3.2 Cachoeira Pedra Branca

1.3.1.1.4 Zootopônimos

- 1.3.1.1.4.1 Cachoeira Cascavel
- 1.3.1.1.4.2 Cachoeira Mutun/Motum

1.3.1.1.5 Cromotopônimos

- 1.3.1.1.5.1 Cachoeira Branca

1.3.1.1.6 Dimensiotopônimo

- 1.3.1.1.6.1 Cachoeira Alta

1.3.1.2 Taxionomias de natureza antropro cultural

1.3.1.2.1 Antropotopônimos

- 1.3.1.2.1.1 Cachoeira do Tonicão
- 1.3.1.2.1.2 Cachoeira do Donato

- 1.3.1.2.1.3 Cachoeira Ermínio Toledo
- 1.3.1.2.1.4 Cachoeira João Marinho
- 1.3.1.2.1.5 Cachoeira Orlando Bonini

1.3.1.2.2 Axiotopônimos

- 1.3.1.2.2.1 Cachoeira da Dona Gerônima
- 1.3.1.2.2.2 Cachoeira do Sr. Anderson

1.3.1.2.3 Animotopônimo Disfórico

- 1.3.1.2.3.1 Cachoeira Engano

1.3.1.2.4 Animotopônimo Eufórico

- 1.3.1.2.4.1 Cachoeira do Boa Vista

1.3.2 Catarata

1.3.2.1. Taxionomias de natureza antropro cultural

1.3.2.1.1 Numerotopônimo

- 1.3.1.2.5.1 Catarata das Sete Quedas

1.3.3 Salto

1.3.3.1 Taxionomias de natureza física

1.3.3.1.1 Hidrotopônimos

- 1.3.3.1.1.1 Salto Saltão do Aporé
- 1.3.3.1.1.2 Salto do Aporé
- 1.3.3.1.1.3 Salto Água Fria
- 1.3.3.1.1.4 Salto das Águas Emendadas
- 1.3.3.1.1.5 Salto Rio Verde

1.3.3.1.2 Zootopônimos

- 1.3.3.1.2.1 Salto da Andorinha
- 1.3.3.1.2.2 Salto Sucuriú
- 1.3.3.1.2.3 Salto da Formiga
- 1.3.3.1.2.4 Salto da Marimba/Marimbondo

1.3.3.1.3 Fitotopônimos

- 1.3.3.1.3.1 Salto Indaiá do Sul

1.3.3.1.4 Cromotopônimo

1.3.3.1.4.1 Salto do Vermelho

1.3.3.2 Taxionomias de natureza antropo cultural

1.3.3.2.1 Animotopônimos Eufóricos

1.3.3.2.1.1 Salto da Alegria

1.3.3.2.1.2 Salto da Boa Vista

1.3.3.2.1.3 Salto da Fantasia

1.3.3.2.1.4 Salto Majestoso

1.3.3.2.1.5 Salto do Socorro

1.3.3.2.2 Antropotopônimos

1.3.3.2.2.1 Salto do José Nicolau

1.3.3.2.2.2 Salto do Salvino Gomes

1.3.3.2.3 Corotopônimo

1.3.2.2.3.1 Salto da Costa Rica

1.3.3.2.4 Ergotopônimo

1.3.3.2.4.1 Salto da Rapadura/1º Salto do Rio Sucuriú

Este é, portanto, o sistema conceptual dos hidrônimos do estado de Mato Grosso do Sul organizado numa sequência hierárquica de sentido.

Nos próximos itens desse capítulo descreveremos a lógica de nossa proposta de estruturação conceptual.

4.4.3 Critérios de organização do sistema conceptual

Uma vez identificados os dois tipos de unidades lexicais e terminológicas que caracterizam os hidrônimos de nossa pesquisa, analisamos seu conteúdo semântico conceptual como fim de identificar os traços semânticos semelhantes e os distintivos desse conjunto léxico-terminológico.

Chegamos à conclusão de que era necessário identificar características de classificação que permitissem organizar o conjunto léxico-terminológico em campos conceptuais¹⁷.

As características de classificação e os campos conceptuais variam de acordo com o nível de abstração de nosso sistema. A configuração geral desse sistema se apresenta da seguinte forma:

Quadro 8 – configuração do sistema conceptual

Nível 1	1. <u>Hidrônimos</u>		
Nível 2	1.1 <u>Águas Lênticas</u>	1.2 <u>Águas Correntes</u>	1.3 <u>Águas em Queda</u>
Nível 3	Termos que designam elementos hidrográficos (ex.: <i>baía, córrego, cachoeira</i> etc)		
Nível 4	Categorias taxionômicas de natureza física ou natureza antroponômica (DICK, 1992) e topônimos não classificados.		
Nível 5	Taxionomia de acordo com o modelo de Dick (1992)		
Nível 6	Topônimos ou sintagmas toponímicos		

Fonte: Autoria própria

Como podemos observar, nosso sistema conceptual se estrutura em 6 níveis de abstração, tendo no nível 1 o termo que designa o conceito-chave de todo esse sistema que caracteriza o conjunto léxico-terminológico estudado neste trabalho e delimita o domínio abordado em nossa pesquisa: os hidrônimos do estado de Mato Grosso do Sul.

4.4.4 Níveis 2 e 3 do sistema conceptual

Percebemos que, para a distinção dos termos que designam elementos hidrográficos, poderíamos utilizar como característica de classificação o *movimento das*

¹⁷ Por característica de classificação entendemos “toda característica que serve ao estabelecimento de um sistema de conceitos (mapa conceptual)” (BARROS, 2004, p. 8), por campo conceptual concordamos com a definição “conjunto de conceitos relacionados tematicamente” (ISO 1087, 1999, p. 4) e por conceito-chave entendemos conceito que, em uma relação hierárquica, recobre os demais conceitos.

águas. Esse critério permitiu a identificação de três conjuntos terminológicos agrupados sob três conceitos-chave, a saber: *águas lânticas* ou *paradas*, *águas correntes* e *águas em queda*.

A configuração desses conjuntos terminológicos é apresentada a seguir:

Quadro 9 – Níveis 1, 2 e 3 do sistema conceptual

Nível 1	Hidrônimos		
Nível 2	1.1 Águas Lânticas	1.2 Águas Correntes	1.3 Águas em Queda
Nível 3	1.1.1 Baía	1.2.1 Arroio	1.3.1 Cachoeira
	1.1.2 Lago	1.2.2 Cabeceira	1.3.2 Catarata
	1.1.3 Lagoa	1.2.3 Cabo	1.3.3 Salto
	1.1.4 Represa	1.2.4 Canal	
		1.2.5 Corixo	
		1.2.6 Corixão	
		1.2.7 Córrego	
		1.2.8 Foz	
		1.2.9 Nascente	
		1.2.10 Riacho	
		1.2.11 Ribeira	
		1.2.12 Ribeirão	
		1.2.13 Rio	
		1.2.14 Riozinho	
		1.2.15 Sanga	
		1.2.16 Vazante	
		1.2.17 Volta	

Fonte: Autoria própria

Pode-se observar no quadro 6, no nível de abstração 2, que se encontram os termos que designam os três conceitos-chave que caracterizam os três campos conceptuais sob os quais se agrupam os termos que designam elementos hidrográficos. Como já expusemos, a característica de classificação adotada para o estabelecimento desses três campos conceptuais foi o movimento das águas.

Os termos que designam conceitos relativos aos elementos hidrográficos, por sua vez, encontram-se no nível 3 do sistema e foram distribuídos nos três campos conceptuais discriminados no nível 2. O critério de sua apresentação no nível 3 é a ordem alfabética, visto que são co-hipônimos entre si.

4.4.5 Nível de abstração 4 e 5: categorias taxionômicas, topônimos não classificados e taxionomias

Como já expusemos no capítulo 1, item 1.1.4, os estudos de Toponímia brasileira tem se fundamentado, do ponto de vista teórico, na classificação taxionômica proposta por Dick (1992) e esta se subdivide em duas categorias: taxionomias de natureza física e taxionomias de natureza antropocultural que são as que seguem:

Quadro 10 – Taxionomias de natureza física

Astrotopônimos	Corpos celestes em geral
Cardinotopônimos	Posições geográficas em geral
Cromotopônimos	Escala cromática
Dimensiotopônimos	Características dimensionais dos elementos geográficos
Fitotopônimos	Topônimos de índole vegetal
Geomorfotopônimos	Formas topográficas
Hidrotopônimos	Elementos hidrográficos
Litotopônimos	Topônimos de índole mineral, relativos também à constituição do solo, representada por indivíduos.
Meteorotopônimos	Fenômenos atmosféricos
Morfotopônimos	Formas geométricas
Zootopônimos	Nomes de animais.

Fonte: Dick (1992, p. 31 a 34)

Quadro 11 – Taxionomias de natureza antropocultural

Animotopônimos	Nomes relativos à vida psíquica, à cultura espiritual.
Antropotopônimos	Nomes próprios individuais
Axiotopônimos	Títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais
Corotopônimos	Nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes.
Cronotopônimos	Indicadores cronológicos representados, em toponímia pelos adjetivos novo/nova, velho/velha.
Ecotopônimos	Habitações de um modo geral
Ergotopônimos	Elementos da cultura material

Etnotopônimos	Elementos étnicos, isolados ou não.
Dirrematotopônimos	Topônimos constituídos por enunciados lingüísticos
Hierotopônimos	Nomes sagrados de diferentes crenças
Historiotopônimos	Nomes de cunho histórico-social, seus membros, e movimentos de datas correspondentes.
Hodotopônimos	Vias de comunicação rural ou urbana
Numerotopônimos	Adjetivos numerais
Poliotopônimos	Vila, aldeia, cidade, povoação, arraial.
Sociotopônimos	Atividades profissionais, locais de trabalho e pontos de encontro dos membros de uma comunidade.
Somatotopônimos	Relação metafórica a partes do corpo humano ou do animal.

Fonte: Dick (1992, p. 31 a 34)

Em ambos os quadros, a coluna da esquerda lista os termos que designam os conceitos das taxionomias por Dick (1992). Por sua vez, a coluna da direita descreve o conceito designado pelos termos da coluna da esquerda.

Assim, são classificados, por exemplo, na taxionomia *astrotopônimo*, os topônimos que se referem a corpos celestes em geral. Por *corotopônimos* se entendem os topônimos formados por nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes. Esses são apenas alguns exemplos das 11 taxionomias de natureza física e das 16 taxionomias de natureza antropocultural propostas por Dick (1992).

Em nosso sistema conceptual, o nível 4 se estrutura tendo como característica de classificação as categorias taxionômicas de natureza física e as categorias taxionômicas de natureza antropocultural, além da característica “não classificado”, que se aplica a topônimos que não se enquadram em nenhuma das categorias.

No sistema são apresentadas, no nível 4, sempre as de natureza física em primeiro lugar, as de natureza antropocultural em segundo lugar e em terceiro lugar os “não classificados”. O critério adotado para a sequência das duas primeiras categorias foi o da recorrência. Na grande maioria dos casos, em nossa pesquisa as taxionomias de natureza física se mostraram ser mais recorrentes e, por isso, adotamos esse critério.

Por sua vez, o nível de abstração 5 do sistema contempla as diferentes taxionomias de acordo com o modelo de Dick (1992). O fato de essas taxionomias encontrarem-se no mesmo nível de abstração dentro do sistema faz com que se caracterizem como co-hipônimas entre si.

Diferentemente do nível 3, no entanto, não classificamos as taxionomias do nível 5 por ordem alfabética. O critério que estabelecemos foi o de recorrência, indo da mais recorrente para a menos recorrente.

Para se compreender melhor a organização semântico-conceptual do nível 5, é preciso primeiro se entender como funciona o nível 6 de nossa proposta de sistema conceptual.

4.4.6 Nível de abstração 6: os topônimos

Nesse nível foram classificados os topônimos, isto é, os nomes próprios que denominam os elementos geográficos relativos à água, tais como *Rio Formoso*, *Córrego Abóbora*, *Baía da Barra* e outros.

Esses também são co-hipônimos entre si, visto que se encontram no mesmo nível de abstração. Sua classificação se deu por ordem alfabética, pois são co-hipônimos entre si no nível 6.

Para melhor compreendermos vejamos o campo conceptual de *baía*:

1.1 Águas Lênticas

1.1.1 Baía

1.1.1.1 Taxionomias de natureza física

1.1.1.1.1 Zootopônimos

- 1.1.1.1.1.1. Baía da Marreca
- 1.1.1.1.1.2. Baía do Cordeiro
- 1.1.1.1.1.3. Baía do Periquito
- 1.1.1.1.1.4. Baía dos Touros
- 1.1.1.1.1.5. Baía Piranha

1.1.1.1.2 Fitotopônimos

- 1.1.1.1.2.1 Baía das Amoreiras
- 1.1.1.1.2.2 Baía do Mamão
- 1.1.1.1.2.3 Baía Figueira

1.1.1.1.3 Geomorfotopônimo

- 1.1.1.1.3.1 Baía da Barra
- 1.1.1.1.3.2 Baía do Morro Comprido

1.1.1.1.4 Cromotopônimo

1.1.1.2.4.1 Baía Vermelha

1.1.1.1.5 Dimensiotopônimo

1.1.1.1.5.1 Baía Grande

1.1.1.1.6 Litotopônimo

1.1.1.1.6.1 Baía Salina

1.1.1.2 Taxionomias de natureza humana**1.1.1.2.1 Antropotopônimos**

1.1.1.2.1.1 Baía Conceição

1.1.1.2.1.2 Baía Pedro Batista

1.1.1.2.2 Animotopônimo Disfórico

1.1.1.2.2.1 Baía Criminosa

1.1.1.2.3 Ecotopônimo

1.1.1.2.3.1 Baía do Castelo

1.1.1.2.4 Hagiopônimo

1.1.1.2.4.1 Baía de Santana

1.1.1.3 Não Classificado

1.1.1.2.5.1. Baía Aquidabã

Como podemos observar, o conceito-chave *baía* se encontra no nível 3 de abstração, no campo conceptual *1.1 Águas Lênticas*. No nível 4 encontram-se as duas categorias taxionômicas: *1.1.1.1 Taxionomias de natureza física*, *1.1.1.2 Taxionomias de natureza antro-po cultural* e a categoria dos “não classificados” dentro das taxionomias.

No nível 5 encontramos seis taxionomias de natureza física: *1.1.1.1.1 zootopônimos*, *1.1.1.1.2 fitotopônimos*, *1.1.1.1.3 geomorfotopônimos*, *1.1.1.1.4 cromotopônimos*, *1.1.1.1.5 dimensiotopônimo*, *1.1.1.1.6 litotopônimo*; quatro

de natureza antroponímico cultural: 1.1.1.2.1 antropotopônimos, 1.1.1.2.2 animotopônimo disfórico, 1.1.1.2.3 ecotopônimo e 1.1.1.2.4 Hagiotopônimo.

Podemos observar, no nível 6, os topônimos que pertencem a cada uma destas taxionomias. Classificados como zootopônimos, por exemplo, podemos observar os cinco topônimos: 1.1.1.1.1 Baía da Marreca, 1.1.1.1.2 Baía do Cordeiro, 1.1.1.1.3 Baía do Periquito, 1.1.1.1.4 Baía dos Touros e 1.1.1.1.5. Baía Piranha. Já os topônimos classificados como antropotopônimos são dois: 1.1.1.2.1.1 Baía Conceição e 1.1.1.2.1.2 Baía Pedro Batista. Dentro deste conceito-chave exemplificado, o único topônimo que “não classificado” foi Baía Aquidabã.

No item a seguir apresentaremos o número de topônimos por taxionomia presentes no sistema conceptual.

4.4.7 Considerações sobre os dados apresentados no sistema conceptual

Para melhor ilustrar os dados que estão inseridos no sistema conceptual, demonstramos com os quadros a seguir:

Quadro 12 – número de taxionomias e elementos geográficos do nível 2: águas lânticas

	Baía	Lago	Lagoa	Represa	Total de Taxionomias
Física					
Astrotopônimos					
Cardinotopônimos					
Cromotopônimos	1	1	2		4
Dimensiotopônimos	1		1		2
Fitotopônimos	3	1	10		14
Geomorfotopônimos	2		4		6
Hidrotopônimos			14	1	15
Litotopônimos	1		2		3
Meteorotopônimos					
Morfotopônimos					
Zootopônimos	5		9		14
Antropo Cultural					
Animotopônimos Eufóricos			5		5
Animotopônimos Disfóricos	1		2		3
Antropotopônimos	2		6		8
Axiotopônimos			1		1
Corotopônimos					

Cronotopônimos			1		1
Ecotopônimos	1				1
Ergotopônimos			2		2
Etnotopônimos			3		3
Dirrematotopônimos					
Hagiotopônimos	1		3		4
Hierotopônimos					
Historiotopônimos			1		1
Hodotopônimos			1		1
Mitotopônimos					
Numerotopônimos			2		2
Poliotopônimos					
Sociotopônimos			2		2
Somatotopônimos			1		1
Não Classificados	1	1	3		5
Total de elementos hidrográficos	19	3	75	1	98

Fonte: Autoria própria

Com base nos dados expostos no quadro 12, podemos depreender que os termos que designam conceitos relativos a elementos hidrográficos que foram mais recorrentes dentro do nível 2 *águas lânticas* foram *lagoa* com 75 topônimos, seguido por *baía* com 19, *lago* com 3 e *represa* com 1 topônimo registrado. As três taxionomias que foram mais recorrentes nesse nível demonstrado pertencem à categoria de natureza física: hidrotopônimos (15), dos fitotopônimos (15) e dos zootopônimos (14).

O quadro a seguir ilustra os dados referentes ao nível 2 *águas correntes*.

Quadro 13 – número de taxionomias e elementos geográficos do nível 2: *águas correntes*

	Arroio	Cabeceira	Cabo	Canal	Corixo	Corixão	Córrego	Foz	Nascente	Riacho	Ribeira	Ribeirão	Rio	Riozinho	Sanga	Vazante	Volta	Total por Taxionomia
Física																		
Astrotopônimo		1					4						1					6
Cardinotopônimo		2			1		11					3	1			1		19
Cromotopônimo		3			2		19					3	6		1			34
Dimensiotopônimo	1	5			1		28					4	1		1	1	1	43
Fitotopônimo	2	57		1	3		379			1	1	33	31	1		15	1	525
Geomorfotopônimo		17					141					14	3		1	1		177
Hidrotopônimo	1	45	1	1	2		293	3	1	1		23	20			14		405
Litotopônimo	1	16					115					13	7			2		154
Meteorotopônimo							2											2
Morfotopônimo		1					1					1				1		4
Zootopônimo	4	50			11		334		1			39	31			15	1	486
Antropocultural																		
Animotopônimo Eufórico		14			1		73					13	4		1	3		109
Animotopônimo Disfórico		2					46					4	5			2		59
Antropotopônimo	5	32			4		271					12	5			4	1	334
Axiotopônimo		2					7											9
Corotopônimo							16					1						17
Cronotopônimo							8						4					12

Ecotopônimo		6					30									2		38
Ergotopônimo	1	16			2		197					10	7			7		240
Etnotopônimo		6					41					1				1		49
Dirrematopônimo		2			1		29									1		33
Hagiotopônimo	3	15			2	1	80			1		10	18			5	1	136
Hierotopônimo							17					1						18
Historiotopônimo							8											8
Hodotopônimo					1		48					8	1					58
Mitotopônimo							5											5
Numerotopônimo		5			1		33					3	3			3		48
Poliotopônimo		2					7											9
Sociotopônimo		17	1				120					5	1			1		145
Somatotopônimo		3			1		10						1					15
Não Classificados		8		1			125					4	9			2		149
Total de Elementos hidrográficos	18	327	2	3	33	1	2499	3	2	3	1	205	159	1	4	81	5	3346

Como podemos observar, assim como no exposto no quadro 12, no quadro 13 também as 3 taxionomias que se destacam dentro da categoria física são fitotopônimos (525), zootopônimos (486) e hidrotopônimos (405). Em relação à categoria de natureza física as taxionomias mais recorrentes foram os antropotopônimos (334), os ergotopônimos (240) e os sociotopônimos (145). Já o elemento hidrográfico que se destacou neste nível foi *córrego*, com 2499 ocorrências, seguido pelo *cabeceira* (327) e pelo *ribeirão* (205).

O próximo quadro demonstra o nível 2 do sistema conceptual: *águas em queda*.

Quadro 14 – número de taxionomias e elementos geográficos do nível 2: *águas em queda*

	Cachoeira	Catarata	Salto	Total de Taxionomias
Física				
Astrotopônimo				
Cardinotopônimo				
Cromotopônimo	1		1	2
Dimensiotopônimo	1			1
Fitotopônimo	2		1	3
Geomorfotopônimo				
Hidrotopônimo	4		5	9
Litotopônimo	2			2
Meteorotopônimo				
Morfotopônimo				
Zootopônimo	2		4	6
Antropo Cultural				
Animotopônimo Eufórico	1		5	6
Animotopônimo Disfórico	1			1
Antropotopônimo	5		2	7
Axiotopônimo	2			2
Corotopônimo			1	1
Cronotopônimo				
Ecotopônimo				
Ergotopônimo			1	1
Etnotopônimo				
Dirrematotopônimo				
Hagiotopônimo				

Hierotopônimo				
Historiotopônimo				
Hodotopônimo				
Mitotopônimo				
Numerotopônimo		1		1
Poliotopônimo				
Sociotopônimo				
Somatotopônimo				
Não Classificados				
Total de elementos hidrográficos	21	1	20	42

No que se refere ao nível 2 *águas em queda*, notamos, como taxionomia mais recorrente a categoria de natureza física, destacando-se os hidrotopônimos (9), zootopônimos (6) e fitotopônimos (3). Já na categoria de natureza antropocultural, os antropotopônimos (7) e os animotopônimos eufóricos (6) ocorreram mais vezes. Os termos que designam elementos hidrográficos *cachoeira* (21) e *salto* (20) são aos que mais aparecem e *catarata* conta com somente uma ocorrência.

No total 3.487 sintagmas toponímicos compõem o sistema conceptual: 99 pertencentes à característica de classificação “águas lânticas”; 3.346 pertencentes à característica de classificação “águas correntes” e 42 pertencentes à característica de classificação “águas em queda”, distribuídos em todas as taxionomias toponímicas citadas nos quadros 9 e 10.

No tópico a seguir detalhamos o modelo que propomos de macroestrutura e apresentamos a amostragem de verbetes para visualização de nossa proposta.

4.5 Macroestrutura

A macroestrutura é entendida no âmbito deste trabalho como o conjunto de verbetes que apresentam dados terminológicos e enciclopédicos sobre os hidrônimos do estado de Mato Grosso do Sul. O conjunto de hidrônimos foi obtido no banco de dados do Projeto ATEMS e, no total, a nomenclatura de nossa pesquisa se compõe de 3.512 unidades léxico-terminológicas: 25 termos que designam conceitos de elementos hidrográficos e 3.487 topônimos. Entendemos por nomenclatura o conjunto de unidades léxicas ou terminológicas estudadas nesta pesquisa.

Essas unidades léxicas e terminológicas deverão constituir entradas dos verbetes que comporão a macroestrutura de nosso dicionário enciclopédico toponímico.

A proposta de nossa tese de doutorado não é, no entanto, elaborar o dicionário em sua completude, mas propor um modelo de obra terminográfica que trate termos e topônimos do campo da Toponímia.

Nesse sentido, apresentaremos neste capítulo, uma amostragem de verbetes que descrevem os 25 termos que designam conceitos relativos aos elementos hidrográficos, 131 topônimos e 3 verbetes relativos aos conceitos-chave águas lânticas, águas correntes e águas em queda .

É fundamental destacar que não elaboramos as definições dos 25 termos e dos 3 conceitos-chave. As definições que constam de nossos verbetes são transcrições de enunciados definicionais em obras especializadas. No total elaboramos 159, que são os que seguem:

4.5.1 Amostragem de verbetes

Águas correntes. *S.f* Do latim *aqua + currens –entis* (CUNHA 2007, p. 23 e 220). Diz-se das águas que se movimentam na superfície dos continentes. Em sentido restrito usa-se apenas referindo-se aos cursos de água, em oposição às águas tranquilas, que se referem aos lagos. (GUERRA; GUERRA, 2011, p. 22). *Código no sistema conceptual:* 1.2.

Águas em queda. *S.f* Do latim *aqua + in + caeda* (CUNHA, 2007, p. 23, 289 e 137) Ocorrem em razão de degrau existente no perfil longitudinal de um rio, fazendo com que se verifique uma interrupção na continuidade do declive. Esses degraus podem ser produzidos por movimentos tectônicos; podem ainda ser devidos à erosão diferencial. (GUERRA; GUERRA, 2011, p. 510). *Código no sistema conceptual:* 1.3.

Águas lânticas. *S.f* Do latim *aqua + lentus* (CUNHA, 2007, p. 23 e 470). Denominação genérica para indicar toda água parada, como a dos lagos. (IBGE, 2004, p. 19). *Código no sistema conceptual:* 1.1.

Arroio. *S.m.* Do latim *arrugium*, de origem hispânica (CUNHA, 2007, p. 71). Denominação dada aos pequenos rios do sul do Brasil. Corresponde aos igarapés da região amazônica (IBGE, 2010, p. 13). *Código no sistema conceptual:* 1.2.1.

Arroio Conceição *Tax.:* Antropotopônimo. *Etim.:* -. *Informações enciclopédicas:* O Arroio Conceição localiza-se na região oeste do município de Corumbá e configura-se como um afluente de curta extensão da margem direita do Rio Paraguai. *Outras denominações:- Código no sistema conceptual:* 1.2.1.2.1.1.

Arroio Corá *Tax.*: Ergotopônimo. *Etim.*: Do guarani *korá*, cercado, aprisco, curral. Divisa (ARNAUD SAMPAIO, 1986, p. 91). *Informações enciclopédicas*: O Arroio Corá nasce na região central do município de Amambai e configura-se como um afluente de curta extensão da margem esquerda do córrego Ponteí. *Outras denominações*: - *Código no sistema conceptual*: 1.2.1.2.3.1.

Arroio Correguinho *Tax.*: Hidrotopônimo. *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: O Arroio Correguinho localiza-se na região central do município de Rio Brillhante e configura-se como um afluente de curta extensão do córrego Quilombo. *Outras denominações*:- *Código no sistema conceptual*: 1.2.1.1.5.1.

Arroio Curupaí *Tax.*: Fitotopônimo. *Etim.*: Do tupi, *kurupa'y*, árvore semelhante ao ka'ahoví, da família das Acácias astringens Mart. É tintorial (ARNAUD SAMPAIO, 1986, p. 96). *Informações enciclopédicas*: O Arroio Curupaí localiza-se na região sul do município de Naviraí e configura-se como um afluente intermitente de curta extensão da margem direita do rio Laranjaí. *Outras denominações*:- *Código no sistema conceptual*: 1.2.1.1.3.1.

Arroio do Ouro *Tax.*: Litotopônimo. *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: O Arroio do Ouro nasce na região leste de Bela Vista e configura-se como um afluente de curta extensão da margem direita do rio Apa. Possui como afluente o córrego Viúda, o córrego Monjolinho, o córrego Estiva e o córrego Lajeado. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.1.1.4.1.

Arroio Guaçu *Tax.*: Dimensiotopônimo. *Etim.*: Do tupi, como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uaçú; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açu, oaçú, uçú (SAMPAIO, 1987, p. 206). *Informações enciclopédicas*: O Arroio Guaçu localiza-se no norte do município de Naviraí e configura-se como um afluente de curta extensão da margem direita do rio Curupaí. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.1.1.2.2.

Arroio Jaguapiru *Tax.*: Zootopônimo. *Etim.*: Do guarani, *jaguá*: cachorro, cão + *pyru*: abater (SAMPAIO, 1986, p. 61 e 137). *Informações enciclopédicas*: O Arroio Jaguapiru localiza-se na região central do município de Dourados, na cidade, e é um curso de água de curta extensão que deságua na margem esquerda do córrego Laranja Doce. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.1.1.1.1.

Arroio Santo Antônio *Tax.*: Hagiopônimo. *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: O Arroio Santo Antônio nasce na região oeste do município de Laguna Caarapã e configura-se como um afluente de curta extensão da margem esquerda do rio Piratinim. *Outras denominações*: - *Código no sistema conceptual*: 1.2.1.2.2.1.

Baía. *S.f.* De origem duvidosa (HOUAISS, 2009). Na região do Pantanal as baías são imensas lagoas que são separadas por terras altas (GUERRA, 2011, p. 79). *Código no sistema conceptual*: 1.1.1.

Baía Conceição *Tax.*: Antropotopônimo. *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: A Baía Conceição é localizada próxima do Arroio Conceição e da sede do município de Corumbá. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.1.1.2.1.1.

Baía Criminosa *Tax.*: Animotopônimo Disfórico. *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: A Baía Criminosa localiza-se na região sul do município de Porto Murtinho próxima do rio Paraguai e da sede do município. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.1.1.2.2.1.

Baía da Barra *Tax.*: Geomorfotopônimo. *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: A Baía da Barra localiza-se no município de Corumbá, próxima da divisa com o município de Poconé, na margem direita do rio São Lourenço na sua foz com o rio Paraguai. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.1.1.1.3.1.

Baía da Marreca *Tax.*: Zootopônimo. *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: A Baía da Marreca localiza-se próximo da vazante Santa Maria, seguindo em direção à região norte do município de Corumbá, paralelamente à vazante Pandovi. *Outras denominações*: Vazante da Marreca. *Código no sistema conceptual*: 1.1.1.1.1.2.

Baía das Amoreiras *Tax.*: Fitotopônimo. *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: A Baía das Amoreiras localiza-se na região leste do município de Porto Murtinho, próxima da vazante Bocaina. *Outras denominações*: Corixo das Amoreiras. *Código no sistema conceptual*: 1.1.1.1.2.1.

Baía de Santana *Tax.*: Hagiotopônimo. *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: A Baía de Santana localiza-se na região central do município de Corumbá, na margem direita do rio Paraguai, próxima da divisa com o município de Ladário. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.1.1.2.4.1.

Baía do Castelo *Tax.*: Ecotopônimo. *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: A Baía do Castelo localiza-se no oeste do município de Corumbá, à direita do rio Paraguai, próxima da divisa com a Bolívia. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.1.1.2.3.1.

Baía Grande *Tax.*: Dimensiotopônimo. *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: A Baía Grande localiza-se no sul do município de Corumbá e possui como afluente o corixo Lorito. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.1.1.1.5.1.

Baía Vermelha *Tax.*: Cromotopônimo. *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: A Baía Vermelha localiza-se na região oeste do município de Corumbá, próximo da divisa entre Bolívia e Brasil, à direita do rio Paraguai, próxima da morraria do Castelo. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.1.1.2.4.1.

Cabeceira. *S.f.* Do latim vulgar *capitia* (clássico *caput*) (CUNHA, 2007, p. 131). Área onde existem os olhos d'água que dão origem a um curso fluvial; é o oposto de foz. Não se deve pensar que a cabeceira seja um lugar bem definido. Por vezes ela constitui uma verdadeira área, e neste caso surge uma série de problemas não menos difíceis, como o da escolha de um critério para determinação do rio principal. As cabeceiras são também denominadas de: nascente, fonte, minadouro, mina, lacrimal, pantanal manancial etc. (GUERRA, 2011, p. 97). *Código no sistema conceptual*: 1.2.2

Cabeceira Água Bonita Tax.: Hidrotopônimo. *Etim.:* -. *Informações enciclopédicas:* A cabeceira Água Bonita localiza-se no oeste do município de Rio Brilhante e configura-se como um afluente de curta extensão da margem esquerda do córrego Rego d'Água. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.2.2.1.3.1.

Cabeceira Alegre Tax.: Animotopônimo Eufórico. *Etim.:* -. *Informações enciclopédicas:* A Cabeceira Alegre nasce na região sul do município de Itaquiraí e configura-se como um afluente de curta extensão da margem direita do córrego Itaquiraí. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.2.2.2.5.1.

Cabeceira Angelito Tax.: Antropotopônimo *Etim.:* - *Informações enciclopédicas:* A Cabeceira Angelito nasce na região leste do município de Iguatemi e configura-se como um afluente de curta extensão da margem direita do córrego Paciência. *Outras denominações:* - *Código no sistema conceptual:* 1.2.2.2.1.1.

Cabeceira Areia Tax.: Litotopônimo. *Etim.:* -. *Informações enciclopédicas:* A Cabeceira Areia localiza-se na região central do município de Nova Alvorada do Sul e configura-se como um afluente de curta extensão que deságua na margem direita do rio Santa Luzia. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.2.2.1.4.1.

Cabeceira Arrozal Tax.: Fitotopônimo *Etim.:* Do tupi, variante de *mbiriti*, árvore que emite líquido (Sampaio, 1928, p. 171). *Informações enciclopédicas:* A Cabeceira Arrozal nasce na região leste do município de Dois Irmãos do Buriti e configura-se como um afluente de curta extensão da margem direita do córrego Água Fria. *Outras denominações:* - *Código no sistema conceptual:* 1.2.2.1.1.1.

Cabeceira Aruranha Tax.: Zootopônimo *Etim.:* Do tupi, variação de *ariranha*, corr. *irarana*, a falsa irara, a que imita a irara. É a lontra dos nossos rios do sertão (SAMPAIO, 1928, p.160). *Informações enciclopédicas:* A Cabeceira Aruranha localiza-se na região sul do município de Água Clara, é pequeno e tem sua foz na margem direita do rio Pombo. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.2.2.1.2.1.

Cabeceira Baeta Tax.: Ergotopônimo *Etim.:* -. *Informações enciclopédicas:* A Cabeceira Baeta localiza-se na região sul do município de Ribas do Rio Pardo e configura-se como um afluente intermitente de curta extensão da margem esquerda do rio Lontrinha. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.2.2.2.3.2.

Cabeceira Baixadão Tax.: Geomorfotopônimo *Etim.:* - *Informações enciclopédicas:* A Cabeceira Baixadão localiza-se no sul do município de Campo Grande e configura-se como um afluente de curta extensão da margem direita do rio Inhanduizinho. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.2.2.1.4.1.

Cabeceira Campeira Tax.: Sociotopônimo *EM:* Simples: substantivo *Or.* e *Etim.:* - *Informações enciclopédicas:* A Cabeceira Campeira localiza-se na região norte do município de Nova Alvorada do Sul e configura-se como um afluente de curta extensão que deságua na margem esquerda do córrego Beija-flor. *Outras denominações:* - *Código no sistema conceptual:* 1.2.2.2.2.1.

Cabeceira de Santa Rosa Tax.: Hagiopônimo *Etim.:* -. *Informações enciclopédicas:* A Cabeceira de Santa Rosa nasce na região leste do município de Maracaju e configura-se como um afluente de curta extensão da margem direita do rio Brilhante. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.2.2.2.4.1.

Cabo. S.m. Do latim *caput* (CUNHA, 2007, p. 131). Os cabos avançam em forma de ponta, sendo decrescente sua largura em direção ao mar ou a um lago (GUERRA, 2011, p. 98). *Código no sistema conceptual:* 1.2.3.

Cabo do Escondedouro Tax.: Hidrotopônimo Eufórico *Etim.:* -. *Informações enciclopédicas:* O Cabo do Escondedouro localiza-se na região leste do município de Nioaque e configura-se como um afluente de curta extensão da margem direita do rio Taquaruçu. *Outras denominações:* Cabeceira do Escondedor. *Código no sistema conceptual:* 1.2.3.1.1.1.

Cabo do Retiro Tax.: Sociotopônimo *Etim.:* -. *Informações enciclopédicas:* O Cabo do Retiro localiza-se na região central do município de Nioaque e configura-se como um afluente de curta extensão da margem direita do córrego Espinídio. *Outras denominações:* Cabeceira do Retiro. *Código no sistema conceptual:* 1.2.3.2.1.1.

Cachoeira. S.f. Do latim *cocto-onis* (CUNHA, 2007, p. 133). Queda d'água no curso de um rio, ocasionada pela existência de um degrau no perfil longitudinal do mesmo. As causas da existência dessas diferenças de nível no leito do rio podem estar ligadas a falhas, dobras, erosão diferencial, diques etc (GUERRA, 2011, p. 98). *Código no sistema conceptual:* 1.3.1.

Cachoeira Branca Tax.: Cromotopônimo *Etim.:* -. *Informações enciclopédicas:* A Cachoeira Branca está situada no rio Verde, no município de Água Clara, próxima ao córrego da Lagoa. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.3.1.1.5.1.

Cachoeira Cascavel Tax.: Zootopônimo *Etim.:* -. *Informações enciclopédicas:* A Cachoeira Cascavel localiza-se no ribeirão Cascavel, que, por sua vez, nasce no município de Costa Rica e situa-se próximo ao ribeirão Morro Alto e à serra das Araras. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.3.1.1.4.1.

Cachoeira da Árvore Grande Tax.: Fitotopônimo *Etim.:* -. *Informações enciclopédicas:* A Cachoeira da Árvore Grande localiza-se no rio Árvore Grande no município de Cassilândia. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.3.1.1.2.1.

Cachoeira da Lage Tax.: Litotopônimo *Etim.:* -. *Informações enciclopédicas:* A Cachoeira da Lage localiza-se no ribeirão da Lage, próximo de distrito de mesmo nome, no município de Costa Rica. *Outras denominações:* Cachoeira da Laje. *Código no sistema conceptual:* 1.3.1.1.3.1.

Cachoeira da Laje. Ver: Cachoeira da Lage.

Cachoeira do Córrego Lageado Tax.: Hidrotopônimo *Etim.:* -. *Informações enciclopédicas:* A Cachoeira do Córrego Lageado localiza-se no córrego do Lageado

que, por sua vez, nasce no município de Inocência e é afluente da margem direita do ribeirão Bonito. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.3.1.1.1.1.

Cachoeira do Tonicão *Tax.*: Antrotopônimo *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: A Cachoeira do Tonicão se localiza no município de Cassilândia, no ribeirão Indaiazinho. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.3.1.2.1.1.

Canal. *S.m.* Do latim *canális* (CUNHA, 2007, p. 145). Local por onde escoam as águas fluviais. Os canais apresentam-se em diferentes formas na superfície terrestre. Não havendo, entretanto, uma classificação detalhada dos tipos de canais, podendo ser: meandrante, anastomosado, reto, deltaico, ramificado, reticulado e irregular. (GUERRA, 2011, p. 98). *Código no sistema conceptual*: 1.2.4.1.2.1.

Canal de Araçatuba *Tax.*: Fitotopônimo *Etim.*: Do tupi, corr. *araçá-tyba*, o sítio dos araçás, onde há araçás em abundância. Alt. Araçatiba (SAMPAIO, 1928, p. 156). *Informações enciclopédicas*: O Canal de Araçatuba localiza-se no sul do município de Taquarussu, é de curta extensão e fica entre o rio Ivinhema e o rio Curutuba. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.4.1.1.1.

Canal Iputã *Tax.*: Hidrotopônimo *Etim.*: Do tupi, *Ipú*, c. *y-pú*, a água surge ou borbulha; o manancial, o olho d'água, fonte, minadouro e *Itá*, c. *y-tá*, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro (SAMPAIO, 1987, p. 227 e 229). *Informações enciclopédicas*: O Canal Iputã localiza-se no sul do município de Taquarussu, é de curta extensão e fica entre o rio Ivinhema e o rio Paraná. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.4.1.2.1.

Catarata. *S.f.* Do latim *cataracta* (CUNHA, 2007, p. 165). Quebra ou degrau no perfil longitudinal de um rio, produzindo grande queda d'água. (GUERRA, 2011, p. 98). *Código no sistema conceptual*: 1.2.4.1.2.1.

Catarata das Sete Quedas *Tax.*: Numerotopônimo *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: A Cachoeira das Sete Quedas localiza-se no sudeste do município de Rio Verde de Mato Grosso próxima da nascente do rio Verde e da sede do município. *Outras nomeações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.3.1.2.5.1.

Corixão. *S.m.* De corixa + ão (HOUAIS, 2009). Termo regional, utilizado na área do Pantanal Mato-Grossense como aumentativo de Corixo, sem alteração conceitual significativa. Corixo grande. Existem ocorrências localizadas no Estado de Mato Grosso do Sul, nos Municípios de Corumbá e Barão do Melgaço, e no Estado de Mato Grosso, nos Municípios de Cocalinho e Ribeirão Cascalheira (IBGE, 2010, p. 16). *Código no sistema conceptual*: 1.2.6.

Corixão Santa Rita *Tax.*: Hagiotopônimo *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: O Corixão Santa Rita localiza-se no norte do município de Corumbá, nasce próximo do rio Paraguai-mirim, é de curta extensão e possui como afluente o Corixão. A partir de certo ponto passa a se chamar vazante Aguaguá. *Outras nomeações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.6.1.1.1.

Corixo. *S.m.* De origem obscura (HOUAIS, 2009). Denominação regional do Pantanal para pequenos córregos ou riachos permanentes que ligam as baías (GUERRA, 2011, p. 163). *Código no sistema conceptual:* 1.2.5.

Corixo Água Limpa *Tax.:* Hidrotopônimo *Etim.:* *Informações enciclopédicas:* O Corixo Água Limpa localiza-se na região sudoeste do município de Corumbá, próximo da divisa entre Bolívia e Brasil e é afluente da margem esquerda do rio Nabileque. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.2.5.1.4.1

Corixo Capivara *Tax.:* Zootopônimo *Etim.:* Do tupi, *pág-ú*, o comer desperto, isto é, o que é vívido no comer ou tomar a isca. É o peixe fluvial (SAMPAIO, 1986, p. 292). *Informações enciclopédicas:* O Corixo Capivara nasce próximo da divisa entre Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, é de curta extensão e configura-se como afluente da vazante Capivara e da vazante Formosa. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.2.5.1.1.1.

Corixo Carem *Tax.:* Antropotopônimo *Etim.:* *Informações enciclopédicas:* O Corixo Carem localiza-se na região sudoeste do município de Corumbá, na divisa entre Bolívia e Brasil e é afluente na margem direita do rio Paraguai. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.2.5.2.1.1

Corixo da Canoa *Tax.:* Ergotopônimo *Etim.:* - *Informações enciclopédicas:* O Corixo da Canoa localiza-se na região sudoeste de Corumbá e é afluente do rio Novo. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.2.5.2.3.1.

Corixo das Amoreiras. *Ver:* Baía das Amoreiras

Corixo do Meio *Tax.:* Cardinotopônimo *Etim.:* *Informações enciclopédicas:* O corixo do Meio localiza-se no norte do município de Corumbá e configura-se como um afluente de curta extensão da margem direita do rio Paraguai-mirim. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.2.5.1.4.1

Corixo Formoso *Tax.:* Animotopônimo Eufórico *Etim.:* - *Informações enciclopédicas:* O Corixo Formoso nasce no município de Coxim com o nome de vazante Formoso e localiza-se na região nordeste do município de Corumbá, é de longa extensão, configurando-se como afluente da margem direita do rio Piquiri ou Itiquira. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.2.5.2.4.1.

Corixo Fundo *Tax.:* Dimensiotopônimo *Etim.:* - *Informações enciclopédicas:* O Corixo Fundo localiza-se no oeste do município de Corumbá, próximo da Volta Jatobá, configurando-se como um afluente de curta extensão da margem direita do Rio Paraguai. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.2.5.1.6.1.

Corixo São Domingos *Tax.:* Hagiotopônimo *Etim.:* - *Informações enciclopédicas:* O corixo São Domingos localiza-se na região central do município de Corumbá e configura-se como um afluente de curta extensão da margem esquerda do rio Taquari. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.2.5.2.5.1.

Corixo Vermelho *Tax.:* Cromotopônimo *Etim.:* *Informações enciclopédicas:* O Corixo Vermelho localiza-se no norte do município de Corumbá e configura-se como um

afluente de longa extensão da margem direita do rio Paraguai. Possui como afluente em sua margem esquerda a vazante Cambará. Este corixo, a partir de certo ponto de seu curso, passa a se chamar vazante Tendal. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.5.1.3.1.

Córrego. *S.m.* Do latim *corrugus* (CUNHA, 2007, p. 219). Curso de água corrente de pequeno porte. Ocorre em todas as regiões fisiográficas brasileiras, na maioria das Unidades da Federação (IBGE, 2010, p. 16). *Código no sistema conceptual*: 1.2.7.

Córrego Abóbora Tax.: Fitotopônimo *Etim.:* - *Informações enciclopédicas:* Córrego Abóbora localiza-se no nordeste do município de Rio Verde de Mato Grosso e configura-se como afluente de curta extensão da margem esquerda do córrego São Domingos. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.7.1.1.1.

Córrego Abismo Tax.: Geomorfotopônimo *Etim.:* - *Informações enciclopédicas:* Córrego Abismo localiza-se na região central do município de Campo Grande e configura-se como um afluente de curta extensão da margem esquerda rio Inhanduí. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.7.1.4.1.

Córrego Abril Tax.: Ergotopônimo *Etim.:* - *Informações enciclopédicas:* O córrego Abril localiza-se na região norte do município de Ribas do Rio Pardo e configura-se como um afluente de curta extensão da margem esquerda do ribeirão da Fortaleza. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.7.2.2.1.

Córrego Acambeí Tax.: Hidrotopônimo *Etim.:* - *Informações enciclopédicas:* O Córrego Acambeí localiza-se na região norte do município de Amambai e configura-se como um afluente intermitente de curta extensão da margem direita do córrego Itaipá. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.7.1.3.1.

Córrego Acampamento Tax.: Sociotopônimo *Etim.:* - *Informações enciclopédicas:* O Córrego Acampamento nasce na região sul do município de Aquidauana, é de curta extensão e é afluente da margem esquerda do rio Taboco. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.7.2.3.1.

Córrego Acuti Tax.: Zootopônimo *Etim.:* - *Informações enciclopédicas:* O Córrego Acuti localiza-se na região norte do município de Amambai e configura-se como um afluente intermitente de curta extensão da margem direita do rio Amambai. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.7.1.2.2.

Córrego Alegre Tax.: Animotopônimo Eufórico *Etim.:* - *Informações enciclopédicas:* Córrego Alegre é a denominação de seis elementos hidrográficos no estado. No município de Ribas do Rio Pardo há dois elementos: um localiza-se na região leste e configura-se como um afluente de curta extensão da margem direita do ribeirão das Botas e possui como afluentes os córregos Água Limpa e Lagoa e outro que se localiza na região sul do município configurando-se como um afluente intermitente de curta extensão da margem esquerda do rio Lontrinha. No município de Novo Horizonte do Sul o córrego Alegre nasce região central e configura-se como um afluente de curta extensão da margem esquerda do córrego Juqueri. Em Caracol o córrego Alegre nasce na região central, próximo da sede do município, configurando-se como um afluente de longa extensão da margem esquerda do rio Apa. Possui como afluente o córrego Água

Turva. No município de Sidrolândia o córrego Alegre localiza-se na região oeste e configura-se como afluente de curta extensão da margem esquerda do rio Brillante. Em Aparecida do Taboado o córrego Alegre localiza-se na região norte do município, configura-se como um afluente de curta extensão da margem direita do córrego do Ferreira ou da Divisa, possui como afluentes os córregos Congonhas e do Cedro e também recebe o nome de Tamanduazinho. *Outras denominações:* Córrego Tamanduazinho. *Código no sistema conceptual:* 1.2.7.2.5.1.

Córrego Alice Tax.: Antropotopônimo *Etim.:* - *Informações enciclopédicas:* O córrego Alice nasce no leste do município de Ivinhema e configura-se como um afluente de curta extensão da margem direita do córrego Cristalino. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.2.7.2.1.1.

Córrego Areado Tax.: Litotopônimo *Etim.:* - *Informações enciclopédicas:* Existem seis córregos com esta denominação: no município de Alcínópolis o córrego Areado localiza-se na região central e configura-se como um afluente de curta extensão da margem direita do córrego Bom Jardim. Em Camapuã o córrego Areado nasce no sudoeste do município e configura-se como um afluente de curta extensão da margem direita do córrego Camapuã. No município de Figueirão o córrego Areado localiza-se ao norte e configura-se como um afluente de curta extensão da margem esquerda do córrego Água Vermelha. Em Inocência o córrego Areado nasce na região sudoeste do município e configura-se como um afluente de curta extensão da margem direita do rio Indaiá Grande. Em São Gabriel do Oeste há dois córregos Areado, um localiza-se no norte do município, configura-se como um afluente de curta extensão da margem esquerda do rio Coxim e possui como afluente o córrego do Açude e outro que se localiza na região central do município de São Gabriel do Oeste e configura-se como um afluente de curta extensão da margem direita do córrego Baixadão. Possui como afluente o córrego Maia. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.2.7.1.5.1.

Córrego da Areia. *Ver:* Ribeirão Areia.

Córrego S. Clara Tax.: Hagiopônimo *Etim.:* - *Informações enciclopédicas:* O Córrego S. Clara localiza-se na região norte do município de Porto Murinho e configura-se como afluente da margem direita do rio Perdido. *Outras nomeações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.2.7.2.4.1.

Córrego Tamanduazinho. *Ver:* Córrego Alegre.

Foz. *S.f.* Do latim vulgar *fox focis* (clássico *faux faucis*) (CUNHA, 2007, p. 366). Boca de descarga de um rio. Este desaguamento pode ser feito no mar, num lago, numa lagoa, ou mesmo num outro rio (GUERRA & GUERRA, 2011, p. 287). *Código no sistema conceptual:* 1.2.8.

Lago. *S.m.* Do latim *lacus* (CUNHA, 2007, p. 462). Depressões no solo produzidas por causas diversas e cheias de águas confinadas, mais ou menos tranquilas, pois dependem da área ocupada pelas mesmas. As formas, as profundidades e as extensões dos lagos são muito variáveis. Geralmente são alimentados por um ou mais rios afluentes (GUERRA, 2011, p. 370). *Código no sistema conceptual:* 1.1.3.

Lago do Mato *Tax.*: Fitotopônimo. *Etim.*: - *Informações enciclopédicas*: O Lago do Mato localiza-se no nordeste do município de Camapuã, próximo ao córrego Três Lagoas. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.1.3.1.2.1.

Lagoa. *S.f.* Do latim *lacuna* (CUNHA, 2007, p. 462). Depressão de formas variadas, principalmente tendendo a circulares, de profundidades pequenas e cheia de água doce ou salgada. As lagoas podem ser definidas como lagos de pequena extensão e profundidade. De acordo com Stenberg, da evolução meândrica do rio Paraguai decorrem os diversos aspectos da planície do Pantanal, onde são encontradas várias formas de lagoa. Nesses aspectos estão incluídas as depressões circulares ou elípticas separadas por terrenos mais elevados, denominados de cordilheiras. As lagoas em forma de crescente ou ferradura são resultantes de um processo de formação denominado “sacado”, mas há outras suposições a respeito da origem dessas lagoas, aí denominadas “baías”, como, por exemplo, resultante da evolução por acomodação do material aluvial carregado nas cheias ou, ainda, por influência da deflação. Deve-se ainda salientar o fato que algumas lagoas do Pantanal possuem água salobra, acumulando em suas margens certa concentração de sal, que na época da seca atraio gado que vem à procura deste elemento para sua complementação alimentar. A rede de drenagem na planície apresenta numerosos casos de anastomose, existindo numerosas baías e corixos de escoamento intermitente (GUERRA, 2011, p. 377-378). *Código no sistema conceptual*: 1.1.4.

Lagoa Água Quente *Tax.*: Hidrotopônimo *Etim.*: - *Informações enciclopédicas*: A Lagoa Água Quente localiza-se no nordeste do município de Camapuã, próximo ao córrego da Água Quente. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.1.4.1.1.1.

Lagoa Araré. *Ver*: Lagoa Araré.

Lagoa Assombrada *Tax.*: Animotopônimo Disfórico *Etim.*: - *Informações enciclopédicas*: A Lagoa Assombrada localiza-se no norte do município de Taquarussu, próximo à margem direita do córrego do Baile. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.1.4.2.5.1.

Lagoa Araré *Tax.*: Zootopônimo *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: A Lagoa Araré é pequena e localiza-se no município de Paranaíba, entre o córrego do Araré e o córrego Vertente. *Outras denominações*: Irerê/Arerê/Araré. *Código no sistema conceptual*: 1.1.4.1.3.1.

Lagoa Arerê. *Ver*: Lagoa Araré.

Lagoa Bamba *Tax.*: Animotopônimo Eufórico *Etim.*: - *Informações enciclopédicas*: A Lagoa Bamba localiza-se no sul do município de Batayporã, próxima do rio Paraná. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.1.4.2.2.1.

Lagoa Bambu *Tax.*: Fitotopônimo *Etim.*: - *Informações enciclopédicas*: A lagoa do Arroz localiza-se no município de Ladário, próxima da margem direita do rio Paraguai. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.1.4.1.2.1.

Lagoa da Ferrugem *Tax.*: Cromotopônimo *Etim.*: - *Informações enciclopédicas*: A Lagoa da Ferrugem localiza-se no sul do município de Figueirão localiza-se na região sul do município de Figueirão, próximo da serra das Araras e junto ao córrego da Ferrugem. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.1.4.1.5.1.

Lagoa da Pedra *Tax.*: Litotopônimo *Etim.*: - *Informações enciclopédicas*: A Lagoa da Pedra localiza-se no nordeste do município de Camapuã, próximo da lagoa Água Quente. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.1.4.1.6.1.

Lagoa do Joanino *Tax.*: Antropotopônimo *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: A lagoa do Valério localiza-se na região norte do município de Sidrolândia, próxima à serra de Maracaju e a sede do município. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.1.4.2.1.1.

Lagoa Irerê. *Ver*: Lagoa Arerê.

Lagoa do Português *Tax.*: Etnotopônimo *Etim.*: - *Informações enciclopédicas*: A lagoa do Português localiza-se na região sul do município de Santa Rita do Pardo e próxima à margem esquerda do rio Pardo. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.1.4.2.3.1.

Lagoa São Francisco *Tax.*: Hagiopônimo *Etim.*: - *Informações enciclopédicas*: A Lagoa São Francisco localiza-se na região leste do município de Ponta Porã, próximo ao córrego Tranqueira. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.1.4.2.4.1.

Nascente. *S.f.* Do latim *nascentia* (CUNHA, 2007, p. 544). O mesmo que cabeceira de um rio. Geralmente não é um ponto e sim uma zona considerável da superfície terrestre (GUERRA & GUERRA, 2011, p. 444). *Código no sistema conceptual*: 1.2.9.

Represa. *S.m.* Do latim *reprehensare* (CUNHA, 2007, p. 677). Construção civil que objetiva o represamento de um curso de água a fim de atender diferentes finalidades, dentre elas, geração de energia e atendimento a atividades agrícolas (IBGE, 2010, p. 25). *Código no sistema conceptual*: 1.1.5.

Represa Jupiá *Tax.*: Hidrotopônimo *Etim.*: Possivelmente do tupi, var. jopíá. Redemoinho, voragem (CUNHA, 1998, p. 184); redemoinho que faz as águas de um rio (TIBIRIÇA, 1997, p. 78). *Informações enciclopédicas*: A represa de Jupiá é o reservatório da usina hidrelétrica de Jupiá, localizada entre os estados de Mato Grosso do Sul e São Paulo, recebe as águas dos rios Paraná, Tiête e Sucuriú. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.1.5.1.1.1.

Riacho. *S.m.* Do castelhano *riacho* (CUNHA, 2007, p. 686). Termo regional de ocorrência na Região Nordeste do Brasil e que se traduz num curso de água ou corrente de água, que flui ou desemboca no oceano, num lago ou noutra curso de água (IBGE, 2010, p. 26). *Código no sistema conceptual*: 1.2.10.

Riacho Santa Gertrudes *Tax.*: Hagiopônimo *Etim.*: Do tupi, *taquar-uçú*, a cana grande, a taquara grossa, bambu (SAMPAIO, 1928, p. 319). *Informações enciclopédicas*: Riacho Santa Gertrudes nasce na região sudoeste do município de Maracaju, próximo à serra de Maracaju, quando ainda é registrado como córrego,

configura-se como um afluente de longa extensão da margem esquerda do rio Brillhante. Possui como afluentes os córregos Cabeceira do Cipó, Cateio, Cruz Alta, Monte Alegre, Água Tirada, Guariba, Moeda, Água Parada e cabeceira do Taquaruçu. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.10.2.1.1.

Riacho Tanque Tax.: Hidrotopônimo *Etim.:* - *Informações enciclopédicas:* O Tanque nasce na região norte do município de Corguinho configura-se como um afluente de curta extensão da margem esquerda do rio Aquidauana. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.10.1.1.1.

Riacho Taquaruçu Tax.: Fitotopônimo *Etim.:* -. *Informações enciclopédicas:* O riacho Taquaruçu nasce na região norte do município de Maracaju e seu curso de curta extensão vai em direção ao município de Anastácio. Possui como afluentes os córregos Remanso e Formiga. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.10.1.2.1.

Ribeira. S.f. Do latim *arripere* (CUNHA, 2007, p. 684). Curso de água, navegável ou não, entre margens próximas, maior que os regatos e riachos e menor que os rios; pequeno rio, ribeiro (HOUAIS, 2009).

Ribeirão. S.m. Do latim *riparius* (CUNHA, 2007, p. 684). Termo regional de ocorrência no Rio de Janeiro (normalmente próximo à fronteira com Minas Gerais), São Paulo (interior), Goiás e Mato Grosso e que se traduz num curso de água ou corrente de água, que flui ou desemboca no oceano, num lago ou noutra curso de água (IBGE, 2010, p. 26). *Código no sistema conceptual*: 1.2.12.

Ribeirão Água Bonita Tax.: Hidrotopônimo *Etim.:* -. *Informações enciclopédicas:* O Ribeirão Água Bonita nasce no leste de Sonora, próximo da serra do Pantanal e configura-se como um afluente de curta extensão da margem direita do rio Corrente. Possui como afluentes os córregos da Mula e Lajeado. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.12.1.3.1.

Ribeirão Alegria Tax.: Animotopônimo Eufórico *Etim.:* -. *Informações enciclopédicas:* O Ribeirão Alegria localiza-se na região central do município de Santa Rita do Pardo e configura-se como um afluente de curta extensão da margem direita do rio Taquaruçu. Possui como afluente o córrego Carrapato. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.12.2.1.1.

Ribeirão Araras Tax.: Zootopônimo *Etim.:* Do tupi, voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios (SAMPAIO, 1928, p. 199). *Informações enciclopédicas:* O Ribeirão Araras que nasce na região norte do município de Costa Rica fica próximo da serra das Araras e configura-se como um afluente de longa extensão da margem esquerda do rio Jauruzinho. O córrego da Cava é o maior dos seus afluentes. Já o Ribeirão Araras que localiza-se na região norte do município de Ribas do Rio Pardo, configura-se como um afluente de longa extensão da margem direita do rio Verde. Possui inúmeros afluentes ao longo de seu curso que segue para a região central do município. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.12.1.1.1.

Ribeirão Areia Tax.: Litotopônimo *Etim.:* -. *Informações enciclopédicas:* O ribeirão Areia localiza-se no sul do município de Campo Grande e configura-se como um

afluente de curta extensão da margem esquerda do rio Anhanduí. Próximo da foz este curso de água está nomeado como córrego da Areia. *Outras denominações*: Córrego da Areia. *Código no sistema conceptual*: 1.2.12.1.5.1.

Ribeirão Bananal *Tax.*: Fitotopônimo *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: O Ribeirão Bananal nasce na região central do município de Alcinópolis, próximo da serra do Taquari, possui diversos afluentes e configura-se como um afluente de longa extensão da margem esquerda do rio Jauru. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.12.1.2.1.

Ribeirão Barra Bonita *Tax.*: Geomorfotopônimo *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: O Ribeirão Barra Bonita nasce no sul do município de Três Lagoas é afluente de longa extensão da margem esquerda do rio Verde e tem como afluentes os córregos Lageado e Atoladeira. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.12.1.4.2.

Ribeirão Baús *Tax.*: Ergotopônimo *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: O Ribeirão Baús nasce na região norte de Costa Rica, próximo ao estado de Goiás e do Parque das Emas, localiza-se na região sudeste do município e configura-se como afluente de longa extensão da margem direita do rio Sucuriú. Possui como afluentes os córregos Limpa, Sucurizinho, Olaria, Bauzinho, Cavaco e Pulador. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.12.2.3.1.

Ribeirão do Beltrão *Tax.*: Antropotopônimo *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: O Ribeirão do Beltrão localiza-se na região norte do município de Selvíria e configura-se como um afluente de longa extensão da margem direita do rio Pântano. Possui como afluentes os córregos Sabina, da Pindaíba e Queixada. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.12.2.2.1.

Ribeirão Estiva *Tax.*: Hodotopônimo *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: O Ribeirão Estiva nasce no município de Paranaíba, próximo do córrego D'Areia e é afluente de curta extensão da margem esquerda do ribeirão Barreiro. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.12.2.5.1.

Ribeirão Santa Rita *Tax.*: Hagiopônimo *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: O ribeirão Santa Rita nasce no limite entre Inocência e Selvíria e seu curso vai estabelecendo a divisa entre os dois municípios, configurando-se como um afluente de longa extensão da margem esquerda do rio Sucuriú. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.12.2.4.1.

Rio. *S.m.* Do latim *rívus* (CUNHA, 2007, p. 686). Corrente líquida resultante da concentração do lençol de água num vale; o rio pode ser definido pelo talvegue, pelas vertentes e pelos terraços. Um rio constitui, por conseguinte, a reunião do lençol de água numa calha cujo declive contínuo permite uma hierarquização na rede hidrográfica. Eles possuem várias cabeceiras que dão origem ao seu curso e recebem vários afluentes. São limitados lateralmente pelas margens e pelas vertentes às quais dão a forma, ou melhor, o tipo do vale. Chegam ao mar, a um lago, desembocado, às vezes, por um longo canal; outras vezes a foz é constituída por uma série de ilhas. No tocante aos elementos que formam os rios devemos considerar; as cabeceiras, o álveo com leito menor e o leito maior, margens, afluentes e subafluentes, confluência, foz e seus diferentes tipos, bacias hidrográficas, talvegue e divisor de águas. Os rios e os vários

cursos de água de menor importância muito dependem da região que atravessam, assim o que se chama de rio no sul do Brasil poderá ser na Amazônia um simples igarapé (GUERRA, 2011, p. 545-546). *Código no sistema conceptual*: 1.2.13.

Rio Abobral *Tax.*: Fitotopônimo *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: O Rio Abobral nasce na região sudeste do município de Corumbá e é afluente de curta extensão da margem direita do rio Paraguai e corre em direção ao município de Aquidauana. *Outras denominações*: Corixo do Cerrado. *Código no sistema conceptual*: 1.2.13.1.1.1.

Rio Anhanduí. *Ver*: Rio Inhanduí

Rio Apa *Tax.*: Hidrotopônimo *Etim.*: Do tupi, *apa* é a forma adjetival que caracteriza aquilo que é desmoralizante, desabado (SAMPAIO, 1928, p.153). *Informações enciclopédicas*: “À margem esquerda do rio Paraguai, aproximadamente a cinquenta quilômetros a montante da barra do Rio Apa, a empresa Mate Laranjeira construiu um porto, que tomou o nome do grande cuiabano Joaquim Murtinho, por onde se fazia toda a exportação da erva colhida pelas comitivas da companhia. Foi assim que surgiu o nome do município de Porto Murtinho”. (FERREIRA NETO, 2004, p. 123). O Rio Apa nasce no oeste do município de Ponta Porã, segue com seu longo curso em direção ao sul de Bela Vista e estabelece o limite territorial do Brasil e Paraguai a partir de Bela Vista, Porto Murtinho e Caracol, quando deságua no rio Paraguai. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.13.1.3.1.

Rio Areião *Tax.*: Litotopônimo *Etim.*: Do Tupi *y-tá*, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro (SAMPAIO, 1928, p. 229). *Informações enciclopédicas*: O Rio Areião localiza-se na região sudeste do município de Corumbá, é de curta extensão e configura-se como afluente do rio dos Periquitos. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.13.1.4.1.

Rio Betione. *Ver*: Rio Betiono.

Rio Betiono *Tax.*: Antropotopônimo *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: O Rio Betiono nasce no sul do município de Bodoquena e configura-se como um afluente de longa extensão da margem esquerda do rio Miranda. *Outras denominações*: Rio Betione. *Código no sistema conceptual*: 1.2.13.2.3.1.

Rio Branco *Tax.*: Cromotopônimo *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: O Rio Branco localiza-se na região norte do município de Porto Murtinho, nascendo próximo da serra da Bodoquena. Possui como afluente o córrego Santa Maria. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.13.1.5.1.

Rio Carumbé *Tax.*: Ergotopônimo *Etim.*: Do tupi, o macho do jabuti, o casco achatado, ou a aplainado. Designa também um cesto ou gamela de forma cônica, baixa, servindo para o transporte de minério (SAMPAIO, 1928, p. 184). *Informações enciclopédicas*: O rio Carumbé nasce no oeste do município de Itaporã e configura-se como um afluente de curta extensão da margem esquerda do rio São Domingos. *Outras nomeações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.13.2.2.1.

Rio Emboscada *Tax.*: Animotopônimo Disfórico *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: O Rio Emboscada nasce na divisa territorial dos municípios de Aral Moreira e Ponta Porã. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.13.2.4.1.

Rio Inhanduí *Tax.*: Zootopônimo *Etim.*: Do tupi, alteração de *nhandu-y*, rio das emas (TIBIRIÇÁ, 1985, p.19). *Informações enciclopédicas*: “Nas proximidades da cabeceira do rio Anhanduí, na área do município de Campo Grande, durante os trabalhos de levantamento arqueológico foi localizado um sítio lícito a céu aberto nas proximidades de córrego rabicho, tributário do Anhanduí em seu alto curso” (MARTINS, 2003, p. 47). O Rio Inhanduí nasce em Campo Grande, próximo da sede do município e durante seu longo curso estabelece o limite territorial entre Campo Grande de Nova Alvorada do Sul e Sidrolândia; Ribas do Rio Pardo com Nova Andradina e Bataguassu. Sua foz é na margem direita do rio Pardo. Em alguns pontos de seu curso está registrado como rio Anhanduí. *Outras denominações*: Rio Anhanduí. *Código no sistema conceptual*: 1.2.12.1.2.19.

Rio Novo *Tax.*: Cronotopônimo *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: O Rio Novo nasce na divisa territorial dos municípios de Rio Verde de Mato Grosso e São Gabriel do Oeste, próximo da serra de Maracaju, configurando-se como um afluente de curta extensão da margem direita do rio Coxim. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.13.2.5.1.

Rio Santa Maria *Tax.*: Hagiotopônimo *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: “Foi encontrada uma ocorrência arqueológica em uma cascalheira no leiro do rio Santa Maria, sob a ponte da estrada que liga Dourados a Maracaju, na divisa entre os municípios de Dourados e Rio Brilhante. Trata-se de uma lâmina que apresenta toques semi-abruptos e registra marcas de uso na extremidade oposta à lâmina, sugerindo seu uso como percutor.” (MARTINS, 2003, p.58). Rio Santa Maria nasce na região sudoeste do município de Maracaju e configura-se como um curso de água de longa extensão que corre em direção ao sudoeste do município. Estabelece uma parte do limite entre os municípios de Guia Lopes da Laguna e Maracaju, Dourados e Maracaju e Itaporã e Maracaju. No início de seu curso chama-se córrego Passa Cinco e configura-se como afluente da margem direita do rio Brilhante. Possui como afluentes os córregos Lajeadozinho, Cupim, Bacuri, Salgador, Água Clara, do Barreiro. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.13.2.1.1.

Riozinho. *S.m.* Do latim *rívus* (CUNHA, 2007, p. 686). Corrente líquida resultante da concentração do lençol de água num vale; o rio pode ser definido pelo talvegue, pelas vertentes e pelos terraços. Um rio constitui, por conseguinte, a reunião do lençol de água numa calha cujo declive contínuo permite uma hierarquização na rede hidrográfica (GUERRA, 2011, p. 545-546). *Código no sistema conceptual*: 1.2.14.

Riozinho do Uval *Tax.*: Fitotopônimo *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: O Riozinho do Uval localiza-se na região norte do município de Corumbá, é de curta extensão e configura-se como afluente da margem direita do rio Piquiri ou Itiquira. *Outras denominações*: Vazante do Uval. *Código no sistema conceptual*: 1.2.14.1.1.1.

Salto. Do latim *saltus* (CUNHA, 2007, p. 700). Denominação genérica dada a todos os tipos de desnivelamento ou degraus encontrados no perfil longitudinal de um rio (GUERRA, 2011, p. 558). *Código no sistema conceptual*: 1.3.2.

Salto da Alegria Tax.: Animotopônimo Eufórico *Etim.:* -. *Informações enciclopédicas:* O Salto da Alegria localiza-se no município de Cassilândia e situa-se no córrego da Alegria que é afluente do ribeirão Salto. *Outras nomeações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.3.3.2.3.1.

Salto da Andorinha Tax.: Zootopônimo *Etim.:* Do tupi, *çuucuriyú*, forma contrata de *çuucuriyuba*, a sucuri amarela. (SAMPAIO, 1928, p. 308). *Informações enciclopédicas:* O Salto da Andorinha localiza-se na região oeste do município de São Gabriel, no rio Novo, próximo ao córrego Boa Vista. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.3.3.1.2.1.

Salto da Costa Rica Tax.: Corotopônimo *Etim.:* -. *Informações enciclopédicas:* O Salto da Costa Rica está localizado no rio Sucuriú, aproximadamente a cinco quilômetros da cidade de Costa Rica, configurando-se como um ponto turístico do município muito visitado. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.3.3.2.3.1.

Salto do José Nicolau Tax.: Antropotopônimo *Etim.:* -. *Informações enciclopédicas:* O Salto do José Nicolau fica no córrego do Açude que nasce no município de Cassilândia. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.3.3.2.2.1.

Salto Indaiá do Sul Tax.: Fitotopônimo *Etim.:* *Indayá*, *Anda-yá*, amêndoas ou cocos caídos, ou que se despençam. É a palmeira *Attalea compta* (SAMPAIO, 1987, p. 249). *Informações enciclopédicas:* O salto Indaiá do Sul localiza-se no município de Cassilândia no rio Indaiá Grande, próximo a vila Indaiá do Sul. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.3.3.1.3.1.

Salto Saltão do Aporé Tax.: Hidrotopônimo *Etim.:* Do tupi, *abá-ry*, rio do índio (TIBIRIÇA, 1985, p. 20). *Informações enciclopédicas:* O salto Saltão do Aporé situa-se no município de Cassilândia, no rio Aporé, próximo da cidade de Cassilândia. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.3.3.1.1.1.

Sanga. De origem controversa (CUNHA, 2007, p. 703). Pequeno ribeiro que seca facilmente (OLIVEIRA, 1980). Pequeno curso de água; em geral, um escoadouro de água usado no Rio Grande do Sul (BARBOSA, 2006). Existem ocorrências nos municípios do Estado do Rio Grande do Sul, próximo à fronteira com o Uruguai (IBGE, 2010, p. 27). *Código no sistema conceptual:* 1.2.15.

Sanga Barranca Tax.: Geomorfotopônimo *Etim.:* -. *Informações enciclopédicas:* A Sanga Barranca nasce região norte do município de Coronel Sapucaia e configura-se como um afluente de curta extensão da margem esquerda do rio Iguatemi. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.2.15.1.3.1.

Sanga Bonita Tax.: Animotopônimo Eufórico *Etim.:* -. *Informações enciclopédicas:* A Sanga Bonita nasce na região central de Caracol, passa próximo da sede do município configurando-se como um afluente de curta extensão da margem esquerda do rio Caracol. Possui como afluentes os córregos Curupai e do Boi. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.2.15.2.1.1.

Sanga Funda Tax.: Dimensiotopônimo *Etim.:* -. *Informações enciclopédicas:* A sanga Funda nasce região norte do município de Coronel Sapucaia e configura-se como um afluente de curta extensão da margem esquerda do córrego Taquaperí. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.2.15.1.2.1.

Sanga Preta Tax.: Cromotopônimo *Etim.:* -. *Informações enciclopédicas:* Sanga Preta nasce região oeste do município de Coronel Sapucaia e configura-se como um afluente de curta extensão da margem esquerda do córrego Nhu-Verá. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.2.15.1.1.1.

Vazante. S.m. De vazar + ante (HOUAISS, 2009). Do ponto de vista hidrográfico, significa época de águas baixas no leito de um rio. É o oposto a cheias. No Pantanal, vazante é a denominação dada aos pequenos riachos temporários que ligam as baías, pois os riachos permanentes chamam-se corixos (GUERRA, 2011, p. 634). *Código no sistema conceptual:* 1.2.16.

Vazante Aguassuzinho Tax.: Fitotopônimo *Etim.:* Do tupi *i汪wa'su* (< *i'wa* 'fruta' + *gwa'su* 'grande') (HOUAISS, 2009). *Informações enciclopédicas:* A Vazante Aguassuzinho nasce na região sudeste do município de Corumbá e corre em direção ao nordeste do município, paralelamente às vazantes Grande e do Almoço. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.2.16.1.1.1.

Vazante Alegria Tax.: Animotopônimo Eufórico. *Etim.:* -. *Informações enciclopédicas:* A Vazante Alegria localiza-se na região central do município de Aquidauana, é um afluente da margem direita da vazante Santa Clara e possui como afluentes ao longo de seu curso na margem esquerda os córregos: da Piuna/Piuva, Dois Córregos, Tarumã, Água Branca. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.2.16.2.4.1.

Vazante Dois Buritis Tax.: Numerotopônimo. *Etim.:* -. *Informações enciclopédicas:* A Vazante Dois Buritis nasce na região oeste do município de Coxim e seu curso segue em direção ao município de Corumbá, onde passa a se chamar Vazante do Arrozal. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.2.16.2.5.1.

Vazante Bocaina Tax.: Geomorfotopônimo. *Etim.:* -. *Informações enciclopédicas:* A Vazante Bocaina localiza-se na região central do município de Porto Murtinho e possui como afluente o corixo das Amoreiras. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.2.16.2.5.1.

Vazante da Marreca. Ver: Baía da Marreca

Vazante da Pedra Tax.: Litotopônimo. *Etim.:* -. *Informações enciclopédicas:* A Vazante da Pedra localiza-se na região norte do município de Corumbá e configura-se como afluente da margem direita do corixo Jaguatirica. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.2.16.4.1.

Vazante de Água Tax.: Hidrotopônimo. *Etim.:* -. *Informações enciclopédicas:* A Vazante da Água nasce na região central do município de Aquidauana e deságua na margem esquerda do rio Taboco. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.2.16.1.3.1.

Vazante do Almoço *Tax.*: Ergotopônimo. *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: A Vazante do Almoço nasce na região sudeste de Corumbá e alcança o nordeste do município, paralelamente às vazantes Aguassuzinho e Grande. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.16.2.1.1.

Vazante do Baio *Tax.*: Zootopônimo. *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: A Vazante do Baio localiza-se na região nordeste do município de Corumbá e configura-se como afluente da margem esquerda da vazante Landinzinho. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.16.1.2.2.

Vazante do Estevão *Tax.*: Antropotopônimo. *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: A Vazante do Estevão nasce no município de Aquidauana e passa na parte oeste do município desaguando na margem direita do rio Negro. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.16.2.3.1.

Vazante do Uval. *Ver*: Riozinho do Uval

Vazante Santa Clara *Tax.*: Hagiopônimo. *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: A Vazante Santa Clara localiza-se na região central do município de Aquidauana, é um afluente da margem esquerda da vazante Vazantinha e possui dois córregos que deságuam em sua margem direita: o córrego Sucuri e córrego Vista Alegre e duas vazantes: Piqui e Alegria. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.16.2.2.1.

Volta. *S.f.* Derivação regressiva de voltar (HOUAISS, 2009). Sinuosidade de um percurso, estrada, curso de água etc.; meandro, volteio (HOUAISS, 2009).

Volta da Patativa *Tax.*: Zootopônimo. *Etim.*: De patatyba, o sítio dos patis, o pomar de patis, com esse nome se conhece uma ave canora do Brasil (SAMPAIO, 1987, p. 296). *Informações enciclopédicas*: A Volta da Patativa localiza-se na região oeste do município de Corumbá no Rio Paraguai, próxima da ilha da Patativa. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.17.2.2.1

Volta de Santana *Tax.*: Hagiopônimo. *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: A Volta de Santana localiza-se na região central do município de Corumbá, na margem direita do rio Paraguai, próxima da divisa com o município de Ladário e da Baía de Santana. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.17.2.2.1

Volta do Jatobá *Tax.*: Fitotopônimo. *Etim.*: De yataybá, o fruto de yatahy que se chama moça-branca (SAMPAIO, 1987, p. 268). *Informações enciclopédicas*: A Volta do Jatobá localiza-se na região oeste do município de Corumbá, no Rio Paraguai, próxima da divisa com o município de Ladário e do corixo Fundo. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.17.1.2.1.

Volta do Mirim *Tax.*: Dimensiotopônimo. *Etim.*: Do tupi, pequeno, breve, pouco, miúdo (SAMPAIO, 1987, p. 283). *Informações enciclopédicas*: A volta do Mirim localiza-se na região central do município de Corumbá, na margem direita do rio Paraguai, próxima da divisa com o município de Ladário. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.17.1.1.1.

Volta dos Barros *Tax.*: Antropotopônimo. *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: A Volta dos Barros localiza-se na região oeste do município de Corumbá, no Rio Paraguai, próxima da divisa com o município de Ladário e do Rio Taquari. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.17.2.1.1.

Essa amostragem de verbetes é expressiva dos tipos de unidades léxicas ou terminológicas tratadas neste trabalho. Os critérios de apresentação deles e os tipos de informação que contêm serão detalhados nos próximos itens deste capítulo e nos capítulos sobre a microestrutura e sistema de remissivas de nosso dicionário.

4.5.2 Critérios para escolha das unidades léxicas que constituem entradas dos verbetes

Nesta pesquisa não tratamos, do ponto de vista terminográfico, da totalidade de hidrônimos apresentada no sistema conceptual. Sendo assim, escolhemos algumas unidades léxicas do sistema conceptual para demonstrar como será o dicionário enciclopédico toponímico.

Como critério inicial para escolha dos topônimos que constituem entradas dos verbetes da amostragem apresentada, estipulamos os que aparecem nas cinco primeiras taxionomias do nível 4 do sistema conceptual. Até 5 topônimos referentes às 5 primeiras taxionomias de natureza física e, até 5 topônimos referentes às 5 primeiras taxionomias de natureza antropocultural. Ou um número menor do que 5 taxionomias, caso o elemento hidrográfico não chegar a ter 5 taxionomias.

Melhor explicando, dentro do nível 3 do sistema conceptual, no caso do elemento hidrográfico *baía*, por exemplo, dentro da categoria de natureza física, encontram-se seis taxionomias, que são os zootopônimos, fitotopônimos, geomorfotopônimos, cromotopônimos, dimensiotopônimos e litotopônimos e, dentro da taxionomias de natureza antropocultural, encontram-se as taxionomias antropotopônimos, animotopônimos disfóricos, ecotopônimos, hagiopônimos, além de um topônimo não classificado.

Então, na amostragem de verbetes, apresentamos o primeiro topônimo que aparece na ordem alfabética de cada taxionomia. Elaboramos o quadro a seguir para melhor ilustrar esse critério e explicar o seu funcionamento.

Quadro 15 – critérios para escolha dos topônimos da amostragem de nosso dicionário

Elemento geográfico	Natureza da taxionomia	Taxionomia	Topônimo
Baía	Física	Zootopônimo	Baía da Marreca Baía do Cordeiro Baía do Periquito Baía dos Touros Baía Piranha
		Fitotopônimo	Baía das Amoreiras Baía do Mamão Baía Figueira
		Geomorfotopônimo	Baía da Barra Baía do Morro Comprido
		Cromotopônimo	Baía Vermelha
		Dimensiotopônimo	Baía Grande
		Litotopônimo	Baía Salina
	Antropo cultural	Antropotopônimo	Baía Conceição Baía Pedro Batista
		Animotopônimo Disfórico	Baía Criminosa
		Ecotopônimo	Baía do Castelo
		Hagiotopônimo	Baía de Santana
	Não Classificado		Baía Aquidabã

Fonte: Autoria própria

O negrito indica que os topônimos com este destaque formam entradas de verbetes e o tachado indica que os topônimos que, embora estejam em primeiro lugar na taxionomia, não formam entrada de verbetes. Explicaremos agora esses critérios e como essas informações funcionam dentro da macroestrutura do dicionário enciclopédico toponímico representado pela amostragem de verbetes.

Em relação ao elemento hidrográfico *baía*, demonstrado no quadro acima, colocamos na macroestrutura os topônimos *Baía da Marreca*, *Baía das Amoreiras*, *Baía da Barra*, *Baía Vermelha* e *Baía Grande*, referentes às 5 primeiras taxionomias da categoria de natureza física e os topônimos *Baía Conceição*, *Baía Criminosa*, *Baía do*

Castelo e Baía de Santana, referentes às taxionomias de natureza antropocultural. Esses topônimos são os que aparecem em negrito no referido quadro.

Já o topônimo tachado *Baía Salina* não constitui entrada de verbete por pertencer à sexta taxionomia dentro das categorias de natureza física e, pelo nosso critério exposto acima, estipulamos apenas as 5 primeiras taxionomias de cada categoria.

O topônimo *Baía Aquidabã* que aparece tachado no quadro, por sua vez, indica outro critério que adotamos para escolher os topônimos que integram a amostragem da macroestrutura, ou seja, aqueles topônimos que não foram classificados em nenhuma das taxionomias propostas por Dick (1992) não formam entradas de verbetes. É o caso deste topônimo, que não foi classificado, ficando de fora da amostragem.

Podemos observar, no quadro, que na categoria de natureza física existem 4 taxionomias, *antropotopônimo*, *animotopônimo disfórico*, *ecotopônimo* e *hagiotopônimo*, dessa forma, na macroestrutura, ao invés de 5, são apresentados somente os topônimos referentes a essas 4.

Esclarecemos também que, como já citado anteriormente, no banco de dados do ATEMS são apresentados dados catalogados em mapas oficiais do IBGE em escala 1:100.000 e 1:250.000. Os mapas de escala 1:100.000 oferecem maior número de detalhes do que os mapas de escala 1:250.000, contudo há alguns topônimos que constam nesses últimos que não constam nos primeiros.

Desse modo, quando o primeiro topônimo de uma taxionomia não consta no mapa ao qual tivemos acesso (os com escala 1:100.000), não o inserimos na amostragem de verbetes. Quando isso acontece, em vez do primeiro topônimo formar entrada de um verbete, é o próximo que figura na amostragem.

Isso ocorreu, por exemplo, com o topônimo *Cachoeira Água Bonita* que, embora seja o primeiro dentro da taxionomia dos hidrotopônimos referentes ao elemento hidrográfico *cachoeira* no sistema conceptual, não constitui entrada de um verbete, pois não consta nos mapas que consultamos. O próximo topônimo depois desse é *Cachoeira do Córrego do Lageado*, sendo esse o que forma entrada do verbete referente à categoria dos hidrotopônimos.

Constatamos que essa diferença de um mapa para outro acontece com elementos hidrográficos menos extensos, é o caso de foz, nascente, lago, ribeira e salto, além de cachoeira, já citado. Assim, dos topônimos apresentados no sistema conceptual, os que não constam nos mapas 1:100.000 e não constituem entradas na amostragem de

verbetes são os seguintes: *Lago Azul, Lagoa de Ilha Solteira, Cachoeira Água Bonita, Cachoeira Dona Gerônima, Cachoeira do Sr. Anderson, Cachoeira Engano, Cachoeira do Boa Vista, Cabeceira Arame, Foz do Rio Grande, Foz do Rio Paranaíba, Foz Lagoa Limpa, Nascente Água Santa, Nascente dos Macacos, Ribeira Taquarussu, Salto do Vermelho e Salto da Rapadura.*

Em nossa proposta de macroestrutura optamos também por inserir verbetes referentes aos 25 termos que designam os elementos hidrográficos que fazem parte de nossa pesquisa, desse modo, há na amostragem, entradas para os termos *arroyo, baía, cabeceira, cabo, cachoeira, canal, catarata, corixão, corixo, córrego, foz, lago, lagoa, nascente, represa, riacho, ribeira, ribeirão, rio, riozinho, salto, sanga, vazante e volta.* Além de 3 verbetes indicando o significado dos termos *águas lênticas, águas correntes e águas em queda.*

Também inserimos na amostragem os verbetes remissivos que ocorrem quando o topônimo escolhido, consta no mapa de duas formas diferentes. Isso ocorreu com os 11 topônimos que descrevemos a seguir: *Cachoeira da Laje/Cachoeira da Lage; Canal Puitã/Canal Iputã; Corixo das Amoreiras/Baía das Amoreiras; Corixo do Cerrado/Rio Abobral; Córrego da Areia/Ribeirão Areia; Córrego Tamanduazinho/Córrego Alegre; Lagoa Araré/Lagoa Areré; Rio Anhanduí/Rio Inhanduí; Rio Betione/Rio Betiono; Vazante da Marreca/Baía da Marreca e Vazante do Uval/Riozinho do Uval.*

Assim, com base nesses critérios, chegamos ao número de 159 verbetes para compor a nossa amostragem: 3 referentes aos tipos de características de classificação das águas, 25 referentes aos termos que designam os elementos hidrográficos estudados, 11 referentes à variantes e 120 referentes aos topônimos.

4.5.3 Algumas considerações

Assim, a macroestrutura neste trabalho é constituída por uma “amostragem de verbetes” organizada em ordem alfabética e formada por entradas referentes aos vinte e cinco termos que designam elementos hidrográficos e por sintagmas toponímicos que servem de exemplo do que seria a macroestrutura completa.

No item a seguir tratamos do desenvolvimento dos modelos de microestrutura para constituição dos verbetes.

4.6 Microestrutura dos verbetes

A microestrutura é, segundo Barros (2004, p. 156) a “organização dos dados contidos no verbete, ou melhor, o programa de informações sobre a entrada disposto no verbete.” Deve-se pautar em três elementos para a distribuição dos dados na microestrutura:

O número de informações transmitidas pelo enunciado lexicográfico/terminológicos constância do programa de informações em todos os verbetes dentro de uma mesma obra; a ordem de sequência dessas informações. (BARROS, 2004, p. 156)

Baseando-nos nesses elementos que orientam a regularidade, a uniformidade dos verbetes e a natureza das unidades, propomos três tipos de microestrutura para o nosso dicionário: dois principais, um para verbetes cujas entradas designam conceitos relativos a elementos hidrográficos e a conceitos-chave do conjunto terminológico; outra para a constituição dos verbetes que têm como entradas os sintagmas toponímicos.

Por *verbeta principal* entendemos aquele no qual estão dispostas todas as informações linguísticas e extralinguísticas sobre os termos e sobre os sintagmas toponímicos.

Esses verbetes são assim chamados no âmbito desse trabalho por se diferenciarem do terceiro modelo que é remissivo.

Como entrada deste último, constam outras denominações dos topônimos que constituem entradas do segundo modelo de *verbeta principal*.

Para melhor compreendermos essas diferenças, apresentaremos, de modo mais detalhado, cada modelo de microestrutura proposto nesse trabalho.

4.6.1. Microestrutura dos verbetes cuja entrada é um termo que designa elementos geográficos

O primeiro modelo de microestrutura proposto nesse trabalho tem como principal função descrever os conceitos relativos aos elementos hidrográficos aos quais os topônimos se referem e aos conceitos-chave do nível 2 do sistema conceptual.

Dessa forma, o *verbeta* não contempla acepções que não interessem ao significado atribuído ao conceito-chave ou ao elemento geográfico em seu contexto hidrográfico.

Os termos que designam os elementos hidrográficos que integram nossa pesquisa encontram-se no nível 3 do sistema conceptual e constituem entradas do

primeiro modelo de microestrutura que propomos. São eles *arroio, baía, cabeceira, cabo, canal, catarata, corixo, corixão, córrego, foz, lago, lagoa, nascente, represa, riacho, ribeira, ribeirão, rio, riozinho, salto, sanga, vazante e volta*. Também constituem entradas dos verbetes com essa mesma microestrutura os termos que designam os conceitos-chave *águas correntes, águas em queda e águas lânticas*.

A estrutura do verbete é composta dos seguintes microparadigmas:

1. *Entrada* + 2. *Informação gramatical* + 3. *Etimologia (fonte da etimologia)* + 4. *Definição (fonte da definição)* + 5. *Código no sistema conceptual*

Como exemplo desse modelo de microestrutura tendo como entrada um termo que designa um conceito relativo a um elemento hidrográfico, podemos citar:

Rio. *S.m.* Do latim *rívus* (CUNHA, 2007, p. 686). Corrente líquida resultante da concentração do lençol de água num vale; o rio pode ser definido pelo talvegue, pelas vertentes e pelos terraços. Um rio constitui, por conseguinte, a reunião do lençol de água numa calha cujo declive contínuo permite uma hierarquização na rede hidrográfica. Eles possuem várias cabeceiras que dão origem ao seu curso e recebem vários afluentes. São limitados lateralmente pelas margens e pelas vertentes às quais dão a forma, ou melhor, o tipo do vale. Chegam ao mar, a um lago, desembocado, às vezes, por um longo canal; outras vezes a foz é constituída por uma série de ilhas. No tocante aos elementos que formam os rios devemos considerar; as cabeceiras, o álveo com leito menor e o leito maior, margens, afluentes e subafluentes, confluência, foz e seus diferentes tipos, bacias hidrográficas, talvegue e divisor de águas. Os rios e os vários cursos de água de menor importância muito dependem da região que atravessam, assim, o que se chama de rio no sul do Brasil poderá ser na Amazônia um simples igarapé (GUERRA, 2011, p. 545-546). *Código no sistema conceptual: 1.2.13*

Como exemplo desse modelo de microestrutura tendo como entrada do verbete um termo que designa um conceito-chave, podemos mencionar o de *águas correntes*:

Águas correntes. *S.f* Do latim *aqua + currens –entis* (CUNHA 2007, p. 23 e 220). Diz-se das águas que se movimentam na superfície dos continentes. Em sentido restrito, usa-se apenas referindo-se aos cursos de água, em oposição às águas tranquilas, que se referem aos lagos. (GUERRA; GUERRA, 2011, p. 22). *Código no sistema conceptual: 1.2.*

Passamos agora à explicação de cada microparadigma que constitui os verbetes exemplificados.

A *entrada* do verbete, no caso dos exemplo *rio*, é o termo que designa o conceito de um dos elementos hidrográficos abordados em nossa pesquisa e consta em negrito seguido de ponto final; *águas correntes* é o termo que designa o conceito-chave que

abarca os elementos hidrográficos que possuem esse característica de classificação, como córrego, rio, arroio, corixo etc.

A *informação gramatical* é indicada em itálico e abreviada com as iniciais da classificação: *s.m.* (substantivo masculino), *s.f.* (substantivo feminino). Cumpre ressaltar que a Terminologia normalmente não aceita uma entrada no plural, a não ser que se trate de *pluralia tantem*. No caso dos verbetes cujas entradas são os termos *águas correntes*, *águas em queda* e *águas lênticas* achamos por bem mantê-los no plural por estes se referirem a mais de um elemento hidrográfico.

A *etimologia* encontra-se logo após a informação gramatical. Nos exemplos escolhidos podemos observar a etimologia da entrada *rio* “do latim *rívus*”, seguida da referência da obra consultada, no caso “Cunha, 2007, p. 686”. A etimologia da unidade léxica *águas correntes* que constituem a entrada do verbete, é apresentada também seguida da referência da fonte dos dados.

Tanto a informação gramatical quanto a etimologia têm como fontes de consulta as obras: *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (NASCENTES, 1955), *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (CUNHA, 2007), *Dicionário Eletrônico Houaiss* (HOUAISS, 2009) e *Dicionário Eletrônico Aurélio* (FERREIRA, 2004).

As *definições* não foram redigidas por nós, tendo sido obtidas nas seguintes obras especializadas: *Vocabulário Básico de Recursos Naturais e Meio Ambiente* (IBGE, 2004), *Novo Dicionário Geológico-geomorfológico* (GUERRA & GUERRA, 2011), *Glossário dos Termos Genéricos dos Nomes Geográficos Utilizados no Mapeamento Sistemático do Brasil* (IBGE, 2010), *Dicionário Eletrônico Houaiss* (HOUAISS, 2009) e *Dicionário Eletrônico Aurélio* (FERREIRA, 2004). Depois de cada definição é apresentada a referência.

Por fim, a indicação do *código no sistema conceptual* leva o consulente a identificar a localização desse elemento hidrográfico no sistema estruturado de conceitos que organizamos, considerando sua característica de classificação e taxionomia.

Certos termos que designam conceitos relativos a elementos hidrográficos possuem conceitos diferentes conforme a região em que se localizam. Buscamos, evidenciar, nas definições, ao consulente algumas particularidades que ocorrem no estado de Mato Grosso do Sul em relação à sua hidrografia.

Como exemplo, podemos citar o termo *baía*, que, no Pantanal, tem um conceito diferente do termo *baía* em uma região de litoral brasileiro. Em nossa pesquisa, quando

nos referimos a esse termo atribuímos a ele um conceito regional específico: “Na região do Pantanal as baías são imensas lagoas que são separadas por terras altas.” (GUERRA; GUERRA, 2011, p. 79), conceito diferente do atribuído para o termo no contexto nacional “num trecho do litoral, qualquer recôncavo em que se possa aportar” (HOUAISS, 2009).

O mesmo acontece com o termo *corixo* que, segundo o dicionário de Guerra; Guerra (2011, p. 163), é um termo utilizado especificamente na região de nossa pesquisa: “denominação regional do Pantanal, para os pequenos riachos permanentes que ligam as baías”, e com o termo *vazante*, para o qual o mesmo dicionário atribui a seguinte definição: “Termo regional, com ocorrências na região do Pantanal. Denominação dada aos pequenos riachos temporários que ligam as baías, pois os riachos permanentes chamam-se de *corixos*” (GUERRA; GUERRA, 2011, p. 634).

Optamos por incluir esta microestrutura prevendo um consultante que não seja da área especializada da Geografia e que provavelmente não tenha conhecimento das características que diferenciam o termo “rio” do termo “ribeirão”, ou o termo “lago” do termo “lagoa”, o termo “salto” do termo “cachoeira” etc.

Assim, por meio do primeiro modelo de microestrutura que propomos, o consultante tem acesso tanto aos conceitos regionais designados por alguns termos (baía, corixo e vazante) quanto aos conceitos que elucidam as particularidades de termos cujas características de classificação são as mesmas (rio/ribeirão/ribeira, lago/lagoa, salto/cachoeira/catarata etc).

4.6.2. Microestrutura dos verbetes cujas entradas são sintagmas toponímicos

O segundo modelo de microestrutura de verbetes de nossa proposta, é adaptado às necessidades de descrição de dados linguísticos e extralinguísticos dos sintagmas toponímicos e organiza-se da seguinte forma:

Entrada (sintagma toponímico) + 2. Taxionomia + 3. Etimologia (+ fonte) + 4. Informações enciclopédicas (+ fonte) + 5. Outras denominações + 6. Código no sistema conceptual.

Todos os microparadigmas que compõem a microestrutura desse modelo de verbete são organizados e representados da seguinte forma:

Entrada Tax.: *Etim.:* *Informações enciclopédicas:* *Outras denominações:* *Código no sistema conceptual:*

As abreviaturas *Tax.* e *Etim.* representam respectivamente *Taxionomia* e *Etimologia*.

Como exemplo desse tipo de microestrutura, apresentamos a seguir, o verbete que traz os dados sobre o rio Rio Aporé:

Rio Aporé Tax.: hidrotopônimo *Etim.:* Do tupi, *abá-ry*, rio do índio (TIBIRIÇA, 1985, p. 20). *Informações enciclopédicas:* “O rio Aporé nasce bem próximo de Capela e serve de limite para o nosso estado com Goiás, desde a sua cabeceira até sua foz no rio Paranaíba” (RONDON, 1970, p. 42). “Não há dúvida que Anhanguera percorreu o Paranaíba, rio Aporé e daí descambando para o Araguaia e Tocantins” (CUNHA, 1988, p. 91). “A região compreendida pelos rios Aporé, Paranaíba, Paraná, Pardo, Camapuã, Coxim e Taquari, com vegetação mais densa nos vales e cerrados nas partes mais altas era ocupada, no século 18, pelos Caiapós, perseguidos desde Goiás até Camapuã, nos meados daquela centúria pelo temido Pai-Pirá” (CAMPESTRINI, 2002, p. 17). “Pousamos em um chapadão que se avista o céu e o campo em qualquer parte que se está, de tão plano cansa os olhos. Andamos rumo ao poente e pousamos na vertente do rio do Peixe” (REVISTA DO IBGE, 1998, p. 57). O rio Aporé localiza-se na microrregião de Cassilândia, nasce no município de Costa Rica, banha os estados de Goiás e de Mato Grosso do Sul, fazendo a divisa natural entre estes dois estados e desemboca no rio Paraná. A principal cidade em sua margem direita é a cidade sul-mato-grossense de Cassilândia. O rio Aporé é registrado nos mapas também como rio do Peixe. *Outras denominações:* Rio do Peixe. *Código no sistema conceptual:* 1.2.13.3.3

Dos microparadigmas que compõem esse segundo modelo de microestrutura, cinco são *obrigatórios* e dois são *facultativos*. Os obrigatórios, ou seja, os que aparecem em todos os verbetes são: *entrada*, *taxionomia*, *informações enciclopédicas* e o *código no sistema conceptual*. Já os microparadigmas facultativos são *etimologia* e *outras denominações*.

A *entrada* do verbete é constituída pelo sintagma toponímico, ou seja, a unidade lexical sobre a qual são fornecidas todas as informações do verbete. A entrada é grafada em negrito e com a primeira letra de cada lexema que compõe o sintagma toponímico em maiúscula, como podemos observar em *Rio Aporé*.

No microparadigma *taxionomia* é informada a classificação taxionômica do topônimo conforme o modelo de Dick (1992, p. 31-34), sintetizado nos quadros 9 e 10 no item 4.4.5 deste trabalho. Inserimos a taxionomia logo após a entrada de cada verbete para resgatar seu hiperônimo no sistema conceptual de modo a evidenciar a

relação mantida entre eles. Para essa opção encontramos respaldo em Barros (2004, p. 122), quando a autora, ao explicar a organização de obras terminográficas, explica que

A organização das unidades terminológicas que compõem a nomenclatura de um vocabulário em um conjunto estruturado de termos permite a identificação precisa das relações conceptuais estabelecidas entre eles. A análise semântico-conceptual dessas unidades linguísticas permite igualmente a identificação da zona de intersecção semântica existente entre elas e dos traços específicos de cada um. (BARROS, 2004, p. 122)

Entendemos que, dos nossos dados, o traço específico e a intersecção semântica que ocorre entre os topônimos se dá pelas taxionomias. No exemplo, o topônimo Rio Aporé como figura na entrada do verbete faz parte da taxionomia *hidrotopônimos*.

Nossa proposta de microestrutura possui um microparadigma *etimologia* que fornece dados sobre a origem de topônimos de base indígena. Estas se atêm, no entanto, à informações do tipo pertencentes às línguas tupi, guarani, bororo, guaicuru ou outros. Esta informação só consta do microparadigma caso o topônimo seja de origem indígena. Para exemplificar esse microparadigma, apresentamos o verbete a seguir:

Arroio Corá *Tax.*: Ergotopônimo. *Etim.*: Do guarani *korá*, *cercado*, *aprisco*, *curral*, *divisa* (ARNAUD SAMPAIO, 1986, p. 91). *Informações enciclopédicas*: O Arroio Corá nasce na região central do município de Amambai e configura-se como um afluente de curta extensão da margem esquerda do Córrego Ponteí. *Outras denominações*: - *Código no sistema conceptual*: 1.2.1.2.3.1.

Como podemos observar, o microparadigma *etimologia*, que no verbete exemplificado aparece abreviado *Etim.*, contempla a informação sobre a origem da unidade léxica *corá* “do guarani *korá*”, seguida das unidades léxicas equivalentes em língua portuguesa “*cercado, aprisco, curral, divisa*”.

Para busca e revisão da etimologia, tomamos como parâmetro os dicionários Houaiss (2009), Aurélio (2004), Nascentes (1952 e 1955), Cunha (2007 e 1998), Tibiriçá (1985), Sampaio (1987), Arnaud Sampaio (1986) e Guasch (1961), além dos glossários que integram as obras de Vasconcelos (1931), Sampaio (1928) e Cardoso (1961).

A etimologia é um microparadigma facultativo, pois a maioria dos topônimos é de base portuguesa e estipulamos inseri-lo somente em verbetes cuja entrada é de origem indígena. É este o caso do verbete que segue:

Baía Conceição *Tax.:* Antropotopônimo. *Etim.:* -. *Informações enciclopédicas:* A Baía Conceição localiza-se próxima do Arroio Conceição e da sede do município de Corumbá. *Outras denominações:* -. *Código no sistema conceptual:* 1.1.1.2.1.1.

Como podemos observar o microparadigma *Etim.* não foi preenchido no verbete acima em razão da entrada ser de base portuguesa.

Mesmo que o microparadigma não seja preenchido com as informações, ele é mencionado no verbete seguido de um traço, assim como ocorre com o exemplo de *Baía da Conceição*, *Etim:* -, indicando que a etimologia não consta nesse verbete.

O microparadigma *informações enciclopédicas* abriga informações de natureza extralingüística e é subdividido em *dados de natureza geográfica, histórico e contexto*. Desses, *histórico* e *contexto* são facultativos, mas os dados de natureza geográfica são obrigatórios em todos os verbetes.

Nos *dados de natureza geográfica* são registradas obrigatoriamente informações relativas ao elemento hidrográfico, extraídas dos mapas oficiais, tais como indicação da nascente e foz, limites estabelecidos, afluentes, extensão. A respeito da consulta ao mapa, fundamental para o caso desta pesquisa, Dick (1999, p. 129) ressalta que

[...] interpretados, tradicionalmente, como uma representação simbólica dos contornos de uma paisagem física ou urbana, os mapas se caracterizam por permitirem também dois planos de interpretação: o verbal, expresso nos nomes dos elementos e em outras informações lingüísticas, e o não-verbal, caracterizado, de preferência, por símbolos convencionais distintos, segundo a natureza do elemento (cursos de água, serras, estradas, ferrovias). (DICK, 1999, p. 129)

Nessa etapa da pesquisa, foram consultados sistematicamente as cartas topográficas municipais do IBGE pertencentes ao estado de Mato Grosso do Sul, escala 1:100.000, relativos aos seguintes municípios: Água Clara, Alcinópolis, Amambai, Anastácio, Anaurilândia, Angélica, Antônio João, Aparecida do Taboado, Aquidauana, Aral Moreira, Bandeirantes, Bataguassu, Batayporã, Bela Vista, Bodoquena, Bonito, Brasilândia, Caarapó, Camapuã, Campo Grande, Caracol, Cassilândia, Chapadão do Sul, Corguinho, Coronel Sapucaia, Corumbá, Costa Rica, Coxim, Deodópolis, Dois Irmãos do Buriti, Douradina, Dourados, Eldorado, Fátima do Sul, Figueirão, Glória de

Dourados, Guia Lopes da Laguna, Iguatemi, Inocência, Itaporã, Itaquiraí, Ivinhema, Japorã, Jaraguari, Jardim, Jateí, Juti, Ladário, Laguna Carapã, Maracaju, Miranda, Mundo Novo, Naviraí, Nioaque, Nova Alvorada do Sul, Nova Andradina, Novo Horizonte do Sul, Paranaíba, Paranhos, Pedro Gomes, Ponta Porã, Porto Murtinho, Ribas do Rio Pardo, Rio Brillhante, Rio Negro, Rio Verde, Rochedo, Santa Rita do Pardo, São Gabriel do Oeste, Selvíria, Sete Quedas, Sidrolândia, Sonora, Tacuru, Taquarussu, Terenos, Três Lagoas, Vicentina¹⁸.

Ilustramos os dados de natureza geográfica por meio do verbete que segue:

Arroio Curupaí *Tax.*: Fitotopônimo. *Etim.*: Do tupi, *kurupa'y*, árvore semelhante ao ka'ahoví, da família das Acácias *astringens* Mart. É tintorial (ARNAUD SAMPAIO, 1986, p. 96). *Informações enciclopédicas*: O Arroio Curupaí localiza-se na região sul do município de Naviraí e configura-se como um afluente intermitente de curta extensão da margem direita do Rio Laranjáí. *Outras denominações*:- *Código no sistema conceptual*: 1.2.1.1.3.1.

Podemos perceber que, no microparadigma *informações enciclopédicas*, estão presentes dados sobre a localização do elemento hidrográfico, tanto o município ao qual pertence “Naviraí”, quanto sua posição geográfica “na região sul do município”. As informações sobre a localização estão presentes em todos os verbetes.

Também indicamos nesse microparadigma dados sobre a extensão do elemento geográfico, que pode ser curta ou longa, no caso do exemplo anterior “curta extensão”. Esse dado está presente nos verbetes cujas entradas são topônimos que denominam cursos de água que podem ser visualizados no mapa: arroio, cabeceira, cabo, canal, corixão, corixo, córrego, riacho, ribeirão, rio e sanga. Não inserimos a informação sobre a extensão dos elementos *vazante* e *volta*, pois, embora sejam cursos de água, o primeiro tem curso temporário, surgindo somente no período das cheias do Pantanal, e o segundo configura-se como uma sinuosidade de um curso de água maior.

Aos elementos hidrográficos que se caracterizam por serem de água parada, como baía, lago, lagoa, represa; ou por água em queda, como catarata, cachoeira e salto também não inserimos a informação sobre a extensão, uma vez que o mapa não indica dados sobre suas dimensões ou altura.

Inserimos também, nesse microparadigma, a informação sobre a foz do curso de água, indicando onde este deságua: “afluente da margem direita do Rio Laranjáí”, no caso do exemplo citado, e, no qual, também podemos observar a informação “afluente

¹⁸ Todos os mapas foram encontrados na página do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística http://downloads.ibge.gov.br/downloads_geociencias.htm (acesso em 30 de julho de 2011)

intermitente”, indicando um dado que depreendemos do mapa e significa que parte do curso do elemento hidrográfico ocorre de forma subterrânea.

Ao microparadigma *informações enciclopédicas* acrescentamos ainda dados facultativos sobre o *histórico* do topônimo e seu *contexto*, quando possíveis de serem obtidos. Como explicamos no capítulo da Metodologia, o *histórico* traz informações sobre a motivação do nome e o *contexto* indica se o topônimo foi citado em alguma obra regional. A seguir exemplificamos o *contexto* por meio do verbete referente ao *Rio Apa*:

Rio Apa *Tax.*: Hidrotopônimo *Etim.*: Do tupi, *apa* é a forma adjetival que caracteriza aquilo que é desmoronante, desabado (SAMPAIO, 1928, p.153). *Informações enciclopédicas*: “À margem esquerda do rio Paraguai, aproximadamente a cinquenta quilômetros a montante da barra do Rio Apa, a empresa Mate Laranjeira construiu um porto, que tomou o nome do grande cuiabano Joaquim Murtinho, por onde se fazia toda a exportação da erva colhida pelas comitivas da companhia. Foi assim que surgiu o nome do município de Porto Murtinho”. (FERREIRA NETO, 2004, p. 123). O Rio Apa nasce no oeste do município de Ponta Porã, segue com seu longo curso em direção ao sul de Bela Vista e estabelece o limite territorial do Brasil e Paraguai a partir de Bela Vista, Porto Murtinho e Caracol, quando deságua no rio Paraguai. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.13.1.3.1.

O que chamamos de *contexto*, é o trecho que consta entre aspas e sublinhado no verbete do exemplo, seguido da referência bibliográfica de onde foi retirado. As obras utilizadas como fonte de dados para o histórico e o contexto dos topônimos são dos seguintes autores: Almeida (2003); Almeida; Silva (2011); Alves (2003); Amarilha (1973); Baés (1980); Campestrini (1994); Campestrini (2002a); Campestrini (2002b); Campestrini e Guimarães (2002); Carlito; Spengler (2011); Cattanio (1976); Cuchiaro e Paulichi (1994); Cunha (1992); Dutra (2011); Ferreira Neto (2004); Glessler e Swensson (1988); Gomes (s/d); Gressler; Vasconcelos (2005); Guimarães (1988); Guimarães (1999); Levorato (1999); Lopes (1984); Lorenzon (2003); Luz Filho (2004); Martin (2000); Martins (1989); Martins (2003); Martins; Marinho (2007); Moreira (2006); Oliveira Junior (2005); Parra (2001); Passos (2011); Pedrosa (1986); Queiroz (1974); Revista do IBGE (1998); Rondon (1970); Salles (2006); Santos (s/d); Souza (2003); Taunay (2005); Weingartner (2002).

Inserimos a informação da referência para que o consulente, caso queira complementar suas informações, possa acessar diretamente a obra e a página citadas.

O histórico, por sua vez, que também inserimos como parte do microparadigma *informações enciclopédicas*, consta como facultativo, pois é mais comum no tratamento de topônimos referentes a elementos humanos, como cidades, vilas, ruas etc. Recuperar

a história do nome de um elemento geográfico é mais raro e dependeria de uma pesquisa com base em dados orais.

A variante ortográfica ou lexical do sintagma toponímico, quando identificada no mapa, foi registrada no item *Outras denominações*, como exemplificamos a seguir:

Rio Inhanduí *Tax.:* Zootopônimo *Etim.:* Do tupi, alteração de *nhandu-y*, rio das emas (TIBIRIÇÁ, 1985, p.19). *Informações enciclopédicas:* “Nas proximidades da cabeceira do rio Anhanduí, na área do município de Campo Grande, durante os trabalhos de levantamento arqueológico foi localizado um sítio lícito a céu aberto nas proximidades de córrego rabicho, tributário do Anhanduí em seu alto curso” (MARTINS, 2003, p. 47). O Rio Inhanduí nasce em Campo Grande, próximo da sede do município e durante seu longo curso estabelece o limite territorial entre Campo Grande de Nova Alvorada do Sul e Sidrolândia; Ribas do Rio Pardo com Nova Andradina e Bataguassu. Sua foz é na margem direita do rio Pardo. Em alguns pontos de seu curso está registrado como rio Anhanduí. *Outras denominações:* Rio Anhanduí. *Código no sistema conceptual:* 1.2.12.1.2.19.

No verbete que exemplificamos, o elemento hidrográfico é registrado pelo sintagma toponímico *Rio Inhanduí* e também *Rio Anhanduí*. Encontramos no mapa, ao longo do curso desse rio, os dois nomes, mas, como o sintagma toponímico *Rio Anhanduí* aparece em menor número de vezes, estipulamos que este figuraria como ‘outra denominação’ do elemento hidrográfico em questão, enquanto Rio Inhanduí constaria como entrada de um verbete principal.

Então, no microparadigma *outras denominações* são colocados outros sintagmas toponímicos que denominam o mesmo elemento hidrográfico. Como critérios para escolher qual dos sintagmas toponímicos seriam colocados como *outra denominação*, estipulamos: os que constam menos vezes, os que aparecem depois do ou e os que aparecem mais próximos da foz.

Os sintagmas toponímicos que incluímos como *outra denominação* são os que formam as entradas dos verbetes remissivos, como explicaremos no item a seguir..

Como último microparadigma desse modelo de microestrutura, propomos o *código do sistema de conceptual*, que se refere à localização do sintagma toponímico no sistema conceptual que organizamos. Esse microparadigma tem a função de direcionar o consulente ao nível em que se situa o topônimo no sistema conceptual.

No próximo tópico explicaremos nossa proposta de sistema de remissivas, apresentando inclusive, o modelo de microestrutura de verbetes remissivos por nós adotado em nosso dicionário de topônimos.

4.7 O sistema de remissivas

O sistema de remissivas tem a função, segundo Barros (2004, p. 174), de

resgatar as relações semântico-conceituais existentes entre as unidades lexicais ou terminológicas que compõem a nomenclatura de uma obra lexicográfica ou terminográfica, corrigindo o isolamento das mensagens, ligando variantes, criando campos semânticos. (BARROS, 2004, p. 174)

No tópico a seguir explicaremos o funcionamento do sistema de remissivas em nossa proposta de dicionário.

4.7.1 Tipos de remissivas de nosso dicionário

Para o estabelecimento do sistema de remissivas de nossa proposta de dicionário enciclopédico, optamos por dois tipos de remissivas: *ver* e *código no sistema conceptual*. As duas são indicadas na microestrutura.

A remissiva apresentada na forma *Ver* é explícita e, segundo Barros (2004, p. 177), esta forma é comumente utilizada para indicar a presença de variantes. Por essa razão é que optamos por inseri-la como remissiva, uma vez que, em nossa nomenclatura, a única situação que se apresenta para a constituição de remissivas como complementação de informações é nas formas variantes dos sintagmas toponímicos encontradas nos mapas.

O sistema de remissivas utilizando a forma *Ver* foi elaborado com entradas cujos verbetes remetem o consulente a outro verbete, com a informação completa. Por exemplo:

Rio Betione. *Ver:* Rio Betiono.

Rio Betiono *Tax.:* Antropotopônimo *Etim.:* -. *Informações enciclopédicas:* O Rio Betiono nasce no sul do município de Bodoquena e configura-se como um afluente de longa extensão da margem esquerda do rio Miranda. *Outras denominações:* Rio Betione. *Código no sistema conceptual:* 1.2.13.2.3.1.

No exemplo citado, o topônimo *Rio Betiono* foi localizado no mapa acompanhado da denominação *Rio Betione* e, como podemos observar o sistema de remissivas é estabelecido por meio da forma *Ver*, que indica a presença de uma variante.

O outro mecanismo de remissiva que aplicamos à nossa proposta de dicionário é o *código no sistema conceptual*. Essa remissiva tem a função de indicar ao consulente, como está disposto o topônimo ou o termo dentro no sistema conceptual. Por exemplo:

Rio Branco *Tax.*: Cromotopônimo *Etim.*: -. *Informações enciclopédicas*: O Rio Branco localiza-se na região norte do município de Porto Murinho, nascendo próximo da serra da Bodoquena. Possui como afluente o córrego Santa Maria. *Outras denominações*: -. *Código no sistema conceptual*: 1.2.13.1.5.1.

Observando o exemplo, quando o consulente localizar o número *1.2.13.1.5.1* no sistema conceptual, pode depreender que este indica que o sintagma toponímico *Rio Branco* possui, respectivamente, as seguintes características de classificação conforme cada número: 1: é um hidrônimo; 2: pertence à característica de classificação “Águas correntes”; 13: denomina um elemento hidrográfico cujo designativo é o termo “Rio”; 1: pertence à categoria de natureza física; 5: pertence à taxionomia dos cromotopônimos e, por fim, o número 1, que indica o sintagma propriamente dito organizado em ordem alfabética.

Dessa forma, a indicação do código remete o leitor para fora a superestrutura do dicionário, levando-o a encontrar a unidade toponímica ou terminológica inseridas em um dos níveis de abstração do sistema conceptual de hidrônimos, evidenciando assim, as relações que essa mantém com as demais unidades terminológicas ou sintagmas toponímicos do sistema.

O verbete remissivo faz parte da macroestrutura, na medida em que é um verbete que é disposto na lista de verbetes pela ordem alfabética da sua entrada.

Acreditamos que com esse sistema de remissivas, utilizando-nos dos mecanismos *Ver* e *Código no sistema conceptual*, o consulente conseguirá visualizar a presença das variantes e também entender as relações conceptuais que os sintagmas toponímicos, mantêm entre si e com os termos que compõem o sistema conceptual de hidrônimos que propomos.

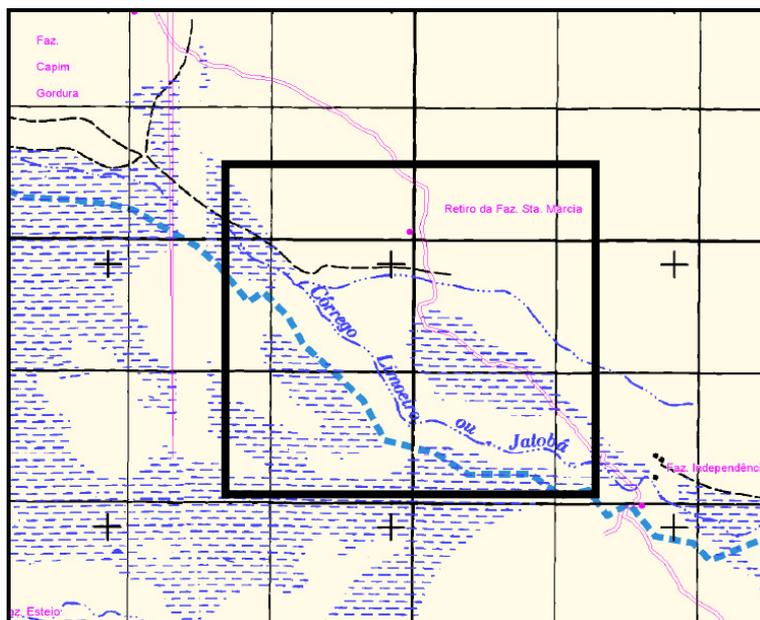
4.7.2. Microestrutura dos verbetes remissivos

O terceiro modelo de microestrutura que propomos contempla o verbete remissivo. Esse tem como entrada as variantes de topônimos encontradas nos mapas.

Como critérios para determinar qual topônimo deve constituir entrada do verbete remissivo consideramos quatro aspectos observados no mapa: a) o topônimo que consta em segundo lugar na nomeação do elemento hidrográfico; b) o topônimo que consta mais próximo da foz do elemento hidrográfico; c) o topônimo que consta menor número de vezes ao longo do curso; d) o topônimo que é localizado no mapa escrito de forma distinta do topônimo encontrado no banco de dados.

Em relação ao critério ‘a’, optamos por considerá-lo por encontrarmos no mapa vários elementos hidrográficos com duas nomeações sucessivas separadas pela conjunção “ou”. Entendemos que a nomeação principal seja a que está junto ao elemento hidrográfico: esse é o sintagma toponímico que constitui as entradas do dicionário e que a conjunção indica que a nomeação a seguir pode ser usada como segunda opção. Enquadram-se nesse critério topônimos como “Córrego Limoeiro ou Jatobá”, cujo verbete remissivo terá como entrada “Córrego Jatobá”. Recortamos este último do mapa do município de Porto Murinho para demonstrar aqui como esse sintagma está registrado:

Figura 3 – Trecho do mapa ilustrando o Córrego Limoeiro ou Jatobá

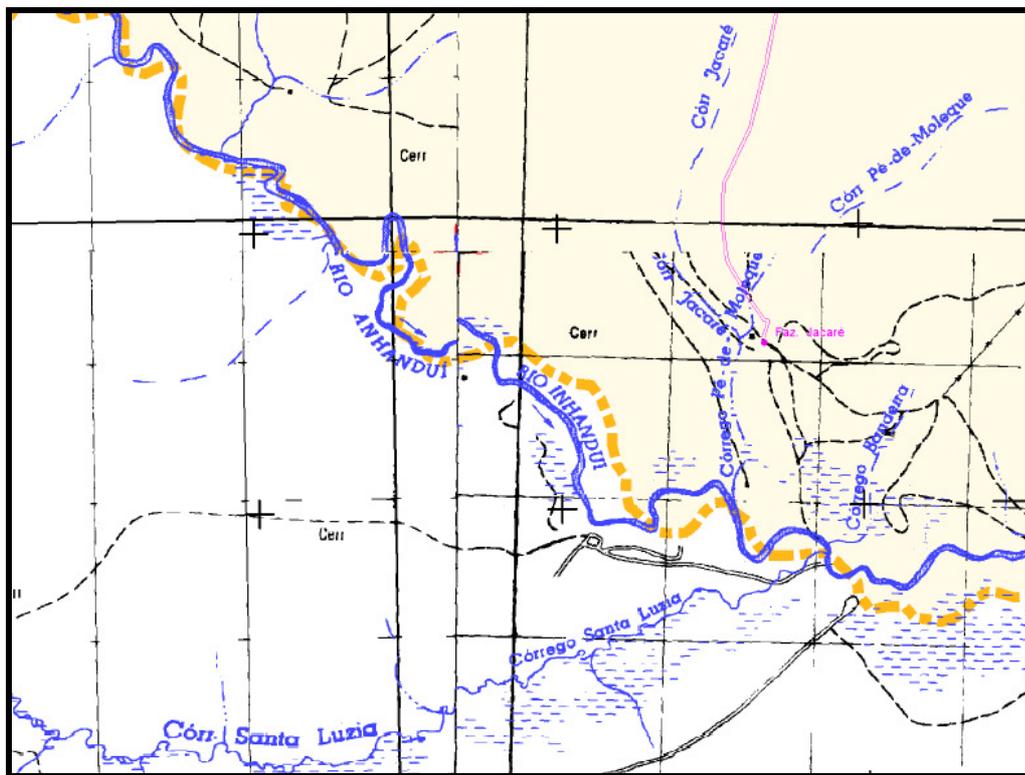


Fonte: Mapa Municipal Estatístico de Porto Murtinho – MS. Escala 1.100.000

Desse modo, consideramos *Córrego Limoeiro* como o sintagma toponímico que deve constituir a entrada do verbete principal e *Córrego Jatobá* será a entrada do verbete remissivo.

Já a opção pelo critério b-, ou seja, o topônimo que consta mais próximo da nascente do elemento hidrográfico, deu-se em decorrência de haver nos mapas alguns elementos hidrográficos nomeados com dois topônimos que variam na ortografia. Como acontece em “Córrego Piquirici/Piquiri”.

Figura 5 – Trecho do mapa: Rio Inhanduí/Rio Anhanduí



Fonte: Mapa Municipal Estatístico de Campo Grande – MS. Escala 1.100.000

Destacamos este trecho que ilustra claramente a ocorrência das duas formas que nomeiam o elemento hidrográfico no mapa: Rio Anhanduí e Rio Inhanduí, sendo a primeira a forma que constitui o verbete remissivo, conforme critério estabelecido acima, uma vez que, ‘Rio Anhanduí’ é registrado menos vezes que ‘Rio Inhanduí’ ao longo da extensão do curso de água.

O critério “d”, por sua vez, também leva em consideração os dados do mapa, mas, agora em relação aos topônimos registrados no banco de dados do projeto ATEMS, pois, lá se encontram topônimos catalogados em mapas do IBGE impressos com escala de 1:250.000 e digitais com escala de 1:100.000 e, para esta pesquisa, trabalhamos com a consulta aos mapas digitais, de modo que, há registros no banco de dados que constam de forma diferente nesses mapas. Assim, neste critério para formação de verbete remissivo adotamos os elementos hidrográficos que tem registros diferentes. Por exemplo: no banco de dados encontramos um elemento geográfico denominado ‘Baía da Marreca’ no município de Corumbá e, no mapa do mesmo município, localizamos ‘Vazante da Marreca’.

Dessa forma, o sintagma toponímico que consta no banco de dados forma a entrada do verbete principal enquanto o que localizamos no mapa forma o verbete remissivo. O mesmo acontece com Cabo do Retiro/Cabeceira do Retiro e Riozinho do Uval/Vazante do Uval. Optamos por colocar o sintagma que consta no mapa como entrada do verbete remissivo levando em consideração um dos critérios adotados para constituição da macroestrutura, que estipula o primeiro topônimo de cada taxionomia do sistema conceptual, que, por sua vez, foi organizado tomando como base os sintagmas toponímicos referentes aos hidrônimos disponíveis no banco de dados do ATEMS.

Os microparadigmas que constituem o verbete remissivo são *Entrada* e *ver:*, conforme demonstramos nos verbete a seguir:

Rio do Peixe. *Ver:* Rio Aporé

Corixo das Amoreiras. *Ver:* Baía das Amoreiras

Córrego Tamanduazinho. *Ver:* Córrego Alegre.

Rio Betione. *Ver:* Rio Betiono.

Cachoeira da Laje. *Ver:* Cachoeira da Lage.

Teremos, então, um verbete remissivo constituído pelo microparadigma *Entrada* constituída pela variante em negrito e *ver:*, onde constará a indicação para o verbete principal onde estão as informações completas sobre o sintagma toponímico.

Destacamos que em *corpus* toponímico cujas fontes são mapas a variação que ocorre, em grande parte, é relacionada à da presença ou não de preposição “de, da, do, dos, das”, como em Córrego Palmito/ do Palmito, Córrego Onça/da Onça, à mudança de um fonema como Rio Inhanduí/Anhanduí, Lagoa Areré/Araré, Cachoeira da Laje/Lage.

Este é, portanto, a nossa proposta de microestrutura. A seguir apresentamos as conclusões da nossa pesquisa.

CONCLUSÕES

Em nossa pesquisa, trabalhamos com um corpus de 3.512 unidades léxicas: das quais 25 termos designam conceitos de elementos hidrográficos e 3.487 são sintagmas toponímicos, que foram obtidos no banco de dados do projeto ATEMS.

Tivemos como principal objetivo neste trabalho a elaboração de uma proposta de modelo de dicionário enciclopédico toponímico para essas unidades léxicas.

Embora tenhamos obtido os dados básicos no ATEMS, ao analisá-los observamos que a taxionomia sob a qual alguns hidrônimos se encontravam classificados poderiam ser interpretados de outra forma. Destacamos que o abastecimento do banco de dados do projeto está em andamento e nem todos os topônimos foram ainda classificados.

Assim procedemos a uma revisão dos dados do ATEMS em relação à taxionomia. Depois da revisão alteramos a classificação taxionômica de alguns topônimos: *Lagoa Uberaba* era corotopônimo e passou a ser hidrotopônimo; *Cabeceira da Parda* era cromotopônimo e passou a ser zootopônimo; *Córrego Alcapão* era hidrotopônimo e passou a ser ergotopônimo; *Córrego Cruzeiro* era meteorotopônimo e passou a ser ergotopônimo; *Córrego do Jacá* era antropotopônimo e passou a ser ergotopônimo; *Córrego Dumovo* era antropotopônimo e passou a não integrar nenhuma taxionomia por não encontrarmos seu significado em nenhuma das obras consultadas; *Córrego Velha Carinha* era etnotopônimo e passou a ser cronotopônimo; *Córrego Uerê* era etnotopônimo passando a ser hidrototopônimo e *Córrego Bata* era fitotopônimo e passou a ser ergotopônimo.

Revisamos também alguns hidrônimos que não estavam classificados no banco de dados do ATEMS e esses passaram a integrar alguma taxionomia no sistema conceptual são: *Cabeceira Pampeiro* passou a ser animotopônimo disfórico; *Rio Betiono* passou a integrar os antropotopônimos; *Córrego Penacho* passou a integrar os ergotopônimos.

Após o término de nossa pesquisa, chegamos a algumas conclusões sobre os questionamentos iniciais que nos motivaram. Uma dessas conclusões é sobre a questão de ‘como a metodologia proposta por Dick, que orienta as pesquisas em toponímia no Brasil atualmente, poderia nortear a elaboração de um dicionário’. Em relação à isso, acreditamos que, por meio da organização dos sintagmas toponímicos em um sistema

conceptual é possível estabelecer as relações entre os sintagmas toponímicos no que diz respeito à motivação dos designativos. Agrupar os sintagmas em subconjuntos como fizemos evidencia as taxionomias que têm servido de base teórica para as pesquisas toponímicas atualmente.

Além disso, concluímos que, no âmbito de nossa pesquisa, não poderíamos fragmentar o sintagma toponímico em ‘termo genérico’ e ‘termo específico’ (DICK, 1992), ou, ‘termo’ e ‘nome próprio de lugar’, uma vez que acreditamos que é justamente por meio da associação dessas duas unidades léxicas que se tem um designativo de lugar. Sendo assim, optamos por manter o sintagma toponímico e não apenas o topônimo tanto no sistema conceptual quanto figurando como entrada na nossa proposta de microestrutura.

Buscamos organizar a constituição de um sistema conceptual baseado na metodologia que hoje norteia as pesquisas em toponímia no Brasil: a classificação taxionômica proposta por Dick em 1992 e na metodologia de Barros (2004), que para a organização de seu *Vocabulário Enciclopédico das Unidades de Conservação do Brasil* (2000), propõe o sistema conceptual, com o objetivo de garantir ao leitor uma visão global das relações conceituais e uma macroestrutura organizada em ordem alfabética.

Esta metodologia orientou a organização de nossa proposta, pois concordamos com Barros (2000) quando a autora defende ser vantajoso para os consulentes a associação dos dois mecanismos em uma mesma obra: tanto a visão global proporcionada pelo sistema de conceitos, quanto a organização dos verbetes em ordem alfabética, respeitando os hábitos de leitura dos usuários facilitando, dessa forma, a busca de informação.

Após nossas análises sobre o perfil e a natureza das unidades léxicas que constituem os hidrônimos, concluímos que o modelo que registra dados toponímicos deva ser um dicionário *enciclopédico*, porque dados extralinguísticos, como as informações geográficas e históricas a respeito do elemento geográfico, são informações inerentes aos estudos toponímicos e foram encontradas em todas as obras lexicográficas que analisamos. Também devem figurar, ao nosso ver, na microestrutura dos verbetes informações linguísticas como a categoria gramatical dos termos que designam os elementos hidrográficos, a etimologia para as unidades de origem indígena e a taxionomia dos topônimos. Desse modo, que decidimos intitular nossa proposta de obra lexicográfica como *dicionário enciclopédico toponímico*.

A superestrutura da obra proposta tem como itens inovadores a apresentação do sistema conceptual de hidrônimos e dos mapas utilizados para coleta de dados, de modo que o consulente possa ter contato com estes, que se configuram como a principal fonte de dados das pesquisas toponímicas. Já em relação ao sistema conceptual, que destacamos como importante elemento de um dicionário para topônimos, acreditamos que a sua apresentação como uma parte anterior à lista de verbetes permita ao consulente ter uma visão geral das unidades lexicais e terminológicas tratadas em nosso dicionário e das relações semânticas-conceptuais que existem entre os hidrônimos.

Dessa forma, a macroestrutura da obra é primeiro apresentada de forma sistemática por meio do sistema conceptual e depois em ordem alfabética para que o consulente tenha maior facilidade na busca das informações, visto que a ordem alfabética respeita os hábitos de consulta nos dicionários.

Para a microestrutura propomos três tipos de modelos: dois principais, um para verbetes cujas entradas designam conceitos relativos a elementos hidrográficos e a conceitos-chave do conjunto terminológico tratado; o segundo para a constituição dos verbetes que têm como entradas os sintagmas toponímicos; o terceiro modelo que é de verbete remissivo.

Decidimos por elaborar o primeiro modelo de microestrutura pensando em um consulente que não tenha conhecimentos de Geografia e que em nossa proposta possa encontrar o que diferencia um *rio* de um *ribeirão* ou de um *córrego* e, além disso, explorar os conceitos regionais que são atribuídos a alguns termos referentes a elementos hidrográficos, como *corixo*, *baía* e *vazante*.

O segundo modelo de microestrutura tem como entrada os sintagmas toponímicos e foi constituído para abrigar os dados linguísticos, como a taxionomia e a etimologia para nomes de base indígena e também abrigar as informações enciclopédicas do elemento hidrográfico designado, como sua localização, sua extensão, seus afluentes, sua representatividade para a região por onde passa, sua foz etc.

O verbete remissivo, por sua vez, tem como entradas variantes ou sinônimos dos sintagmas toponímicos que são entradas dos verbetes principais. Com o sistema de remissivas que propomos, que conta com os microparadigmas *Ver* e *Código no sistema conceptual* objetivamos levar o consulente, a tomar conhecimento das variantes toponímicas e a perceber as relações semântico-conceptuais que os sintagmas toponímicos e os termos que integram o sistema conceptual estabelecem entre si.

Embora saibamos que há possibilidades de outros estudos e outras propostas sobre a dicionarização de topônimos, uma vez que não pretendemos esgotar neste trabalho a questão, esperamos que nossa pesquisa possa contribuir para o avanço dos estudos toponímicos, particularmente no estado de Mato Grosso do Sul.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Margarida de. ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*, volume I. 2ª ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001, p. 191 – 209.
- ALVES, Ieda Maria; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*, volume III. Campo Grande: Editora da UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007.
- BARROS, Lidia Almeida. *Curso básico de Terminologia*. São Paulo: Editora da USP, 2004.
- BARROS, Lidia Almeida. *Vocabulário Enciclopédico das Unidades de Conservação do Brasil*. São Paulo: Arte e Ciência; Marília: Ed. UNIMAR, 2000.
- BEVILACQUA, Cleci Regina; FINATTO, Maria José Bocorny. Lexicografia e terminografia: alguns contrapontos fundamentais. In: *ALFA: Revista de Linguística*. São Paulo: UNESP, vol. 50, p. 43 – 54, 2006.
- BIDERMAM, Maria Tereza Camargo. A Ciência da Lexicografia. In: *ALFA: Revista de Linguística*. São Paulo: UNESP, vol. 28, p. 1 – 26, 1984.
- _____. Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. In: *ALFA: Revista de Linguística*. São Paulo: UNESP, volume. 40, p. 27 – 47, 1996.
- _____. Maria Tereza Camargo. O dicionário como norma na sociedade. In: *Anais do 1º Encontro Nacional do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Recife: Editora Universitária UFPE, volume. 1, p. 161 – 180, 1997.
- _____. Maria Tereza Camargo. Conceito lingüístico de palavra. In: BASÍLO, Margarida. *A delimitação de unidades lexicais*. Rio de Janeiro: Grypho, 1999.
- _____. Maria Tereza Camargo. Os Dicionários na contemporaneidade: arquitetura métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires.; ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*, volume I. 2ª ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001, p. 131 - 144.
- _____. Maria Tereza Camargo. Análise de dois Dicionários gerais do português contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*, volume II. 2ª ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004, p. 185 – 200.
- BORBA, Francisco da Silva. *Organização de Dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- BOSQUE, Inácio. Sobre la teoría de la definición lexicográfica. In: *Verba*. Universidad Complutense de Madrid: Madrid, volume 9, p. 105 – 129, 1982.
- CABRÉ, Maria Tereza. *La terminología: representación y comunicación*. Barcelona: Iula; UPF, 1999.
- CARDOSO, Armando Levy. *Toponímia Brasileira*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961.
- DAUZAT, Albert. *Les noms de lieux. Origine et évolution*. Paris: Librairie Delagrave, 1947.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A estrutura do signo toponímico. In: *Separata da revista Língua e Literatura São Paulo*, nº. 9, p. 297 – 293, 1980.

_____. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

_____. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.

_____. Métodos e questões terminológicas na Onomástica: estudo de casos. In: *Investigações Lingüísticas e Teoria Literária*. Volume .09, p.119-148, 1999.

_____. *A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo 1554-1897*. São Paulo: Annablume, 1996.

_____. Caminho da águas, povos dos rios uma visão etnolingüística na toponímia brasileira. In: *Estudos filológicos e lingüísticos da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 2002, volume. V, p. 64 – 132.

_____. A terminologia nas ciências onomásticas. Estudo de caso: o projeto ATESP. In: *La terminologia en el signo XXI: Contribución a la cultura de la paz, la diversidad y la sostenibilidad*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, p. 215 – 224, 2006.

_____. As terminologias nas ciências onomásticas. Estudos de caso: o projeto ATESP (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo). In: ALVES, Ieda Maria; ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*, volume III. Campo Grande: Editora da UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 459 – 471.

FERNANDEZ-SEVILLA, Julio. *Problemas de lexicografía actual*. Bogotá: Series Minor XIX Instituto Caro y Cuervo, 1974.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas: Pontes, 2002.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATO, Maria José Bocorny; *Introdução a terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

HAENSCH, Günter. *La Lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. (Org.). Madrid: Editorial Gredos, 1982.

HERNÁNDEZ, Humberto. *Los diccionarios de orientación escolar: Contribución al estudio de la lexicografía monolingüe española*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1989.

ISQUERDO, Aparecida Negri. *O Fato Lingüístico como Recorte da Realidade Sócio-Cultural*. 1996. Tese (Doutorado em Letras). UNESP, Araraquara.

_____. Aparecida Negri. KRIEGER, Maria da Graça. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*, volume II. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004.

_____. Aparecida Negri. *De laguna de los Xarayes a Pantanal: mito e realidade impressos na Toponímia*. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de Seabra. *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

LARA, Luis Fernando. O dicionário e as suas disciplinas. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*, volume II. 2ª ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004, p. 133 - 152.

LYONS, John. *Introdução à lingüística teórica*. Tradução de Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. Revisão: Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Nacional, 1979.

_____. *Linguagem e Linguística*. Tradução de Marilda Winkler Averborg, Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

_____. *Semântica - I*. Tradução de Wanda Ramos. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1977.

ULLMANN, Stephen. *Semântica*. Tradução de J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

LORENTE, Mèrce. A Lexicografia como ponto de encontro entre a Gramática e a Semântica. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia II*. 2ª ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004, p. 19 - 30.

MURAKAWA Clotilde de Almeida Azevedo. Tradição Lexicográfica Portuguesa. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (orgs). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia I*. 2ª ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001, p. 153 - 159.

NEVES, Maria Helena de Moura. A prática lexicográfica: onde ciência e arte se encontram. In: *ALFA: Revista de Lingüística*, São Paulo, Vol. 40, p. 119 – 129, 1996.

NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil: Análise e História do século XVI ao XIX*. Campinas: Pontes Editores, 2006.

NUNES, José Horta. Dicionarização no Brasil. In: _____. José Horta. *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanistas/FFLCH/USP: Pontes, 2002.

OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. 2ª ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001.

REY-DEBOVE, Josette. Léxico e Dicionário. In: *ALFA: Revista de Lingüística*. Vol. 28, p. 45 - 71. São Paulo: UNESP, 1984.

SAPIR, Edward. *A Lingüística como Ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. 22ª Edição. São Paulo: Cultrix, 2000.

VASCONCELLOS, José Leite de. *Opúsculos. Onomatologia*. v. III. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

VILELA, Mário. *Definição nos dicionários de português*. Porto: Edições ASA, 1983.

VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

WELKER, Herbert Andréas. *Dicionários: uma pequena introdução a lexicografia*. 2ª ed. Brasília: Thesaurus, 2004.

Obras regionais consultadas

- ALMEIDA, Valério de. Campo Grande de Outrora. Campo Grande: Letra Livre, 2003.
- ALVES, Gilberto Luiz. Mato Grosso do Sul: o universal e o singular. Campo Grande: Editora Uniderp, 2003; CARLITO, Marcos Paulo.
- CAMPESTRINI, Hildebrando. Santana do Parnaíba (de 1700 a 2002). Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2002.
- CAMPESTRINI, Hildebrando; GUIMARÃES Acyr Vaz. História de Mato Grosso do Sul. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2002.
- CAMPESTRINI, Hildebrando; GUIMARÃES, Acyr Vaz. História de Mato Grosso do Sul. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2002.
- DUTRA, Carlos Alberto dos Santos. O território Ofaié pelos caminhos da história. Campo Grande: FCMS/ Life Editora, 2011.
- FERREIRA NETO, João. Raízes de Coxim. Campo Grande: UFMS, 2004.
- GRESSLER, Lori Alice; VASCONCELOS, Luiza Mello. Mato Grosso do Sul: aspectos históricos e geográficos. Dourados: L. Glessner, 2005.
- GUIMARÃES, Acyr Vaz. Mato Grosso do Sul: história dos municípios. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 1992.
- MARINHO, Marcelo; MARTINS, Júlio Alves. Pouso Frio: as mais de 12 vidas de um aviador pioneiro no cerrado brasileiro. Campo Grande: UCDB, 2007.
- MARTINS, Gilson Rodolfo. Arqueologia do Planalto Maracaju-Campo Grande. Brasília: Ministério da Integração Nacional; Campo Grande: UFMS, 2003.
- PASSOS, Messias Modesto dos. A raia divisória: São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul. São Paulo: Outras Expressões, 2011.
- SANTOS, José de Oliveira. Três Caravanas às selvas brasileiras. Jundiaí: Literart, s/d; BÁEZ, Renato. Corumbá: Lembranças e tradições. São Paulo: Editora Resenha Tributária, 1980.
- SILVA, Edima Aranha; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida. Territórios e territorialidades no Mato Grosso do Sul. São Paulo: Outras Expressões, 2011.
- SOUZA, Lécio G de. História de Corumbá. Corumbá: SE, s/d.
- SPENGLER, Henrique de Melo. Porto Murtinho: história e Cultura. Coxim: Editora dos Autores, 2007.
- TAUNAY, Visconde de. A retirada da Laguna. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.
- WEINGARTNER, Alisolete Ântonia dos Santos. Movimento divisionista em Mato Grosso do Sul (1889 – 1930). Porto Alegre: EST Edições, 2002.

Dicionários consultados

BRASIL, Ministério do planejamento, orçamento e gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. *Vocabulário Básico de Recursos Naturais e Meio Ambiente*. Rio de Janeiro, 2004.

BRASIL, Ministério do planejamento, orçamento e gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. *Glossário dos Termos Genéricos dos Nomes Geográficos Utilizados no Mapeamento Sistemático do Brasil*. Rio de Janeiro, 2010.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

_____. *Dicionário Histórico das palavras Portuguesas de origem Tupi*. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário Histórico das palavras Portuguesas de origem Tupi*. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Eletrônico Aurélio*. Curitiba: Positivo: 2004.

GUASCH, Antonio. *Diccionario Castellano-Guarani y Guarani-Castellano: sintáctico, fraseológico, ideológico*. Sevilla: Graficas La Gavidia: 1961.

GUERRA, Antonio Teixeira; GUERRA, Antonio José Teixeira. *Novo dicionário Geológico-Geomorfológico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Eletrônico Houaiss*. Rio de Janeiro: 2009.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, Acadêmica, São José e Livros de Portugal, 1955.

_____. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. Tomo II (nomes próprios)*, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, Acadêmica, São José e Livros de Portugal, 1952.

SAMPAIO, Mário Arnaud. *Vocabulário guarani-português*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INL, 1987.

SAMPAIO, Theodoro. *O Tupi na geografia nacional*. Salvador: Secção Graphica da Escola de Aprendizes Artificies, 1928.

TIBIRIÇA, Luiz Caldas. *Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi: Significado dos nomes geográficos de origem tupi*. São Paulo: Traço Editora, 1985.

Dicionários toponímicos analisados

BARBOSA, Waldemar de Almeida Barbosa. *Dicionário histórico e geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora Saterb, 1971.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Nomes da Terra: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: Fundação José Augusto, 1968;

FALCÃO, Márlcio Fábio Pelosi. *Dicionário Toponímico, Histórico e Geográfico do Nordeste*. Fortaleza: Artlaser Editora e Gráfica, 2005.

GOMES, Leonardo José Magalhães. *Memória de Ruas: Dicionário Toponímico de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. Lisboa, Editorial Confluência, 1987.

OLIVEIRA, Agenor Lopes de. *Toponímia Carioca*. Rio de Janeiro: Secretaria Geral de educação e Cultura da prefeitura do Distrito Federal, 1935.

SILVA, J. Romão da. *Denominações Indígenas na Toponímia Carioca*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Brasileira, 1966.

VICTORIA, Luiz A. P. *Dicionário Reverso de Topônimos e Gentílicos*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1954.

ANEXOS